
QUANDO
NINGUÉM
ESTÁ
OLHANDO
ALYSSA CÓLE

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF


Quando ninguém está olhando. Alyssa Cole. Tradução de Thaís Britto. Editora Intrínseca.

Copyright © 2020 by Temple Hill Publishing
Tradução publicada mediante acordo com a HarperCollins Publishers.
Esta obra não pode ser exportada para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL
When No One Is Watching

PREPARAÇÃO
Milena Vargas

REVISÃO
Mariana Oliveira
Júlia Ribeiro

PROJETO GRÁFICO
Diahann Sturge

EMOJIS
Pessoa com braços em X, adolescente, jóquei e mulher: © weberjake / Shutterstock, Inc.
Arminha de água e caveira: © ASAG Studio / Shutterstock, Inc.
Homem de barba: © robuart / Shutterstock, Inc.
Outros emojis: © FOS_ICON / Shutterstock, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA
Nadine Badalaty

IMAGENS DE CAPA
© byllwill / E+ / Getty Images (fachada); © Plus69 / iStock/ Getty Images (plantas)

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Cumbuca Studio

E-ISBN
978-65-5560-211-1

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

@intrinseca

intrinsecaeditora

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Folha de Rosto

Créditos

Midias Sociais

Sumário

Epígrafe

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

“A situação do meu vizinho branco é bem mais difícil... Manter o que se tem é bem menos empolgante do que conquistar algo novo.”

— Zora Neale Hurston, em “How It Feels to Be Colored Me”, no livro *World Tomorrow* (1928)

“No estudo da História, é espantosa a recorrência da ideia de que o mal deve ser esquecido, distorcido, deixado de lado... O problema, é claro, dessa filosofia é que desse modo a história perde seu valor como incentivo e exemplo; retrata homens perfeitos e nações nobres, mas não diz a verdade.”

— W.E.B. Du Bois, em *Black Reconstruction* (1935)

PRÓLOGO

Sydney

HISTÓRIA É UM NEGÓCIO MUITO LOUCO.

No outono passado, numa noite em que minha bunda já se acostumava à cadeira desconfortável do quarto de hospital onde mamãe estava, enquanto eu mexia distraída no celular, passei o olho numa matéria sobre um lugar chamado América Negra. Não me refiro àquele rótulo que os políticos usam para colocar nossos interesses numa caixinha de questões com as quais não precisam lidar de imediato, ou talvez nunca, mas a um lugar de verdade — um parque temático sobre escravidão, inaugurado no Brooklyn no fim do século dezenove.

Escravidão. A porra de um *parque temático*.

América Negra, o parque temático, foi descrito como "uma oportunidade para as pessoas do Norte do país que pertencem a uma geração para quem a palavra *escravidão* não passa de algo nebuloso de se familiarizar com a vida nos latifúndios coloniais". E isso foi, tipo, vinte anos depois do fim da escravidão, veja bem. Assim, eu também fico nostálgica quando começa a tocar uma música dos anos 1980 no rádio, mas esses filhos da puta precisavam mesmo sentir saudade de possuir seres humanos?

Essa parte das "pessoas do Norte" era o que mais me irritava. O Norte *não* se lembra; na verdade, o Norte tem

uma memória bastante seletiva. Como se a escravidão tivesse sido algo que aconteceu *lá embaixo*, mesmo que houvesse africanos escravizados construindo, plantando e colhendo ao lado dos holandeses no Brooklyn colonial.

As pessoas enterram as partes da história das quais não gostam e asfaltam por cima, como os cemitérios africanos debaixo dos arranha-céus de Manhattan. Mas nada fica realmente enterrado nesta cidade.

Enfim: América Negra.

Os brancos vinham para o Brooklyn fazer um passeio pelo "latifúndio colonial reproduzido fielmente". Cantavam as músicas religiosas dos negros e tomavam suas bebidas enquanto assistiam a pessoas negras, pessoas negras livres, fingirem que eram escravas.

História.

Um negócio muito louco.

Depois que dei de cara com aquela matéria, a história do Brooklyn virou um refúgio para mim. Me ajudou a esquecer meu casamento fracassado e a constante memória sensorial das algemas machucando meus pulsos. Era algo a mais em que colocar minha atenção, para além da doença da minha mãe e do modo como tudo estava mudando. Tudo mesmo, não importava o quanto eu torcesse para o mundo parar de girar só por um maldito minuto.

Decidi pagar por um daqueles passeios turísticos caros do tipo "Edifícios históricos estilo Brownstone no Brooklyn". Morei a maior parte da minha vida num daqueles lindos imóveis antigos, a não ser pelos poucos anos em Seattle, mas precisava de uma distração e talvez de algo para dar vazão às minhas frustrações. Um passeio pago com cupom

de desconto do Groupon e cujo ponto de encontro fosse a dois quarteirões da minha casa era mais barato do que terapia — e um milhão de vezes mais fácil de marcar.

Queria saber o que os guias turísticos falavam sobre nós ao conduzir as multidões pelas calçadas de ardósia rachadas de Gifford Place. Queria saber por que, afinal, os turistas diziam tantos “Oh!” e “Ah!” quando se amontoavam nas portas das nossas casas, olhando para os moradores em busca de um esplendor que há muito não havia ali.

Era um dia bastante outonal — a temperatura estava fria o suficiente para usar um blazer bonito e os carvalhos enfileirados de Gifford Place reluziam em dourado e vermelho. Fiquei impressionada com a beleza da minha vizinhança, banhada por aquelas cores quentes que contrastavam belamente com as fachadas de pedra e tijolo; quão linda ela sempre tinha sido apesar das décadas de desinteresse. De certa forma, a negligência havia sido uma espécie de escudo para nós, e ao testemunhar aqueles estranhos caminhando por ali com seus tênis confortáveis e suas câmeras Nikon penduradas no pescoço, eu sentia como se nossas muralhas tivessem sido violadas e uma horda as invadisse.

A guia do passeio, Zephyr, era branca, com cabelos castanhos e um sotaque britânico que lhe conferia uma espécie de autoridade bem-humorada, embora parecesse apenas ter decorado algumas informações da Wikipédia. Ela não sabia porra nenhuma sobre a minha vizinhança, *de verdade*, mas nem precisava. Os turistas não estavam ali para ouvir sobre o jardim comunitário da mamãe ou sobre a vez em que deixaram uma cobra e cartas de tarô na porta

da casa da srta. Candace porque pensaram que ela estava falando mal de alguém. Eles não queriam um mergulho antropológico na relação entre o dono da birosca e os apostadores da loteria, nem uma narrativa oral sobre a utilidade dos degraus da entrada de casa.

Zephyr era boa o suficiente para eles.

Ela apontou para a rua arborizada e pediu para imaginarmos o Brooklyn de antigamente. Fiquei olhando para os lugares onde havia ralado o joelho andando de patins e me enrolado toda ao pular corda, mas Zephyr estava falando de antigamente *de verdade*. Antigamente do tipo estradas de paralelepípedos, carruagens puxadas por cavalos e casas pertencentes à elite. Devia ser algo fácil de imaginar para todos no passeio — a rua estava silenciosa e quase vazia, como se meus vizinhos tivessem pressentido a chegada dos intrusos e se escondido na segurança de suas casas.

Começamos a caminhar, as folhas pisoteadas servindo de compasso para a voz musical de Zephyr.

— E aqui fica o antigo Centro Médico Gifford, que originalmente se chamava Vriesendaal Sanitarium, construído em 1830 e fechado em 2005 — disse ela enquanto contornava a cerca de arame que circunda o prédio onde eu nasci.

A arquitetura era extraordinária apesar das tábuas nas janelas, mas eu conhecia o prédio como Centro Mórbido, o hospital onde a incompetência ou os fantasmas ferravam você, então não fiquei muito impressionada.

— O imóvel esteve recentemente envolvido em uma polêmica, pois foi um dos locais sugeridos para abrigar o

próximo campus da VerenTech Farmacêutica — contou Zephyr. — Houve protestos de ativistas locais que não querem a empresa aqui, apesar da promessa de centenas de empregos e da revitalização da área. Quem é contra a instalação do campus também não gosta da ideia de ter um centro de pesquisa de opioides numa comunidade que, segundo eles, foi oprimida pela polícia durante a própria epidemia de drogas.

Era um pouco mais complicado do que isso — minha melhor amiga, Drea, trabalhava na prefeitura e costumava contar para mamãe e para mim o que aconteceria se a VerenTech escolhesse nosso bairro, e não era nada bom. Pelo menos não para a gente.

— Essa gente nunca está satisfeita — resmungou um homem branco grisalho.

Dei uma encarada nele, e outras pessoas também, mas ele não pareceu se incomodar. Zephyr o ignorou e nos conduziu adiante.

Ao pararmos na porta de cada um dos edifícios, ela explicava com cuidado os detalhes da vida das pessoas brancas e ricas que moraram ali cem anos atrás — o que comiam, que tipo de roupa vestiam, como eram as festas que organizavam. Isso era legal e tudo o mais, mas, à medida que o passeio continuava, minha frustração — a raiva por ser apagada da minha própria vida de tantas maneiras que até perdi as contas — me fez levantar a mão do mesmo jeito que costumava fazer havia muitos anos, quando eu era o terror dos professores, antes de aprender que a curiosidade matou o gato. Zephyr estreitou os olhos

em minha direção por um segundo, talvez pressentindo minhas intenções mesquinhas.

— Sim?

— Olha, até que essas coisas aí sobre os Vander-sei-lá-quem são legais, mas a pessoa que vive aqui agora foi a primeira mulher negra a comandar uma empresa de engenharia — falei, petulante.

— Ah, é? Obrigada por compartilhar essa curiosidade com a gente.

Ela acenou para continuar o passeio e eu fui atrás, sorrindo, debochada, porque irritar as pessoas com histórias que elas não queriam reconhecer era divertido.

Paramos na frente da casa do sr. Joe, e Zephyr começou a falar sobre um arquiteto chamado Frederick Langston.

— O atual morador é um músico de jazz que já viajou o mundo inteiro tocando com grandes estrelas — interrompi. — Ele dá aulas de música para crianças agora.

— Que legal. Com quem ele já tocou?

A pergunta veio de um cara branco, alto e corpulento, com cabelo louro-escuro, sobrancelhas grossas e bochechas absurdamente enormes; ele perguntou depressa, como se estivesse tentando falar antes que Zephyr me interrompesse. Seu olhar estava focado, e algo no jeito como ele esperava pela resposta era tão intenso que fiquei meio desorientada.

A namorada dele, baixinha, de rabo de cavalo alto, cara de instrutora de ioga, cutucou o ombro dele.

— Theo. Para de atrapalhar o passeio — reclamou, como se ele tivesse acabado de baixar as calças em vez de ter

feito uma simples pergunta, e depois olhou em minha direção, como se a bronca se estendesse a mim.

Meu sangue ferveu e eu só conseguia pensar “Filha da puta” diante daquele olhar de superioridade tão familiar. Por um momento, a cara da mocinha de rabo de cavalo se misturou à da enfermeira que olhou bem nos meus olhos e disse que minha mãe não precisava mais de remédios para a dor, mesmo que ela estivesse gemendo e se contorcendo na cama ali do nosso lado.

— Eu gosto das informações extras, ajudam muito — interrompeu Zephyr, embora seu tom de voz deixasse claro que não gostava nem um pouco. — Mas esse é um passeio sobre personagens históricos *importantes*.

— Essa é uma vizinhança historicamente *negra*, mas nenhuma dessas pessoas importantes que você mencionou é negra. Por que será?

O rosto dela enrubesceu, mas Zephyr me olhou com um sorriso de atendimento ao cliente.

— Veja bem... senhorita. Estou apenas fazendo meu trabalho. Se tiver alguma crítica ao passeio, pode enviar suas sugestões aos organizadores. Ou talvez devesse, sei lá, começar seu próprio passeio? — disse ela, de um jeito animado, e voltou aos poucos ao roteiro.

Fechei a cara. Concordei com a cabeça. E então me virei e atravessei a rua em direção à birosca para pedir um pãozinho com ovo e queijo e um café bem doce e cheio de creme. Comida afetiva. Abdul estava do outro lado do balcão falando ao telefone, discutia com o senhorio e dizia que não podia arcar com mais um aumento do aluguel;

aquilo não melhorou meu humor, mas brincar com Frito, a gatinha da loja, sim.

Passei pelo grupo um pouco depois, enquanto aprendiam sobre filigranas ou alguma merda do tipo. Subi os degraus da casa da minha mãe e virei a chave na fechadura com um pouco mais de força do que o necessário. Os folhetos de propaganda que estavam na brecha entre a porta e o batente flutuaram até o chão.

Venda sua casa e lucre muito! Pagamos em dinheiro! Vendas rápidas e fáceis!, gritavam os papéis espalhados ao redor dos meus pés. O folheto mais perto da ponta da minha bota era de uma empresa chamada Good Neighbors LLC, e o slogan era: *Nós nos importamos com seu futuro!*

Eu ouvia a voz fraca de Zephyr ao fundo enquanto pegava aqueles folhetos e os amassava. Queria voltar e jogar aquela bola de papel no grupo do passeio, para expulsá-los dali. Queria ligar para a polícia e denunciar a presença de pessoas estranhas que poderiam estar observando a vizinhança com a intenção de planejar um assalto, como os novos vizinhos tinham feito na semana anterior — a polícia apareceu para importunar um cara que vivia ali havia vinte anos.

Mas a lógica prevaleceu — aquilo não funcionaria para mim. Eu já sabia a facilidade com que as autoridades acreditavam que alguém como eu era um problema a ser contido; um movimento errado e os abutres que rondavam a casa da mamãe iam conseguir o que queriam ainda mais rápido.

Olhei por cima do ombro enquanto entrava, principalmente para que Zephyr visse que aquela era a

minha casa, não importava quem tivesse vivido nela no século dezenove, e peguei o cara de sobrancelha grossa me observando com atenção.

Fechei a porta com força na cara dele.

Seja bem-vindo ao aplicativo OurHood, feito para os vizinhos se manterem conectados e em segurança. Você foi aprovado como membro da comunidade GIFFORD PLACE. Por favor, use o site com responsabilidade e lembre-se de que cada um de nós pode tornar nossa vizinhança um lugar melhor!

CAPÍTULO 1

Sydney

NO PERÍODO MAIS INTENSO DO INVERNO, fiquei revezando entre o trabalho, as visitas ao hospital e as consultas médicas. Passei a primavera isolada do mundo, lidando com a depressão com a ajuda de um cigarro eletrônico de canabidiol e de doses generosas do conhaque Henny que tinha encontrado no armário de bebidas da mamãe.

Agora estou sentada nos degraus da entrada, como tenho feito todas as manhãs desde que começaram as férias de verão, e observo os vizinhos andando para lá e para cá enquanto tomo um café preto, sem açúcar, que já ficou frio.

Quando voltei para cá há um ano e meio, trazendo as cinzas do meu casamento e do meu orgulho em uma urna que eu não conseguia parar de xeretar, achei que estaria sentada aqui na porta com mamãe e Drea, a santíssima trindade da família recuperada — mãe, irmã postiça, filha pródiga. Mamãe cuidaria de sua pequena floresta de plantas espalhadas pelos degraus e também de mim, fazendo brotar novas e metafóricas folhas — mais fortes, mais resilientes. Drea se sentaria entre nós duas, como fazia desde que tinha onze anos, quando praticamente se mudou para nossa casa, já que seus pais eram uns babacas e ficavam fazendo piada ou reclamando dos bicos que ela arranjava. Minha força viria delas e daquela vizinhança, que

sempre tinha me apoiado. Mas não foi o que aconteceu; em vez de pisar em terra firme ali no concreto do Brooklyn, era como se agora eu estivesse atolada até o pescoço no cimento fresco.

Mês passado, no feriado de Quatro de Julho, escancarei a velha claraboia do último andar da casa em estilo Brownstone e fiquei sentada lá, sozinha. Quando era adolescente, eu, mamãe e Drea fazíamos piquenique no terraço em todo Quatro de Julho, o Brooklyn esparramado à nossa volta enquanto os fogos de artifício estouravam ao longe. Ao subir lá sozinha, já adulta, fiquei espantada com o entorno, que agora parecia claustrofóbico, com novos prédios ocupando a vizinhança onde, antes, a vista era livre. Guindastes emergiam de forma sinistra nos quarteirões vizinhos, como invasores num filme de alienígenas; suas sombras lembravam insetos gigantes, com olhos vermelhos, piscando à noite, as bandeiras americanas presas a eles tremulando de maneira ameaçadora, sinalizando que vinham em missão de paz quando, na verdade, estavam aqui para destruir.

Para refazer.

Talvez eu estivesse dando asas à minha imaginação, mas, mesmo no térreo, as diferenças eram avassaladoras. Por toda a vizinhança havia andaimes pendurados nos prédios, entulhos de mudança e pedreiros revirando as entranhas de casas onde brinquei com amiguinhos na infância. Novos condomínios, que pareciam uma pilha de caixas de sapato feias, surgiam em terrenos vazios.

A paisagem da minha vida inteira está irreconhecível; Gifford Place não parece mais a minha casa.

Suspiro, fecho os olhos e tento me lembrar da liberdade que sentia — a princípio como uma criança despreocupada e depois como uma adolescente sabe-tudo — ao parar, como uma rainha, neste último degrau, o mundo inteiro a meus pés. Três andares de tijolos centenários atrás de mim como um muro de proteção sólido, impregnado com o amor da minha mãe e dos meus vizinhos e a firmeza do meu quarteirão.

Naquela época eu saía descalça, mesmo que a srta. Wanda, que abria o hidrante para as crianças nos dias abafados como os que tivemos neste verão, dissesse que eu ia pegar uma micose. Sentir a frieza do concreto marrom daqueles degraus sob meus pés me acalmava.

Agora, chamam os bombeiros toda vez que alguém abre o hidrante, até quando usamos a tampinha que reduz o desperdício de água. Uso chinelos na minha própria entrada, não porque esteja preocupada com a infame micose, mas porque, de repente, sinto-me constrangida onde deveria estar confortável.

A srta. Wanda se foi; vendeu a casa em algum momento da última primavera, quando eu estava em posição fetal, deprimida. A mulher de quem fui vizinha durante quase a minha vida inteira foi embora e nem tive a chance de dizer adeus.

E a srta. Wanda não foi a única.

Cinco famílias se mudaram de Gifford Place em menos de um ano. Cinco não parece um número tão grande, mas cada um de seus imóveis tinha três ou quatro apartamentos, e a transformação era visível, para dizer o mínimo. Nem estou falando dos inquilinos. Chegou ao ponto em que sinto uma

pontada de pavor toda vez que vejo uma nova pessoa branca no quarteirão. Quem eles estão substituindo? É claro que sempre houve alguns, inquilinos que não tinham dinheiro para morar em outros lugares, mas eram gente boa e não se metiam com ninguém. Esses novos proprietários eram diferentes.

Tem um casal mais velho, aposentado, que basicamente oferece jantares e cuida da própria vida, mas às vezes eles ligam para a polícia e reclamam do barulho. Tem também Jenn e Jen, as novatas mais simpáticas, cujo maior problema é que aparentemente disseram a elas que todas as pessoas negras são homofóbicas; elas fazem o possível e o impossível para normalizar sua presença, embora nunca tenham parado para pensar sobre as duas senhoras negras que moram na casa ao lado e que claramente não são irmãs nem amigas.

Também há as famílias jovens, como a que se mudou para a casa da srta.Wanda, ou aqueles prestes a começar uma família, como a Mocinha do Rabo de Cavalo e o marido do olhar focado que conheci no passeio histórico. Eles compraram a casa dos Payne, do outro lado da rua — parece que estavam *mesmo* rondando a vizinhança.

Eles não têm cortinas, então vejo o que fazem quando estão em casa. Ela está sempre quebrando algum troço quando está lá, reformando a casa, o que deve ser algum tipo de herança genética. Ele parece trabalhar de casa e gosta de andar sem camisa no terraço. Nunca vi os dois interagindo; se eu tivesse um homem seminu andando na minha casa, estaríamos interagindo bastante, mas isso não é da minha conta.

O latido estridente e repetitivo de um cachorro desesperado me desperta dos meus pensamentos.

— Porra, alguém bota esse cachorro na gaiola antes que os convidados cheguem! Terry! — berra uma mulher.

Em seguida, é um homem que grita:

— Minha nossa, calma, Josie! Arwin! Você deixou o Toby sair da gaiola?

Terry, Josie, Arwin e Toby são os substitutos da srta. Wanda. Eles nunca se apresentaram propriamente, mas com a gritaria constante eu logo aprendi os nomes.

Toby late sem parar enquanto eles estão no trabalho e na escola e, bem, sempre que está com vontade, porque é óbvio que precisa de mais exercício e de adestramento. Terry usa ternos mal ajustados para trabalhar, lança olhares maliciosos para as adolescentes da vizinhança e não cata o cocô de Toby quando acha que ninguém está olhando. Josie usa ternos sob medida para trabalhar, passa o fim de semana dividindo o jardim em lotes idênticos e publica obsessivamente mensagens no aplicativo OurHood reclamando das pessoas que não catam o cocô do cachorro.

Claude, minha primeira amizade colorida depois do divórcio, chamava meus novos vizinhos de “Becky e Marido de Becky”. Ríamos da maneira como espreitavam entre as cortinas, desconfiados, quando ele esperava por mim no carro, ou como apressavam o passo se ele estivesse parado na minha porta vestindo calça jeans larga e botas em vez de ternos bem cortados e mocassins.

Claude já é passado também. Mandou uma mensagem pouco antes do Dia dos Namorados.

Acho que não tá rolando mais.

Talvez houvesse outra mulher. Talvez eu passasse muito tempo me preocupando com a minha mãe. Talvez ele apenas tenha percebido o que eu tentava esconder: que minha vida era um carro desgovernado numa pista escorregadia, e a coisa inteligente a fazer era puxar o freio enquanto podia.

Quando Drea abriu a porta de casa e me viu ali fungando, agarrada a um pote de sorvete, me deu um abraço e depois me sacudiu pelos ombros.

— Garota. *Sydney.* Sinto muito que esteja triste, mas quantas vezes preciso repetir? Você não vai encontrar ouro enquanto insistir em garimpar no Riacho dos Pegadores.

Ela estava certa.

É melhor assim; um corpo quentinho na cama é bom no inverno, mas no verão fica quente demais para dormir de conchinha, a não ser que você fique com o ar-condicionado ligado direto, e eu, no momento, não tenho dinheiro para isso.

Noto que há um grupo de pessoas se aproximando lá do fim do quarteirão, perto do jardim, e coço o pescoço no mesmo lugar onde, há alguns meses, três mordidas inflamaram ao mesmo tempo. PERCEVEJOS-DE-CAMA foi o primeiro resultado que apareceu depois que pesquisei desesperadamente na internet “que porra são essas mordidas”. Colchões enrolados em plástico jogados no meio-fio são cada vez mais comuns ultimamente, pelo visto os percevejos andam pegando carona nas pernas sujas que aos poucos invadem a vizinhança. Mesmo depois de semanas vaporizando, alvejando e fervendo minhas roupas e lençóis, não consegui me livrar da impressão de estar

contaminada. Acordo no meio da noite com a sensação de que algo invisível está me consumindo — tenho que lixar as unhas para evitar me coçar até ficar em carne viva.

Talvez já seja tarde demais; talvez eu já esteja totalmente seca por dentro.

Pelo menos é assim que me sinto.

Sentada ali, curvada e sem esperanças, deixo a cabeça cair e o sol aquecer meu couro cabeludo.

O grupo que eu tinha notado, e que pelo visto são os convidados da semana para o brunch, se aglomera a poucos metros de mim na calçada, em frente à entrada da casa de Terry e Josie, e deixo a preguiça de lado: ombros eretos, queixo levantado. Finjo estar totalmente despreocupada — bebendo languidamente meu café da birosca e fingindo que o suor não está escorrendo pela minha testa enquanto os encaro de modo nada sutil. Eles nem me dirigem o olhar.

Terry e Josie aparecem do lado de fora — ela, ostentando um corte de cabelo assimétrico e platinado que diz algo como *Gostaria de falar com o gerente*; ele, com um sorriso amarelo bem fingido. Os dois continuam com a cabeça virada para a frente e o olhar fixo nos amigos ao cumprimentá-los, como se eu fosse um cachorro num ferro-velho, que poderia rosnar se fizessem contato visual.

Acho que nem sabem que me chamo Sydney.

Nem quero saber qual é o apelido “engraçado” que usam para se referir a mim.

— A casa parece ótima — observa um dos amigos enquanto sobem a escada.

— Usamos a mesma empresa de Sal e Sylvie no *Flip Yo’ Crib* — responde Josie e se detém para que todos possam

observar a nova porta vintage e o vitral logo acima dela.

Os pedreiros começaram a obra logo depois do Ano-novo, sempre de manhã cedo, acordando a mamãe toda vez que ela finalmente tinha conseguido ficar confortável para descansar. Na primavera, eu pulava da cama uma hora antes do meu horário na secretaria da escola, onde sorria o dia inteiro para crianças irritantes e seus pais igualmente irritantes — todo mundo é irritante quando tudo que você quer fazer é dormir e só acordar depois de anos.

Ou nunca mais.

— Vocês não têm ideia de como essas pessoas não valorizam a importância histórica do bairro — comenta Josie. — Tivemos que reformar tudo. Era como se tivesse um zoológico aqui antes!

Dou uma olhada de rabo de olho para ela. A srta. Wanda era da escola de limpeza “vapor de alvejante tão forte que queima os pulmões dos vizinhos”. Josie é uma maldita mentirosa, e posso provar isso graças a uma experiência de quase morte com um gás mostarda inesperado.

— As outras casas me parecem bonitas, principalmente esta aqui — diz a última pessoa na fileira de amigos, uma mulher com ascendência do Sudeste Asiático e um bebê amarrado ao peito com sling. — Parece um castelinho!

Sorrio ao me lembrar da época em que me sentava à janela da minha torre de tijolos de mentira, como uma princesa aprisionada, e meus amigos se amontoavam na calçada competindo pela oportunidade de me salvar da bruxa malvada que havia me capturado. Hoje em dia é mais descolado dizer que a princesa deveria salvar a si mesma, mas acho que nunca experimentei essa sensação fora das

brincadeiras de criança — ter alguém disposto a arriscar a própria vida, a saúde, tudo, para me salvar.

Mamãe me protegia, claro, mas ser protegida é diferente de ser salva.

Josie se vira no último degrau e faz uma cara feia para a amiga, porque aparentemente ela não havia sido desdenhosa o suficiente.

— As casas são bonitas, apesar de tudo. Não adianta colocar um monte de vasos de plantas horrorosos, isso não esconde a negligência.

Aaah, essa filha da puta.

— Verdade — respondeu a amiga, parecendo um pouco ansiosa ao acariciar as costas do bebê.

— Só estou dizendo que consigo rastrear meus ancestrais até Nova Amsterdã. *Eu* valorizo a história — afirma Josie, e se vira para entrar na casa.

— Bem, as árvores genealógicas por aqui têm muitas folhas faltando, digamos assim — comenta Terry, seguindo-a para dentro da casa. — É claro que eles não valorizam esse tipo de coisa.

Talvez eu devesse pular o corrimão da minha escada e ensinar a eles uma lição sobre a história do chute na cara, já que gostam tanto assim de história.

A mulher que levou o olhar atravessado me encara por um instante com um aceno de desculpas e compreensão antes de entrar na casa. A porta bate com força atrás dela.

Eu já estava cansada, mas agora há lágrimas de raiva invadindo meus olhos, embora eu já devesse estar imune a essas merdas. Não é *justo*. Não posso mais me sentar na entrada de casa e desfrutar da vizinhança como

antigamente. Mesmo quando entro no apartamento, não me sinto em casa porque mamãe não está me esperando lá em cima. Sentada aqui, estou à beira do ataque de pânico que tem surgido com muita frequência; o chão sob minha bunda e a sola dos meus chinelos são as únicas coisas que me mantêm conectada a este lugar.

Só quero que tudo pare.

— Oi, Sydney!

Olho para o outro lado da rua e o alívio ao ver um rosto conhecido ajuda a me recompor. O sr. Perkins, meu outro vizinho de porta, e seu pitbull, Count Bassie, estão fazendo um de seus incontáveis passeios diários pela vizinhança. Mamãe foi com o sr. Perkins até a associação de proteção dos animais quando a esposa dele morreu, alguns anos atrás, e desde então ele e o cachorro marrom e branco são inseparáveis.

— Bom dia, Sydney, querida! — grita o sr. Perkins com sua voz rouca, e levanta o braço devagar sobre sua cabeça careca para acenar.

Count solta um latido alto e absurdamente grave, o equivalente em língua de cachorro a um *E aí, amiga*; ele me ama porque lhe dou queijo e outras deliciosas comidas humanas quando para perto de mim.

— Bom dia! — grito de volta, sentindo uma onda de energia só de vê-lo. Ele sempre esteve ali, cuidando de mim, da minha mãe e de todo mundo na vizinhança.

Em geral, ele já está acordado e fazendo seus passeios diários às seis da manhã, vai de porta em porta, faz visitas, ouve atentamente e mantém um sorriso no rosto. É por isso que o chamamos de prefeito de Gifford Place.

Neste momento, é provável que ele esteja a caminho do culto de sábado, a julgar pela calça cáqui e pela camisa bem passada. Count em geral fica sentado a seus pés, e o sr. Perkins brinca que, quando ele late junto com o coral, acerta mais as notas do que metade dos humanos que estão cantando.

— Você vai organizar aquele passeio a tempo para a festa do bairro na semana que vem? A Candace está no meu pé desde que você colocou na programação oficial.

Queria dizer que não, não está pronto, embora eu venha trabalhando nele pouco a pouco há meses. Seria a saída mais fácil, pois não sei se alguém iria querer fazer esse passeio mesmo que fosse de graça, ainda mais pagando por ele, mas... Quando eu contei para mamãe, morrendo de raiva, que Zephyr sugerira que eu fizesse meu próprio passeio, seu rosto se iluminara pela primeira vez em semanas.

Você vivia com o History Channel ligado, mudando para o "Segredos da Segunda Guerra" ou qualquer outro desses programas enquanto eu tentava assistir a minhas novelas. O que te impede de fazer isso?

Encontrar assuntos que eu poderia incluir no passeio virou um joguinho entre nós — era algo que podíamos fazer enquanto ela estava de cama, e isso nos mantinha ocupadas.

É a primeira vez que vejo aquele velho entusiasmo em seus olhos desde que voltou para casa. Estou feliz que esteja voltando a ser você mesma, Syd. Mal posso esperar para participar do seu passeio.

— Como está sua mãe? — indaga o sr. Perkins, e a pergunta causa uma dor tão *real* que aproximo os joelhos do peito.

— Está bem — respondo, com raiva por mentir e envergonhada pelo ressentimento que me invade toda vez que preciso fazê-lo. — Odeia ficar longe de casa, mas isso não é surpresa.

Ele concorda com a cabeça.

— Não é mesmo. Yolanda ama este bairro. Quando a vir, diga que estou rezando por ela.

— Vou dizer.

Count, de repente muito ágil, dá o bote num resto de pizza jogado na calçada, e o sr. Perkins precisa correr atrás dele, dando um bendito fim àquela conversa dolorosa.

— Venha para a reunião de planejamento na segunda-feira — sugere ele com um aceno ao ir embora. — Tenho uns documentos para você.

Ele podia simplesmente me entregar tudo, mas acho que quer garantir minha presença. Ele me conhece bem.

Concordo com a cabeça e aceno com a mão. A janela da sala de Josie e Terry bate com força, dando um ponto-final à nossa conversa.

Dou um gole no meu café e escuto os passos de duas pessoas se aproximando na calçada.

— Bom dia! — cumprimentam Jenn e Jen. Estão de mãos dadas e andam pela rua em sincronia, com sorrisos combinando. Até o canteiro de cada uma no jardim complementa o da outra: o de Jen está todo florido, o de Jenn, cheio de vegetais.

— Bom dia! Tenham um belo dia, vocês duas — respondo quando elas passam por mim, soando como uma tia velha, ainda que elas provavelmente sejam poucos anos mais novas do que eu.

Não estou fingindo gentileza. Quero que saibam que, se a presença delas aqui me incomoda, não é porque andam de mãos dadas. É por causa de todo o resto. Preferia não ter que pensar em todo o resto, mas... a srta. Wanda se foi. Os Hancock. O sr. Joe.

Às vezes parece que todas as coisas sólidas e duradouras da minha vida estão escapulindo, como a areia que se esvai pelos meus dedos quando me sento à beira da água na praia de Coney Island.

De repente, me lembro de um dos nossos dias de mãe e filha na praia, quando eu tinha quatro ou cinco anos. Mamãe havia comprado um lanche para mim no Nathan’s e uma gaivota deu um rasante e roubou da minha mão direita uma batata frita antes mesmo que eu conseguisse mordê-la. A maior batata. Eu tinha deixado por último. O choque inesperado daquele roubo e a injustiça me fizeram começar a chorar. Mamãe balançou a cabeça e riu ao secar minhas bochechas com os polegares ásperos por causa da areia e que cheiravam a ketchup.

— Amor, se quer proteger o que é seu, precisa segurar com mais força. Sempre tem alguém querendo roubar o que a gente tem, até esses malditos pássaros.

Estou tentando, mamãe. E odeio isso.

Um arrepio percorre minha espinha apesar do calor e, quando olho para cima, vejo que Bill Bil se aproxima. O nome dele é William Bilford, corretor de imóveis, mas eu o

chamo de Bill Bil porque ele fica irritado e, afinal, por que só eu deveria sofrer nesta história? Estou sozinha, meus vizinhos são uns babacas e esse picareta fica perambulando pelo bairro, tentando trazer mais deles.

Fecho a cara para ele. Está usando uma calça jeans que é grossa demais e justa demais considerando a temperatura e a distância que ele costuma percorrer. Há manchas de suor na área das axilas de sua camiseta cinza justa, o que dá uma ideia do show de horrores que deve estar acontecendo na parte de baixo. Seu rosto ostenta uma barba por fazer cuidadosamente modelada e olhos vermelhos graças a muita bebida, cocaína ou os dois. Seu cabelo castanho-claro, no entanto, sempre está bem arrumado, então ele não é um desastre completo.

— Olá, srta. Green — diz ele com uma piscadela e um sorrisinho malicioso que provavelmente funcionariam num boteco em Williamsburg, mas não têm qualquer efeito sobre mim.

— Olá, Bill Bil — respondo com uma vozinha aguda.

Seu sorriso ferino continua lá, mas o brilho nos olhos desaparece. Pego o cigarro avulso e o isqueiro que comprei na birosca e faço uma cena ao acendê-lo, a chama na ponta do cigarro. A fumaça que sai da minha boca é nojenta — *sinto o gosto* do câncer e, bem, talvez seja isso que torna a coisa prazerosa —, mas nos últimos tempos tenho fumado um para acompanhar o café pela manhã de vez em sempre.

— Isso é ruim para a sua saúde — comenta ele.

Sopro uma nuvem de fumaça na direção dele, na base da escada.

— Nada mudou desde as últimas dez vezes que você passou por aqui. Continuamos não querendo vender a casa. Tenha um ótimo dia!

O sorriso ferino fica ainda maior.

— Ah, sem essa. Estou só sendo simpático.

— Você está só tentando criar uma falsa sensação de camaradagem porque acredita que isso me fará confiar em você. E aí vai me convencer a vender a casa para embolsar sua bela comissão.

— Você acha mesmo isso? — Ele balança a cabeça, discordando. — Estou aqui tentando *ajudar*. Muita gente não sabe que basta se mudar para ganhar mais dinheiro do que teve a vida inteira.

— Mudar para onde? Para onde as pessoas vão se até este bairro aqui estiver caro demais?

Dou uma tragada no cigarro.

Ele dá um suspiro.

— É difícil mesmo, eu sei. Por que acha que estou aqui lutando? Também tenho muitas contas para pagar, mas não tenho nenhuma casa para vender e me dar muito lucro. Se tivesse, poderia pagar empréstimos estudantis, custos médicos — argumenta ele e dá de ombros, como se não pudesse evitar citar aquelas duas despesas específicas.

— Bem, há muitos abutres rondando por aqui. Se eu resolver desistir do bairro, tenho vários corretores de imóveis para escolher.

Minha mão treme ao levar o cigarro aos lábios mais uma vez, e tento não me atrapalhar.

O sorriso ferino vai embora.

— Você age como se eu fosse um canalha, mas acabou de comprovar meu argumento. Há muitos corretores interessados nesta área, sobretudo agora que o acordo da VerenTech está praticamente fechado. É a comunidade emergente do momento no Brooklyn.

— Comunidade emergente? — pergunto, inclinando a cabeça para o lado. — E a gente emergiu de onde? Do caldo primordial?

Ele ergue um pouco a sobrancelha, mas sei que não é porque registrou minha pergunta, mas porque o filho da puta está surpreso que eu saiba usar a palavra *primordial* numa frase.

— Veja bem. — Ele passa a mão no cabelo para trás e para a frente, mas sem estragar o visual. — Não sou um vilão que fica enrolando o bigode enquanto tenta colocar as pessoas no olho da rua. Nem sou um desses compradores que carregam sacos de dinheiro e cheques em branco tentando convencer as pessoas a fazerem um mau negócio. Sou só um cara normal fazendo meu trabalho.

Só fazendo meu trabalho. Quantas vezes ouvi aquela frase quando discutia com as pessoas a respeito da saúde, do dinheiro e do futuro da minha mãe? Todo mundo está só fazendo seu trabalho, principalmente quando o tal trabalho é lucrativo e ferra os outros.

— E eu sou só uma proprietária que já disse muitas vezes que não quer vender — respondo.

— Você não tem que vender — observa ele, indo embora em busca de alguém mais receptivo àquela baboseira. — Mas não vai conseguir parar a mudança, sabe disso.

Talvez ele nem estivesse tentando soar ameaçador, mas apago o cigarro na sola do chinelo e me levanto, subitamente inquieta. Depois de pegar minha bolsa de jardinagem no corredor de entrada e calçar o tênis, tranco a porta e vou até o jardim comunitário da mamãe. Nunca consegui manter nem uma suculenta viva, mas estou fazendo o melhor que posso. Vou lá todos os dias; trabalho bastante, mesmo que não tenha muito resultado para mostrar.

É o que me mantém próxima dela e afasta as pontinhas de culpa que estão sempre me cutucando. Dou um suspiro profundo e pego o telefone para ligar para ela — a ligação cai na caixa postal. Quando a mensagem começa — "Você ligou para Yolanda Green. Estou longe do celular ou então indisposta. Deixe uma mensagem, a não ser que esteja pedindo dinheiro, porque Deus sabe que eu não tenho" —, sinto um nó na garganta, como sempre.

— Oi, mamãe — digo depois do bipe, embora normalmente eu não deixe mensagens. — As coisas estão difíceis, mas estou aguentando firme. Só queria ouvir a sua voz, mas vejo você em breve. Te amo.

Post de Ashley Jones no aplicativo OurHood, Gifford Place
Para quem ainda não viu, aí vai um artigo sobre a escolha do antigo centro médico para ser a sede americana e centro de pesquisa da VerenTech Farmacêutica.

Asia Martin: *suspiro* Sinto muito. Sei que você, Jamel e Preston estavam protestando toda semana. O centro de pesquisa de drogas é legal, mas queria que tivéssemos tido isso em vez de confinamento e sequestro dos nossos bebês.

Candace Tompkins: Fato.

Jamel Jones: Nem me fale. Além disso, rolaram umas coisas bizarras nas reuniões do conselho comunitário. Um representante basicamente disse pra gente “foda-se a comunidade”. 😤 A parte mais louca é que a prefeitura está pagando a ELES para virem pra cá! Para “revitalizar” a área. Mas nos ignoraram durante anos.

Candace Tompkins: Está mais para revitalizar os bolsos deles... Daqui a pouco começa a desapropriação.

Kim DeVries: Devíamos ficar felizes por essa crise farmacêutica estar sendo tratada com gentileza e compaixão. Vai ser ótimo para o bairro! Vejam como o sul do Brooklyn ficou muito melhor depois do acordo com a Ratner.

Drea Wilson: 🙃

Candace Tompkins: 😒

(outros 75 comentários... veja mais)

CAPÍTULO 2

Theo

TEM UMA LATA DE CERVEJA VAZIA alfinetando minha caixa torácica quando acordo, além de um álbum de fotos aberto sobre meu peito. A mancha molhada e quente logo abaixo da minha axila deixa claro que a lata de cerveja não estava vazia quando desmaiei na noite passada. Quando me viro, salgadinhos são esmigalhados, um pacote é amassado e pedaços de Doritos sabor Cool Ranch espetam minhas costas.

Vivendo a vida dos sonhos, hein, parceiro.

Meu corpo todo dói quando me alongo, o tipo de dor causada por muita bebida, muito sal e pelo estresse acachapante de ver minha vida desmoronar. A lata de cerveja rola para o chão, mas protejo o álbum de fotos em meu peito. Depois de esperar alguns segundos a visão turva clarear, inclino o objeto para checar em que página está aberto — uma foto “dos avós”, um casal idoso de pele escura. Ele é careca, e o cabelo dela é de um branco prateado, cortado bem curtinho. Nesta foto, revelada em papel de gramatura alta com uma borda branca, eles estão vestidos com sua melhor roupa de domingo diante de uma enorme igreja que se parece bastante com aquela que fica a poucas ruas dali.

As fotos são quase todas desta vizinhança. *Minha* vizinhança, acho — minha e da Kim —, ainda que na maior parte do tempo eu me sinta do mesmo jeito que me sinto vendo esse álbum: um cara bizarro observando a vida de outras pessoas.

As fotos são antigas — a maior parte foi tirada nos anos quarenta, cinquenta, sessenta, setenta. As pessoas são negras, como a maioria dos meus vizinhos, e usam vestidos com barras perfeitas e ternos elegantes, os cabelos brilhantes e lisos em algumas fotos ou arrumados num black power nas páginas mais à frente. Uma foto de casamento mostra os avós antes de serem avós. O jovem vovô indo para a guerra. Sorrindo ao lado da vovó, também jovem, ao retornar. Bebês e mais bebês. Amigos e família. Idas à praia.

É meio esquisito eu ficar folheando com tanta frequência esse álbum cheio das memórias de outras pessoas, que encontrei numa pilha de lixo enquanto caminhava pela rua no meio da noite, mas as pessoas nessas fotos parecem perfeitas, felizes e cheias de amor. É o mais próximo que já estive de alguma dessas coisas em muito tempo, talvez a vida inteira, mas para alguém por aqui essas eram memórias tão corriqueiras que as jogaram no lixo.

As marteladas que me acordaram recomeçam — contínuas e implacáveis, como se um personagem dos Looney Tunes tivesse invadido a casa e batesse com uma marreta na parede apenas pela alegria de criar o caos. É como um sinal localizador daquela que, um dia eu imaginei, me traria perfeição, felicidade, amor. Coloco as mãos nos ouvidos tentando abafar o som do que se tornou minha

versão millennial de “O coração revelador” — “A namorada louca da reforma”.

Ou ex-namorada?

É complicado.

Só de pensar que Kim e eu um dia acreditamos que gostávamos um do outro a ponto de comprar uma casa juntos, já estremeço. O fato de ter imaginado que ela nunca acharia que *eu* era o tipo de item a ser jogado no lixo, algo que ninguém cataria, deixa meus ombros curvados de vergonha.

Levanto da cama e ando pesadamente até a janela. Uma coisa boa de estar preso neste apartamento de merda? Tenho uma ótima vista de metade da rua — e até da rua inteira, se colocar a cabeça para fora. Consigo ver quem circula para lá e para cá, que tipo de padrões essas pessoas reproduzem sem nem perceber e, quando estou muito entediado, o que meus vizinhos fazem na privacidade de seus lares.

O sr. Perkins, o velhinho gente boa que mora do outro lado da rua, passa pela janela da sala de casa. Ele é uma das pessoas da rua que mais gosto de observar: sai todos os dias, é confiável e simpático. Consistente. Está quase na hora de dar comida ao cachorro e, em poucos minutos, o sr. Perkins vai sair com ele para o primeiro de seus muitos passeios. Admiro sua habilidade em manter uma rotina rigorosa e, ao mesmo tempo, parecer que leva a vida como bem entende. Ele sempre se detém para conversar quando nos cruzamos e até me convida para eventos locais aos quais nunca vou, porque seria constrangedor aparecer sem a Kim.

Meu olhar se desloca para a movimentação que eu estava guardando para o fim — *ela* está varrendo a calçada na frente de casa. A mulher do passeio histórico. A Interruptora.

Até algumas semanas atrás, ela saía de casa de manhã vestida para trabalhar e voltava à tarde. Agora, toma um café na entrada da casa e depois vai para o jardim comunitário no fim da rua com equipamentos de jardinagem — talvez esteja desempregada também. Suas cortinas são tão transparentes que, quando acende as luzes, elas ficam basicamente inúteis, então sei que com frequência toma uma taça de vinho e, de vez em quando, dança rebolando na frente do espelho, na sala.

Depois de algumas taças de vinho, a dança volta e meia se converte em lágrimas. Na maior parte das vezes em que isso acontece, eu desvio o olhar, mas também já brindei em silêncio com minha garrafa de cerveja, em solidariedade.

Já inventei uma série de histórias para ela. Ela está fazendo aulas on-line, já que vive no laptop muito concentrada, e, quando se formar, vai encontrar um trabalho que a faça feliz, se é que isso existe. Ela é uma jardineira dedicada porque é o tipo de pessoa que gosta de cultivar coisas — alguém que cuida.

Invento coisas sobre o futuro também, tipo o que aconteceria se eu tocasse a campainha da próxima vez que ela começasse a rebolar — ou chorar. Elaborar fantasias em que eu salvo uma donzela em perigo, ou transo com ela, é bem mais gratificante do que lidar com a realidade.

Lá fora, três crianças da vizinhança passam de bicicleta em alta velocidade e ela as cumprimenta, depois avisa para

tomarem cuidado com os carros no cruzamento.

Terry, o idiota que é vizinho da Interruptora, sai de casa com seu cachorro estúpido. O bicho desce a escada latindo para as crianças de bicicleta, mas é contido pela coleira porque a Interruptora se abaixou para pegar alguma coisa e Terry está muito ocupado olhando descaradamente para a bunda dela.

As marteladas recomeçam ainda mais intensas lá embaixo.

O suor escorre pelas minhas têmporas, peito, costas e, quando começa a descer para o meio da bunda, dou um suspiro profundo e descolo meu braço da pintura descascada na moldura da janela. Tenho certeza de que o antigo dono desta casa cozinhava aqui em cima no verão, porque este apartamento também funciona como um forno.

E você é o peru que entrou aí voluntariamente.

Saio do apartamento carregando uma muda de roupas e o shampoo-condicionador-sabonete três em um enrolado numa toalha. Então me arrasto pelos corredores que tiveram o papel de parede arrancado e desço os dois lances da escada de madeira que ainda receberão a demão de verniz.

Meu chuveiro não funciona há semanas. Tenho passado meu primeiro verão no Brooklyn basicamente sufocando neste sótão, marinando em vapor de cerveja e nas paranoias da ressaca até estar asqueroso o suficiente para descer e tomar um banho.

Eu poderia tentar consertá-lo pela décima vez, mas, de alguma forma, sempre que faço isso, um novo problema aparece. Eu fui o homem da casa a vida inteira, nos

intervalos entre os namorados da minha mãe, e trabalhei com construção nos hiatos entre outros empregos mais lucrativos. E ainda assim...

— Devem ser gremlins — gritou Kim por cima do ombro na semana passada, enquanto passava uma lixadeira elétrica numa mesa novinha para fazê-la parecer antiga. — Ou talvez você esteja estragando tudo enquanto pensa que está consertando.

História da minha vida.

O caminho até o banheiro no andar principal está livre, pois Kim está ocupada com as marteladas insanas, então me enfio no chuveiro e tomo um banho rápido e eficiente, como se estivesse num vestiário de prisão sem poder baixar a guarda.

Depois, já livre daquele cheiro de cerveja rançosa e suor, me preparo e entro na cozinha.

Metade das portas dos armários está sem as dobradiças e há uma fina camada de serragem cobrindo o chão e todas as outras superfícies. Kim está usando uma regata esfarrapada, mas caríssima, e calça legging cheia de patinhas de gato, embora ela considere gatos uns parasitas; o cabelo está preso num coque bagunçado no alto da cabeça, e ela tem uma expressão séria e focada. Por um segundo, parece que voltei a um ano atrás, antes de tudo degringolar, quando eu achava sua expressão de "concentração" tão sexy que ela precisava fechar a porta na minha cara enquanto analisava os anúncios imobiliários.

Muita coisa pode mudar em um ano. Mas não a porta fechada na minha cara, embora agora seja algo mais próximo de três portas e dois andares.

O suporte para iPad com um extensor está fixado na bancada e ela estreita os olhos para ver a tela, deslizando o dedo para cima repetidamente e deixando um rastro sobre a serragem.

Posso adivinhar o que ela está olhando. Dois aplicativos eram os campeões de uso em seus dispositivos da última vez que tive acesso a essa informação: OurHood, uma espécie de vigia virtual da vizinhança cuja habilidade de transformar qualquer atividade em algo sinistro era fascinante; e Boomtown, o aplicativo de reforma e decoração para pessoas como nós — ou como ela, na verdade. Millennials ricos que compram apartamentos e os reformam por conta própria pela diversão e pelo lucro, já que planejam vender essas casas compradas a preço de banana em “comunidades emergentes”.

Quando conseguimos uma visita antecipada para esta casa, eu disse a ela que gostava do clima vintage da cozinha, com os armários de madeira escura e janelas com vitrais. Pelo visto, o que para mim era legal ela achava cafona.

É a terceira vez que ela pinta os armários. A última tentativa foi uma horrenda cor de pêssego com detalhes em rosé. Metade da casa está em algum estágio de reforma, e não sou mais consultado sobre os projetos.

O interesse dela por mim caiu drasticamente ao longo do processo de compra da casa, embora ela insistisse que estava tudo bem. Perder meu emprego logo depois da mudança foi a cereja no bolo de merda que é nosso relacionamento agora. O fato de ela não saber o motivo real

do meu desemprego? Acho que esse é o glacê decorativo do bolo; está escrito *Pelo menos você tentou*.

Eu devia estar feliz porque podia ser pior do que ter apenas o relacionamento destroçado, mas nunca fui de focar muito no lado positivo.

— Bom dia — digo, tentando soar agradável e não como alguém que já considerou pegar as joias de ouro caras dela e levar em todas as lojas de penhor da região.

Estamos conectados pela casa, no fim das contas; a separação seria um desastre completo. Eu perderia milhares de dólares e teria que me virar para descobrir aonde ir e o que fazer. Além disso, a gente se gostou em algum momento, e não foi há tanto tempo assim.

Como Kim não responde ao meu bom-dia, continuo:

— Nossa, isso aqui virou um cenário de programa de decoração, hein?

Ela tira os olhos da tela e o leve desdém com que me olha parece rasgar minhas tripas com sua faca chique de cerâmica. É tarde demais quando ela demonstra algum interesse por mim e gesticula apontando para a bagunça da cozinha.

— Desculpe pelo barulho. Não estava conseguindo dormir e achei melhor fazer algo produtivo do que ficar de preguiça.

A forma com que seus lábios se curvam para formar algo parecido com um sorriso faz parecer que jogaram sal no tal corte em minhas tripas.

Esta casa foi uma *péssima* ideia.

Tudo que aconteceu entre mim e Kim ao longo do último ano foi uma péssima ideia.

Foram curativos sobre curativos sobre curativos, então nem sabemos que tipo de feridas infectadas e cheias de pus estão ali por baixo, ou mesmo se sobrou alguma coisa sob a casca.

— Dormiu bem? — pergunta ela, voltando a atenção para o iPad.

Ela não se importa de verdade. A pergunta é só mais um som para preencher o silêncio entre nós, como são também os furos, as marteladas, o lixamento.

— Sim, bem — respondo com cautela. A pergunta foi inofensiva, mas não significa que não vá levar a mais uma discussão sem sentido. — Está ficando muito quente lá no último andar. Preciso trocar o ventilador por um ar-condicionado.

— O verão já está acabando. Não consegue mesmo aguentar mais umas semanas? — argumenta ela, e lá vem aquele olhar novamente. Não é bem deboche, mas uma inabilidade em fingir que se importa. — Além disso, vi você com uma câmera nova. Talvez devesse ter gastado esse dinheiro de forma mais sensata.

Solto um grunhido e mexo no cabelo com uma das mãos.

Kim tem um ar-condicionado de última geração em seu quarto, onde dorme num colchão de 3 mil dólares que comprou pouco antes de me expulsar para o último andar.

Ela dorme confortavelmente no primeiro andar enquanto eu suo em bicas no sótão, e as justificativas para nossa separação-na-prática-mas-não-na-aparência pairam pelos dois andares que ficam entre nós:

Ela tinha medo de que eu a traísse, e isso a magoava.

Ela ainda sentia algo por David, o cara com quem *ela* me traiu, e *isso* a magoava.

Ela não tinha certeza de que eu não a estava usando pelo dinheiro.

Ela não podia contar comigo.

Ela precisava de tempo para pensar nas coisas.

Eu engolira minha frustração e carregara todas as minhas coisas para o último andar, quase quebrando o pescoço três vezes e na dúvida de que ela se importaria caso acontecesse.

Eu não tinha ressaltado que foi ela quem insistiu na compra da casa para começo de conversa — que falara sobre a casa como um investimento para nós dois, uma maneira de nos reconectar e de reafirmar o compromisso dela depois da questão com David. Ela tinha insistido que íamos nos casar de qualquer forma, apesar de tudo, e que os preços não ficariam tão baixos naquela vizinhança por muito tempo.

Eu tinha continuado com ela e concordado com a compra da casa em parte porque, poxa, ninguém nunca tinha insistido tanto assim em mim; e em parte porque era ela quem vinha de uma família rica e ia cuidar de toda a parte financeira pesada.

Nossa, soa tão imbecil quando falo assim. Ela não armou uma cilada para mim; eu era só um idiota que precisava provar alguma coisa. Não tinha a mais vaga ideia do que a compra de uma casa implicava — minha mãe e eu nos mudamos de apartamento para apartamento, sempre fugindo dos avisos de despejo e presos às más decisões dela.

Eu também não tinha ideia de como um relacionamento saudável deveria ser. Minha relação com Kim parecia *normal*, como nas séries de TV em que a mulher arranja picuinhas e o marido está meio melancólico com a situação de sua vida, mas tudo bem. É assim que as coisas são.

Agora, a observo e vejo uma provocação em seus olhos. Eles revelam que ela sabe que me incomoda com as reformas tarde da noite e de manhã cedo, com as alfinetadas a respeito do meu desemprego, e gosta disso.

Talvez isso *seja* normal.

Há situações piores. Olhos roxos, machucados e buracos na parede feitos por punhos e não por martelos, por exemplo.

Vou até a cafeteira que está em cima da cadeira de bar e ponho as costas dos dedos na jarra, para ver se ainda está quente.

— Talvez tenha um pouco de poeira de tinta aí — avisa ela, com um tom que fica entre a piada e o desdém.

— Não usou tinta com chumbo, não é? — pergunto, de brincadeira.

Ela revira os olhos e até parecem os velhos tempos, o que me faz pensar se os velhos tempos tinham sido realmente bons.

Faço um novo café.

* * *

UMA HORA DEPOIS, consegui dar à cozinha uma mínima aparência de ordem enquanto ela pintava as portas dos armários no quintal. Até parece um pouco com a época em que fazíamos as coisas como um casal, sem esse desprezo

que agora surge por qualquer motivo e que levou a esse esquema de moradia em andares separados.

Quando ela volta para dentro de casa, com o rosto corado e o olhar sereno, de repente sou tomado pela ingênua convicção de que podemos voltar a ser o que éramos antes.

Acho que podemos.

Talvez?

Não sei. Mas parte de mim, provavelmente aquela cheia da gentileza autodestrutiva que herdei da minha mãe, me leva a dizer:

— Tem um lugar novo que serve brunch a três quarteirões daqui, onde ficava aquele restaurante dominicano. Ouvi dizer que fazem um bife vegano com ovos mexidos maravilhoso. Quer experimentar?

Seus ombros enrijecem. Ela está tensa, irritada.

— Olha, Theo...

— É só comida — digo, e então chego mais perto, no lugar onde deveria estar o fogão. — Vai ter que pedir de qualquer jeito.

— Precisa que eu pague ou algo assim? — pergunta ela, friamente, como se a minha insistência em pagar pelas coisas não fosse um dos motivos mais recorrentes de brigas idiotas.

— É por minha conta — respondo, sem morder a isca. — Ou podemos ir até a lojinha da esquina. Eles têm opções vegetarianas.

Kim faz que sim, mas não há qualquer animação ou interesse em seus olhos. Ela pega o telefone, destrava e desliza a tela enquanto saímos de casa.

Nós costumávamos fazer longas caminhadas juntos o tempo inteiro, sem motivo. Kim tinha o hábito de sair para correr. Agora? Ela tem uma esteira naquele que devia ser o meu quarto de jogos e vai de Uber para todos os lugares.

Começou poucas semanas depois que nos mudamos. Ela chegou em casa chorando e dizendo que um grupo de adolescentes a seguira ao sair da estação de trem, ameaçando-a, depois de ela ter pedido que parassem de rir tão alto dentro do trem. Fiquei me perguntando por que ela simplesmente não tinha colocado os fones de ouvido com cancelamento de ruído, mas ela estava trêmula ao entrar em casa, então não era o melhor momento para perguntar.

— Foi muito assustador! E eu olhei em volta e percebi que todo mundo era... Não sei se alguém teria me ajudado — observou. — Há muito poucos de nós aqui.

Fiquei confuso.

— Nós?

Ela levantou a cabeça para me olhar e percebi que não estava tremendo de medo. Estava furiosa.

— Sabe o que eu quero dizer — disse, irritada. — É melhor essa vizinhança mudar tão rápido quanto o corretor disse que mudaria, porque não vou aturar esse monte de...

Ela respirou fundo.

— Eu estava em meu pleno direito. E a forma como reagiram só mostrou que eles são perigosos.

— Pois é — respondi, acariciando suas costas e com uma sensação estranha na boca do estômago.

Ela olhou nos meus olhos, ainda irada.

— Você teria feito algo, não teria? Se estivesse lá e eles tentassem qualquer coisa?

— Tipo o quê?

Ela me empurrou e saiu furiosa.

Kim mantém uma foto de Michelle Obama emoldurada em nossa sala de estar, então ela não é... Você sabe. Ela estava abalada, só isso, e àquela altura nossa relação se mantinha tão firme quanto um prédio prestes a desabar. Eu não queria insistir. Talvez não quisesse saber o que ela teria respondido.

Agora, enquanto caminhamos até a loja da esquina, há uns trinta centímetros de ar úmido entre nós. Já está muito quente, e o sol ainda nem atingiu seu ponto mais alto no céu. Ares-condicionados emitem seus zunidos debaixo de cada janela sob as quais passamos, aquele barulho zombando da minha cara, mas é difícil me irritar enquanto caminho pela nossa rua.

Talvez seja porque eu cresci em cidadezinhas de merda, cheias de trailers caindo aos pedaços, mas aquela cor pigmentada dos edifícios Brownstone, o cinza-ardósia das calçadas, as pedras, o cimento e as plantas que encontram um jeito de crescer em qualquer mínimo pedaço de terra... É claro que concordei com a ideia de me mudar para este lugar.

Nossa casa é mais como uma prisão, mas a vizinhança parece ter saído de um filme. Quando caminho por Gifford Place, ou apenas observo o bairro pela janela, não me sinto atropelado pelo caminhão de decisões erradas que tomei. Sinto que talvez este seja um lugar ao qual posso pertencer, com o tempo. Para ser honesto, é por isso que estou indo com Kim até a loja, é por isso que estou tentando — não quero me mudar. Acho que o fato de eu amar mais a nossa

casa do que amo Kim neste momento faz com que eu seja um pouco babaca.

Olho para ela; os dedos estão digitando uma mensagem para alguém na tela do seu smartphone gigante. Vejo as palavras *loja da esquina cheia de baratas* e desvio o olhar, que acaba encontrando um Range Rover sofisticado que nunca tinha visto na vizinhança.

O sr. Perkins e seu cachorro estão vindo em nossa direção, ambos olhando para os dois lados em busca de um vizinho para cumprimentar ou de algo que esteja errado.

— Olá — diz o sr. Perkins quando nossos caminhos se cruzam. — Estão tendo um bom fim de semana?

— Tudo bem por enquanto — respondo, e me curvo para fazer carinho no cachorro, com a certeza de que minha mão vai ficar com cheiro de salgadinhos de milho. — Quem é um bom garoto?

— Com certeza não é este cachorro — responde o sr. Perkins com carinho e um olhar de ironia para o cão. — Count roubou a costelinha de porco que eu estava marinando quando cochilei vendo TV.

O cachorro olha para o chão, como se soubesse que estamos falando de seus crimes, e nós dois rimos.

— Ah — murmura Kim para o cachorro ao meu lado. — Você vai pegar triquinose porque seu dono foi irresponsável!

— Kim — repreendo.

Sabia que ela era uma escrota comigo, mas isso era diferente.

— Estou brincando — rebate ela.

— Está bem — observa o sr. Perkins, e sua expressão simpática fica meio desconfiada. — Só queria avisar, caso

não tenham visto no OurHood, que vamos fazer a festa anual do bairro para celebrar o Dia do Trabalho no próximo domingo. O último encontro do comitê de planejamento vai ser amanhã à noite lá em casa, por volta das sete.

— Claro — respondo. — Vamos lá e... — Olho para o lado e vejo que Kim já foi. Faço uma cara de pesar, algo em que me especializei no último ano. — Eu estarei lá — digo e, quando ele acena dando tchau, saio correndo para alcançá-la. — O que foi aquilo? — pergunto, tentando manter o tom de voz baixo, mas o fato de não conseguir andar alguns poucos metros sem algum tipo de drama está me irritando.

— Achei que você estivesse com fome.

Posso sentir a aparente boa vontade que ela havia me concedido se esvaindo completamente. Na mesma hora, me arrependo de ter dito alguma coisa. Agora, ela vai me dar um gelo ainda maior. E essa caminhada, que deveria simbolizar um pequeno passo à frente, acabou nos levando dez passos para trás. Qualquer dia, um desses passos para trás vai ser dado à beira de um precipício.

— Ei, Preston! — chama uma voz jovem.

Depois do grito, vem o estalido do eixo de rodas de bicicleta, e Kim se vira assustada, de olhos arregalados.

Olho para trás e vejo um adolescente conhecido — musculoso, de pele escura e ostentando um corte de cabelo anguloso que está na moda de novo — parar sua bicicleta na frente de uma das casas. A porta se abre e lá de dentro sai o garoto que costumo ver ao lado dele, mais magro e de pele mais clara.

— Já avisei, Len, minha mãe não gosta quando você grita na porta de casa — observa o garoto chamado Preston, em

tom de bronca.

— Desculpa, sra. Jones! — grita Len, com o jeito antipático típico dos adolescentes, e Preston solta um suspiro de sofrimento.

Eu gosto desta característica da vizinhança: famílias e amigos. Famílias normais que se conhecem e põem o papo em dia ao chegar do trabalho à noite, que cuidam dos filhos uns dos outros, e não apenas vizinhos cujas brigas você ouve através das paredes finas dos condomínios.

Isso me lembra de um dos melhores momentos da minha juventude, quando passei um verão com meus avós em Michigan. Eles perguntaram se eu queria ficar com eles e me matricularam na escola local. Lá havia crianças da minha idade que nunca tinham ouvido minha mãe apanhar à noite nem visto sua maquiagem malfeita, então não tinham como me considerar diferente ou comum a ponto de não poderem fazer amizade comigo. O grupo de garotos da vizinhança me emprestou uma bicicleta e pedalávamos pelas estradas no meio do nada, rindo e fazendo piadas.

Pouco antes de as aulas começarem, minha mãe levou mais um pé na bunda e decidiu que eu devia voltar para “casa” para ficar com ela, e prometeu que eu poderia visitar meus avós de novo no verão seguinte. Esperei por aquilo o ano inteiro, mas minha mãe se meteu em outro problema e meu verão acabou se perdendo no meio do caminho.

Passei a maior parte da infância sofrendo graças às decisões turbulentas da minha mãe. Pelo visto, o fruto não cai mesmo longe da árvore.

Cai pertinho e apodrece.

Kim apressa o passo.

— Eles são tão barulhentos. Jesus.

Ela está segurando o telefone na outra mão, aberto no aplicativo OurHood, e começa a digitar de um jeito estranho com o polegar.

Abro a porta da loja da esquina e uma rajada de ar gelado me atinge, a música do Oriente Médio se espalhando. O lugar ainda era meio duvidoso, mas aos poucos eles tentavam se adaptar com uma seleção melhor de cervejas e opções de sanduíches veganos, essas coisas. Não tinham aquele painel de acrílico à prova de balas com um pequeno carrossel para os clientes colocarem o dinheiro e pegarem a comida, como a loja de bebidas e o restaurante chinês a dois quarteirões dali.

Frito, a gata branca cheia de pintinhas da loja, corre por ali e enrosca o corpo roliço nos pés de Kim.

— Isso devia ser uma violação das normas sanitárias — murmura ela, enquanto afasta o bicho com o pé.

Ignoro e sigo para a parte da churrasqueira.

— Um mexido de tofu no pão, com cheddar e bacon veganos, e um sanduíche americano de presunto, queijo e ovo, com sal, pimenta e ketchup — peço quando o cara da churrasqueira se vira para mim.

Ele não sorri, apenas acena com a cabeça e começa a preparar tudo.

O cara que fica no caixa é mais sociável, conversa com os clientes e deseja boa sorte a quem compra bilhetes de loteria, enquanto provavelmente fala mal deles em sua própria língua com o colega.

Há poucas pessoas circulando pela loja, e passo por elas quando vou em direção às geladeiras no fundo para pegar

uma caixa de cerveja. Preciso dar uma controlada na bebida, mas às vezes parece que eu posso sentir o desprezo de Kim escorrendo pelo assoalho da casa, mesmo que ela passe a maior parte do tempo me ignorando. Quando não estou fora de casa tentando ganhar algum dinheiro, uma cerveja e um videogame me ajudam a criar um campo de força de apatia. Estou concentrado tentando escolher entre uma IPA e uma refrescante Amber Ale — o tipo de coisa que me fazia zoar as pessoas antes de conhecer Kim — quando a conversa na parte da frente da loja fica mais estridente.

— Vai mesmo começar a chorar? Por causa disso? — pergunta uma voz de mulher.

Eu a reconheço, uma voz tranquila, controlada, mesmo em meio à irritação.

Ando rápido pelo corredor e vejo Kim olhando para a mulher do outro lado da rua, aquela conhecida raiva corroendo sua expressão.

— Eu disse que não vi você na fila e...

— E eu enfatizei que estou vestindo uma roupa amarela, e olha que já é bem difícil não me notar.

Eu deveria apoiar Kim, mas a outra mulher está certa. Seria impossível deixar de vê-la, mesmo sem a bandana amarela no cabelo, a camiseta amarela e o macaquinho jeans que poderiam resultar numa fantasia meio ridícula de fazendeira, mas não resultavam. *Não mesmo*.

— O que está querendo dizer? — Kim está com os olhos arregalados, os lábios apertados e, ah, meu Deus, aquele olhar nunca é prenúncio de coisa boa.

— Estou dizendo que, mesmo que não tenha me visto, quando você se dá conta de que cometeu um erro, não é

para simplesmente me ignorar e continuar fazendo sua compra. É para sair do caminho e me deixar fazer a minha. Como uma pessoa civilizada.

O rosto de Kim está corado.

— Você precisa parar de me atacar.

A mulher inclina a cabeça, confusa.

— Atacar?

— Você está fazendo com que eu não me sinta segura, e, se não parar, eu vou... Eu vou chamar a polícia — diz Kim.

Há uma alegria maliciosa em seu olhar ao dizer isso, a mesma de quando ela percebe que sua reforma me acordou. Uma expressão que diz: *Estou provocando você apenas porque eu posso*.

Todo mundo na birosca está parado e há uma tensão repentina no ar, tão sufocante quanto a umidade lá fora. As pessoas que estavam fora do meu campo de visão começam a entrar em foco. Um homem mais velho segurando um bilhete de loteria, o cabelo grisalho e o olhar inexpressivo para Kim. Uma mulher de trinta e poucos anos com um adolescente quase mais alto do que ela. Ela abraça o garoto pelo ombro e tem raiva no olhar. Um jovem hispânico que secretamente grava a cena no celular, os lábios curvados num pequeno sorriso de desdém.

Os empregados também estão parados. O cara simpático do outro lado do balcão agora está com o semblante neutro, mas ele de repente pisca para mim, como que implorando.

— Peguei a cerveja! — digo com uma animação um pouco exagerada ao dar um passo à frente, o mesmo tom que minha mãe usava para me distrair do corretivo ruim que cobria seus machucados.

Kim vira o rosto para mim e sua expressão maldosa vai se desmanchando. As lágrimas começam a cair pelas bochechas e ela corre para meus braços. Fico ao mesmo tempo aliviado e confuso quando sua respiração quente encontra meu peito, aos soluços. Eu não a abraço há tanto tempo que tinha me esquecido de como era bom. Como era necessário.

— Theo, ela me disse coisas horríveis!

A mulher faz um barulho de reprovação com a boca e pega a sacola no balcão.

— Tchau, Abdul.

— Coloquei uma coisinha especial na sua sacola. Tenha um bom dia, *habibi* — responde Abdul, com uma expressão triste.

— Tarde demais para isso.

Kim dá uma espiada por cima do meu braço, os olhos apertados enquanto a mulher sai da loja.

— Dá para acreditar nisso? — Agora já não há mais lágrimas em sua voz, apenas raiva. — Só porque eu não a vi! Essa gente está sempre procurando um motivo para ficar revoltada.

Eu me desvencilho dela sentindo o peso do olhar dos outros clientes.

Pago depressa, o rosto vermelho de vergonha. Penso na última vez que Kim chorou comigo, e o limite que ela estabelecera.

Nós.

Eles.

Post de John Perkins no aplicativo OurHood, Gifford Place:
A festa anual do bairro para celebrar o Dia do Trabalho é no próximo fim de semana! A última reunião de planejamento será nesta segunda-feira, na minha casa, às 19h. Ou em qualquer horário que você consiga chegar antes que *Law and Order* comece, às 21h. Será servido um lanchinho. :-)

Amber Griffin: Talvez a gente se atrase por causa do ensaio de dança para o desfile do Dia das Antilhas, mas nós vamos!

Candace Tompkins: Preparem-se, mocinhas! Se tiverem sorte, ensino alguns passos de dança na reunião.

LaTasha Clifton: X_x

Jen Peterson: Eba! Ansiosa para brincar com o Count!

Jenn Lithwick: Superanimada pra ajudar a planejar nossa primeira festa do bairro!

Kavaughn Murphy: Estarei lá depois da reunião do conselho comunitário. O pessoal está vendo se é possível ainda fazer algo em relação ao acordo da VerenTech, mas parece que é tarde demais.

CAPÍTULO 3

Sydney

MEU CELULAR VIBRA quando abro a porta de casa.

Mudo a sacola cheia de salgadinhos e molho para a mão esquerda e pego o aparelho fininho no bolso. Sinto o estômago revirar ao ver escrito na tela ADVOGADOS DA MAMÃE. Nunca atualizei o contato para Gladstone e Gianetti, o que certamente seria melhor para meus nervos toda vez que ligassem. Penso em deixar a ligação cair na caixa postal, mas mamãe precisa que eu resolva essa merda já que ela não pode.

— Alô, aqui é Sydney Green — digo com uma voz simpática e me viro para a caixa de correio que fica ao lado da porta.

Não conferia a correspondência havia duas semanas, e uma rápida folheada pelos envelopes enfiados ali faz com que eu me arrependa. Ofertas golpistas de cartão de crédito; avisos de cobrança de hospitais, daqui e de Seattle; a conta de água, de luz; o boleto mais recente da casa de repouso também. Vou ter que negociar um parcelamento da próxima vez que eu me forçar a ir lá.

— Olá, srta. Green. — A voz serena e familiar da recepcionista do escritório dos advogados. — Desculpe pela demora em retornar a respeito do caso de sua mãe. Ela está bem, eu espero.

Fecho a caixa de correio e começo a descer as escadas.

— Ela está resistindo. A mulher é forte mesmo — respondo. Dou uma olhadinha por cima da grade, vejo que ninguém chegou cedo para a reunião na casa do sr. Perkins e fico ali fazendo hora. — Alguma novidade?

— Como você foi informada, em casos como esse normalmente não há recurso. Mas a srta. Gianetti encontrou algumas coisas que podem ajudar a levar o processo à frente, e gostaria de compartilhá-las com você e sua mãe. Ela pode ligar na quinta de manhã, às oito e meia?

— Pode! Seria ótimo. Estou... Estou mesmo esperançosa de que vamos conseguir solucionar isso. A mamãe ficaria tão feliz, principalmente com tudo o que está acontecendo.

— Ela estará na ligação? — pergunta a recepcionista.

— Vamos ver como ela estará se sentindo.

— É claro — diz ela, e depois vem uma pausa constrangedora. — E há a questão do pagamento...

Faço um som de escárnio. Uma risada. Uma combinação dos dois barulhos.

— Não se preocupe. Enviei um cheque para o próximo pagamento, deve chegar aí pelo correio em breve.

— Certo. Ótimo. Falo com você na quinta às oito e meia, então.

— Obrigada.

Devolvo o celular ao bolso com as mãos tremendo. Está bem. Quinta-feira. Tento não me animar demais, mas se fosse uma notícia ruim eles não me avisariam, não é? Isso não é diagnóstico médico.

Respiro fundo e me dirijo à casa ao lado.

O portão de entrada do quintal do sr. Perkins está coberto pelas folhas das plantas que cercam suas janelas — elas vieram de mudas da minha mãe, assim como muitas das plantas nos vasos espalhados por esta rua. As folhas roçam em meu rosto na entrada, macias e cheirando como as mãos de jardineira da minha mãe.

A porta está entreaberta, e bufo com irritação ao entrar.

— Quantas vezes preciso dizer para trancar a porta?

Nenhuma resposta, a não ser o murmúrio da TV e o zumbido do ar-condicionado.

Sou recebida por outros cheiros familiares, mas não pelo sr. Perkins — pó de café, jornais tão velhos quanto eu arrumados em pilhas do meu tamanho, tapete mofado, embora o antigo tenha sido finalmente removido depois do furacão Sandy.

Quando a sra. Perkins estava viva, chamava essa parte da casa de prefeitura porque as pessoas apareciam ali para falar de questões da vizinhança: eleições locais, a maneira de lidar com quem criava problemas — criminosos ou policiais — e quem estava precisando de ajuda e não pedia.

O ambiente ainda tem essa função, mas, agora que muitos dos moradores antigos foram embora e os novos são mais antissociais, parece mais uma subprefeitura.

As paredes ainda estão cobertas por velhos painéis de madeira escura de outra era, e há ainda caixas cheias de papéis, livros e sabe-se lá o que mais empilhadas ao longo das paredes. Ele não é exatamente um acumulador, mas Marie Kondo com certeza lhe diria para se livrar de algumas dessas tralhas.

Eu sei por que ele não faz isso. O apartamento da mamãe continua igual ao dia em que ela saiu, a não ser por seu cobertor favorito. Achei que ela gostaria de levá-lo, para ter algo familiar. Quando ela esteve no hospital pela primeira vez — bem, a primeira vez desde que voltei de Seattle —, reclamava do frio e sempre estendia a mão para pegar o cobertor de crochê que, em casa, ficava no pé da cama.

Uma corrente de ar estranha passa pelo corredor, um frio que o ar-condicionado não consegue produzir.

— Sr. Perkins? Count?

Entro no cômodo escuro, com sua mistura de sofás e cadeiras adquiridas ao longo dos anos em centros de caridade. As cortinas blecaute estão fechadas, e o sr. Perkins tira uma soneca em sua poltrona reclinável toda rasgada e remendada com fita adesiva. Count ronca a seus pés, o cão de guarda mais inútil da história. A luz da televisão, ligada no canal de compras, lança sombras sobre os dois, mas depois de um instante percebo que não é apenas a luz criando uma ilusão de movimento. Ou então minha falta de sono está pregando peças em mim.

O sr. Perkins se sacode enquanto dorme — movimentos curtos e isolados por todo o corpo. Count faz o mesmo a seus pés. São espasmos e contrações anormais que eu poderia ter confundido com uma convulsão se não estivessem acontecendo com os dois. Se não tivessem despertado uma sensação de preocupação na boca do estômago.

Count rosna e geme enquanto suas patas se contraem.

— Sr. Perkins?

Tento chamá-lo, mas minha voz é praticamente um sussurro, como se estivesse num pesadelo. Como no dia em que encontrei a mamãe...

Não. Não.

Um suor pegajoso cobre minha pele e a ansiedade borbulha por todo o meu corpo, como um comprimido efervescente feito de medo. Tateio em busca do interruptor da luz, esquecendo onde está apesar de já tê-lo visto mil vezes. Minha mão trêmula apalpa o painel empoeirado por um momento de desespero, que parece bastante longo, até que o espaço entre meu polegar e o indicador finalmente toca o botão. Empurro para cima para ligar.

Pigarreio.

— Sr. Perkins?

Ele acorda assustado, finalmente, os olhos arregalados ao se virar para mim. Por uma fração de segundo, não há qualquer identificação, apenas terror, e então ele põe a mão no peito e solta o ar num suspiro.

— Meu Deus. Já teve um daqueles pesadelos em que há algo em cima de você, vigiando, e você não consegue se mexer? — pergunta ele, esfregando os braços com as mãos, afastando os arrepios. — Como se seus braços e pernas estivessem paralisados?

Mamãe dizia que isso era “o diabo no canto”, e esse mesmo diabo tem me visitado nos últimos meses. Drea diz que é ansiedade e me receitou um Zolpidem para dormir, só que isso piorou a situação.

— Mas você está bem agora, não está?

Ele me olha e dá um sorriso tranquilizador.

— Estou bem. Não devia ter comido *roti* no jantar, foi isso. Muito pesado para o meu estômago.

— É difícil resistir a uma boa comida de Trinidad — digo, enquanto coço o ombro. Olho para ver se não há nenhuma nova mordida. — Quantas pessoas devem aparecer hoje?

— Talvez dez? Diferente do que era antigamente, quando esta sala estaria lotada e Odetta faria sua limonada... — Sua voz desaparece e ele segura o braço da cadeira, olhando para o chão. Os ombros sobem e descem até que ele finalmente balança a cabeça. — Vou pegar o lanche na cozinha lá em cima.

— Eu pego.

— Sydney, quer fazer eu me sentir velho? Eu pego. — Ele sorri, já parecendo ter afastado os vestígios do pesadelo. — Count vai me ajudar.

Count se levanta com um latido, vai atrás dele e tromba nas pernas do sr. Perkins quando ele para e se vira para mim.

— Ah, achei uns papéis no meio das coisas de Odetta que podem ajudar com seu passeio. Estão naquela pasta ali.

A mulher dele era bibliotecária e adorava fazer projetos sobre a história do bairro. Sei que deve ter sido difícil vasculhar as coisas dela e procurar isso para mim, mas ele o fez para contribuir com meu plano idiota.

— Obrigada.

Ele e Count saem andando, animados. Eu pego a pasta sanfonada em cima da TV, coloco a sacola de salgadinhos no lugar, abro as cortinas para deixar entrar a luz do início da noite e me acomodo em uma das poltronas descombinadas do cômodo.

A expressão *Coisas do bairro* está rabiscada, com a letra da sra. Perkins, numa etiqueta branca no canto da pasta.

Desfaço a amarração apertada do fio em volta da aba e com cuidado retiro o papel que está por cima. É a reprodução de um panfleto que provavelmente foi feita numa copiadora antiga, a manivela, dado o amarelado do papel.

Notícias da América. 1638. Por John Underhill.

> De acordo com minhas capacidades, devo começar com uma narração de nossos procedimentos dignos de uma guerra, e vou relacionar os locais especiais adequados para *Novos Latifúndios* com suas descrições, como encontrarei justificação no seguinte discurso, mas devo, conforme minha promessa, começar com um verdadeiro relato das guerras da nova *Inglaterra* contra os nativos de *Block Island* e aquela nação bárbara e insolente chamada de *Pequeats*, que, pela espada do Senhor, e alguns instrumentos mais fracos, soldados pouco acostumados à guerra, foram expulsos de seu país e mortos pela espada, chegando ao número de mil e quinhentas almas no espaço de dois meses ou menos: *então seu país está completamente dominado e nas mãos dos ingleses*. E com a finalidade de que seja dada ao nome de Deus a glória e seu povo veja seu poder e amplie sua honra para sua grande bondade, eu estive empenhado, de acordo com minhas parcas capacidades, a expor o relato completo da Guerra desde o primeiro levante até o fim com a vitória...

Leva um tempinho para entender a escrita, mas isso parece ser claramente alguém se gabando: *Olha só quantos indígenas nós matamos para roubar suas terras*, como uma espécie de versão antiquada de uma confissão on-line assustadora. Começo a guardar o papel, mas uma segunda frase sublinhada me chama a atenção.

A verdade é que quero mais tempo para explorar a excelência do país inteiro.

Underhill — percebo que provavelmente é ele que batiza a Avenida Underhill, uma rua pela qual passei muitas vezes ao longo da vida — continua e vai listando todas as qualidades das terras que vão da Nova Inglaterra até Nova Jersey. O solo bom, os locais perfeitos para atracar navios ingleses, a linda terra que não é valorizada por seus habitantes, embora, às vezes, enquanto divaga a respeito de como o local está pronto para morar, ele passe a impressão de que não é um lugar habitado.

Sinto uma onda de arrepios pelo braço e guardo depressa o folheto de volta na pasta sanfonada em meu colo. Esse não é o tipo de coisa sobre a qual vou falar no passeio, mas toda e qualquer história é útil de alguma maneira.

Tento imaginar como Gifford Place parecia para as pessoas que viviam aqui naquela época. Árvores gigantescas e um matagal denso. Uma escuridão ainda não maculada pelas luzes da cidade. E, nessa escuridão, a chegada repentina de homens que haviam decidido que a terra era deles...

... mortos pela espada, chegando ao número de mil e quinhentas almas no espaço de dois meses ou menos...

— Oi.

Dou um pulo, abalada por meus pensamentos, que têm se fundido com os sonhos porque estou cansada para caramba.

Quando olho, o namorado da Mocinha do Rabo de Cavalo está parado na porta, o cabelo bagunçado, a barba curta

impecavelmente aparada, os olhos azuis brilhando com um tipo de curiosidade especial.

— Oi. — Minha voz está impregnada de tudo que consigo reunir do sentimento “nem pense nessa porra”.

Ele senta no sofá antigo coberto com um plástico, na minha frente, e aparentemente não percebeu o que estou querendo dizer, porque sorri para mim. Ele tem uma aparência meio esquisita, várias feições se destacam em vez de apenas uma ou duas, mas até que fica bem nele. “Feio-interessante” é a expressão que Drea talvez usasse para descrevê-lo.

— Nos encontramos novamente — diz ele.

— Na verdade, nós nunca nos encontramos. Você é um homem branco estranho que entrou na casa do meu amigo — observo, e toco a pasta em meu colo. — Com base no que estou lendo aqui sobre sua gente, talvez você tenha vindo para reivindicá-la como sua.

Ele dá de ombros.

— A única coisa que quero reivindicar é o seguro-desemprego. E mal estou dando conta de fazer isso.

Aperto os lábios para não lhe dar a satisfação de ver meu sorriso.

— Vamos nos conhecer oficialmente agora, então — sugere ele, estendendo a mão e se inclinando para a frente. Ele estica tanto o braço e o corpo que nem preciso me mexer se quiser apertar sua mão. — Eu sou o Theo. Moro na casa em frente à sua. Não tenho sido um vizinho muito agradável, mas estou tentando mudar isso.

Hesitante, estendo a mão para um aperto rápido com a ponta dos dedos, mas ele envolve minha mão e a segura

por um pouco mais de tempo que o necessário. Quase deixo a mão ali, porque a parte de mim que adora atenção é confiante o suficiente para gostar daquilo, mas então a recolho.

Nada de garimpar no Riacho dos Pegadores, e muito menos escalar a Montanha dos Caras Brancos Infiéis.

— Sua esposa encantadora vem também? Ou está ocupada ameaçando denunciar outras pessoas negras inocentes para a polícia?

— Não somos casados. É... complicado. — Ele recosta no sofá e alisa a barba. Quando começa a falar novamente, há ironia e frustração misturadas em sua voz. — A Kim não vem. Mas quero pedir desculpas pelo que aconteceu na loja ontem. Ela não é... Ela não é *assim* normalmente. Acho que as coisas estão meio esquisitas desde que nos mudamos para cá.

— Aham. — É tudo que digo em resposta. Não sou a analista dele e não me importo com seu relacionamento.

— Talvez eu possa compensar de alguma forma? — diz ele, com os olhos brilhando. — Você gosta de café? Tem um lugar novo a uns quarteirões daqui.

Olho para ele tentando entender se o cara está mesmo tentando dar em cima de mim *ao mesmo tempo* em que fala sobre sua cara-metade mal-educada que já até quis me denunciar para a polícia.

— Um café amistoso entre vizinhos — completa ele, inclinando-se para a frente de um jeito não ameaçador, embora mais próximo de mim. — Não é nada além disso. Quando fizemos aquele passeio, você...

— Er, oi.

Olho para cima e vejo Drea lançando um olhar curioso para Theo e eu. Seu cabelo está preso num rabo de cavalo cheio, e ela trocou a roupa do trabalho por short e camiseta.

— Theo, esta é a Drea, minha melhor amiga que divide a casa comigo. Drea, este é o Theo, que mora em frente. Ele vive na casa Payne — apresento os dois e, porque sou malvada e gosto de causar, acrescento: — Foi a namorada dele que me ameaçou na loja ontem.

— Ah. *Ah*.

Ela se empoleira no braço da minha poltrona e fixa o olhar em Theo.

Drea tem um metro e meio e está vestida com uma camiseta roxa de unicórnio, mas seu olhar mortal é assustador. É por isso que, do sexto ano até o fim do ensino médio, ninguém nunca mexeu comigo.

— Olá, Brad. É um enorme prazer conhecê-lo — diz ela.

— Ah, é Theo.

Aquele comportamento de flerte sumiu e o corpo dele está tenso, como se a própria Drea tivesse um chifre de unicórnio e pudesse perfurá-lo.

Ótimo.

Drea junta as mãos e depois as coloca entre os joelhos, enquanto inclina o corpo para a frente.

— Você sabe que isso aqui é a reunião de planejamento da festa anual do bairro, não uma arrecadação de recursos para a Associação de Proteção à Polícia, não é?

— Drea — digo, rindo. — Seja legal.

— Beleza. — Ela lança um olhar perverso para Theo. — Mas avise a sua namorada que, se alguma coisa acontecer com minha Sydney ou qualquer um dos meus vizinhos

porque ela quer chamar a polícia à toa, nós vamos ter um problema. E ela não quer arrumar problema comigo.

Ela se recosta de volta, abre os braços e, quando volta a falar, sua voz está mais suave e animada.

— Bem-vindo à vizinhança!

Theo engole em seco.

— Obrigado.

O cômodo começa a encher com a chegada de outros vizinhos: Asia Martin e o filho Len, que já está uns trinta centímetros mais alto do que eu, embora batesse no meu ombro quando me mudei daqui. Jenn e Jen, que trouxeram petiscos caseiros para o Count e hommus para os humanos. Tiffany, LaTasha e Amber, esta última a líder do grupo de dança adolescente do bairro. Ashley e Jamel Jones, sem o filho Preston, que provavelmente está em uma de suas milhares de atividades extracurriculares preparatórias para a faculdade. A srta. Candace, que se prontificou a ajudar na organização dos eventos desde que a sra. Perkins morreu. A conversa preenche o ambiente, e todos servem refrigerante nos copos de plástico e comem salgadinhos; mesmo com tanta gente ali, há buracos visíveis onde antes havia velhos rostos familiares.

Theo termina sentado, meio sem jeito, na ponta do sofá ao lado de Len, que está virado de costas para ele, focado nas três garotas que exibem seus passos de dança para Jenn e Jen. Theo parece nervoso, deslocado, mas tenta aparentar tranquilidade. Era como eu me sentia quando vivi em Seattle sem nunca ter me encaixado de fato em todos os eventos de Marcus, as atividades do trabalho, os esportes, os happy hours. A certa altura, parei de tentar.

— Caramba, mulher, lá vamos nós de novo — resmunga Drea, interrompendo aquele rumo infeliz dos meus pensamentos.

Viro a cabeça e ela está me encarando, uma ruga de reprovação no meio de suas sobrancelhas.

— O quê? — pergunto inocentemente.

— O quê? — Ela me imita, contrariada, e depois se inclina para cochichar no meu ouvido, a voz aguda e cantada. — Por que está olhando fixamente para Theodore, como se tivesse encontrado ouro de tolo, de novo?

Ergo a sobrancelha.

— Está sugerindo que eu simplesmente ignore o homem branco estranho na nossa reunião? Tem lido os jornais? Isso é vigilância. Estou só garantindo que não vai ser necessário chutá-lo daqui.

Ela me encara.

Com os dedos indicador e médio, faço um gesto disfarçado apontando dos meus olhos para a direção de Theo.

— Vi.Gi.Lân.Cia.

Ela olha para mim com um brilho de frustração nos olhos, depois balança a cabeça.

— Você tem o pioooooor gosto de todos. O pior. No entanto... — Ela olha para ele. — Até que ele é um pouquinho *gostoso*, com essas sobrancelhas grossas. Pelo menos parece alguém que coloca páprica no frango. Quem sabe até uma pimenta.

— Drea! Se você não parar com isso...

— Parar com o quê? Prever o seu comportamento idiota com base em uma vida inteira de observação?

Ela diz isso de brincadeira, mas está certa — sempre esteve do meu lado para me avisar quando eu estava prestes a tropeçar e também para me segurar quando eu a ignorava e, inevitavelmente, caía. Na época em que meus pesadelos não eram com o diabo no canto, eles mostravam Drea indo embora e me deixando sozinha e carente. Como Marcus fez.

Ela toca meu ombro delicadamente.

— Sua sorte é que eu te amo.

— É minha sorte mesmo.

Encosto um pouco nela, me permitindo descansar no colo quentinho que me amparou inúmeras vezes ao longo dos anos, em meio a fracassos e decisões ruins, casamento, divórcio e... todo o resto desde que voltei para o Brooklyn. Drea faria qualquer coisa por mim — e, tipo, isso é um fato, não uma suposição.

Os cantos dos meus lábios se curvam num sorriso e solto um suspiro, uma onda de conforto desliza por meu corpo como um cobertor pesado. Começo a me deixar levar por um cochilo, dessa vez sem sonhos estranhos de destruição colonial para estragá-lo.

Drea me cutuca com o cotovelo, me tirando do estado semiadormecido.

— Falei com um carinha do trabalho, do departamento de contratos, sobre o lance da VerenTech do qual você vinha reclamando.

— Não precisava perguntar — respondi, mal-humorada. — Não contei sobre a rejeição ao meu pedido de informação para fazer você trabalhar por mim.

Ela revira os outros.

— Bem, eu perguntei. E não posso mais dizer a ele para deixar quieto, ou ele vai ficar furioso comigo porque já está fazendo um esforço extra graças a todo o sigilo em torno desse projeto.

Este é o problema da Drea: por causa de uma simples pergunta, ela acaba dando a volta ao mundo para conseguir algo que você nem pediu ou, nesse caso, leva o colega de trabalho a fazer algo possivelmente ilegal por uma informação que talvez nem seja útil para mim.

Meu impulso é gritar com ela e dar uma bronca, mas me contenho antes de pisar nesse prego de remorso. Drea... esteve ao meu lado de verdade. Esteve comigo *de verdade* para caralho, e me manteve inteira quando qualquer outra pessoa teria me largado aos pedaços. Tenho demandado muito dela, mas estou muito vazia para lhe dar algo em troca. Ainda assim, aqui estou eu, prestes a dar um chilique porque ela está sendo prestativa demais.

— Obrigada, Drea Bond — respondo, lembrando a mim mesma do quanto sou sortuda. Sei bem como é não ter o tipo de apoio que Drea oferece melhor do que ninguém, e nunca mais quero sentir isso de novo.

Ela faz uma pose, o gesto de arminha com os dedos, então pisca para mim.

— Conta comigo.

— Estou convocando o início desta reunião — anuncia a srta. Candace bem alto, sua voz atravessando o barulho e silenciando todo mundo. — Então, temos uma semana até a festa do bairro. Está quase tudo pronto, mas... — Ela olha em volta e balança a cabeça, contrariada. — Pelo menos quatro pessoas da minha lista não estão aqui.

— Talvez tenham sido capturadas pelas pessoas-toupeira! — sugere Tiffany, com uma voz rouca e sinistra, imitando um apresentador de programa infantil de Dia das Bruxas.

— Ouvi dizer que estão sequestrando gente o verão inteiro! Mas a imprensa está ignorando — afirma LaTasha, balançando a cabeça.

— Está falando sério? — pergunta Jen, com os olhos arregalados. — Achei que essa vizinhança era segura.

— Elas estão brincando, querida — responde Jenn, revirando de leve os olhos, mas de um jeito afetuoso.

— Estão vendo, é por isso que não falam sobre o assunto — insiste LaTasha, soando exatamente como a mãe, de quem provavelmente ouviu essa história. — A tia de Nisha desapareceu e alguém disse que a viu sendo puxada pela grade do metrô.

Amber olha para as duas amigas, cética.

— Não acredito nessa história porque, fala sério, quem anda em cima das grades do metrô? Mesmo que as pessoas-toupeira não existam, você não pode ficar andando na grade do metrô.

Ela está certa. Ninguém com um mínimo de bom senso vai se arriscar a cair numa grade fraca do metrô, num bueiro quebrado ou numa porta de metal instável na frente de uma birosca.

— Onde está o Kavaughn? — pergunta a srta. Candace. — Ele se voluntariou para ajudar Sydney com as últimas pesquisas para o passeio *que ela enfiou no programa de última hora*. As pessoas-toupeira o pegaram também?

O cômodo não retorna ao silêncio, mas as vozes ficam mais baixas enquanto todo mundo olha ao redor,

procurando pelo famoso boné do Mets do Kavaughn.

— Ah — exclama Len, estalando os dedos. — Talvez ele tenha ido visitar a família na Carolina do Norte. Já que as aulas de verão acabaram. Ele passa lá alguns dias todo verão, e é tão roça que nem tem internet!

— Sem internet? — bradam, em horror, Tiffany, LaTasha e Amber, virando-se para ele.

Len fica paralisado, despreparado para ser o centro das atenções das três garotas com quem estava reunindo coragem para falar. Theo o cutuca — de leve, de um jeito encorajador — e impele Len a agir. O garoto joga as mãos para o alto e abre um sorriso galhofeiro.

— Estou falando! “Está me ouvindo?” “Não, irmão, arranja uma fibra ótica!”

Tiffany, LaTasha e Amber caem na risada e Len assume uma postura mais solta, aliviada. Eu, por outro lado, estou totalmente sem esperança.

— Então meu assistente simplesmente foi embora? Legal.

Talvez seja um sinal de que eu deveria desistir da ideia, mesmo sentindo que estaria decepcionando a mamãe.

— Eu posso ajudar — sugere Len. Ele dá uma olhada na direção das meninas, para garantir que estão ouvindo, e depois se volta para mim. — Mas estou fazendo aulas como ouvinte na Universidade de Long Island e trabalhando no acampamento da ACM, então ando bem ocupado.

As garotas começam a cochichar e o peito de Len infla um pouco.

Então Theo levanta aquela mão grande e se pronuncia.

— Posso ajudar também.

— Você não tem nada melhor para fazer? — pergunto.

— Não. — Ele passa a mão pelo cabelo com aquela expressão ensaiada de inocência que os caras brancos fazem quando estão aprontando. — Desempregado, lembra? E nada de aulas também. Provas não são meu ponto forte. Precisa de ajuda com o quê?

— Estou criando o projeto de um passeio histórico pelo bairro — respondo. Theo estava lá quando Zephyr me disse para criar meu próprio passeio, e sinto que estou revelando algum segredo sórdido, mas sua expressão não muda. — Quero fazer uma versão de teste dele na festa.

— Porque ela vai ter um público fiel — provoca o sr. Perkins, e todo mundo ri.

Eu o ignoro.

— Preciso de ajuda com a pesquisa histórica e com o planejamento geral do passeio.

Os olhos de Theo brilham.

— Eu sou bom com pesquisa. E queria mesmo explorar a vizinhança para conhecer melhor os meus... os nossos vizinhos. Posso fazer isso e ajudar você ao mesmo tempo.

Assim, de repente, todo mundo menos Drea está me olhando de um jeito que, se eu não disser sim, vai parecer que chutei um cachorro. A pior parte? Acho que nenhum deles nem se deu conta disso.

— Tenho uma câmera — acrescenta Theo.

— Todo mundo tem uma câmera, cara — observa Len, brincando, porque aparentemente ele agora gosta de Theo a ponto de fazer isso. — Chama celular.

Amber ri e o peito de Len infla ainda mais.

— Aposto que seu passeio vai ser bem melhor do que aquele dos edifícios estilo Brownstone. Se eu puder ajudar

com isso... — diz ele, e dá de ombros. — Vai ser legal.

— Sydney, foi você que colocou isso no programa na última hora — argumenta a srta. Candace com aquele tom "deixa de palhaçada" que me faz lembrar dos anos em que ela passou trabalhando como gerente de banco. — Você precisa de ajuda. Nosso vizinho ofereceu ajuda. Qual é o problema?

Cruzo os braços e olho para Theo.

— Eu ia pagar o Kavaughn, mas não vou pagar você — decreto. — Se quer mesmo ajudar, pode pensar nesse trabalho como reparação histórica.

Lá está. Uma pequena contração no canto do olho. Mas, ao abrir a boca, tudo o que ele diz é:

— Ótimo. É só me dizer quando e onde.

A reunião continua, mas eu me desligo e fico observando Theo enquanto ele interage com aquelas pessoas que conheço a vida inteira. Não tenho ideia de por que esse homem está tão empenhado em me ajudar ou por que do nada resolveu se meter nos assuntos da vizinhança, mas parece que estou prestes a descobrir.

Post de Josie Ulnar no aplicativo OurHood, Gifford Place:
Esta noite, quando estava chegando em casa do trabalho, vi um grupo de homens encapuzados andando devagar de bicicleta pela rua. Não sei se estavam espreitando as casas ou se é parte dos rituais de iniciação das gangues, que aparentemente acontecem nesta época, mas chamei a polícia.

Ashley Jones: Era o meu filho Preston, de 17 anos, tomando conta dos primos, que têm 8 e 11 anos e, por isso, só podem andar de bicicleta de uma esquina até a outra desta rua, ONDE ELES MORAM. (-__-)

Josie Ulnar: Eu só estava sendo cautelosa. A criminalidade vem aumentando e é algo a que todos nós precisamos ficar atentos.

Kim DeVries: Concordo com a Josie. Já houve diversas invasões nas últimas semanas, e as gangues planejam assaltos para os feriadões de três dias, quando as pessoas viajam e ninguém está prestando atenção.

Ashley Jones: www.nyccrime.gov/crimerates. Os índices de criminalidade na nossa vizinhança são os menores em décadas, mas fala aí, mana.

(outros 14 comentários... veja mais)

CAPÍTULO 4

Theo

FOI UMA IDEIA IDIOTA ME VOLUNTARIAR para ajudar a Sydney — eu devia me entrosar o suficiente para que as pessoas me achassem legal. Normal. Não ser o centro das atenções. Mas alguma coisa a respeito dessa minha vizinha me faz tomar decisões por impulso.

Antes desta noite, ela era “a mulher do passeio” e depois “a mulher que observo da minha janela”. Todos os meus encontros com ela foram bruscos e constrangedores, ou de uma distância considerável, como se eu assistisse a uma personagem do The Sims levando a vida. Agora, ela parece... real, eu acho. Assim como todos os vizinhos com quem conversei.

Eu ainda não tinha pensado neles como pessoas reais. Mesmo quando batia papo com o sr. Perkins, mesmo quando olhava da minha janela ou observava as pessoas durante as caminhadas, eu não as estava *vendo* de verdade. É chocante perceber isso, mas, para ser justo, passei a maior parte da vida sendo obrigado a classificar as pessoas rapidamente como ameaças ou... algo mais. Não sobra muito para pensar a respeito de seu passado, seus sentimentos, ou qualquer outra coisa.

Agora quero saber mais. E, sobre Sydney, talvez eu queira mais do que isso.

Segura a onda, parceiro.

Ser voluntário no projeto dela é só um jeito de matar o tempo até que o machado acima da minha cabeça finalmente caia — ou desapareça milagrosamente. Sydney é uma ótima fantasia, mas minha realidade é estar preso numa casa que comprei com uma mulher que mal percebe a minha existência, que dirá nosso relacionamento.

Pretendo subir direto para o meu quartinho apertado no sótão e pesquisar umas coisas de história antes de sair de novo, para Sydney não notar que não sei nada sobre isso. Kim tem mesmo ficado na rua cada vez até mais tarde — o que provavelmente significa exatamente o que estou pensando, então passo as noites passeando também —, mas ouço música pela janela fechada da sala enquanto subo os degraus da entrada.

As notas graves e tristes parecem vir de um dos discos de música clássica de Kim, o que chamo de “trilha sonora cultural para receber visitas”, já que ela em geral escuta Taylor Swift quando está sozinha; deve ter convidado alguém.

A ansiedade me dá um soco no estômago quando imagino os pais dela atrás da porta, aquelas figuras ricas, extremamente críticas, que desde o início deixaram claro que eu não era bom o suficiente, mas me tolerariam por um tempo para Kim ter o que queria.

Uma vez, num jantar de Páscoa na casa deles nos Hamptons, os dois contaram a história de como Kim sempre pedia um coelhinho novo a cada Páscoa e eles cediam, até não terem mais nomes para batizar os coelhos. Quando tentei fazer uma piada dizendo que eles provavelmente

reciclavam o mesmo coelho e só lhe davam outro nome, todos ficaram em silêncio e o pai riu como se eu tivesse pronunciado errado o nome de um prato num restaurante francês.

— Não se guardam brinquedos substituíveis por mais tempo que o necessário — explicou ele, e o desprezo em seus olhos era desproporcional a uma conversa sobre coelhos de Páscoa.

Na época, achei que era uma alfinetada sobre a afeição de Kim por mim, mas hoje acho que ele se indignou com minha deselegância em sugerir que eles não podiam simplesmente comprar algo que queriam, descartar quando se cansassem, e comprar um novo quando a vontade ressurgisse.

Ouço uma gargalhada masculina vinda do primeiro andar, seguida dos risinhos típicos do flerte de Kim.

Talvez não sejam os pais dela. Talvez seja o babaca que sentou na minha frente durante um brunch, há exatamente um ano, e me contou tudo sobre seu plano de aposentadoria como se não tivesse transado com a Kim na jacuzzi horas antes.

Se David tivesse sido presunçoso ou parecesse querer me provocar, isso me daria motivos para ficar com raiva. Mas não. Ele fora insosso e entediante antes, fora insosso e entediante depois, e aparentemente era isso que Kim preferia em comparação a mim. E, em vez de deixá-la, fiquei e tentei fazer as coisas darem certo mais uma vez, como se fosse um desafio pelo qual eu ganharia algum tipo de prêmio.

Eu era mesmo muito filho da minha mãe.

A música de repente fica mais alta enquanto estou ali no primeiro degrau, hesitante, e, quando me viro, Kim está parada com a porta aberta, olhando para mim como se estivesse feliz em me ver. Aquela ansiedade invisível me dá mais alguns socos, agora no peito. Ou talvez seja apenas azia por causa de todos os salgadinhos com molho que engoli depois do fim da reunião de planejamento, como uma desculpa para ficar por lá, porque não queria voltar para o meu sótão abafado.

— Theo?

Kim diz meu nome como antes. Antes de nos mudarmos. Antes de ela se afastar tão completamente a ponto de levar junto uma parte de mim. Antes de um ano atrás, para ser exato, quando eu ouvia o relato enfadonho de David e ela chegou à mesa do brunch vestindo uma blusa decotada que por acaso deixava à mostra um chupão que não era meu, como se estivéssemos numa novela adolescente.

— O que está rolando? — digo, tentando parecer tranquilo, mas acabo soando surpreso, o que é uma reação totalmente sincera, pelo menos desta vez.

— Quer beber alguma coisa com a gente? — pergunta ela, educada, indicando com a cabeça a sala de onde vem o barulho.

— Quem é “a gente”?

Eu me preparo para apenas subir as escadas se ela disser o nome de David, o que parece ser uma possibilidade, diante dos acontecimentos dos últimos meses.

— Os vizinhos da frente. Terry e Josie. Eles nos convidaram para ir lá provar a cerveja artesanal do Terry logo que nos mudamos, lembra?

Ela abre a porta e vejo os vizinhos que moram ao lado de Sydney sorrindo para mim cheios de expectativa, como se fôssemos velhos amigos prestes a botar o papo em dia. A cerveja de Terry tinha gosto de mijo, e fui mordido pelo cachorro e pelo filho deles, então é claro que me lembrava da visita.

— Claro — respondo, tentando desencavar pelo menos um pouco de hospitalidade, ainda que sem entusiasmo. Eu *devia* ficar feliz por Kim estar tentando. — Eu fico um pouquinho.

— Um pouquinho? Tem alguma outra coisa para fazer? — observa Kim, e seu nariz franze um pouco, mas ela mantém o sorriso e me conduz para dentro.

— Olá — cumprimento ao entrar, e me sento no sofá anguloso esquisito que Kim comprou mês passado.

O cômodo tem cheiro de queijo chique, ou seja, cheiro de bunda, misturado com o aroma acre do vinho.

— Theo. Parceiro!

Terry estende a mão sobre a mesinha de centro cheia dos restos de aperitivos e aperta a minha com força. Ostenta um Rolex no pulso, e fico imaginando como ele reagiria se eu o atirasse com força naquela mesinha horrorosa, porém resistente.

— Quanto tempo — diz Josie, e levanta a garrafa de vinho branco. É tão grande que até parece de brinquedo, mas tenho certeza de que o vinho é caro e delicioso. — Quer um pouco?

Kim se senta ao meu lado no sofá.

— Papai trouxe da viagem à França — explica ela, colocando casualmente a mão no meu joelho.

Um arrepio passa por meu corpo ao sentir o conhecido toque de seus dedos. Parece mais íntimo do que se ela tivesse me chamado para transar.

— Que é isso, olha esse cara! — As palavras de Terry estão meio embaralhadas, mas ele parece ser o tipo que toda noite, quando chega em casa, vai direto para o bar antes mesmo de tirar o paletó, então é possível que já tenha passado do estágio de levemente bêbado. Seu rosto é largo e, neste momento, a parte central dele está vermelha e manchada, um clássico beberrão. — Vinho? Estão achando que ele é o quê? Vai beber um uísque, não é?

— Eu...

Terry dá um soco no peito.

— Uísque. Bebida de macho! Isso aí, cara.

Terry deve ser no máximo uns dez anos mais velho do que eu, mas obviamente assumiu o papel do tio bêbado insistente nessa reuniãozinha. Resolvo deixar rolar. Ele passa o copo por cima da mesa e sinto o peso dos três olhares em mim ao dar o primeiro gole, que aquece minha garganta e meu peito.

— E então, como foi? — pergunta Kim, apertando minha perna.

— Como foi o quê?

— A reunião — responde Josie, entrando no assunto com um tom conspiratório. — Sobre a festa do bairro.

— Ah. Foi legal — digo e tomo outro, passando a língua nos dentes.

— Só isso? Legal? — indaga Kim, apertando minha perna um pouco mais forte. — Sobre o que eles falaram?

Parte de mim fica imaginando se ela sabe que eu falei com Sydney, e talvez tenha flertado um pouco também. Se ela sabe que me voluntariei para ajudar com o passeio em vez de sair batendo de porta em porta procurando um emprego que não vai aparecer.

Uso minha mão livre para, gentilmente, tirar sua garra de cima da minha perna.

— Foi uma reunião de planejamento de uma festa. A parte mais emocionante foi quando duas mulheres começaram a falar mal do macarrão com queijo uma da outra.

Dou de ombros e bebo mais um gole, mas Josie estreita os olhos na minha direção.

— Eles não falaram sobre mais nada?

É bizarro como sua expressão passou de uma cordialidade indefinida para um interrogatório afiado, apesar de manter o mesmo sorriso falso. Engulo o resto da bebida e ponho o copo na mesinha, sem paciência.

— Que tal você simplesmente me perguntar o que quer saber? Pelo visto estou por fora de alguma coisa aqui, e não tenho tempo para brincar de adivinhação.

A respiração de Kim chega a meu ouvido antes de ela sussurrar:

— Não seja mal-educado.

— Você não está desempregado? — alfineta Terry, e se inclina para me servir mais uísque. — Eu diria que tem tempo de sobra.

Os três riem, aquela risada de gente rica escrota, e me viro para Kim com as sobrancelhas erguidas.

— O que está rolando aqui? — pergunto, ríspido.

— Não fique chateado, somos todos amigos — pondera Josie. — Vimos a postagem sobre o planejamento da festa no OurHood, e nosso grupo privado decidiu fazer a própria reunião.

— Há grupos privados no OurHood? — pergunto.

Josie me encara e continua.

— Começamos a desconfiar o que exatamente eles estavam aprontando. Precisamos saber se há algo com que nos preocupar. Com relação à segurança.

— Vocês acham que um monte de gente reunida para planejar atividades que enriqueçam a vida dos vizinhos é uma ameaça à segurança. — Dou uma risada, mas ninguém me acompanha. Sei que provavelmente tenho uma visão diferente desses três a respeito do que seja segurança, por causa do meu passado, mas isso é tão engraçado que preciso saber mais. — Estão mesmo preocupados que nossos vizinhos totalmente inofensivos estejam tramando algo contra vocês?

— Eles não são totalmente inofensivos — argumenta Kim. — Uma delas tentou me atacar na loja da esquina. Você viu. Não sei o que ela teria feito se você não tivesse aparecido.

Ela aperta meu braço.

Não digo nada.

— Fala sério, cara — diz Terry. — Não me diga que não percebeu como eles olham para a gente. Ou nunca sentiu. Como se *nós* fôssemos as pessoas que não pertencem a este lugar.

— Se estivesse no nosso grupo privado, você saberia que alguns dos outros vizinhos emergentes têm lidado com alguns... inconvenientes. — Josie aperta os lábios e deixa a

palavra pairar, como se inconveniência fosse a pior coisa do mundo.

Terry faz um barulho estranho com a garganta.

— Houve alguns roubos de encomenda nas soleiras das portas. Produtos caros. Duas casas que estavam no Boomtown foram arrombadas e joias foram roubadas, relíquias de famílias que passaram por gerações.

— E? — pergunto, olhando para ele. — As pessoas são roubadas o tempo inteiro. Aqui é o Brooklyn.

— Um casal foi assaltado a cinco quarteirões daqui por uns gângsteres na semana passada — continuou Josie. — Um casal como vocês dois. Como eu e Terry. Disseram para eles que era “reparação histórica”.

Sydney tinha dito algo do tipo para mim, mas rimos depois porque era uma piada.

— Bom, tenho certeza de que não foi divertido para as pessoas assaltadas, mas obviamente não é uma carta de intenções.

Fico esperando que eles reconheçam o absurdo de tudo aquilo, mas ninguém faz isso.

Terry balança a cabeça.

— Muitas questões surgiram desde que o acordo com a VerenTech foi aventado para esta vizinhança. Baderneiros organizando reuniões, planejando coisas, tentando impedir o acordo a qualquer custo, como eles dizem. Agora que foi aprovado, estamos com medo de que... as coisas se agravem, principalmente porque Josie trabalha lá.

Kim volta a colocar a mão na minha perna, e agora seu toque me parece repulsivo.

— Eles acham que o acordo da VerenTech, e nós, de certa forma, estamos tirando o que é deles ou algo assim. Então pensamos...

— Espera aí, espera aí. Vocês estão mesmo falando sério? — Olho em volta e percebo que sim. — Caramba, Kim. Era literalmente um bando de vizinhos confraternizando e planejando algo divertido para todo mundo, e vocês estão agindo como se fosse a Revolta da Chibata. — Ponho meu copo na mesa e me levanto. — Acho que vocês três deveriam deletar o OurHood, porque claramente está deixando vocês paranoicos. Isso é...

— Isso é o quê? — indagou Terry com a voz baixa e raivosa, seguindo o típico ciclo do bêbado idiota. — Ridículo? Você acha que, porque foi a uma reunião com essa gente, virou *da galera* agora?

— Vocês ficam dizendo “eles” e “essa gente” para se referir aos nossos vizinhos que ainda agora estavam, maquiavelicamente se dividindo para saber quem ia cuidar do pula-pula — respondo, com calma. — Então, sim. É ridículo.

Terry dá um sorriso debochado para mim, uma curva maldosa e familiar em sua boca, e percebo que ele não está falando simplesmente dos “nossos vizinhos”. Está pensando em algo pior.

— Fica calmo, Theo. Estamos só cuidando de você. Kim nos contou dos problemas e achamos que talvez...

— Contou a eles que estamos tendo problemas? — pergunto a Kim.

— Contei a eles que *você* está tendo problemas — esclarece ela. — Eu tenho um emprego e faço a minha parte

na casa.

Não atrasei nenhum pagamento da hipoteca graças aos bicos que tenho conseguido aqui e ali nos últimos meses, mas posso imaginar o que ela disse a essas pessoas.

— A VerenTech vai começar a contratar em breve e... — observa Josie.

— Estamos só tentando ajudar — interrompe Terry. — Precisamos cuidar uns dos outros. Estamos tentando cultivar boas relações entre os vizinhos porque precisamos ter em quem confiar. Saber que podemos contar uns com os outros.

Olho para Kim e me lembro do dia em que ela chegou irritada em casa. *Há muito poucos de nós aqui.*

— Quando se está deprimido e sem emprego, é fácil se envolver com as pessoas erradas — completa Josie, mas estão falando pelas minhas costas agora, porque vou em direção à porta.

Penso em subir as escadas, mas a ideia de ficar preso em casa com Kim e aqueles vizinhos bizarros me leva até a porta da frente. Estou nervoso e irritado, e nem devia estar, porque tudo que eles disseram era absurdo. Ainda assim, mesmo que estivessem preocupados com minha participação em uma espécie de conspiração anarquista, eles também estavam discutindo sobre quão fracassado eu era em sua reuniãozinha particular.

Fico parado no alto da escada por um instante; já está escuro lá fora, mas ainda quente e úmido. As crianças estão indo para casa em grupos de dois, três, quatro. As rodas das bicicletas e suas luzes piscantes passam aceleradas e rodopiando. A casa de Sydney está com as luzes apagadas;

provavelmente ela ainda está na casa do sr. Perkins com a amiga que mora no andar de cima.

Faço o que costumo fazer quando estou frustrado: vou caminhar. Ao longo de quarteirões e mais quarteirões, perambulo por ruas cujos nomes não consigo pronunciar, com estilos arquitetônicos que vão desde casas coloniais atarracadas de dois andares aos grandiosos imóveis em estilo Brownstone com tudo que se tem direito; dos edifícios do pré-guerra com dezenas de apartamentos aos conjuntos habitacionais. Há muita coisa sendo construída também, tudo no mesmo estilo “moderno” sem graça. Trabalhei em alguns canteiros de obra para condomínios como estes — e, depois que comecei a namorar Kim, fiz amizade com pessoas que tinham dinheiro para morar neles. Era o tipo de gente que chamava os outros de “gentalha dos trailers” numa frase e reclamava de vazamentos e paredes finas na outra — os mesmos problemas que assolavam os trailers nos quais cresci. Minha mãe hoje mora num belo trailer que desbanca a maioria desses condomínios, e nem custou meio milhão de dólares.

Estou sempre hiperatento ao que acontece à minha volta, mas esta noite me sinto tenso, e percebo a maneira como as pessoas me olham nas vizinhanças pelas quais caminho. Um grupo de caras da minha idade, todos negros e sentados na porta de casa, cutuca uns aos outros e um deles solta uma gargalhada que soa como uma batata raspando no ralador. Algumas ruas à frente, uma mulher mais velha olha para mim com cautela e se afasta bastante, como se me achasse perigoso, embora me cumprimente quando nossos olhares se cruzam. Passo por outro grupo,

garotos e garotas no fim da adolescência, todos sentados num banco de parque numa daquelas áreas verdes que se espalham por aqui aleatoriamente, e um deles grita: “Boa noite, irmão. Boa noite.” Não sei dizer se ele está meio bêbado e excessivamente simpático ou se está tirando sarro da minha cara. Talvez as duas coisas.

Respondo com um “Para você também, cara” e continuo a caminhar, tentando espantar aquela sensação esquisita que me acompanha desde que saí de casa. Estava finalmente de bom humor ao sair da casa do sr. Perkins, pensando que eu poderia fazer parte dessa vizinhança e gerar algumas fotos para o meu próprio álbum, mas Kim, Terry e Josie botaram essas coisas na minha cabeça e agora estou apreensivo e paranoico.

Fico em dúvida se é isso o que Kim sente o tempo inteiro. Constantemente desconfiada e imaginando, sem qualquer motivo, que todo mundo está querendo prejudicá-la. Eu até tenho motivo, mas nenhuma dessas pessoas por quem passei me preocupa.

Decido ir até o bar a alguns quarteirões de casa, onde de vez em quando eles tocam jazz às segundas-feiras, e que fica em frente à loja de penhores onde já fui algumas vezes. Está silencioso do lado de fora, então entro e me sento. É mais escuro do que eu me lembrava, uma versão mais limpinha e arrumada dos pés-sujos que eu costumava frequentar e, em vez de jazz, está tocando um álbum antigo do Radiohead. Todos os bancos do bar estão ocupados por caras brancos de barba. Todos se viram para me olhar quando a porta se fecha às minhas costas.

A garçonete caminha sem pressa até o fim do bar, é uma garota baixinha, bonita, que reconheço como a universitária que aluga um apartamento do sr. Perkins.

— Oi, vizinho — cumprimenta ela, dando uma piscadela. Parece encarnar aquela típica garota maluquinha e alternativa dos filmes, tanto por causa dos olhos esfumados de maquiagem quanto na personalidade, dada a maneira convidativa com que se inclina sobre o balcão. — O que vai querer? Cerveja? Uísque?

— Na verdade, eu vim pelo jazz. Mas acho que talvez tenha entrado no bar errado...

Tem algo estranho com este lugar que me dá nervoso, tudo parece artificialmente produzido, como um Hard Rock Café hipster. Até os clientes se encaixam no mesmo padrão: os caras do bar vestem uma mesma variação de camiseta com desenhos e jeans escuro, largados sobre uma cerveja ou sobre o celular com a mesma curvatura nas costas. É bizarro.

— Ah, era o lugar anterior — responde ela. — Fecharam há algumas semanas.

— Que droga.

Ela ergue a sobrancelha.

— Você acha? Agora não precisamos mais ir até Fort Greene para encontrar um lugar tranquilo.

Eu achava o lugar anterior bem mais tranquilo do que este pé-sujo fajuto, mas fiquei irritado e não quero mais conversar com ela.

— Certo. — Passo a mão pelo cabelo, aceno com a cabeça e aponto para a porta. — Vou embora.

Ela se inclina um pouco mais e os caras sentados no bar viram a cabeça para olhar sua bunda.

— Te vejo por aí.

Dou um suspiro e saio dali. Sinto o ar úmido me engolfar, e meu humor fica ainda pior. Não estou bêbado, nem mesmo alto, mas a junção dos dois copos de uísque com a decepção daquela noite é o suficiente para me deixar deprimido. Enquanto caminho, dou uma olhada para as janelas com luzes apagadas e percebo que quase todos os locais reformados recentemente agora têm câmeras apontando para a porta. Kim também tinha falado sobre instalar um desses sistemas, mas eu disse que não a queria monitorando, do conforto do celular, quando eu entrava ou saía de casa — embora eu duvide que ela se importe.

Passo pelo antigo hospital e paro. Olho distraidamente através da cerca em volta do prédio — há vários equipamentos de construção jogados ali, e fico imaginando o que tem lá dentro. Já retiraram tudo? Ouço um barulho, como de metal sendo raspado, e chego mais perto.

O prédio está escuro, e a fraca luz amarelo-alaranjada que vem da rua mal ilumina a área logo depois da cerca. Todas as janelas estão um breu, mas de repente um fio de luz pisca em algum lugar nas profundezas daquela escuridão, no andar que fica pouco abaixo do térreo. Pisco algumas vezes e me aproximo ainda mais, estreitando os olhos para tentar enxergar aquela luz mais uma vez...

A mão de alguém pega meu ombro e, um segundo depois, algo pesado me lança contra a cerca.

Um corpo.

A cerca de arame chacoalha e, por instinto, tiro as mãos dos bolsos para tentar revidar, mas meu agressor é grande e me envolve num abraço de urso. As tiras de metal quentes e encardidas pressionam meu rosto, deixando uma marca em formato de diamante, enquanto aquele peso segue em cima de mim, um coração batendo na altura da minha omoplata, a respiração rápida e curta.

Quem quer que seja está fedendo a urina e suor, e prendo a respiração para evitar a ânsia de vômito.

— Na-na — balbucia uma voz grave em meu ouvido, mas o restante da palavra é cortado graças a um tremor violento no corpo da pessoa, que vibra também em mim e na cerca de arame.

Eu me obrigo a relaxar, me afundo na cerca e recuo com força assim que ele me solta um pouco também; consigo deixá-lo desequilibrado, e o homem vai tropeçando para longe.

Quando me viro, com toda a raiva que evitei durante tantos anos correndo em minhas veias, vejo um cara negro e corpulento tentando me alcançar, sem conseguir ficar em pé direito. Ele se segura em mim algumas vezes, mas só consegue pegar o ar quando me afasto.

Imagino o olhar presunçoso de Kim ao me dizer que tentou me avisar. Empurro as mãos dele quando tenta me alcançar novamente.

— Que porra é essa, cara? — grito.

Meio de lado, ele se esforça para ficar de pé, as luzes da rua brilhando em seus olhos embotados. É aí que percebo que seus movimentos estão retardados e as íris escuras dos olhos foram totalmente encobertas pelas pupilas dilatadas.

Ele olha para mim com os olhos semicerrados e fala alguma coisa que soa como “lama”.

— O quê?

Ele faz mais uma investida com a mão em minha direção, abrindo e fechando, e finalmente compreendo.

— Grana? — Solto uma risada de frustração e ele discorda com a cabeça, mas depois assente. — Foi mal, amigo.

Ele fala novamente, ainda como se tivesse um ovo na boca.

— Traga grana. Me ajuda, cara.

Dou um suspiro e baixo a guarda.

— Não pode sair agarrando as pessoas desse jeito. E, desculpa, não posso te ajudar.

Ele arregala os olhos, confusos e cheios de lágrimas.

— Por favor. *Por favor*.

Ele não está bem mesmo.

— Quer que eu chame uma ambulância? Leve você para um hospital?

Ele olha para mim outra vez, focado por um momento, e então me agarra pela gola e me joga na cerca novamente.

— Não! Não! Não! — grita bem no meu rosto, tão próximo que dá para dizer que ele não escova os dentes há dias, e seu cuspe vai parar no canto da minha boca.

Estou prestes a dar um soco na altura de seus rins quando o repentino som agudo de uma sirene chama sua atenção. Quando as luzes vermelhas e azuis se esparramam sobre nós, ele me solta e sai correndo, desajeitado e aos tropeços.

Um sedã preto, uma viatura descaracterizada, para a meu lado enquanto arrumo a gola da camisa. O passageiro no banco do carona, um homem branco de rosto robusto e

corte de cabelo militar, abaixa o vidro da janela. Um sopro de ar frio passa por meu braço quando me aproximo do carro.

— Viu um cara grande, doidão de crack por aqui? — pergunta. — Um cara negro gigante? Recebemos algumas reclamações sobre um homem perturbando as pessoas.

O parceiro, um homem de bigode e cara de italiano, se inclina e olha fixamente para mim.

Aponto para a rua e noto que minha mão está tremendo pela adrenalina.

— Foi naquela direção. Ele me atacou porque não lhe dei dinheiro.

— É mesmo? Não conseguem se controlar, acho. — O policial de corte militar dá uma risada desanimada e balança a cabeça. — Tudo bem. Vamos pegá-lo.

Ele pega um walkie-talkie.

— Sabe que é perigoso ficar andando por aí a essa hora, não sabe? — sugere o policial de bigode. — Espere pelo menos um ano.

Eles ligam a sirene outra vez e partem em velocidade pela rua, na direção do meu agressor.

Ando de volta para casa com o coração batendo disparado no peito e as pernas trêmulas pela adrenalina tardia, mas não consigo parar de pensar nos olhos do agressor. Até mesmo quando estava com as mãos na minha garganta, ele não tinha a expressão de alguém que quisesse me matar. Ou me machucar. Para falar a verdade, ele parecia... assustado.

O vício é uma doença horrível. Nem consigo achar bom o fato de os policiais terem aparecido, porque a cadeia não

vai ajudar aquele cara. Até me arrependo por ter contado a eles sobre o ataque e apontado a direção para onde foi, embora talvez eu tenha salvado outra pessoa que poderia cruzar com ele. Estou a poucos metros de casa quando vejo Kim descendo as escadas e entrando num carro que a espera, com uma mochila nas costas.

Não chamo por ela. Apenas sinto mais um soco no estômago, embora a essa altura pareça só um tapinha de leve.

Depois que o carro vai embora, subo os degraus. Enquanto destranco a porta, olho para cima e, à minha esquerda, vejo a lente preta de uma câmera ao lado da campainha. *Que porra é essa?* Subo para o meu apartamento, esfrego o rosto e as mãos com sabonete e olho pela janela.

Do outro lado da rua, televisões piscam em várias janelas, como um tabuleiro de luzes azuis, e, a distância, ecoa uma sirene de polícia.

Post de Derek James no OurHood, Gifford Place:
Alguém tem sentido um tremor no chão às vezes, durante a noite? Parece a época em que eu morava em Nostrand, em cima da linha A do metrô. Vocês acham que todas essas obras estão mexendo com a infraestrutura, que já é uma bosta? Não tô querendo morrer num buraco de obra.

Angie C.: Sempre acontece às duas da manhã?

Derek James: Sim!

Angie C.: É a hora da bruxa, meu amigo. Arranja uma água benta e um pouco de sálvia e você vai ficar bem.

CAPÍTULO 5

Sydney

ESCOVO OS DENTES COM UMA DAS MÃOS e seguro o celular com a outra, com a página do navegador aberta, rolando a tela pelos resultados para a pergunta “por que parece que minha cama está sacudindo quando pego no sono?”.

Minhas outras buscas nesta manhã foram “terremoto + Brooklyn” e “demônios fazem a cama sacudir?”, então qualquer fulaninho da Agência Nacional de Segurança que esteja monitorando minhas buscas no Google deve estar dando boas risadas.

Eu, por outro lado, estou tão cansada que sinto vontade de vomitar.

A única explicação não sobrenatural entre os resultados é que níveis altos de estresse e consumo excessivo de cafeína podem criar a sensação de que sua cama está sacudindo, da mesma forma que às vezes a gente sente que está caindo, ainda que nem o corpo nem a cama tenham se movido.

Deixo o telefone na borda da pia e termino de escovar os dentes.

O celular vibra e uma mensagem de texto aparece:

> Olá, srta. Green, estamos enviando esta mensagem com uma oferta lucrativa pela sua casa! Por favor, entre em contato pelo telefone 212-555-DINHEIRO.

Apago a mensagem, um ódio com gosto de menta percorre meu corpo enquanto cuspo e lavo a boca.

Esses abutres agora importunam a gente por mensagem de texto? É tipo uma guerra psicológica imobiliária — eles bombardeiam você com panfletos, explodem seu celular com ligações, mandam gente para aparecer na porta de casa e agora também batem ponto na caixa de mensagens. Quantas pessoas eles vencem pelo cansaço, ou pegam num momento de fragilidade ou desespero?

Canalhas.

Aplico corretivo nas olheiras com as mãos tremendo, não quero lidar com perguntas no cabeleireiro. Cinco horas com alguém puxando seu couro cabeludo para fazer tranças é ruim o suficiente, não preciso ouvir comentários de cada pessoa que entrar lá sobre a minha cara de cansada.

Entro no meu quarto e abro a bolsa plástica selada com minhas roupas — depois dos primeiros sustos com os percevejos-de-cama, não vou mais me arriscar. Também checo os rodapés do apartamento e os móveis a cada dois ou três dias. Drea diz que estou maluca, o que não é minha palavra favorita para descrever a mim mesma depois do que houve em Seattle, mas aparentemente ela é imune a eles. Ela não está com um bando de cicatrizes resistentes a manteiga de cacau desfigurando o pescoço e os tornozelos. Ela não começa a se coçar toda vez que avista qualquer pontinho preto pelo canto do olho. E ela não deita na cama à noite imaginando por que os colchões colocados na calçada são logo sucedidos por caminhões de mudança.

Eu, sim.

Tranco a casa, enojada com a gritaria de Josie com o filho, ou o cachorro, ou o marido, e sigo até o jardim comunitário para checar se está tudo bem.

Quando chego lá, já estou suando em bicas. Está quente e úmido, e não tem a menor chance de eu andar até o salão nesse calor.

A srta. Candace está lá com Paulette. Ela colhe alguns tomates, alfaces e pimentões de seu canteiro e os deposita numa cesta no colo de Paulette. Os olhos escuros de Paulette se fixam em mim quando paro na entrada, mas ela não diz nada. Seu olhar vaga até a cabana de ferramentas e depois ela olha para baixo.

Você está imaginando coisas, digo a mim mesma, embora mais gotas de suor escorram pela minha testa. As sombras dos girassóis balançam para lá e para cá sobre as duas mulheres.

— Tudo bem aí? Precisam de alguma coisa? — pergunto.

Candace olha para mim com um sorriso simpático.

— Está tudo bem. Estamos colhendo alguns ingredientes para fazer uma salada para o almoço do pessoal do clube mais tarde, não é? — diz ela, dando uma olhada para Paulette, que não responde. Ela se vira de novo para mim. — O que vai fazer?

— Estou indo na loja de cosméticos e depois vou ao salão. E depois vou trabalhar um pouco mais no passeio.

Ela põe as mãos nos joelhos, me analisando, e sei que o corretivo não está fazendo seu trabalho.

— Se cuida, está bem?

Ela já me disse isso inúmeras vezes desde que eu era criança, mas dessa vez parece um pedido real.

— Pode deixar.

Olho para o jardim mais uma vez antes de ir embora; todos os canteiros, exceto o de que estou cuidando, têm uma vegetação abundante em verde, vermelho e laranja. Madressilvas crescem sobre os arcos, fazendo sombra nas trilhas de cascalho. Girassóis, os favoritos da mamãe, estão grandes e altos nos fundos do jardim.

A caminhada de três quarteirões até a loja de cosméticos para buscar meu cabelo parece um deslocamento sob a água. Enquanto vou andando, me dou conta de que muitas das lojas neste pequeno trecho são novas. O hortifruti antilhano ainda está aqui, assim como a lojinha de pastéis jamaicanos e a manicure, mas a loja de animais onde comprei meu primeiro peixinho dourado sumiu. A barbearia onde os homens mais velhos costumavam confraternizar e ouvir discos de jazz agora é uma butique de artigos para casa. E o mercado de alimentos halal virou um brechó que tem preços mais caros do que as lojas do bairro que vendem itens novos.

Comecei a andar mais rápido, transcendendo a exaustão e embalada por um pensamento assustador: e se a loja de cosméticos não estiver mais lá? Passei por ela há dois dias, mas...

Acelero ainda mais naqueles últimos metros e sinto um alívio desproporcional quando vejo o toldo rosa onde se lê BEAUTYLAND escrito em letras brancas e grossas.

Entro no ambiente com ar condicionado, sem fôlego e sem conexão com a realidade. Perambulo pelos corredores, a pulsação acelerada sem qualquer motivo e o pânico

tentando se apossar do meu corpo coberto de suor, mas depois de algum tempo a sensação se dissipa.

— Ei, você está bem? — pergunta a mulher mais velha atrás do balcão enquanto registra as compras, e então faz um gesto na direção da geladeira. — Quer levar um Red Bull também?

Essa loja está aqui há anos e essa mulher nunca me perguntou se eu estava bem. Devo estar com uma cara péssima, mas Red Bull é a última coisa de que meus batimentos cardíacos precisam agora.

— Não, obrigada. Estou bem.

Ela faz que sim, embora sua expressão mostre que discorda.

O salão fica a quinze minutos de caminhada da loja de cosméticos, pois minha cabeleireira se mudou para um imóvel mais barato, e decido fazer a mim mesma o favor de chamar um Uber. Vou ter que esperar... seis minutos pelo Terrel em seu Nissan Altima, mas está quente para cacete e já estou zonza da caminhada até ali.

Meu celular vibra e vou olhar o que é.

> Terrel cancelou a corrida.

— Beleza, foda-se você também, Terrel — murmuro, me perguntando se preciso mesmo fazer essas tranças no cabelo. E então, no que parece ser um milagre diante de toda a merda em que minha vida se transformou ultimamente, recebo uma nova mensagem.

> Seu motorista chegará em 1 min. Procure por Drew em um Ford Crown Victoria preto.

Alguém buzina, levo um susto e vejo o Crown Vic parando no meio-fio bem na minha frente. Ele buzina de novo, e de novo, e corro para abrir a porta do banco de trás.

— Drew?

Um cara branco mais velho, usando boné dos Red Sox e óculos aviador, olha para mim por cima do ombro.

— Isso. Sydney?

Entro e ele dá a partida abruptamente, quase me fazendo cair no banco porque ainda não tinha terminado de ajustar o cinto de segurança.

Encaixo a fivela e dou uma olhada nele pelo retrovisor, mas ele está focado no caminho à frente e seus óculos não revelam nada. Minha irritação só aumenta quando constato que não havia nenhum motivo para ele buzinar daquele jeito ao chegar.

Observo o interior do carro. É antigo e não tem nenhuma decoração. Em vez dos habituais purificadores de ar, tem um cheiro... Antisséptico. Os pelos do meu braço se arrepiam. Quando olho para ele de novo, percebo que o cabelo na parte de trás é cortado rente à pele de maneira muito eficiente, como um corte militar.

— Cara, as coisas mudaram por aqui — observa ele quando paramos no sinal vermelho, e aponta para um outdoor que anuncia um condomínio de luxo em construção. A propaganda mostra uma mulher branca com tatuagens nos braços relaxando numa banheira luxuosa, e o logo da BVT Realty, que parece estar na maioria dos novos prédios por aqui, surge estampado no canto.

— Pois é — digo, lacônica, desejando ter tido tempo de colocar os fones de ouvido.

— Não gosta das mudanças?

— Eu cresci aqui. Não gosto de ver as pessoas sendo expulsas de suas casas porque os aluguéis e os impostos sobre propriedade aumentaram — respondo, mesmo sabendo que devia ficar de boca fechada.

— Ahhh — diz ele, e recomeça a dirigir quando o sinal abre. — Você foi uma daquelas pessoas que protestaram?

— Não.

Ele ri.

— Que bom. Não adiantou nada, né?

Tudo nessa conversa está me levando a me arrepender pelas escolhas que fiz na vida, então decido me enterrar no celular. Quando tento sair da tela do aplicativo de carros, o telefone não responde. Olho para o homem na foto do motorista — se ele é meu atual condutor, então deve ter malhado e ganhado muitos músculos desde que a foto foi tirada. O número da placa está na tela, mas nem tive tempo de checar se era a mesma, já que ele me apressou para entrar no carro.

— Na minha opinião, é simplesmente... Darwin — diz Drew, com naturalidade. — O mais preparado sobrevive. Não dá para protestar contra isso.

Essa declaração é pontuada pelo barulho das travas das portas sendo ativadas, e automaticamente fecho os punhos.

— Por que travou as portas? — pergunto.

— São as travas de segurança para crianças; são automáticas.

Olho pela janela tentando me acalmar. Tem algo errado aqui, muito errado, mas, depois dessa esquina, estaremos a poucos quarteirões do destino, e o caminho vai ser uma

linha reta por uma rua movimentada do Brooklyn. Tenho estado mais aflita ultimamente e ainda tive um ataque de pânico gratuito na loja de cosméticos. Provavelmente só estou paranoica.

Você sempre acha que tem algo maligno em tudo. A voz de Marcus ecoa na minha cabeça. *Depois não sabe por que eu te chamo de maluca*.

De repente, Drew vira à esquerda numa rua estreita.

— O que está fazendo? O salão é no fim dessa rua.

— Meu GPS avisou que tem um bloqueio na Fulton, então decidi pegar outro caminho. Não se preocupe.

Não tem GPS nenhum neste carro. Tem um rádio com tocador de fita cassete e o celular está virado para baixo num buraco no painel embaixo dele.

— Pare o carro — exijo com a voz mais firme que consigo.

— Já estamos chegando — diz ele, em um tom de "calma aí". — Mas, como eu estava dizendo, é a sobrevivência do mais preparado. Essa parte do Brooklyn foi maculada pelo crime por décadas: drogas, tiroteios, roubos. Não temos esses problemas onde eu moro porque entendemos a ordem das coisas. Seguimos a lei. Quando eu era policial, odiava patrulhar essa vizinhança.

— Pare. O. Carro.

Procuro pelo pino da tranca na porta, mas há um buraco onde ele deveria estar. Sinto um medo doentio me dominar enquanto tento mover a maçaneta, mas Drew continua falando.

— Sempre achei que seria um ótimo lugar para viver se tivesse mais... pessoas civilizadas. Não é?

Ele vira à direita e o carro desliza por uma rua praticamente sem tráfego, cheia de garagens, prédios industriais e condomínios inacabados.

A tela do meu telefone ainda está congelada. Tento forçar o reinício, mas o aplicativo resiste.

Cruzamos com um casal que parou para se beijar no meio da calçada e eu bato na janela ao passarmos por eles. Mas, quando olho para trás, estão rindo e a garota levantou o dedo do meio para mim. Não perceberam que eu estava tentando pedir ajuda e não julgando a demonstração de afeto em público.

— Antigamente, ninguém dava passeios românticos por aqui. Era um bom lugar para ter uma conversinha com pessoas que não compreendiam civilidade e *fazê-las* entender — diz ele, rindo, como se estivesse se lembrando de algo bom. — Mas acho que é o tipo de coisa que chamam hoje em dia de brutalidade. As pessoas não sabem o que é necessário para manter uma comunidade segura.

Procuro minhas chaves na bolsa. Vou ter que enfiar uma chave do lado direito do pescoço dele e depois deslizar para o lado esquerdo e soltar a travas. Eu *não* vou morrer na porra de um Uber, muito menos pelas mãos de um torcedor do Sox.

Posiciono a chave entre os dedos e fecho o punho ao redor, com o coração disparado e as mãos formigando, preparada para atacar, mas então o carro dá uma freada brusca e vou para a frente e para trás num solavanco.

Minhas chaves furam o couro da parte de trás do banco do motorista, deixando dois pequenos rasgos.

Drew olha para mim por cima do ombro.

— O destino fica no próximo quarteirão, mas esta rua é mão única. Espero que não se importe de andar um pouquinho, srta. Green.

As travas se abrem, eu desço do carro e saio correndo com as pernas bambas, sem me preocupar em fechar a porta.

Mais à frente, vejo o fluxo de pessoas na rua Fulton e corro em direção a ela. Tropeço no meio da calçada, parando pouco antes de uma das grades do metrô, e as pessoas me olham de um jeito estranho, mas continuam andando sem dizer nada.

Eu me atrapalho toda com o celular, tentando tirar um print da tela congelada com as informações de Drew, mas, quando olho, só aparece a mensagem dizendo que Terrel cancelou a corrida.

Merda. *Merda*.

Olho para trás e a rua está vazia.

Eu imaginei a corrida toda? Não. Não é possível. Ainda tem um pedacinho do banco do carro grudado na chave.

Penso em Seattle e em Marcus olhando para mim com perplexidade quando perguntei sobre as mensagens que vi pipocarem em seu celular, ele respondendo que não tinha ideia do que eu estava falando.

Balanço a cabeça e escrevo uma mensagem para Drea.

> Acabei de sair de um Uber muito louco. Pensei que o filho da puta ia me matar. De algum jeito ele sabia meu sobrenome.

Leio a última mensagem que Drea me mandou, no meio de uma noite em que escrevi para perguntar se ela estava acordada depois do meu pesadelo mais recente.

Sei que não está querendo fazer terapia depois do que aconteceu em Seattle e tudo o mais, só que não posso ser a única pessoa a carregar esse peso com você. Eu te amo, mas também estou estressada.

Deleto a mensagem que ia mandar e me controlo. Está bem. A corrida foi assustadora, mas não tenho como provar e nada aconteceu no fim das contas — não preciso preocupar Drea, e não é como se eu fosse chamar a polícia. Vou fazer um registro na Uber e ser mais cuidadosa da próxima vez.

Estou bem.

Não estou nada bem.

Ligo para mamãe e sinto certo alívio ao ouvir a mensagem da caixa postal. Não desligo depois do bipe.

— Acabou de acontecer uma coisa assustadora — conto, e começo a caminhar. — Eu estava prestes a usar minhas chaves daquele jeito que você me ensinou. Ele mexeu com a pessoa errada. A gente se vê em breve, está bem?

Chego ao salão e fico parada diante da janela coberta de cartazes brilhantes com mulheres negras de todos os tons de pele exibindo estilos variados de tranças, e me vejo ali refletida, o celular apertado contra o peito e o coração ainda disparado, uma expressão selvagem e desconhecida.

Respire, Sydney. Controle-se.

Um casal branco passa por mim enquanto respiro profundamente e finjo estar escolhendo uma das tranças.

— É, acho que nunca vamos entrar aí — diz o cara enquanto o reflexo dos dois aparece atrás de mim. — Consegue imaginar?

— Do que está falando? De repente eu coloco uma dessas tranças tipo a das Kardashians — responde a namorada.

Os dois riem e seus reflexos somem.

Sobrevivência do mais preparado.

Entro no salão.

* * *

QUATRO HORAS E MEIA depois, Sandrine, minha trancista, cutuca meu ombro pelo que deve ser a décima quinta vez e acordo num sobressalto.

Ao fundo, no salão pequeno e limpinho com apenas três cadeiras, ouvem-se baixinho os berros dramáticos que vêm da TV, na qual uma participante do *Real Housewives* de algum lugar vira uma mesa de cabeça para baixo.

— Para você — diz ela. O sotaque malinês suaviza o *r*. Põe na minha mão um copo do Dunkin' Donuts que fica ali perto. — O carteiro que está sempre flertando comprou para a gente. O seu é leve e doce, com sabor de avelã.

— Obrigada. — Levo o copo até a boca para cobrir meu bocejo. — Desculpe por cair no sono toda hora e atrapalhar seu trabalho.

Bebo um gole e deixo a invasão iminente de açúcar inundar minhas papilas gustativas. Eu havia mencionado por alto que não venho dormindo direito e sobre a experiência ruim com o motorista quando ela percebeu como eu estava trêmula. Tinha caído no sono por causa do cansaço, mas também porque meu corpo desligou depois do pico de adrenalina.

Ela ri delicadamente enquanto separa algumas mechas do pacote de cabelo bem colorido que escolhi.

— Se está tão cansada que consegue dormir comigo puxando seu couro cabeludo, então é porque realmente

precisa descansar. Estou quase terminando.

Ergo as sobrancelhas, cética.

— Não vou cair nessa. Você me deixa toda animada achando que estou prestes a sair dessa cadeira, mas aí começa a separar uma mecha de cabelo em mais cinquenta tranças.

Ela brinca fazendo um som de reprovação com a boca, o que não atenua a dor de ter as articulações de seus dedos enterrados na minha testa enquanto ela trança a parte da frente do cabelo. Faço uma cara de dor e rezo ao deus do acabamento para que ela não estrague meu cabelo.

Quando paro de ranger os dentes, consigo dizer:

— Obrigada mais uma vez por me encaixar.

— Está tudo bem. Mas preciso te passar meu novo número porque vou mudar para outra loja na semana que vem.

Olho o reflexo dela no espelho para tentar avaliar se isso é boa ou má notícia. Seus dedos se mexem com grande eficiência, que por si só é uma forma de arte, enquanto ela mistura o cabelo de Kanekalon com o meu, formando tranças grossas num ombré que vai do preto na raiz até um azul-petróleo nas pontas. Seu rosto estampa firmeza e os lábios fazem um movimento que lhe deixa de cara fechada, bem diferente de sua habitual expressão de concentração.

— É o aluguel? — pergunto, já sabendo a resposta.

Ela faz que sim.

— O proprietário quis que saíssemos de repente. Vai vender o prédio e os novos proprietários não querem lidar com locatários. Acho que vão derrubar e fazer mais um desses condomínios feios.

— Ele não é obrigado a te dar um tempo para sair? — indago.

— Provavelmente. Mas ele disse que, se eu tivesse algum problema com isso, chamaria o Departamento de Imigração para resolver por ele. Ainda estou aguardando o meu *green card* e não quero encrenca.

Mudo o café de mão.

— Sinto muito, Sandrine.

— Está tudo bem. Vou alugar uma cadeira na barbearia ali na esquina. Eles têm uma salinha em que posso trabalhar, então não vai ter cinco caras olhando para você enquanto faz o cabelo — diz ela, tentando rir, mas soa mais como um suspiro. — E como está sua mãe? Chegou a ligar para aquela minha amiga, a cuidadora?

Eu me arrependo de ter compartilhado tanto com Sandrine durante as muitas horas que passei nesta cadeira.

— Acabamos optando por uma casa de repouso — digo, e as palavras deixam um gosto amargo na minha boca. — É difícil ficar sem vê-la, mas ela preferiu assim. Eu a visito sempre que posso.

— Tomou a decisão certa para vocês duas. Não se sinta culpada.

Dou um suspiro trêmulo e as lágrimas caem.

— Quer um lenço?

— Não. Eu sempre choro quando você trança a parte da frente. Estou bem.

Sandrine fica calada depois disso, e não há som algum a não ser o de pessoas ricas atuando para as câmeras de um reality show, até que a campainha da loja toca.

Sandrine para e olha por cima do ombro, solta um suspiro e diz:

— Pode apertar o botão?

Aperto o botão que fica embaixo do balcão à minha frente e ouço o barulho dos sinos pendurados na porta, seguidos pelo arrastar dos chinelos de alguém que entra devagar sem levantar os pés.

— Oi, Sandrine. E essa é a filha da srta. Green?

Agora entendo por que Sandrine suspirou.

— Oi, Denise.

Denise sabe que meu nome é Sydney. Ela só quer arrumar confusão, é assim há anos.

— Garota, você está com uma cara horrível.

— Lavou o cabelo dessa vez, Denise? — pergunta Sandrine, num tom bem diferente do que usa para falar comigo.

— Meu horário é daqui a meia hora, vou lavar agora — responde ela, ríspida. — Apareci porque...

Sandrine suspira.

— Já estou quase terminando com a Sydney. Quanto tempo acha que vou esperar?

Denise inclina a cabeça para trás e olha com desprezo para Sandrine.

— Vai esperar do mesmo jeito que eu espero por você de vez em quando.

Não posso discordar em relação a isso, ainda que ela me dê nos nervos.

Elas olham uma para a outra por um longo momento. Sandrine deixa para lá e volta a focar nas minhas tranças.

— Enfim, eu *apareci antes de lavar o cabelo porque* a polícia fez uma incursão em Gifford Place agora há pouco.

Agarro o braço da cadeira.

— Aquelas sirenes todas eram por isso? — pergunta Sandrine, distraída.

Ela não mora lá. Só conhece a mim e algumas outras pessoas de Gifford Place que são suas clientes.

— Pois é. Chegaram na casa de Jamel e Ashley Jones e ocuparam tudo. Tiraram as tábuas do assoalho do quarto de Preston. O garoto estava vendendo drogas, aparentemente.

— Preston Jones? — Meu estômago revira. — Não faz sentido.

Não vou fingir que sei todos os segredos das pessoas, mas a família dele é estruturada, faz tudo certo, e ele parece ter uma ideia bem clara do que quer para o futuro.

Não consigo relacionar “vendedor de drogas” com aquele garoto nerd que sempre aparece na minha porta no inverno perguntando se preciso de ajuda para tirar a neve, e que vive com a cara enterrada nos livros. Não é que ele seja “inteligente demais” para vender drogas, mas, se estiver envolvido com algo assim, é inteligente demais para guardar uma quantidade que comprometeria seu futuro e poria os pais em perigo.

Denise dá de ombros.

— Não faz sentido mesmo. E também não havia ninguém no quarto quando acharam as drogas. Mas isso não muda o fato de que o prenderam agora há pouco. Ele chorava feito um bebê. A mãe está arrasada.

Parte de mim quer levantar e enfiar a mão nela por sair por aí contando sobre a vida dos Jones para qualquer um

que quiser ouvir. Mas quando olho sua imagem no espelho e a vejo corada sob a pele negra clara, os olhos arregalados, o impulso vai embora. Qual é a reação adequada quando se vê uma criança sendo presa? *Mais uma* criança, a enésima criança, se tiver morado aqui por tempo suficiente para ver. E, o pior, presa por algo que não se pode ter certeza de que fez, mesmo que seja condenada?

Denise e Sandrine continuam falando, mas a conversa se torna um ruído de fundo quando minha respiração começa a ficar curta e acelerada.

A polícia veio atrás de *Preston*.

A compreensão de que pode acontecer assim, do nada, que eles podem aparecer e simplesmente destruir sua vida, parece uma coceira no meio das costas, um lugar que não consigo alcançar.

Sandrine põe a mão em meu ombro, para me acalmar. Quando fala, sua voz é gentil.

— Estou quase acabando.

Depois do que parece ter sido uma eternidade, mas provavelmente durou uns vinte minutos, saio dali e volto andando até Gifford Place.

As pessoas estão reunidas na porta da casa do sr. Perkins quando chego lá.

— Sabemos onde Preston está? — pergunta Gracie Todd, com seu sotaque nítido de atriz de teatro. Ela tem quase oitenta anos e usa calças e uma blusa simples, mas, com o cabelo grisalho chanel e uma bela estrutura óssea, parece uma estrela negra que envelheceu. — Não tem mais fiança em dinheiro, certo? Vi no noticiário da manhã. Ele deve voltar para casa logo, não é?

O sr. Perkins faz que não.

— Ainda podem exigir fiança no caso de traficantes de grande porte. E, pelo visto, o que quer que tenham achado lá é de grande porte, assim só vai poder sair sob fiança para traficantes de grande porte.

Há um burburinho de raiva e incredulidade em meio ao pequeno grupo.

— Eles estavam usando câmeras portáteis? — pergunto.

O sr. Perkins dá um longo suspiro e Count se queixa a seus pés.

— Aparentemente, se esqueceram de ligá-las.

— Preston não estava envolvido com drogas, John — diz a srta. Candace, a voz cheia de fúria. — Todos nós sabemos disso.

— Sim, todos nós sabemos disso. Talvez a polícia saiba também. Não muda nada — opina o sr. Perkins e aperta os lábios.

— Como eles vão pagar a fiança? Podemos arrecadar dinheiro? Um site de financiamento coletivo? — sugiro.

— Quando saí, eles estavam ao telefone com alguém falando sobre o valor avaliado da casa.

— Foi por isso que a 223 foi vendida, vocês sabem — lembra Gracie. — O marido foi preso por alguma coisa, agressão ou algo assim, antes da mudança da lei de fiança. Ele foi liberado depois de um tempo, mas tiveram que vender a casa para pagar os honorários legais.

Sinto arrepios subindo pelo meu antebraço, embora o sol de meio-dia esteja escaldante e a umidade, sufocante. Esfrego a palma das mãos nos braços e mordo o lábio. Algo nessa história toda está me incomodando, mas o luto

interfere no meu raciocínio. Preston não morreu, e as pessoas já estão se juntando para fazer alguma coisa, mas isso pode muito bem enterrar o futuro desse menino.

Sinto uma dor no peito e minha cabeça está latejando, por causa das tranças e da tristeza. Sem dizer nada, me afasto do grupo e volto para casa, pensando comigo mesma se está muito cedo para abrir um vinho.

A resposta é não.

Post de Josie Ulnar no OurHood, Gifford Place:
Eu não vou escrever sobre isso de novo. Não catar os excrementos do cachorro é um delito punível com multa. Registrei a ocorrência e a polícia disse que vai patrulhar a área para ficar de olho nos delinquentes.

Candace Tompkins: Temos problemas maiores na vizinhança no momento, como jovens sendo presos injustamente. Por que não conversa sobre isso em casa com seu marido e mantém o problema offline?

Josie Ulnar: Não preciso falar com ele. Sei que Terry tem a mesma opinião.

Candace Tompkins: tsc, tsc

Asia Martin: enfim, gente...

(outros 17 comentários... veja mais)

CAPÍTULO 6

Theo

ACORDO NO INÍCIO DA TARDE, e fico na cama curtindo uma leve ressaca, mas, principalmente, imaginando se a noite anterior, depois da reunião, foi um sonho bizarro. A paranoia de Kim, Terry e Josie, o ataque do lado de fora do antigo hospital.

Uma coisa eu sei que não foi sonho: ver Kim entrando num Uber com uma mochila nas costas. O certo seria eu me importar em saber para onde ela foi, mas não me importo. Um relacionamento arruinado é uma coisa, mas a paranoia de que o sr. Perkins e nossos outros vizinhos estão conspirando contra nós é outra completamente diferente. No entanto, não posso usar a tática da minha mãe e me mudar para outra cidade, já que esta casa também está em meu nome, então, por ora, preciso esperar e torcer para que isso seja só uma fase esquisita da Kim, tipo quando ela ficou obcecada por Hot Yoga.

Pela janela, vejo um grupo de pessoas na porta da casa do sr. Perkins. Isso não é algo incomum, mas a atmosfera melancólica é. Não há crianças brincando na rua, mas talvez a essa hora estejam em acampamentos ou fazendo qualquer outra coisa que crianças fazem no verão. Passei a maior parte dos verões assistindo à TV e esperando minha mãe voltar do trabalho.

Visto short e camiseta, pego a bolsa que normalmente levo comigo nas caminhadas noturnas e enfio nela minhas coisas de banho e uma muda de roupas, depois de botar a lanterna e as luvas embaixo da cama. Desvio da parte da casa que pertence a Kim sem checar se ela está lá.

Em vez de me sujeitar a tomar banho ali, decido ir até a ACM mais próxima, cuja anuidade estou pagando para nada desde que nos mudamos.

Quando atravesso a rua para dar um oi ao grupo de vizinhos, incluindo um monte de pessoas mais velhas que já vi pelo bairro, mas com quem nunca falei, a conversa morre. O sr. Perkins me dirige seu olá de sempre, mas sua expressão não é radiante como de hábito, há preocupação em seu olhar.

Vou embora.

Passo uma hora na esteira observando os tipos variados da academia: crianças pequenas indo para a natação, caras de meia-idade levantando peso com os amigos, um grupo de mulheres mais velhas entrando na aula de ginástica. O cara na esteira ao meu lado esquece o iPhone X e corre de volta para pegar na mesma hora em que meu treino termina.

Preciso usar chinelos para entrar no chuveiro, mas pelo menos a água caindo não me faz lembrar de como sou fracassado. Se eu precisava de um motivo para voltar a frequentar a associação diariamente, acho que encontrei.

Ou talvez você esteja tentando perder a pança por causa de uma certa vizinha.

Ignoro os pensamentos inconvenientes sobre Sydney enquanto tomo banho no vestiário, me enrolo na toalha e

vou na direção do meu armário. O elástico da cueca acabou de se encaixar na minha cintura quando viro a cabeça para o lado, meu corpo está reagindo a um distúrbio na Força antes da minha mente. Há um cara sentado na outra ponta do banco onde deixei minhas coisas, e me olha com um sorriso galhofeiro e debochado — tem o cabelo bagunçado da moda e uma barba por fazer tão grossa que me causa coceira só de olhar.

Desvio o olhar dele e pego minha calça de moletom cinza.

— Ei, irmão — diz ele. — Você mora em Gifford, né?

Olho para ele e me dou conta de que já vi essa cabeça grande e esse queixo quadrado antes.

— Sim. Você trabalhava na imobiliária, não trabalhava?

— Isso — responde ele, e o sorriso fica mais largo. — Eu era só um assistente administrativo na época. Tirava cópias dos documentos e das coisas quando você estava comprando sua casa. Mas agora sou agente imobiliário oficialmente, com todos os benefícios.

Visto a camiseta, em parte para esconder a expressão de "que papo é esse?" que deve estar estampada em meu rosto. Isso é uma das coisas das quais Kim gostava em mim no começo, mas começou a irritá-la quando íamos em suas festas chiques do trabalho. *Não consegue nem fazer de conta que está interessado? Você finge muito mal! Tipo, nossa, você alguma vez na vida ganhou um jogo de pôquer?*

Eu virava o rosto sem responder, e ela interpretava como queria, que é o que as pessoas normalmente fazem. Quem precisa fingir quando as outras pessoas fazem todo o trabalho por você?

— Ah, que bom — digo para o meu companheiro bizarro de vestiário, que está me fazendo reavaliar minhas recém-estabelecidas metas de malhação. — Parabéns.

— Você gosta do seu trabalho, cara? — pergunta.

— Gosto o suficiente — minto.

— Se estiver procurando algo extra, posso colocar você na minha agência. Temos a exclusividade nesta vizinhança, e com a VerenTech chegando aqui tudo vai mudar — diz ele, fazendo o gesto de uma explosão com um "cabum". — Já viu fotos do lançamento de uma bomba atômica? Não a nuvem de cogumelo, mas a energia reverberando, mudando completamente o cenário? É o que a VerenTech está prestes a fazer aqui.

— Tem noção de que isso não é bom, né?

Ele dá uma gargalhada.

— Depende de para quem você perguntar. Entre agora se quiser ganhar um bom dinheiro, irmão. Posso descolar essa para você.

Ele me entrega um cartão, que pego com a ponta dos dedos porque ele está sentado aqui de cueca e não sei de onde tirou isso.

O cartão é escrito numa fonte esquisita que deveria ser descolada, mas só dificulta a leitura: *William Bilford, Agente Imobiliário Sênior, BVT Realty*.

— Está bem, obrigado.

Alguns caras negros chegam ali depois do banho e William Bilford se vira para se vestir, piscando para mim ao fazer isso. Acho que é o que acontece quando você para de se esconder no próprio quarto ou de andar na rua só quando

não tem ninguém — você esbarra com umas pessoas muito bizarras.

Enfio o cartão na lateral da minha bolsa e volto para Gifford Place, andando devagar e assimilando tudo. Está um pouco menos úmido do que na hora que entrei — as poças mostram que choveu um pouco durante minha malhação, e uma brisa suave passa pela rua e refresca meu couro cabeludo molhado. Os sons dessa rua mais larga amplificam os hormônios de prazer que a esteira estimulou: o ranger dos freios de um ônibus quando faz uma parada brusca, o bater de asas de um pombo que sai voando depois de roubar uma migalha de pão de um passarinho marrom, o rolar dos pneus no asfalto molhado.

Quase paro de andar quando me dou conta: estou de bom humor. Apesar da noite esquisita que eu tive e do fato de que minha talvez-ex-namorada/coproprietária está claramente me largando. As questões básicas da minha vida não mudaram e, mesmo que eu não me sinta um merda, eu ainda sou um merda, mas não me importo com isso agora. Porque...

Vejo Sydney por um buraco na vegetação na cerca de arame em torno do jardim comunitário pelo qual já passei inúmeras vezes. Já tinha procurado saber seu valor, imaginando como ele ainda existia numa área onde os imóveis em breve vão começar a ser vendidos na casa do milhão, mas agora consigo ver a beleza radiante do lugar. Sydney está com as mãos e os joelhos no chão, o cabelo arrumado em longas e finas tranças de ponta azul-petróleo enroladas no topo da cabeça, e usa um short jeans que mal cobre sua bunda.

Eu devia continuar andando, mas vou até o portão do jardim, que está aberto. Em vez de falar diretamente com Sydney, dou uma volta pelo lugar e fico olhando os canteiros e o que as pessoas estão cultivando. Muitos tomates e folhas verdes. Um galinheiro inacabado. Flores à beça e fileiras de mudas esperando para serem plantadas. Não sou um grande entusiasta de plantas, mas me parece esquisito chegar por trás dela. Então, enquanto contorno um dos canteiros onde algum tipo de alface parece estar plantado, ela olha para mim.

Achei que jardinagem era um hobby relaxante, mas sua boca está curvada para baixo numa careta tão triste que é quase cômica. Sua expressão está fechada, com manchas escuras embaixo dos olhos castanhos, e não suaviza quando me vê. Ela dá um longo suspiro e se levanta, revelando que o short é na verdade o mesmo macaquinho que ela usava na loja da esquina, com as alças abotoadas sobre uma camiseta preta. Ela tira as luvas e as atira no chão, perto do local onde está trabalhando.

— Seu cabelo está diferente — comento.

— É mesmo? — pergunta ela, e põe a mão na cabeça, fazendo uma cara de surpresa. — Caramba, não tinha percebido. Acho que mudou sozinho. Mágica!

Ela dá um sorrisinho irônico.

Ai, ai.

— Um coelho roubou suas cenouras ou algo assim? — Ando alguns passos na direção dela. — Você está com cara de brava.

Ela revira os olhos, mas a dureza suaviza um pouco no milissegundo que leva para fazer isso.

— Temos guaxinins aqui, não coelhos. E eles não têm nada para roubar do meu jardim, porque estou matando tudo que é comestível.

Há tensão em sua voz naquela última frase, ainda que esteja tentando fazer uma piada.

— Que droga. É o clima ou só uma safra ruim? Às vezes isso acontece.

Não tenho a menor ideia do que acontece em jardins, mas me parece um comentário adequado.

Ela faz que não e se abaixa para pegar uma daquelas canecas de café para viagem — pelo tilintar das pedras de gelo, imagino que tenha café gelado ali dentro.

— Não sou a minha mãe. Esse é o problema. — Sydney dá um gole, quase com raiva. — Ela começou este jardim quando eu era adolescente. Eu ficava irada quando gastava meus fins de semana carregando lixo e ajudando a construir canteiros, enquanto meus amigos estavam andando de bicicleta, indo à praia ou fazendo outras coisas divertidas. Mas agora... Bem, ela não está mais aqui para cuidar das coisas. Então eu tenho que fazer isso. E eu sou péssima.

A mãe é dona daquele pedaço de terra privilegiado e ainda daquela casa fantástica? Tento não ficar com inveja da sensação de ter esse tipo de segurança.

— Eu ofereceria meus serviços de jardinagem além dos de pesquisa, mas não sou muito bom nessas coisas. — Olho para o canteiro em que ela está trabalhando. De fato, parece menos impressionante que os outros, mas não é um fiasco total. — Isso aqui parece estar crescendo bem, seja lá o que for.

— É uma erva — diz ela, melancólica, e depois ri, como quem está esgotada.

Reconheço a risada, é aquela que você dá quando percebe que está sendo massacrado pela vida, virando pó gradualmente.

Minha inveja recua. A maior parte dela.

— Algumas ervas são comestíveis. Dente-de-leão? Dá para fazer uma salada.

— Você é cozinheiro?

— Não, é só uma coisa que aprendi quando era criança. Por um tempo eu fui fascinado por coisas que se pode comer de graça.

Ótimo. Acho que essa é uma maneira de revelar que cresci pobre e passando fome.

— Olha — começa ela, dando um suspiro. — Você não precisa fazer esse negócio da pesquisa, sabe. Eu faço. Foi simpático da sua parte oferecer, mas...

— Está me demitindo? — digo, pondo as duas mãos no peito. — Nossa, me chutando quando já estou no chão.

— Você nem começou ainda — lembra ela. — Muitas coisas da pesquisa desta semana focam em... umas paradas que vão deixar você desconfortável. Por exemplo. Toda esta terra aqui pertencia a tribos indígenas, certo?

— E eles a venderam — digo, automaticamente. Conheço essa história. — Por uns trocados.

— Na verdade, não. A venda de terras não funcionou desse jeito. Na maior parte das vezes, os colonizadores simplesmente pegavam o que queriam. E isso está aparecendo direto nas pesquisas. — Ela morde o lábio,

solta. Suspira. — Não estou a fim de ficar me preocupando com seus sentimentozinhos de homem branco, está bem?

— Espera aí. Você acha que eu sou racista ou algo assim?

Meu corpo fica tenso e as bochechas, vermelhas, e Sydney joga a mão para o alto.

— Está vendo? É exatamente disso que estou falando. Não importa o que eu acho que você é. E mesmo que não seja, vai precisar que eu fique sempre te tranquilizando a esse respeito. Tipo, Preston foi preso hoje de manhã. Não tenho energia para ficar fazendo você se sentir melhor.

— Está bem. Está bem, eu entendo.

Eu *não* entendo a relação entre a prisão de um adolescente e a minha ajuda no projeto, mas posso lidar com isso depois. Olho para ela, tento decifrar seu humor. Sorrio. — Ainda assim quero ajudar. Vou tentar manter meus sentimentos de homem branco, que não são “inhos”, sob controle.

Ela aperta os lábios, e dá para ver que tenta não rir.

— Está bem, que seja. Mas precisamos de uma palavra de segurança.

— Precisamos?

Ela olha intensamente para mim.

— Uma palavra de segurança para quando você estiver sendo branco demais — explica.

Faço uma careta, mas digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Hum, que tal Howdy Doody, aquele fantoche branco bizarro e racista?

Ela dá uma gargalhada alta que faz o rosto se contorcer e os olhos se fecharem. Nem ligo se ela está rindo de mim.

Isso é muito melhor do que o riso anterior de quem está sendo massacrada pela vida, e quero fazê-la rir assim de novo.

— Perfeito. Eu ia dizer “maionese”, mas, vamos falar a verdade, a da Miracle Whip até que é muito boa às vezes. Então vai ser Howdy Doody.

O som esganiçado de um grupo de crianças nos interrompe, ela dá de ombros e aponta para a trupe que vai entrando pelo portão, junto com Len, que acena para a gente.

— Crianças do acampamento, estão aqui para fazer uma visita. Podemos combinar na minha casa, tipo cinco horas? Podemos dar uma olhada no que pesquisei até agora.

— Na sua casa?

A sensação é de que acabei de descer da esteira novamente.

Ela inclina a cabeça para o lado.

— Sim. Aquela bem em frente à sua?

— Está ótimo. Vejo você lá.

Volto para o lugar onde moro, acho que a maioria das pessoas chamaria de casa. Kim não está lá, mas dou um tchauzinho para a nova câmera antes de entrar. Meu telefone vibra dentro da bolsa e, quando pego, é uma mensagem de Kim.

> Tranque a porta. Não fez isso quando saiu ontem à noite. Sei que você acha que essa gente é inofensiva, mas uma amiga da Josie que mora a alguns quarteirões disse que alguém tentou forçar a maçaneta há alguns dias, e, além disso, o inquilino dela deixou a janela aberta e roubaram a bolsa da câmera que estava no peitoril.

Dou um suspiro e desligo o telefone.

Post de Kaneisha Bell no OurHood, Gifford Place:
O gráfico em vídeo que aparece nesta matéria sobre gentrificação é preocupante. Vejam como os pontinhos marrons vão desaparecendo e sendo substituídos pelos pontinhos rosa em vizinhanças historicamente habitadas por pessoas negras e não brancas em geral. Harlem, Jackson Heights, Bed-Stuy.

Fitzroy Sweeney: Assustador!

Kim DeVries: Gentrificação literalmente significa que uma área antes em decadência está sendo melhorada. O que importa se são os pontinhos rosa ou os pontinhos marrons a trazer as melhorias?

Jenn Lithwick: Oi, Kim, há vários estudos sobre os efeitos nocivos da gentrificação em vizinhanças como a nossa. Jen e eu lemos muito sobre isso antes de comprar nossa casa aqui; podemos te passar os links, se quiser.

Kim DeVries: Não preciso estudar sociologia para ser uma boa vizinha. E se eu postasse uma matéria dizendo que todos os pontinhos marrons são ruins para o bairro? Aposto que pegaria muito bem!

(outros 30 comentários... veja mais)

CAPÍTULO 7

Sydney

OS PAPÉIS QUE O SR. PERKINS ME DEU estão todos espalhados na mesa arranhada. Folheio tudo distraidamente, como se Theo não estivesse sentado ali, esperando que eu explique o projeto.

Essa ideia parece tão infantil agora. Mamãe sempre me tratou como se eu fosse muito inteligente e capaz de ser o que eu quisesse. Fazer o que eu quisesse. Acabou que hoje sou uma mulher divorciada de trinta anos, faço um trabalho administrativo que odeio e estou perdendo tempo desenvolvendo um passeio histórico clandestino motivado por uma implicância.

— E então, o que tem aí? — pergunta Theo, finalmente.

Olho para ele, tentando fingir que não estava viajando.

— Desculpe.

Ele dá de ombros, mas seu olhar é curioso.

— Vai falar alguma coisa sobre a história das casas, tipo no passeio dos edifícios Brownstone? — cutuca ele. — Ou vai falar sobre as pessoas que vivem aqui agora, como você fez?

— Um pouquinho de cada um.

Tiro uma folha impressa da pilha de papéis e entrego a ele. Na parte de cima há uma imagem aérea de Gifford Place do Google Earth — as ruas estão basicamente iguais

às de hoje em dia, mas a área ao redor não tem todos os novos condomínios e lojas. Há números escritos com marcadores de cinco cores diferentes destacando diversas casas. Na parte de baixo há uma legenda com explicações resumidas para cada número e cada cor.

— Essas são as “paradas” que tenho até agora — explico. — Há mais verdes do que o resto porque são os pontos mais fáceis; é aquilo que fiz da outra vez, falar dos vizinhos interessantes que temos *hoje em dia*, em vez das pessoas brancas que viveram aqui mais de cem anos atrás. Fui à Biblioteca do Brooklyn e achei algumas informações sobre as pessoas brancas que moravam aqui, e se tinham alguma relação com a comunidade negra do Brooklyn, para o bem ou para o mal — conto, e mostro o número rosa na casa das Jens. — Aqui antigamente morava um abolicionista. Eles precisaram se mudar, porque um bando de homens irados apareceu e tentou matar toda a família.

— Caramba! — exclama Theo. — Aqui em Nova York? No Brooklyn?

— Pois é, aqui no Brooklyn.

— Beleza. Então... o que aconteceu com as pessoas brancas? Você vai falar sobre isso? Fiquei pensando nisso desde aquele dia no passeio, na verdade. A guia falava sobre todas essas famílias brancas e ricas, mas a certa altura a vizinhança ficou...

— Negra? — completo.

— Pobre — corrige ele. — Quer dizer, nem todo mundo era pobre. Mas, sempre que ouvi falar do Brooklyn, vinha com um aviso para não vir aqui porque era perigoso e...

— Cheio de pessoas negras? — interrompo novamente, e dessa vez ele passa a mão no cabelo.

— Bem, não diziam isso com essas palavras — explica ele, e muda de posição na cadeira. — Porque é meio grosseiro colocar desta forma. Mas é o que queriam dizer, eu acho.

— Grosseiro. Grosseiro? — digo e me inclino para a frente, como se algo tivesse sido despertado em mim. — Ah. Ah, caramba! É por isso que vocês sempre sussurram? Tipo: "minha amiga está namorando um..." — Olho em volta disfarçando, chego perto dele e sussurro: — "... cara *negro*?".

Ele encolhe os ombros, uma expressão de diversão e constrangimento.

— A gente não deve dar ênfase a esse tipo de coisa. Pelo menos foi o que minha mãe me ensinou.

Eu caio na gargalhada ao imaginar as pessoas brancas punindo seus filhos por descrever a raça de alguém. Se você pensa que ser negro é um sofrimento infeliz, claro que parece grosseria enfatizar "isso". Eu poderia insistir e perguntar por que vários deles estão sempre ávidos para nos chamar de macacos, se dizer "*negro*" já os faz tremer, mas não quero ter que acionar o alarme Howdy Doody sozinha com ele no meu apartamento.

— Está bem, respondendo à sua pergunta. Meu passeio é sobre a comunidade negra no Brooklyn, mas, sim, vou abordar o motivo de as *pessoas brancas* — sussurro essas duas últimas palavras e ele ri — terem ido embora. Nos tempos mais recentes, foi uma fuga dos brancos para os subúrbios. Mas antes houve o Pânico de 1837. Para resumir, uma crise forte atingiu os mercados de escravos e do

algodão, e então todos os ricos tiveram que vender terras para recuperar as perdas.

— E por que a escravidão afetou as pessoas no Brooklyn? — pergunta ele.

Não posso nem ficar com raiva, porque eu mesma só aprendi isso recentemente.

— Em Nova York, a escravidão acabou dez anos antes do Pânico, mas não por completo. E Nova York era a capital financeira dos Estados Unidos. A escravidão era um negócio. O algodão era um negócio. O rum era um negócio. O açúcar era um negócio. Então.... Bum. Foi por isso.

Ele tem a cara de pau de sorrir.

— Qual é a graça? — pergunto, me ajeitando na cadeira.

— Acho que seu passeio vai ser um sucesso. Não aprendi nada disso em lugar nenhum. E, agora que sei, quero saber mais. E todo mundo que participar do seu passeio vai aprender e querer saber mais. Isso é incrível.

— Ah.

Sinto um quentinho no peito. A verdade é que, como grande parte desse projeto foi motivada por implicância e escapismo, por uma necessidade de resgatar o que deveria ser meu, eu nem tinha me lembrado do lado bom de compartilhar conhecimento.

— Obrigada. — Pigarreio e aponto outra vez para o papel. — Enfim, o texto rosa representa os temas históricos da comunidade negra do Brooklyn. Os números e os textos em roxo são coisas relacionadas especificamente a Gifford Place. Tem coisas que aprendi com minha mãe, tem coisas da minha própria memória, mas também quero falar com algumas pessoas mais velhas do bairro. E Gifford Place era

parte de uma comunidade negra histórica que surgiu depois do Pânico, então preciso pesquisar isso também. Estou querendo ir a um centro de memória que não fica muito longe daqui.

Ele faz que sim, e eu me pergunto se está me julgando por não ter feito nada disso ainda. Pensei que já tinha feito muita pesquisa, mas sinto que ainda há muito a fazer em apenas uma semana se não quero passar vergonha.

— Quer ir amanhã? — pergunta ele. — Ao centro de memória?

Ergo as sobrancelhas.

— Já esqueceu que você é o assistente e não o chefe?

Ele dá uma risada.

— Desculpe. É que fiquei animado. A culpa é toda sua.

Esse filho da mãe sedutor. Eu o observo com os olhos semicerrados.

— Vamos ao centro de memória de Weeksville amanhã. Leve sua câmera. E, se quiser fazer alguma coisa até lá, dê uma pesquisada na Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Foram eles que financiaram a vinda dos holandeses para cá, e tiveram uma grande participação na formação do Brooklyn, mas ainda não fui muito a fundo no assunto. Se achar algo que seja relevante para o passeio, me avisa.

Ele faz que sim outra vez, os olhos percorrendo o papel que lhe entreguei.

— Posso te mandar por e-mail, se me passar seu endereço — digo. Estou meio que curtindo esse pouquinho de autoridade; fazia muito tempo que ninguém me ouvia assim, sem me perturbar por qualquer motivo. — Pode levar

esses papéis também e ver se encontra mais alguma coisa. Só quero tornar o passeio interessante para as pessoas.

Eu me recosto na cadeira e ele anota o endereço de e-mail. Meu rosto ainda está meio corado, embora eu saiba que, na semana que vem, Theo voltará a ser apenas um vizinho que eu às vezes espio pela janela — e talvez nem isso, porque provavelmente vou recomendar que ele compre umas cortinas.

— Duvido que tenha problemas com isso — diz ele, e me devolve o papel. O número dele também está lá, embora eu não tenha pedido, e está sublinhado. — Você é interessante até quando não está toda entusiasmada com História.

Ele sorri para mim daquele jeito curioso de novo.

Não.

— Está bem, então está combinado — digo, levantando da cadeira e me dirigindo à porta do apartamento.

— Sim, beleza. Beleza. — Theo reúne os papéis, mas, quando abro a porta, ele para no batente e olha para mim. — Obrigado por me deixar ajudar. Se precisar de qualquer coisa, é só me mandar mensagem.

Não acho que esteja flertando desta vez, mas ele me olha como se eu fosse fascinante, e não posso controlar a forma como meu corpo reage a isso.

— Não estou querendo desperdiçar o ar-condicionado — digo, empurrando-o para fora.

Suas bochechas ficam vermelhas tão depressa que é impressionante, mas ele sai para o hall e vai até a rua. Desce as escadas, se vira para acenar e tropeça num canto mais alto da calçada, o que é fofo.

Olho para o lado e não o acompanho voltando para casa. Em algum lugar aqui perto, uma britadeira perfura o chão e o chiado das máquinas de obra paira no ar. Uma mulher negra com as maçãs do rosto proeminentes e outra, asiática, de pele escura, caminham pela rua, conversando num inglês com sotaque; cada uma delas empurra um carrinho com um bebê branco dentro. Elas me cumprimentam, e Toby começa com seus latidos quando elas passam.

Fecho a porta e ouço o telefone tocar lá em cima. Lá no último andar. No apartamento da mamãe.

Pode ser algum agente de telemarketing — toda vez que me dou o trabalho de atender, é alguém alertando sobre a inadimplência nos pagamentos do seguro de um carro que não tenho ou tentando me enganar com perguntas sobre sonegação de impostos. Mas essas ameaças não são nada comparadas à ligação que realmente temo receber, e não posso mais continuar evitando atender, porque isso pode ter consequências piores. Subo as escadas, pego a chave no bolso enquanto me apoio no corrimão e abro a porta desajeitadamente.

— Alô?

Rezo por aquele som automático de uma gravação tentando me vender algo ou me dar um golpe, mas é a voz de um homem.

— Olá, é Yolanda Green?

Uma vida inteira mentindo para cobradores me permite mentir naturalmente e sem hesitação.

— Ela saiu. Posso anotar o recado?

— Ela sai bastante para uma mulher em seu estado de saúde — diz o homem.

— Posso anotar o recado? — repito, com o tom um pouco mais ríspido.

Esses miseráveis encontraram o telefone dela no hospital enquanto investigavam sobre seu estado de saúde. Levá-la para a casa de repouso tinha sido quase uma missão de espionagem, ainda que tenha dado tudo errado no fim das contas.

— Não quero deixar recado. Ligo de volta num horário melhor. Que seria...?

— Na verdade, tenho seu número aqui. Peço para ela ligar de volta. Pode ser?

Ele ri.

— É claro.

Desligo e saio do apartamento, sentindo como se andasse sobre pernas de pau, a cabeça girando. Meu coração ainda está acelerado por ter subido correndo; sento no meio da escada e encosto a testa nos joelhos, me forçando a respirar fundo. O ar é úmido e denso no vão da escada, e a poeira irrita meu nariz, já que não varro aqui há um bom tempo, mas não me levanto.

Eu posso lidar com isso. Sou filha da minha mãe. Posso lidar com isso.

Pego o telefone no bolso e mando uma mensagem para Drea.

Está ocupada? Desculpe por incomodar sempre, mas eles ligaram de novo.

Estou no trabalho. Podemos falar sobre isso mais tarde.

Ok. <3

Guardo o celular e apenas respiro. Começo a adormecer um pouco, o calor e o cansaço no fundo da alma ameaçam me apagar. Estou me sentindo muito pesada, e a ideia de carregar meu corpo por todo o caminho até meu apartamento é esmagadora.

Meus olhos estão quase fechados quando Toby começa a latir na casa ao lado. Tento ignorá-lo, como sempre faço, já que ele late para basicamente qualquer coisa, mas os latidos são tão insistentes e quase desesperados que me obrigo a levantar. Não é o mesmo barulho que faz quando quer dar um passeio ou alguém passa lá fora. Desço as escadas cambaleando, ainda naquela sensação pré-cochilo, xingando Josie e Terry por não o colocarem naquela nova creche para cachorros que eles certamente podem pagar.

Quando chego ao primeiro andar, a porta da frente de casa está escancarada, e fico congelada ali no primeiro degrau. Não fechei depois que Theo saiu? Estava com pressa e não tenho andado muito atenta, mas fechar e trancar a porta é instintivo para mim. É da minha natureza.

Foi a mamãe que enfiou isso na minha cabeça, principalmente porque às vezes eu ficava em casa sozinha entre o horário que saía da escola e a hora que ela chegava do trabalho. Já virou memória muscular.

Olho por cima do corrimão para o corredor de entrada, escuro mesmo de dia porque Drea sempre apaga a luz quando sai para o trabalho, outro hábito incutido pela minha mãe.

Toby ainda está latindo loucamente, mas fico no degrau, como uma criança com medo de botar os pés para fora da cama e ser surpreendida por um monstro que vai puxá-la

para a escuridão lá embaixo. Não vejo nada, mas o medo me sobe até a nuca enquanto encaro o corredor porque sinto que há alguém, ou alguma coisa, me observando.

Penso na calma de Drew, o motorista do Uber, ignorando minhas ordens de parar o carro. Ele sabia meu sobrenome e não havia nenhum rastro dele no meu celular, e eu não contei a ninguém o que aconteceu.

Vejo uma sombra se movimentar na porta e meu coração bate acelerado no peito. Tem alguém ali.

— Sydney?

Dou um pulo e quase faço xixi nas calças, mas a voz está vindo do lado de fora. É a srta. Candace segurando sua bengala e espiando para dentro.

— Você está bem?

Faço que sim com a cabeça, embora os tremores de medo ainda percorram meu corpo, um leve tamborilar contrastando com minha tensão constante.

— Eu estava aqui pensando: “essa menina esqueceu de trancar a porta?”, e em vez disso você está parada aí com uma cara de quem viu um bicho-papão — diz ela, e ri.

Piso firme no assoalho de madeira, me forçando a não olhar para trás, para o fim do corredor escuro. São apenas alguns passos vacilantes até a entrada, e então posso acender a luz do corredor.

Não há nada lá além da porta de madeira pesada do apartamento, bem fechada. Eu fechei antes de levar Theo até a entrada? Sim. O ar-condicionado está ligado. Claro que fechei.

— Menina, você precisa dormir. Sempre virava essa coisinha avoada quando estava cansada, estou vendo que

continua a mesma.

Balanço a cabeça e saio, onde está um pouco mais úmido do que no corredor e uns dez graus mais quente.

— Estou bem.

— Aqui, fique com isso — diz ela, pegando um pote de alumínio com tampa de plástico da sacola pendurada em seu braço. Quando pego, o cheiro de banana, arroz e feijão do restaurante dominicano da esquina me deixa com água na boca. Tento lembrar qual foi a última coisa que comi, mas não consigo.

— Não, isso é...

— Pegue. Isso — determina ela, com firmeza. — Tenho o suficiente para alimentar umas dez pessoas e não duas, de qualquer forma. Vou levar um pouco para Ashley e Jamel também. Tudo que nós temos é uns aos outros.

A lembrança dos meus vizinhos, que estão lidando com o pior pesadelo de qualquer pai e mãe negros, coloca meus problemas em perspectiva. Não posso cair nesse buraco de autopiedade.

— Você está certa. Obrigada. — Pisco e dou um profundo suspiro. — E você, está bem?

Ela dá de ombros.

— Estou velha, meu corpo dói, mas meu cérebro continua afiado, ainda que *algumas* pessoas desejassem o contrário.

Meus dedos pressionam a embalagem de alumínio.

— Quem?

Ela faz um barulho de reprovação.

— Esses idiotas que ficam ligando, tentando me induzir a vender minha casa, como se eu não tivesse passado trinta

anos tratando de empréstimos no Apple Bank e não tivesse sido abençoada com duas doses de bom senso.

Um pouco do feijão derrama em meus dedos, e perco a firmeza.

— O pessoal da imobiliária?

Ela faz que sim.

— Eles têm vindo até a minha porta também. Dizem todo tipo de besteira, acham que se falarem rápido eu não vou acompanhar. — Ela faz novamente o barulho de reprovação com a boca, agora mais longo, para mostrar a profundidade de seu desprezo. — Meu cabelo está cinza, mas a minha *massa* cinzenta ainda funciona muito bem, obrigada.

— É horrível — digo, decidida. — Mas eles não vão conseguir te enganar.

— Nem hoje, nem amanhã e nem nunca nessa vida, querida — rebate ela, dando uma risada. — Vou lá. Vejo você mais tarde. Não esquece de aprontar aquele passeio.

Ela diz isso do mesmo jeito que costumava falar “Não esquece de fazer o dever de casa” quando eu era criança. A diferença é que agora, quando entro na cozinha para trabalhar, não há um sanduíche de mortadela e um copo de suco de laranja esperando por mim.

— Sim, srta. Candace — respondo.

Fico ali um pouco, respiro fundo, depois entro no apartamento de novo e esquadrinho todos os possíveis esconderijos antes de pegar um garfo, afastar os papéis e comer.

Post de Jamel Jones no OurHood, Gifford Place:
Obrigado a todos que passaram aqui, ligaram, rezaram ou enviaram mensagens. Ashley e eu estamos nos mantendo firmes, mas falamos com Preston no telefone e ele não está muito bem. Tentamos equacionar nossa situação financeira, mas só andamos em círculos, então, por mais que eu odeie isso, queria perguntar se alguém fez negócio com a BVT. Temos algumas perguntas. Quando o assunto é nosso filho, estamos dispostos a qualquer coisa.

Josie Ulnar: Eu os recomendo fortemente.

Kim DeVries: Eu também. São extremamente profissionais.

Jamel Jones: Obrigado às duas. Estou procurando pessoas da vizinhança que tenham usado os serviços deles para vender uma propriedade depressa, ou que tenham tido notícias de algum de nossos vizinhos que venderam.

(outros 0 comentários)

CAPÍTULO 8

Sydney

— POR QUE ESTÁ TODA ARRUMADA? — pergunta Drea, me olhando de cima a baixo enquanto me levanto, ao lado do canteiro da minha mãe no jardim.

Estou suada, meu pé de tomate definhou e me sinto tão cansada que minha mente está me pregando peças. *Não* estou no clima para ser julgada pela porra da minha roupa.

Aponto minha espátula para ela, que desvia do punhado de adubo que voa em sua direção.

— Estou usando uma camiseta que tenho desde o ensino médio e um short cortado, e minhas unhas estão imundas porque estou tentando salvar esses tomates — digo, balançando a cabeça com irritação. — Não estou arrumada.

Drea olha para mim de cima a baixo de novo.

— Sim, uma camiseta velha e um short, mas essa camiseta é aquela que deixa seus peitos fantásticos e esse shortinho é aquele que mostra exatamente o pedaço perfeito da polpinha da bunda. Acha mesmo que me engana?

— Que seja — mudo de assunto para ver se ela se toca. — Conseguiu a informação da VerenTech com o carinha do trabalho?

Provavelmente não preciso disso, mas a forma como Theo me olhou ontem mexeu com minha cabeça. Começo a

pensar que deveria incluir algumas coisas novas também, ainda que não sejam História; é importante e, agora que o projeto foi aprovado, vai trazer grandes mudanças. Não custa dar uma olhada.

Ela faz um “tsc” com a boca.

— Sim, peguei para você. Passei o envelope por baixo da sua porta antes de sair hoje.

— Obrigada. Eu te amooo — canto, fazendo a espátula de microfone.

— É claro que ama. — As ruguinhas ao redor dos olhos dela quando sorri para mim me fazem abrir um sorriso ainda maior. — Não olhei os arquivos, mas ele disse que a VerenTech conseguiu algum tipo de permissão especial do governo. A mesma que a BVT Realty tem, e provavelmente conseguiu do mesmo jeito: pagando aos funcionários para não olharem direito os contratos ao aprová-los. Enquanto isso, eu não consigo nem um empréstimo comercial.

— Foi rejeitado de novo? — pergunto. — Talvez você possa fazer um financiamento coletivo ou...

— Não se preocupe com isso — desconversa ela. — Lá vem seu amiguinho.

Ela estreita os olhos e aponta com o queixo para algo atrás de mim. Quando me viro, vejo Theo se aproximando.

O cabelo dele está molhado e bagunçado, e seus passos são confiantes; tem um copo de café em cada mão. Há uma câmera pendurada em seu pescoço e ela balança sobre a camiseta preta estampada com três palavras em letras brancas grossas: VIDAS NEGRAS IMPORTAM.

— Bom dia — diz ele, estendendo um dos copos para mim.

Pego o copo e, com a outra mão, faço um gesto apontando para a camiseta dele.

— Howdy Doody! Howdy Doody!

Ele puxa a camiseta.

— Sério? Isso é Howdy Doody?

Drea fica olhando para mim e para ele alternadamente, a mão no peito enquanto gargalha.

— O que está acontecendo aqui?

Estreito os olhos na direção de Theo.

— Por que está usando isso?

Ele pisca algumas vezes.

— Vi as mensagens sobre Preston no OurHood. Queria que as pessoas soubessem que sou solidário...

— Pode trocar? Por favor. — Passo as mãos pelas tranças, gentilmente porque meu couro cabeludo ainda está sensível. — Não quero ser conhecida como a mulher que anda por aí com o cara branco vestindo a camiseta do Vidas Negras Importam, está bem?

Fico esperando que ele discuta, mas sua expressão dura desmorona de uma vez só, como um cachorro que está levando uma bronca mas não sabe por quê.

— Mas valeu a intenção — digo.

Ele faz que sim, sério, põe o café na cadeira ao meu lado, depois a câmera, e tira a camiseta. Não é nada que eu nunca tenha visto dezenas de vezes pela janela, mas me atinge de um jeito um pouco diferente agora que ele está na minha frente. Sinto um calor subindo pelo peito e pelo pescoço, e olho em outra direção.

Eu devia começar a construir minha cabana ao lado do Riacho dos Pegadores, porque claramente é onde pretendo

passar o resto da vida.

— Sydney, isso foi um plano maligno para fazê-lo tirar a camisa? — cochicha Drea, e agora é para Theo que ela olha de cima a baixo. — Mandou bem, mandou bem.

— Dre. — Dou uma olhada do tipo "se não parar com isso...", mas ela está mais preocupada em fingir que passa a mão no peito cabeludo de Theo enquanto a camisa cobre o rosto dele. Ela recolhe a mão quando a cabeça dele reaparece fora da gola da camiseta.

Ele vira a camisa do avesso e a coloca de volta.

— Vou apenas esconder essa importante mensagem de justiça social que parece estar envergonhando a Sydney.

Seu tom é um tanto... melindrado.

— Era para eu ter agradecido? Dado os parabéns e mais um ou dois biscoitos?

Ele olha para mim, o rosto corado pelo constrangimento e o olhar magoado, enquanto põe a camisa para dentro da calça.

— Sei que não *precisa* da minha ajuda, mas você quer? Achei que estava me provocando pela diversão, mas, se realmente não me quiser por perto, avise logo.

— Sabe, é muito gentil da sua parte perguntar, Brad — responde Drea com um tom surpreendentemente simpático, enquanto pega meu café, dá um gole e me devolve o copo. — A Sydney precisa, sim, de ajuda. Ela não presta muita atenção aos detalhes.

— Estou bem atenta aos detalhes do passeio, sim, muito obrigada — digo e me viro para olhar para ela, que pegou o celular e não está me dando a menor atenção.

Respiro fundo, baixo a bola e tento não ser a pessoa que Marcus sempre me acusou de ser.

— Então, você tem algum encontro marcado ou qualquer coisa assim?

— Estou marcando. O carinha que está trabalhando no novo restaurante fusion jamaicano-mexicano me passou um papelzinho com o telefone dele junto com meu taco de carne. Posso pelo menos aproveitar as mudanças que a gentrificação trouxe, não é?

Ela ergue as sobrancelhas, dá uma olhada para Theo e depois me lança um beijo, desviando dos canteiros com os olhos colados na tela. Depois que guardo as ferramentas e lavo as mãos, eu e Theo vamos até o centro de memória, marinando sob o calor e a umidade de agosto e sob o constrangimento compartilhado pela pessoa que cometeu uma gafe e a pessoa que a corrigiu.

Ele diminui o passo quando passamos pelo centro médico e olha para o enorme cartaz na cerca com a ilustração de uma versão em 3D de como será o campus da VerenTech.

— O que você acha do acordo da VerenTech? Passei por umas pessoas protestando, conversei com algumas delas, mas não entendi mesmo por que não querem a VerenTech no nosso bairro quando há outros estados doidos para serem escolhidos pela empresa.

O uso do *nosso* me deixa um pouco arrepiada, mas não desconto nele.

— Bom, grande parte do problema é a forma como as pessoas viciadas em crack eram tratadas antigamente. — Torço o nariz e volto a andar. — Todo mundo agia como se *aqueles* viciados fossem zumbis sem alma, ou piadas, ou

problemas a serem aprisionados e de quem se podia arrancar os filhos. Agora, se as pessoas brancas ficam viciadas em alguma coisa, já se começa a construir laboratórios para pesquisar como consertar tudo.

Ele tem a cara de pau de lançar um *olhar de reprovação* para mim.

— Acha que as pessoas negras são imunes a opioides? Já vi todo tipo de gente viciada. Outro dia mesmo, neste exato lugar, um cara que estava completamente fora de si...

Reviro os olhos.

— É, o cara negro drogado de Gifford Place é exatamente o tipo que aparece nas capas das revistas e matérias quando as pessoas discutem o problema dos opioides.

— A alternativa é não ajudar ninguém, então? — pergunta ele.

— A alternativa é não jogar o centro de pesquisa e a sede de uma megacorporação no meio de uma comunidade que ainda é excessivamente importunada pela polícia com a desculpa dessa merda de guerra às drogas. Para algumas pessoas, é como ver todo dia alguém levantando o dedo do meio para você. Ah, espera, nem vai ser, porque nenhum de nós vai ter dinheiro para morar aqui quando estiver tudo pronto, mesmo.

Ele não diz nada dessa vez e continuamos andando.

— Antes era um manicômio, sabia? — digo, depois de um tempo, me sentindo culpada por ter estourado. — Antes de se tornar um hospital. As pessoas diziam que o lugar era mal-assombrado. Tipo, do mal mesmo. Com fantasmas tentando matar as pessoas e tal. Supostamente, esse é o

motivo por todos os processos de negligência que receberam.

Theo dá um sorrisinho — não está com raiva de mim. Que bom.

— Aposto que os médicos apoiaram essa teoria.

— Pois é. E quando eu era criança havia um boato de que, se ficasse fora de casa até muito tarde, os caras de jaleco branco te pegavam e você nunca mais era visto.

Theo olha para o prédio, antigo e cheio de trepadeiras mortas penduradas nas laterais, mas ainda imponente. Ele esfrega os braços.

— Assustador. Como era mesmo aquela lenda urbana dos palhaços sequestradores da van?

— Aquela o quê? — pergunto, semicerrando os olhos.

— Na minha infância, diziam que palhaços andavam por aí numa van branca e tentavam atrair crianças. Ouvi isso em, sei lá, seis estados diferentes. Talvez tenha um fundo de verdade.

Dou uma risada e balanço a cabeça, discordando.

— Esse é o pior plano de sequestro que já ouvi. Usar uma fantasia que fará as crianças gritarem e correrem de você para tentar atraí-las para uma *van* de palhaços? Não é nem um carro, para ficar coerente? Por favor.

— Bom, faz tanto sentido quanto crianças sendo raptadas por fantasmas do hospital.

Ele faz um muxoxo, como se eu não tivesse respeitado sua história de palhaços.

— Bem. Ao menos uma pessoa que teve um parente morto pelo experimento de Tuskegee mora na nossa rua.

Não é muito difícil imaginar de onde vem o medo dos sequestradores do hospital.

— É.

Um silêncio constrangedor se instaura entre nós de novo e dou um gole no meu café, tentando entender por que fico dando foras nele desse jeito. Quero ter uma conversa, mas fico irritada com *qualquer coisa* que esse homem perfeitamente simpático e normal diz.

A voz de Marcus surge na minha cabeça. *Você é muito difícil. Por que alguém aguentaria isso?*

— Então — continua Theo —, você trabalha com o quê?

— Trabalho numa escola primária.

Pronto. Finalmente consegui dar uma resposta sem estourar.

— Professora? Eu devia ter imaginado.

— Por quê?

— Porque você gosta de compartilhar conhecimento e de disciplinar as pessoas.

— Não gosto, não. Na verdade, sou muito legal com a maioria das pessoas.

— Ok. Então você só gosta de me disciplinar. Melhor ainda — observa ele, com um sorrisinho malicioso, e continua falando antes que eu possa discordar. — Também explica por que você não tem trabalhado nos últimos meses. Achei que também tivesse sido demitida.

Olho para ele pelo canto do olho. Como sabe que não tenho trabalhado? Tudo bem que eu tenho assistido à janela dele como se fosse um reality show no horário nobre, então não tenho direito de ficar chocada.

— Trabalho no escritório da escola. Coisas administrativas. Minha mãe conhece um monte de gente lá e me arranjou trabalho quando voltei a morar aqui.

O que vou dizer semana que vem, quando as aulas voltarem?, me pergunto*. O que vou dizer quando voltar e as pessoas começarem a fazer perguntas mais difíceis do que "Como ela está?"*.

— Sua mãe?

Quando dou um gole no café e volto a ficar em silêncio, ele compreende a deixa.

— Por que voltou a morar aqui?

Fico surpresa com a escolha do assunto — nem percebi que tinha contado isso a ele, mas, sim, contei. Ele parece ser bastante observador, para o próprio bem. Ou para o meu.

Paro e me inclino para olhar para ele.

— Por que está sendo tão enxerido?

Ele tira o cabelo suado grudado na testa.

— Porque estou curioso sobre você. Foi término? — Ele morde o lábio inferior, me analisando, e depois faz que sim com a cabeça. — Foi término.

— Pareço o tipo que leva pé na bunda ou algo assim?

Acelero o passo, como se pudesse escapar da humilhação daquele palpite certeiro. Era um lembrete do quanto eu tinha aguentado, e de que eu não havia sido a pessoa que pôs fim naquilo.

Ele me alcança depois de alguns passos largos.

— Você não parece o tipo que leva pé na bunda, o que quer que isso signifique. Você tem o olhar de alguém que não foi tão bem tratada quanto merece, é só isso.

Ok, está bem. Ele é observador além da conta.

— Foi um divórcio — digo.

— Divórcio não é o fim do mundo, sabe. Não estou julgando você. Na verdade...

— Vamos deixar isso para lá.

— Vamos.

Olho para a calçada rachada e na direção dos trilhos que seguem para Long Island, na ponte férrea que percorre a Atlantic Avenue; vejo as casas com ocupações, os cortiços do pós-guerra, os conjuntos habitacionais de tijolos com murais motivacionais misturados aos alicerces.

Olho para qualquer lugar, menos para esse homem que aparentemente consegue perceber que estou magoada só de olhar nos meus olhos. Não estou a fim disso e me esqueci de trazer os óculos escuros.

Ele começa a falar sobre ter pintado um mural em uma de suas escolas, embora seja péssimo com artes. Sobre como tinha ficado encarregado de pintar um carcaju, o mascote da escola, e no fim das contas ficou parecido com uma criatura felina zumbi. Aceno em resposta, e ele prossegue com uma história sobre uma cidade onde viveu e que tinha um problema com coiotes. Percebo que não está forçando a interação; está só fazendo um ruído de fundo para eu não precisar falar se não quiser.

Quando chegamos ao centro, uma estrutura meio desconexa de vidro e metal, nós dois estamos ensopados de suor. Theo está um pouco ofegante, e a conversa de mão única já diminuiu; soltamos uma interjeição de prazer ao mesmo tempo ao entrar no espaço com ar-condicionado, e depois rimos.

Olho para ele, que me encara de volta do mesmo jeito de sempre, os olhos bem abertos e interessados. Não há pena. Nenhum plano para usar minha óbvia solidão contra mim.

Aponto a mesa da recepção com a cabeça e ando na direção da mulher que está sentada lá, enquanto Theo caminha até a enorme janela de vidro do outro lado da entrada, contemplando o espaço ao ar livre.

— Olá, como posso ajudar? — diz a jovem sentada à mesa.

Logo depois, Theo exclama:

— Tem umas casinhas pequenas ali!

A mulher ri em reação àquela empolgação, e o sorriso comprime as sardas na pele negra-clara de suas bochechas.

— Essas casas estão aqui desde os anos 1820. Eram consideradas de tamanho normal naquela época. Fazemos passeios guiados por elas, mas nosso guia está de férias, então recomeçaremos na semana que vem.

Dou uma murchada de decepção. É isso que dá ficar adiando as coisas por meses em vez de simplesmente andar alguns quarteirões para fazer a pesquisa.

— Ah. Que... Tudo bem.

— Desculpe. — Ela soa como se realmente tivesse ficado chateada. — Pode explorar o entorno das casas. Nossas exposições estão abertas se quiser dar uma olhada. Temos três ótimas mostras em cartaz.

— Está ótimo para mim! — diz Theo, enquanto caminha mexendo em um maço de dinheiro. — Vou pagar a entrada. E quanto custam essas camisetas?

* * *

MEIA HORA DEPOIS, Theo está paramentado com uma camiseta verde-oliva estampada com as casinhas antigas em preto, cortesia da lojinha de presentes. Visitamos as exposições, que de fato foram úteis.

A primeira sala em que entramos tinha uma visão geral de como Weeksville havia sido fundada — por homens negros que compraram propriedades durante o Pânico de 1837 para poderem ter direito ao voto. Também falava sobre as leis que dificultaram a vida da comunidade negra no Brooklyn, como uma lei do século dezoito que impedia que as pessoas negras que conseguiam comprar propriedades as passassem a seus descendentes.

Tirei fotos de coisas úteis, como um mapa do bairro de antigamente e informações sobre algumas figuras históricas que fizeram parte da vizinhança.

A exposição seguinte era um panorama dos protestos raciais históricos em Nova York, começando com as insurreições de escravos em 1712. Aparentemente, começaram a pipocar muitos incêndios em Manhattan e, em vez de lidar com a realidade de que uma cidade feita de estruturas de madeira às vezes pega fogo mesmo, alguém decidiu que tudo estava sendo causado por pessoas escravizadas incitando rebeliões — o que levou à morte e ao esquartejamento de dezenas de nova-iorquinos negros, livres ou escravizados. Pensei imediatamente na ameaça que Kim me fizera, de chamar a polícia porque não a deixei furar fila, e fiquei imaginando se todas aquelas pessoas morreram por causa do equivalente histórico da Barbie da Birosca.

A última parte daquela exposição falava sobre os Protestos do Recrutamento de 1864, quando os irlandeses começaram a caçar pessoas negras pelas ruas de Nova York, matando indiscriminadamente e chegando a incendiar um orfanato. O povo de Weeksville abrigou e protegeu os negros nova-iorquinos que conseguiram cruzar o East River.

O rosto de Theo ficou pálido naquela exposição, e nos separamos em certo ponto; o dado histórico constrangedor de que as pessoas brancas pareciam gostar de perseguir os negros quando lhes dava vontade deixou o bate-papo entre nós um pouco tenso.

Na última exposição, nos reunimos; era uma amostra com imagens de pessoas do bairro de Weeksville ao longo da história. Famílias negras posando diante de lareiras. Professores negros dando aula na escola africana. Barbearias, restaurantes, toda uma vizinhança próspera do século dezenove, e tudo aquilo... desapareceu.

Agora, estou sentada num banco enquanto Theo tira fotos das casas antigas, e busco respostas para uma pergunta incômoda a que nenhuma das exposições respondeu.

— Para onde foram as pessoas de Weeksville? — pergunto. — Eles se esforçaram tanto para comprar propriedades e conquistar o direito ao voto. Passaram décadas construindo uma comunidade e simplesmente foram embora?

— Talvez tenham conseguido oportunidades melhores em outro lugar — supõe Theo, virando a câmera para mim e mexendo no foco da lente.

— Algumas pessoas podem até ter ido embora por isso, mas não todo mundo. Não é como se fosse fácil se mudar.

Eles não eram bem-vindos na maioria dos lugares e já era difícil manter o que tinham — digo, tentando não descontar em Theo, porque não é com ele que estou frustrada. — Ninguém simplesmente desiste de tudo que ralou para conseguir.

Estou numa espiral cega, tentando me manter calma.

— Mas veja a nossa vizinhança...

— Vou para o ar-condicionado.

Volto para a área da recepção, lutando contra a pressão repentina em meus dutos lacrimais.

Vou até o banheiro, jogo água no rosto, pego uma garrafa de água gelada e sento em uma das mesas redondas espalhadas pelo saguão. Depois de beber alguns goles, encosto a garrafa no pescoço e apenas respiro. Não posso continuar descontando tudo no Theo. Não é justo usá-lo como saco de pancadas emocional — sei bem como é isso, quando basta dizer qualquer coisa para disparar um alarme de irritação em alguém com quem você só está querendo ficar bem.

Ele não está nem sendo pago para me ajudar nisso. E, mesmo que esteja me irritando, mesmo que sua presença torne as coisas constrangedoras às vezes, é bom ter alguma companhia. É melhor ainda que essa companhia faça perguntas sobre meu passado e não saiba nada a respeito. Posso respirar um pouco mais aliviada com ele, ainda que provavelmente Theo me ache uma escrota tensa demais, porque, mesmo me sentindo aliviada, estou agindo como uma.

A porta se abre, Theo entra e vai em direção à mulher na mesa. Fico olhando enquanto ele puxa papo, o modo como

ela desvia os olhos do computador devagar e se vira para ele. Sorri. Deixa-se levar pela conversa.

Não é exatamente um flerte, é só o Theo. Algo em seu jeito franco faz com que você queira se abrir para ele.

Depois de alguns minutos, ele vem se sentar a meu lado, mas não o encaro, pois ainda estou me sentindo idiota por ter explodido.

— Estrada Eastern — diz ele.

Quando me viro, Theo desvia o olhar do local onde a condensação escorre da garrafa de água em direção ao vão entre os meus seios. Tiro a garrafa do pescoço, bebo um gole e tento não parecer exibida. Drea estava certa — essa camisa deixa meus peitos incríveis.

— Construíram a Estrada Eastern no meio do cemitério de Weeksville — diz ele, fazendo um movimento horizontal com a mão. — Como um corte mesmo, aparentemente. Algumas pessoas foram embora depois disso. Outras, quando começaram a colocar as ruas num sistema de padrões, o que mais uma vez significou cortes e mudanças. — Ele suspira e começa a mexer na câmera. — E depois os imigrantes brancos, bem, brancos agora, começaram a aparecer. Então talvez eu não estivesse tão errado quando disse “a nossa vizinhança”. Mas você estava certa também. As pessoas não vão embora em massa sem motivo.

De repente, ele se vira e tira uma foto minha.

Tiro a garrafa dos lábios.

— Que porra é essa, Theo?

— Desculpa — diz ele, olhando para a tela da câmera. Desculpas falsas. — Não resisti.

Ele se vira e mostra minha foto com a garrafa próxima à boca, os lábios úmidos e levemente abertos. As tranças estão afastadas do rosto, revelando um pedaço macio da minha pele negra e bronzeada das bochechas, além dos círculos mais escuros sob os olhos.

Pareço... atraente, eu acho.

Mas cansada.

Pareço a minha mãe.

— E então, qual é o plano, chefe? — pergunta ele, pegando a câmera de volta e dando mais uma olhada na foto antes de desligá-la. — Como isso tudo entra no passeio?

— Bem, acho que não faz sentido caminhar até aqui durante a festa, mas quero mencionar este bairro, pois Gifford Place era parte dele em seu auge. Mas provavelmente vou começar bem antes disso, com os nativos que viviam na região...

— É uma abordagem bem ampla.

— ... e depois falar dos africanos escravizados que ajudaram os holandeses a construir suas fazendas nas terras que roubaram dos algonquinos.

— Os holandeses? Não foram os britânicos?

— Não era você que estava pesquisando sobre a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais? — pergunto, lançando um olhar bravo para ele.

A expressão de Theo é gentil.

— Não consegui ver isso. Mas estou meio feliz por não ter feito, porque gosto quando você banca a professora malvada, principalmente agora que sei que só faz isso comigo.

Ele se levanta e sai andando, como se tivesse mandado uma ótima cantada e eu devesse ficar aqui, toda agitada. Dou uma risada de deboche. Se ele acha que isso é flerte, é melhor torcer para que eu nunca decida ceder à curiosidade, porque não vai dar conta disso tudo aqui, não. Só estou sentindo esse frenesi porque preciso dormir. E o frio na barriga é só porque preciso comer.

Eu me levanto, vou atrás dele, e, quando estamos saindo, a mulher da entrada nos chama.

— Sabem aonde podem ir se querem saber mais da história da vizinhança? À Igreja Metodista Episcopal Africana que fica ali na esquina. Nosso arquivista sempre procura a historiadora de lá para tirar dúvidas. O nome dela é Kendra Hill. Ela é basicamente uma enciclopédia ambulante da região.

— Conheço a srta. Hill — digo, com um meio sorriso. — Ela é amiga da minha mãe. Posso ligar para ela e combinar. — Viro para Theo. — Quer ir lá amanhã, se ela estiver livre? E se você estiver livre?

Fico aflita; assim, sem pensar, já estou presumindo que ele vai me ajudar. Não aprendi mesmo a lição.

— Estou livre — responde ele. — Eu disse que ia ajudar. Então vou ajudar.

Tento pensar numa resposta sarcástica, mas a única coisa que sai é um “obrigada” baixinho.

Estou cansada.

Preciso de ajuda.

Vou aceitar.

Post de LaTasha Clifton no OurHood, Gifford Place:
AIMEUDEUS, vejam essa matéria do *Nova York Secreta*. É sobre como havia túneis secretos por baixo do Centro Médico!

Amber Griffin: Quê? As pessoas-toupeira são reais?

Candace Tompkins: Nada de pessoas-toupeira. O hospital funcionou como uma fábrica por um tempo, depois que o manicômio foi fechado, e havia passagens subterrâneas. Usavam para transportar carregamentos naquela época.

LaTasha Clifton: Que tipo de carregamentos precisariam passar por baixo da terra??

Candace Tompkins: Não queriam incomodar as pessoas ricas que viviam no bairro.

Amber Griffin: Não acredito nisso. PESSOAS. TOUPEIRA. PONTO-FINAL.

CAPÍTULO 9

Theo

QUANDO ACORDO DO MEU COCHILO de tédio, as sombras lançadas pelas luzes da noite realçam a intensa ereção que tensiona minha cueca boxer.

Parece errado que todo esse tesão corra em minhas veias pela primeira vez em meses e não seja pela Kim, mas nem tão errado assim.

Eu não devia estar todo animado com a Sydney. Ela é apenas minha vizinha. Fim de papo.

Meu pau se move, excitado, e solto um suspiro frustrado. Saio da cama ainda meio grogue e sigo para o banheiro no modo automático. Quando giro a torneira do chuveiro, escuto um som que parece a tosse seca de um fumante, seguido de um ruído metálico em algum lugar — ainda estou sem água, é claro.

Abro a porta, coloco a cabeça para fora e deixo-a cair, em parte pela derrota, mas também para tentar escutar algum dos sons habituais que vêm lá de baixo quando Kim está em casa.

Nada.

Meu corpo relaxa diante do que aquele silêncio significa: nada de andar na ponta dos pés. Nada de esperar aquela bigorna — da qual achei que podia escapar — cair do céu como nos desenhos animados antigos que minha mãe

botava na TV, com o volume altíssimo, para me manter ocupado enquanto seu mais recente namorado vinha visitar. Às vezes, nos desenhos, os objetos pesados que caíam do céu eram atos inevitáveis de maldade. Mas, na maioria das vezes, o personagem prestes a ser atingido era o responsável por seu próprio esmagamento, graças a uma combinação de ganância, arrogância e burrice.

É. Acho que não prestei atenção direito a essa parte.

Enrolo uma toalha na cintura e desço para tomar banho e me livrar daquele suor — ainda está quente para caramba no meu apartamento, e me sinto grudento e letárgico.

Fico aliviado em pensar que Kim não está ali, de novo, mesmo que esteja com outra pessoa. Talvez eu devesse estar com raiva e empenhado em reconquistá-la, mas só consigo pensar em como vai ser bom fazer o jantar no fogão esta noite, como um adulto, em vez de comer miojo feito com água fervida no fogareiro portátil que tenho em meu conjugado. De repente posso ligar o ar-condicionado dela, relaxar e finalmente pesquisar o negócio que prometi a Sydney.

Quando entro na sala, percebo que estava errado.

Kim está lá, com um short cáqui bonitinho e uma blusa branca revelando que ela ainda é adepta dos “mamilos livres”: os dela gozam de total liberdade no momento. O cabelo está solto, na altura dos ombros, com largas ondas.

Ela está linda, com um ar divertido, de verão, mas, quando seu olhar cruza com o meu, entramos no inverno congelante. O cômodo também está gélido — ela comprou mais um ar-condicionado depois de me criticar por querer um.

Eu teria dado uma risada se minhas bolas não tivessem se retraído depois do olhar que ela me lançou ao virar a cabeça em minha direção.

É totalmente inexpressivo; nenhuma felicidade, nem mesmo desprezo. Se eu fosse um rato correndo pela casa, ela teria demonstrado mais emoção.

— Oi — digo, meio sem graça, apertando a toalha na cintura. Olho para a mala de rodinhas que ela fecha com cuidado. — Vai viajar?

— Meus pais me chamaram para a casa deles nos Hamptons — responde ela. Precisa especificar, porque eles também têm casas em Martha's Vineyard e na costa da Carolina. — Acharam que seria mais inteligente chegar lá antes do trânsito do feriado. Está superquente lá também, mas pelo menos tem uma brisa do oceano.

— Ah. Legal.

Não imaginei que passaríamos o feriado juntos, mas achei que estaríamos ambos infelizes, separados, mas próximos, como aconteceu no último feriado. Infeliz é a última coisa que ela vai estar, numa mansão com comida sendo servida, brisa do mar, piscina e...

Eu sou um babaca mesmo. Minha namorada está indo embora de repente, provavelmente me traindo, e estou com inveja dos rolinhos de lagosta e das mordomias dos quais ela vai desfrutar.

— Ele vai estar lá? — pergunto.

— David? — Ela inclina a cabeça para o lado. — Isso não importa, não é mesmo? Porque, quando eu voltar, você vai ter ido embora.

Ela fala com tanta naturalidade que quase não percebo do que se trata.

Estou sendo expulso.

Eu devia fazer alguma coisa. Ficar com raiva. Dar um chilique. Em vez disso, minhas mãos agarram a toalha e fico meio paralisado ali, como uma barata quando se acende a luz da cozinha.

— Como assim, Kim? Assim, do nada?

Pergunto, mas não é realmente uma indagação. E, na verdade, esse *do nada* vem acontecendo há meses.

Ela suspira, balançando a cabeça.

— Olha, não faz sentido ficar arrastando isso. Claramente nós temos valores diferentes e nosso relacionamento está estagnado há meses. Desde antes de nos mudarmos. Somos relativamente jovens e...

— E onde eu vou morar? — interrompo. Meu rosto está quente, me sinto ridículo e exposto: falido, desempregado, seminu, prestes a ser expulso da minha própria casa. — Gastei a maior parte das minhas economias para comprar esta casa com você, meu nome está na hipoteca, e agora você acha que pode...

— Que posso expulsar você? Sim — diz ela, pegando a mala. — Sei que vai falar sobre leis de arrendamento, equidade ou alguma outra coisa entediante, mas só um de nós tem um pai que é um advogado poderoso especialista no assunto.

— Não vai nem se oferecer para comprar minha parte?

Esse é o verdadeiro golpe. Ela tem dinheiro para isso. Ela tem muito dinheiro, nem precisava da minha contribuição

para a hipoteca, mas eu quis provar que não estava querendo me aproveitar do dinheiro dela.

Eu queria contribuir financeiramente, mas era como um homem das cavernas voltando para o acampamento com uma lebre magra enquanto a família dela já tinha abatido e armazenado uma horda de mamutes peludos.

Ela ri, um único *ha* afiado.

— Por quê? Meu pai nunca gostou de você. Tenho certeza de que ele vai adorar ter um motivo para te ferrar um pouco mais.

— Mas *você* já gostou de mim em algum momento.

Ela olha para mim como se fosse a heroína atormentada de uma comédia romântica e eu, o Zé-Ninguém que fica no caminho entre ela e a felicidade.

— As coisas mudam. — Uma buzina soa lá fora e ela dá de ombros. — Olha, você têm uma semana. Não deve ser difícil encontrar um quarto em algum lugar.

Não quando você é rica e passa em qualquer pesquisa de antecedentes, imagino.

— Obrigada pelos últimos anos. Foram bons, na maior parte. Mas agora acabou, e estou fazendo o que é melhor para mim. Meu psicólogo disse que serei muito mais feliz quando a casa estiver livre de pessoas tóxicas, então não há motivo para adiar isso.

E assim ela sai da sala e da minha vida também, pelo visto.

— Ah — diz, a voz ainda no corredor de entrada. — Pode beber a sobra do vinho na geladeira, mas não faça nenhuma besteira com as minhas coisas ou transformo sua vida num inferno.

E então ela vai mesmo embora.

Entro no chuveiro, ou pelo menos meu corpo entra, enquanto minha mente começa a analisar as possibilidades. Não tenho amigos que possam me abrigar — antes de conhecê-la, eu era novo na cidade e sem amigos, andava com meus colegas de apartamento por falta de opção. Além disso, basicamente só tenho conhecidos com quem já perdi o contato ou que podem ou não estar na cadeia em algum lugar. Minha mãe nunca conseguiu ajudar, então não é uma alternativa.

As chances de conseguir outro emprego como aquele que arranjei para agradar Kim são quase nulas, e, além disso, era muito trabalho. Tenho outras maneiras de ganhar dinheiro rápido, e é por isso que posso pagar por alguns meses de aluguel, mas estava convencido de que só tinha feito aquilo nos tempos difíceis. Vou realmente voltar para aquela vida?

Quando eu era criança, ficava tão irritado com minha mãe por sempre cometer os mesmos erros idiotas. Agora, me pergunto se existe possibilidade de evitar o padrão. Tentei muito quebrar o ciclo, e olha onde vim parar.

Depois de alguns minutos debaixo do jato morno, o pânico e a raiva vão embora, como sempre aconteceu ao longo da minha vida — é provável que estejam virando um tumor em algum canto escuro do meu corpo —, desligo a água e saio do banho calmamente.

Tenho uma semana. Vou ficar bem.

Normalmente, a gente tinha menos tempo do que isso para se mudar quando eu era criança — sei, por experiência, que é possível empacotar tudo de que você

realmente precisa em meia hora. Uma semana é um tempo de ouro.

Vai ficar tudo bem.

Ela deve estar batendo uma punheta para o David na estrada agora mesmo.

Que se dane.

Vou até a geladeira, tiro a rolha chique do vinho que Josie tentou me fazer beber na outra noite e tomo um gole enorme do líquido doce demais. Na prateleira de baixo, há sobras do restaurante italiano sofisticado aonde costumávamos ir quando alugávamos um apartamento em Manhattan, e pego a caixa por puro rancor.

Dado o curto prazo, provavelmente vou acabar num aluguel ilegal, tendo uma cortina da Ikea como parede. Eu *mereço* essa sobra de lasanha vegetariana — é isso que ela sempre pede.

Sei esse tipo de coisa sobre ela, e ela não sabe nada sobre mim. Nada. E não estou falando só das coisas que escondi.

Tomo mais um gole do Riesling — que já ficou ruim, mas ainda assim vai me deixar bêbado —, levo a caixa para o micro-ondas e abro.

São camarões salteados.

Ora, veja só.

Depois de esquentar a comida, levo a garrafa para o meu apartamento e sento para começar a procurar um lugar. Bebo. Mando uma mensagem perguntando a um antigo contato, cuja reaproximação tenho tentado evitar, se ele tem algum trabalho para mim, na esperança de que o

número ainda seja o mesmo. Bebo. Olho mais lugares, mando e-mails para alguns.

Ainda estou num estado tal de entorpecimento que me impede de ficar com raiva de Kim — estou principalmente com raiva de mim mesmo.

Eu sabia que ela não era meu tipo desde a primeira vez que nos encontramos naquele happy hour — claramente ela estava se fingindo de pobre naquela noite de shots por um dólar, enquanto eu estava mesmo tentando economizar. Nossos primeiros encontros foram todos no verão, vários shows de graça, passeios na praia, cerveja barata. Foi só quando ela me levou para conhecer os amigos num restaurante chique, quatro meses depois, que me dei conta de quão diferentes eram nossos extratos bancários e nossas rotinas. Mas, àquela altura, já era uma questão de ego: a garota bonita e rica gostava *de mim*.

Ela era vibrante, independente, e não *precisava* de mim.

A família dela era rica havia muitas gerações, e essa riqueza passaria para ela.

Eu precisava ficar com ela.

Meu Deus, pensando agora, é patético e até bem bizarro da minha parte. Eu tinha mesmo gostado dela para além do fato de que ela gostava de mim quando não deveria? De que ela não se importava de pagar a conta, afinal? De que ela gostava de organizar minha vida e me incentivar a conquistar coisas que um cara como eu nem imaginaria que existiam?

Quando ela me disse que eu precisava arranjar um emprego melhor... mirei meio alto demais. Parte de mim se ressente de que aquela carta específica tenha sido puxada

da base do castelo, fazendo-o desmoronar por completo *assim* que a tinta da escritura deste imóvel secou.

Ouço o barulho da notificação de um e-mail no computador — um dos anúncios de apartamento já tinha respondido porque era um golpe. Deleto a mensagem e o e-mail anterior aparece na tela.

> Panorama básico do passeio

Clico no link para o documento compartilhado que Sydney enviou mais cedo, e sua pesquisa se abre numa nova aba do navegador. Um círculo paira no canto direito superior da tela, com o desenho de uma vagem. Quando passo o mouse por cima, o endereço sgreenbean@mailmail.com aparece. Tento não ficar muito bobo com a ideia de que ela está do outro lado da tela, de certa forma. Começo a trabalhar.

Passo pelas páginas que ela já tinha me mostrado e paro em um tópico intitulado “Casa própria para os negros”.

> Possuir propriedades era visto como essencial para obter um status de pleno cidadão; ao longo da história do Brooklyn, abolicionistas e ativistas sugeriram que os esforços para impedir a aquisição de imóveis e/ou a desvalorização de propriedades nas comunidades negras podem ser vistos como um ataque à cidadania negra e ao bem-estar da população negra em geral.

Não tenho certeza se essas palavras são de Sydney ou de outra pessoa, mas me ocorre que durante todas as noites em que a vi sentada no sofá fazendo anotações, entre crises de choro e taças de vinho, provavelmente era nisso que ela trabalhava. Ainda que aja como se isso fosse algo que está fazendo por capricho, ou como se não estivesse dando tanta importância à questão.

Abro outra aba e digito “Companhia Holandesa das Índias Ocidentais + Brooklyn” na barra de pesquisa, e em seguida dou uma olhada nos textinhos que aparecem em cada resultado, até ver algo que chama minha atenção.

> Depois do estabelecimento da Nova Amsterdã, os holandeses deram início àquela que seria uma de suas contribuições mais duradouras para os cinco distritos de Nova York — a importação de africanos para trabalhar nas fazendas e obras públicas.

O texto prévio de outro site diz: “... com o fim da escravidão no Brooklyn, muitos dos proprietários de escravos da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais se voltaram para uma nova indústria: os bancos.”

Dou uma risada de desdém. É, tendo sido recentemente demitido de um emprego num banco, sei muito bem por que esses babacas preguiçosos se voltaram para esse negócio. Dinheiro fácil gerado pelo trabalho árduo dos outros.

Eu deveria continuar procurando um apartamento, mas, em vez disso, pego a garrafa de vinho e começo a ler.

* * *

QUANDO VOLTO A MIM, a metade inferior do meu corpo deslizou para fora da cadeira de escritório e ouço os gemidos e grunhidos de um filme pornô saindo dos meus fones de ouvido, que estão em cima da mesa. Uma *parada muito esquisita* que só pode ser o resultado da reprodução automática de uma lista bem eclética de vídeos rodando na minha tela. Não me lembro de ter colocado um filme pornô. Não me lembro de nada depois de olhar o anúncio de um apartamento com o porão horrendo em Mill Basin. A garrafa

de vinho gigantesca está praticamente vazia, mas minha cabeça gira de um jeito que não é normal para alguém que bebe um engradado de cerveja sozinho quase toda noite.

Estendo a mão para fechar o notebook, mas meus movimentos estão lentos e trêmulos, então apenas aperto o pause e tento recuperar o equilíbrio.

Mudo de aba e caio no documento. Pisco e vejo um espaço se abrindo entre os parágrafos de Sydney, um espaço em branco ocupando a tela. Sinto o medo percorrer minha nuca por algum motivo, até que percebo minha própria mão em cima da barra de espaço. Tiro a mão com alguma dificuldade... e o espaço em branco continua preenchendo a página, até que de repente para. O cursor pisca ali naquele espaço em branco, até que palavras começam a ser digitadas.

Muito quente?

Sydney?

Não. Quando olho para o canto superior direito da tela, não há mais o círculo com o desenho de uma vagem, mas um círculo preto.

Alguma outra pessoa está no documento.

Muito vinho causa isso, digita quem quer que seja.

Consigo fechar a tela apesar dos meus braços dormentes, mas, quando tento me levantar, uma ânsia de vômito violenta reverbera em meu estômago e em meu diafragma.

— Eca.

Eu arroto, e o gosto da bile em minha boca é mais um alerta de que me mexer talvez não seja a melhor ideia no momento. Não consigo levantar e também não quero

vomitar em uma das poucas coisas de valor que poderei levar comigo na mudança, então uso os pés para me afastar da mesa, rolando a cadeira devagar para a janela ao lado. Estaciono bem em frente ao ventilador incrustado na parede, depois encosto com cuidado na cadeira e me sento, com a coluna ereta, ainda muito enjoado. Bem quieto.

Como fiquei bêbado desse jeito?

Passei grande parte dos meus vinte e poucos anos entornando vodca em clubes russos e nunca enfrentei nada pior do que alguns tetos pretos.

A última vez que vomitei foi no ensino médio. Tinha ido a uma festa onde tentei dar em cima de cinco garotas, sem sucesso, e acabei a noite abraçado a uma garrafa de rum, num canto. Talvez seja a maneira de o meu corpo reagir à rejeição.

Espera aí. Alguém estava no documento. Alguém que não era a Sydney estava no documento, escrevendo como se pudesse me ver. O que era aquilo?

Um uivo profundo e musical perfura a noite e arrepia os pelos dos meus braços. Conheço esse som — um dos ex-namorados babacas da minha mãe era caçador, e esse é o som de um cachorro avisando algo.

Count.

Durante todos os meses em que moramos aqui, eu o ouvi latindo apenas algumas vezes — normalmente é Toby que protagoniza o festival de latidos —, mas nunca ouvi algo assim.

Há movimentação do outro lado da rua, na casa do sr. Perkins, no primeiro andar. Estou confuso e as luzes

bruxuleantes da TV na sala dele não ajudam, mas definitivamente há alguém ali dentro.

Merda.

Uma mensagem no OurHood alertava sobre uma onda de arrombamentos, mas eu sei o motivo desse boato. E ninguém escolheria essa casa no meio de todas as outras, não é?

Talvez ele esteja fazendo um lanchinho de madrugada, mas nunca o vi acordado até essa hora. Normalmente, ele acorda e vai andar na rua às seis da manhã — é uma das minhas constantes, às vezes desvia um pouco da rotina, mas em geral segue o padrão. Tem algo muito errado acontecendo neste momento, e, como estou fora do ar, minha inquietação vira claramente um mau presságio; algo de ruim está prestes a acontecer. Quando você já foi o algo ruim, fica bem fácil identificar a calma que vem antes da tempestade.

Eu me inclino para a frente e espio pelas hélices do ventilador, que giram lentamente. O movimento me dá vontade de vomitar, então estendo a mão para desligá-lo.

Count late de novo, e estreito os olhos para ver o que está acontecendo entre as hélices, que vão parando devagar. O sr. Perkins vai até a sala, e então a visão é bloqueada pela hélice do ventilador. Ele olha para a esquerda — hélice do ventilador. Agora, ele vira a cabeça depressa para trás — hélice do ventilador. Quando olho para as outras janelas que dão para a rua, há duas sombras corpulentas passando pelo brilho da televisão. Mais uma virada da hélice do ventilador e as sombras sumiram. Quero dizer que foi minha imaginação, mas Count late com mais insistência agora.

Vejo uma luz se acender em uma das janelas de Terry e Josie — é a cara dela reclamar do barulho no OurHood —, mas preciso de toda a minha concentração para focar no que está acontecendo na casa do sr. Perkins.

Seguro o peitoril da janela e tento ficar em pé. Pontos pretos surgem na minha visão periférica e meu corpo está ensopado de suor, mas tenho uma visão melhor agora. Vejo o sr. Perkins se virando, os olhos arregalados enquanto dá um passo para trás.

Count continua latindo mais e mais.

Merda.

Preciso ajudar, mas meu corpo está tão pesado. Preciso ligar para alguém, pelo menos, mas, quando viro a cabeça para procurar o celular, o quarto todo gira e eu vomito.

Então, três coisas se sucedem: a TV na sala do sr. Perkins desliga, deixando a janela no escuro; há o barulho alto de uma batida; Count para de latir abruptamente.

Na verdade, quatro coisas: eu apago.

OurHood Gifford Place/grupoprivado/Renovação

O Departamento de Habitação retransmitiu uma informação: arquivos internos relacionados ao projeto foram acessados. Provavelmente não é nada, mas é preciso investigar e cuidar da questão, junto com os pedidos relacionados à Lei do Acesso à Informação.

CAPÍTULO 10

Sydney

ACORDO DE REPENTE DEITADA NO CHÃO atrás da porta dos fundos, encolhida como um cachorro que precisa sair. A confusão mental do pesadelo se dissipa, mas não o gosto de cabo de guarda-chuva em minha boca, resultado da mistura de vinho rosé e Zolpidem.

Eu não devia ter tomado os comprimidos, mas o álcool não foi suficiente para me apagar, e minha mente dava voltas e mais voltas ao redor das memórias ruins e das boas, que agora parecem ainda piores que as ruins. Bêbada, peguei os comprimidos em meio ao desespero; nem lembro quantos engoli.

Eu me sento, contraída pela dor nas costas. Todas essas tentativas de apagar e ter algumas horas de paz não serviram de nada, porque os pesadelos foram tão reais que agora estou ainda mais exausta.

Havia demônios nas paredes, batendo e arranhando enquanto se entocavam pela casa para me fazer pagar por minhas mentiras. Eu tentava pedir ajuda, correr para a minha mãe...

Fico esperando a ansiedade do sonho sair do meu corpo e me deixar relaxar, agora que estou acordada, mas sigo completamente retesada. Talvez seja porque a realidade é tão merda quanto e... Ah, *porra*. É quinta-feira.

Eu me obrigo a me levantar e corro para o quarto. O celular não está conectado ao carregador na tomada, então começo a jogar travesseiros, edredom e lençóis no chão até ouvir o baque do telefone e pegá-lo.

Está descarregado. Estava carregando da última vez que me lembro, então devo tê-lo usado durante a letargia do Zolpidem, como se tudo já não estivesse ruim o suficiente.

— Merda, merda, merda.

Ligo o carregador na tomada, aquela imagem irritante da bateria com uma linha fina vermelha fica na tela um tempão, como se estivesse me provocando. Finalmente a maçã branca aparece, e depois a tela da senha de segurança. Sem pensar, coloco minha senha antiga — o dia em que eu e Marcus nos conhecemos —, que, obviamente, está errada. Mudei há três anos, quando comecei a suspeitar de que ele estava bisbilhotando meu telefone.

Você está paranoica, Sydney.

Coloco a senha nova, os números que a mamãe sempre jogava na loteria.

O telefone destrava, e, assim que ativa o sinal, a primeira coisa que aparece é uma mensagem do Claude.

> Ei, você precisa dar uma relaxada. Minha namorada viu suas mensagens loucas e agora está com raiva DE MIM. Você está passando por alguma coisa aí, entendo, mas, por favor, apague meu número.

Ai.

Não tenho coragem de olhar qualquer que seja a mensagem humilhante e patética que eu tenha mandado para ele, então apago logo toda a troca de mensagens. Espero ver uma resposta da Drea me contando como foi a noite, mas ou ela ainda está no encontro de ontem à noite,

ou está tentando fazer valer o limite do “você não pode me usar como terapeuta”.

Nada disso importa, no entanto; há uma mensagem de voz dos advogados. A ligação que eu estava aguardando, que talvez fosse minha última esperança, e eu dormi. Retorno a ligação.

— Gladstone e Gianetti.

— Olá, aqui é Sydney Green, eu...

— Olá, srta. Green. A srta. Gianetti lhe deixou uma mensagem, mas a agenda dela está lotada nas próximas semanas.

— Sinto muito por ter perdido a ligação. Não tem como...

— Não. — O tom da recepcionista mostra que é definitivo. — Infelizmente, parece que a essa altura não há nada a ser feito no caso da sua mãe. Ela vai entrar em contato por e-mail. Há também a questão do pagamento pendente, o que compreendo que talvez seja difícil, dada a situação.

Surpreendentemente, não sinto nada. No fundo, por trás da tentativa de otimismo motivada pelo desespero, eu sempre soube que eles não poderiam ajudar.

— Está bem. Eu entendo.

— Você pode procurar um dos escritórios sem fins lucrativos. Eles provavelmente têm mais recursos para ajudar você a agir de forma independente.

— Está bem. — Ela dita um número de telefone, mas é tarde demais.

A verdade que tenho evitado a todo custo começa a fazer sentido: estou completamente ferrada e não há advogado que possa me ajudar com isso.

Meu peito começa a doer e desabo no chão, os olhos fechados e sem conseguir respirar direito.

Abro minha conversa com Drea e aperto o botão do áudio.

— Está em casa? Está acontecendo de novo. Meu peito.

Aperto enviar e me encolho com o telefone.

Não há nada que eu possa fazer a não ser esperar. Não tenho dinheiro para mais uma despesa médica e, mesmo se tivesse, provavelmente apenas iriam dizer que preciso reduzir o estresse, o que não é exatamente uma opção no momento.

Talvez seja mesmo um ataque cardíaco dessa vez, porque estou suando, tremendo, e a dor no peito está aumentando. Olha, eu nem ficaria zangada se fosse para valer. Pelo menos poderia descansar, e outra pessoa teria que lidar com a confusão em que estou metida.

Fico deitada no chão um tempão, respirando e instigando meu corpo idiota a se resolver ou parar com aquilo, e então imagino o que minha mãe diria se me visse daquele jeito. Sei o que Marcus diria. *Quer fazer uma cena e agir como maluca? Está bem. Vou tratar você como maluca*.

Essa lembrança é um soco no peito, mas ligo para o celular da mamãe, ouço sua caixa postal e o ataque de pânico diminui.

Trêmula, me levanto e vou em direção ao chuveiro, onde ponho uma quantidade quase cômica de esfoliante corporal na esponja e passo pelo corpo até sentir que praticamente arranquei uma camada de pele. Depois de esfoliar o rosto e enxaguar, vou para o quarto e aplico um hidratante denso, no meu ritmo, me permitindo uma abstração durante esse ritual diário.

Estou olhando para a parede, a mente vazia e o olhar desfocado, quando um pequeno ponto preto começa a correr.

Toda a calma recuperada com aquele ritual de autocuidado vai embora imediatamente. Avanço depressa atrás do ponto rastejante, pego o copo na mesinha ao lado da cama e grudo na parede.

É melhor não ser mais um percevejo-de-cama.

Minha pele começa a coçar como se o hidratante tivesse sido totalmente absorvido, mas, ao examinar através do fundo do copo de vidro, percebo que é apenas uma baratinha. Não é o ideal, mas pegar uma lata de inseticida é bem mais fácil do que ferver todas as minhas roupas.

Estou prestes a mexer o copo quando tenho uma lembrança do pesadelo... Não tinha alguma coisa que arranhava as paredes? Devagar, levo a orelha ao copo, como fazia quando era criança, pois tinha visto num filme. Ouço meus próprios batimentos cardíacos, minha própria respiração... E...

A campainha toca de repente e dou um pulo, largando o copo. Por milagre, ele não quebra depois de quicar quatro vezes em câmera lenta e então rolar para baixo da cama.

Dou um tapa na parede ao ver algo correndo, mas a barata pelo visto tem mais sorte do que eu e fugiu em direção à liberdade. Não havia baratas quando mamãe estava aqui, mas naquela época a srta. Wanda morava ao lado. Suas crianças nunca estavam sujas e ela desinfetava as bancadas todas as noites, apesar das mentiras que Josie contou aos amigos. Corro para vestir uma calcinha, uma

camisa e um short e disparo para a porta, o coração acelerado no peito.

Chego à porta da entrada e há um homem branco, alto e de camisa azul parado do lado de fora. Ele usa um boné azul enterrado na cabeça e está tão perto da porta, quase encostado, que não consigo ver a rua atrás dele. É corpulento o suficiente para isso.

— Yolanda Green está? — pergunta ele, o olhar no fundo do corredor, atrás de mim.

As palavras estão confusas na minha garganta, então pigarreio primeiro e adoto uma expressão de aborrecimento educado.

— Sou a filha dela. Posso ajudar?

— Estou aqui para fazer a leitura do medidor — diz ele, pelo vidro. — Posso entrar?

Os medidores de eletricidade estão no armário do corredor, o que significa que terei que deixá-lo entrar em casa para fazer a leitura. Os pelos da minha nuca se arrepiam em alerta e não ignoro meu instinto, mesmo que ainda seja movido a Zolpidem.

Ponho a mão no bolso para pegar o telefone e percebo que ele ainda está no chão do quarto.

— Senhorita? Preciso fazer a leitura do medidor.

A voz dele soa um pouco divertida, como se estivesse me desafiando a ser idiota o suficiente para acreditar nele ou paranoica o suficiente para não acreditar. Ele dá um passo à frente e agora seu peito está encostado à porta. O nome costurado a seu uniforme me dá arrepios: DREW.

Ele bate no vidro como se eu não estivesse ali, olhando para ele.

— Há meses que o valor de sua conta é uma estimativa. Se não me deixar entrar...

— Sydney?

O cara da “companhia de eletricidade” olha para trás, sai do caminho e vejo Theo esperando no pé da escada. Seu cabelo está molhado e sua expressão está... muito estranha.

— Achei que íamos nos encontrar às oito e meia — diz ele, um encontro do qual eu não tenho nenhuma memória. Imagino se ele está vendo o cara bizarro parado na minha porta, e então seu olhar se vira para ele. — Ah, oi, cara. Tudo bem?

Ele faz um daqueles gestos que os caras brancos fazem, passando a mão na sobrancelha e enrugando o rosto, e depois dá uma olhada persistente para o cara, deixando claro que ele foi desmascarado.

— Posso voltar depois, se tiver um compromisso, senhorita — afirma o cara.

E então ele vai embora, desce as escadas e entra no banco do carona de uma van branca que dá partida.

Abro a porta o suficiente para me debruçar para fora e acompanho a van indo embora.

— Essa van não era da companhia de eletricidade.

— Talvez a van dos palhaços tenha voltado à ativa — comenta Theo, e dá alguns passos para trás. — Não tinha placa, na frente nem atrás. Será que chamamos a polícia?

Olho para ele de cara feia.

— Claro, só para outro cara branco assustador aparecer na minha porta, e um que definitivamente vai me matar

sem qualquer preocupação, em vez de apenas talvez me matar sem qualquer preocupação.

— Caramba, Sydney — diz Theo, e solta um suspiro. Espero que ele recue, mas continua: — Eu entendo. É que... esse golpe é bem comum. Fingir ser alguém que trabalha para a companhia de eletricidade, TV a cabo... Muitos golpes contam com o fato de que as pessoas confiam nesses funcionários.

Dou um passo para trás, pronta para fechar a porta para o mundo e para essa conversa.

— Obrigada por afastá-lo.

— Você falou com o sr. Perkins hoje? — Ele passa a mão na barba e nesse momento percebo que está de ressaca. Seus olhos estão vermelhos e ele está com uma cara horrível, a pior que já vi nele; a barba desgrenhada e um brilho oleoso na pele. — Fiquei um pouco bêbado ontem à noite, mas juro que... Não me lembro de tudo, mas acho que vi alguma coisa pela janela dele.

Meu estômago aperta.

— Que tipo de coisa?

— Tipo talvez alguma coisa tenha acontecido com ele? — Seus olhos estão cheios de preocupação. — Acho que eu estava tentando levantar para ver se ele estava bem, mas desmaiei. Só lembro que Count estava uivando e talvez eu tenha visto uma sombra na janela. Eu não queria ficar bêbado, mas Kim me largou e eu bebi o vinho caro dela só de implicância e... — Ele dá de ombros. — Ninguém atendeu à porta hoje de manhã.

— Claro que não. Ele normalmente está fazendo seu passeio pelo bairro de manhã, não estaria em casa mesmo.

Theo balança a cabeça, discordando.

— Eu fiquei monitorando entre uma ida e outra ao banheiro para vomitar. Ele não levou Count para passear hoje de manhã, pelo menos não que eu tenha visto.

Praguejo e calço os chinelos que estão na porta, sentindo minha têmpora começar a latejar.

— Disse que estava bêbado, certo? Foi só isso que fez? Beber?

— Comi uns camarões salteados também — responde ele, e fico esperando que seja sarcasmo, mas, quando me viro para ele, sua testa está enrugada e ele parece tentar se lembrar em que momento as coisas deram errado durante a noite. — Nunca mais bebo Riesling.

Desço as escadas, passo por ele e vou em direção ao portão do jardim do sr. Perkins — é mais provável que ele esteja em sua prefeitura assistindo a *Bom dia, Nova York* do que no primeiro andar. Bato na janela, espero um pouco e bato de novo. Depois de três tentativas, subo as escadas e aperto a campainha do primeiro andar, pressionando de forma mais insistente conforme a preocupação me domina.

Motorista de Uber assustador. Preston na cadeia. Funcionário falso da companhia de eletricidade no dia seguinte em que Theo viu algo da janela.

Penso no sr. Perkins tendo espasmos enquanto dormia naquela outra noite.

Penso em como ele esteve por perto durante toda a minha vida, e como tudo que eu amo está sendo destruído.

Respiro fundo. Ele precisa estar bem.

Melissa, a estudante universitária cujos pais pagaram um ano de aluguel adiantado, segundo o sr. Perkins, aparece.

Está vestindo um short e uma camiseta muito larga, e seu cabelo curto e escuro está engenhosamente desarrumado. Ela segura o capacete de bicicleta nas mãos.

A garota olha alternadamente para Theo e para mim, parecendo surpresa, como se não esperasse que estivéssemos ali.

— Sydney, não é? — Ela olha por cima do meu ombro para Theo, com uma expressão divertida, e depois de volta para mim. — O que houve?

— Olá. Estamos procurando o sr. Perkins. Falou com ele hoje? Estou meio preocupada porque não o vi passeando com o Count.

— Ah, ele não te contou?

— Contou o quê? — pergunto, e nem tento esconder a irritação.

Odeio quando as pessoas fazem uma pergunta em vez de dar logo a porcaria da informação.

— A filha dele o levou para o hospital. Ela esteve aqui ontem à noite.

— Espere aí, a filha dele? Ela mora em Washington. Por que estaria aqui no meio da noite?

Melissa arregala os olhos.

— A mulher disse que era filha dele. Acha que estava mentindo?

— Você ouviu algo estranho ontem à noite? — pergunto. — Depois que a filha dele veio?

— Não, mas eu estava no trabalho depois disso. — Ela dá de ombros e o medo em seus olhos grandes começa a desaparecer. — Teve um show no bar e ficamos por lá depois. Voltei supertarde. Ou supercedo, na verdade. — Ela

olha para Theo. — Você me viu chegando, não foi? Estava olhando pela janela.

Theo concorda de supetão e ela dá um sorrisinho.

— Você parece ter tido uma noite difícil também. O que estava fazendo?

— Acho melhor a gente ligar para o hospital para ver o que têm a dizer — sugere Theo, se virando para mim.

— Está bem — concorda ela. Fecha a porta atrás de si e desce correndo pela escada. — Me deem notícias. Sabe onde me encontrar — diz para Theo com uma piscadinha ao passar por ele.

Ela põe os fones de ouvido enquanto destrava a bicicleta. Fico encarando, meu cérebro tentando compreender o que está acontecendo.

— Onde está o Count? — grito quando ela começa a pedalar, mas já não me escuta mais.

— Count! — chama Theo, inclinando-se sobre o corrimão, mas não há qualquer latido ou gemido em resposta. Ele olha para mim. — Se o sr. Perkins está no hospital, tenho certeza de que não deixariam o cachorro ficar na sala de espera. Se Count estiver aí dentro, vai morrer de fome. Ou de sede.

Eu me preocupo com Count também, e sei que as pessoas brancas amam cachorros, mas Theo está falando de relação de causalidade, não de defesa dos animais. Um motivo para arrombar e entrar. Uma forma de não precisarmos confiar na palavra de uma garota qualquer que pode ou não ter ficado a noite inteira acordada cheirando cocaína.

Olho em volta. Uma brisa passa pelas folhas das árvores enfileiradas pela rua, mas não há ninguém desse lado do

quarteirão. Theo vem atrás de mim enquanto caminho pela área cheia de plantas que dá para a porta do jardim.

— Não conte a ninguém, mas a porta está sempre destrancada — digo, puxando a maçaneta. — Ok, nem sempre.

— Posso arrombar a fechadura — afirma Theo, casualmente. — Espere aí. Não, não posso. Isso não estava aqui na segunda-feira.

Estou tentando não pirar, mas sigo o olhar dele e vejo que um sistema de câmera foi instalado ao lado da campainha. Desde quando? O sr. Perkins gosta de uma novidade, mas não o suficiente para instalar uma câmera, muito menos agora que teoricamente a vizinhança está mais segura do que nunca.

— Que porra é essa? Está bem. Está bem. — Vou até a janela e olho lá para dentro. Algo se mexeu ali? Ou foi só o reflexo de Theo atrás de mim? Seu calor irradia no lado esquerdo do meu corpo quando ele chega mais perto para olhar também.

— Eu achei mesmo que tinha visto alguma coisa — diz ele, baixinho. — Espero que tenha sido um sonho.

Aquelas palavras me fazem lembrar de que sonhei com demônios nas paredes, tentando arranhá-las para chegar até mim. Os demônios uivavam também? Será que foi mesmo um sonho?

— Sydney!

Viro e lá está a srta. Candace olhando para a gente da calçada. Ela levanta os óculos e os posiciona sobre os cachos grisalhos.

— Vocês dois parecem uns criminosos prestes a fazer algo errado. Estão querendo que alguém poste uma foto no OurHood? “Os ladrões escaladores Ébano e Marfim.” Só precisam de blusas listradas combinando.

Ela dá uma risada de sua piada ruim.

— Viu o sr. Perkins? — Vou na direção dela. — A inquilina disse algo sobre ele ter sido levado para o hospital. Estamos preocupados.

Ela olha alternadamente para nós dois e posso imaginar uma legenda piscando sobre nossas cabeças dizendo FOFOCA NOVA. O pessoal do clube vai se divertir hoje. Então, o olhar dela se fixa em mim e vejo que ela se deu conta de algo. O sorriso desaparece.

— Não se preocupe. Ele está bem — afirma ela, com sua voz levemente rouca. — Ele me mandou uma mensagem dizendo que um dos netos precisou tirar o apêndice, então ele foi até lá ajudar Debbie e Ron com as crianças. Talvez a garota tenha entendido errado.

— Talvez — respondo, e depois olho outra vez pela janela; a prefeitura está vazia e silenciosa. Acho que *era* mesmo só um reflexo.

— Você sabe que ela está bêbada em metade do tempo e chapada na outra metade, mas os pais pagaram o aluguel e ela não incendiou o apartamento, então é isso aí. — Ela suspira. — John estará de volta antes da festa no domingo. E como vai a pesquisa para o passeio?

Ela capricha no entusiasmo nessa última pergunta, com o olhar afiado para nós e um sorriso sugestivo no rosto.

— Estamos resolvendo — digo.

— Ótimo. Eu e o pessoal do clube estamos ansiosos.

— Clube? — repete Theo.

— A srta. Candace toma conta de algumas pessoas mais velhas do bairro em sua casa durante o dia — explico, tentando afastar a emoção da minha voz. — Nenhum deles gosta do termo “cuidador de idosos”.

— Claro que não gostamos — afirma ela. — Não somos idosos. Somos envelhecidos e requintados, como um rum de primeira.

Ela dá uma risada.

— Eles devem saber de coisas úteis para o passeio — aponta Theo. — Temos tempo de falar com eles?

Quero voar em cima dele e perguntar se lembra que é o assistente de reparação histórica, não o chefe das coisas, mas ele está certo. Em vez disso, cruzo os braços, concordo com a cabeça e apenas desejo me livrar dessa montanha-russa emocional que me faz chorar, ficar irritada e depois paranoica.

— Sim, venham nos visitar. Ficamos sempre felizes em recebê-los. — Ela fixa o olhar em mim e diz, tranquila e meio triste: — Mas, quando vierem, precisam ir embora antes de começar *General Hospital*, ou Paulette fica aborrecida.

Jogo as mãos para o alto.

— Não sou doida de ficar entre Paulette e Sonny Corinthos.

— Vejo vocês mais tarde — diz ela, e Theo e eu ficamos sozinhos.

— Desculpe por deixar você preocupada. — Ele olha para a janela do sr. Perkins. — É muito estranho como um sonho pode ser tão real. Eu podia jurar... — Ele balança a cabeça.

— Encontro você aqui em meia hora? Podemos tomar café antes de ir até a igreja.

— Está bem. Tem uma boa lanchonete caribenha do outro lado da rua.

Volto para o meu apartamento, imaginando o que significa Theo e eu passarmos o dia inteiro juntos de novo em nome da pesquisa, e dou uma olhada nas minhas mensagens. Drea ouviu o áudio que mandei quando estava em pânico, mas nem se deu o trabalho de responder. Ela está on-line agora, então paro no corredor, digito e clico em enviar antes de pensar muito.

Aliás, eu morri de ataque cardíaco enquanto esperava sua resposta, vingue a minha morte. Xoxo

A mensagem é enviada. Marcada como lida.

Nenhuma resposta.

Desculpe pelo deboche, digito. Mas pare de me ignorar e me responda para eu saber que você está bem, *está bem*?

Drea está digitando... aparece no topo da conversa e sinto um alívio.

Ela está bem.

Ela não me odeia.

Quando saio para encontrar Theo, ela ainda não enviou a mensagem.

Post de Josie Ulnar no OurHood, Gifford Place:
Esta é uma mensagem para assumir minhas responsabilidades. Quero pedir desculpas a todos pela barulheira que Toby fez ontem à noite. Cachorros Terrier são caçadores de ratos em sua essência e, bem, não sei de onde veio, mas um rato entrou em nossa casa no meio da noite. Toby latiu como se fosse um assassino sangrento ao persegui-lo, e tenho certeza de que acordou alguns de vocês. Desculpem!

Aliás, se alguém quiser, tenho alguns cupons do serviço de faxina que uso. Fazem um ótimo trabalho e limpam bem a cozinha para evitar infestação de insetos.

(outros 2 comentários... veja mais)

CAPÍTULO 11

Theo

ESTOU COMENDO UM NEGÓCIO chamado ackee com bacalhau, uma espécie de fruta macia cozida junto com o peixe salgado e temperos. É mais pesado do que meu café da manhã habitual, mas muito gostoso.

Sydney come um prato básico de ovos mexidos, batatas assadas e torrada de pão de centeio. Talvez seja porque suas tranças estão enroladas num coque alto e eu posso ver seu rosto com mais clareza, mas ela parece mais cansada do que quando a encontrei mais cedo.

Ela está meio pálida, e as bolsas sob seus olhos parecem tão pesadas que talvez configurassem excesso de bagagem em muitas companhias aéreas. Há um ponto vermelho no antebraço que ela fica coçando sem perceber. Também checa o celular a todo momento; tenta ser sutil, mas o desespero deixa claro que está esperando notícias de alguém.

Continuo pensando naquela van branca. Estava na minha visão periférica enquanto eu monitorava a movimentação na casa do sr. Perkins, e a apreensão aumentando à medida que as ações de sua rotina habitual não aconteciam. A van estava estacionada ali já fazia tanto tempo que pensei não haver ninguém dentro. Quando a porta abriu de repente, dei um pulo. Algo na forma com que ele correu os olhos pela

rua inteira — casualmente *demais*, como um cachorro que se estica, preguiçoso, antes de avançar na comida — chamou minha atenção.

Se tem uma coisa que conheço muito bem é a forma como as pessoas se comportam quando estão prestes a fazer algo errado.

E então ele foi diretamente para a casa de Sydney.

Quero perguntar a ela se está envolvida com alguma coisa capaz de atrair um cara como aquele até sua porta, mas tenho quase certeza de que ela diria que não é da minha conta. E estaria certa.

Outra coisa que sei muito bem, além dos lances criminais, é que tentar salvar uma mulher sem ela ter pedido é receita para o desastre. Somos apenas dois vizinhos tomando café e trabalhando num projeto, e esse projeto não é “Salvar a Sydney”.

— Cara, não entro numa igreja há décadas — digo, tentando afastá-la do que quer que estivesse lhe afligindo na meia hora que passou no apartamento, e isso é o máximo de “homem salvador” que me permitirei ser.

Não frequentávamos muito a igreja quando eu era criança; moramos em Greenville por um ano, e minha mãe namorou o diácono de uma igreja batista numa espécie de tentativa de encontrar uma religião. Lou dizia que Jesus perdoa tudo. Ele nos expulsou quando perguntei à professora de catecismo por que Jesus perdoava Lou por bater na minha mãe em vez de fazê-lo parar, já que era tão poderoso.

— E você? É religiosa? — pergunto quando Sydney olha o telefone novamente.

— Eu era — responde ela. — Mas é preciso acreditar demais no impossível e, além disso, a ideia de que tem alguém acompanhando cada passo meu é meio apavorante, seja Papai Noel ou Jesus. Acho que sou agnóstica agora.

— É uma aposta mais segura.

— É principalmente porque minha mã... — Ela interrompe aquela frase como um passarinho que bateu numa janela de vidro. — Porque parece que o diabo é real em tudo que acontece na minha vida, então deve haver um deus também. Física divina ou algo assim.

Sorrio e limpo os dedos no guardanapo, depois pego a câmera a meu lado no assento de couro e tiro uma foto, pela janela, da igreja do outro lado da rua, com as três primeiras letras do café — Godfrey's — enquadradas na imagem. Viro a tela para Sydney olhar e ela sorri um pouco.

— Esperto. — Ela dá um gole no que já é a borra do café.

Minha xícara está vazia há um tempão, mas ela é dessas pessoas que parece sempre se esquecer do café e acaba terminando de beber quando já está frio. A unha do seu dedo indicador bate na caneca de cerâmica branca.

— Ainda está procurando emprego? — pergunta ela.

Guardo a câmera com cuidado.

— Por que a pergunta?

Ela levanta um dos ombros.

— Porque você vive se metendo nos meus assuntos, sr. Mil Perguntas, então vou me meter nos seus também.

— Física divina? — pergunto.

— Olho por olho — responde ela. — Além disso, sou enxerida. Qual é o seu lance?

— Meu lance é que... — Percebo o olhar do garçom e ele vem em nossa direção para me servir mais café, olhando de mim para Sydney, como se estivesse imaginando o que um idiota como eu está fazendo com ela. Eu me demoro colocando creme e açúcar no café coado. — Meu lance é que não tenho como arranjar emprego agora.

Ela me encara enquanto dou um gole e mantenho o contato visual, pensando no meu próximo passo.

Ela apoia os dois cotovelos na mesa, se inclina para a frente e põe a cabeça entre as mãos.

— Não tem como?

Estou dividido entre a preocupação de ter falado demais e o desejo niilista de falar mais ainda, como o impulso de dirigir na direção de um precipício sem cerca.

No momento, ninguém me conhece de verdade. Minha mãe nunca me conheceu. Kim também não. Meu pai até tentou, mas me tirou da vida-de-merda-desorganizada com minha mãe para me colocar em sua vida-também-de-merda-mas-um-pouco-mais-organizada.

Eu me inclino na direção de Sydney e decido me sentar à beira do dito precipício e balançar um pouco as pernas.

— Eu... sou um mentiroso.

Isso é tudo que ofereço por enquanto.

Sua expressão se mantém, exceto pelos olhos. Um pouco do brilho some deles, e embora ela ainda esteja inclinada para a frente, poderia muito bem ter corrido para o outro lado do restaurante.

— Jura? Como é isso?

Pigarreio.

— Kim vem de uma família com dinheiro. Eu, não.

Ela inclina a cabeça.

— Ah, então é esse tipo de romance proibido? Carinha do mal cobiçando a gatinha rica? Já vi esse filme no Lifetime.

Eu sei, do tempo em que vegetava com a minha mãe na frente da TV, que os filmes do Lifetime em geral não têm final feliz, e me pergunto se Sydney também sabe disso.

— Ela que veio atrás de mim — corrijo. — Nós nos conhecemos num boteco da região. Eu estava lá porque realmente era o único lugar que podia pagar. Ela foi lá porque queria fingir que era pobre.

— Beleza.

— Eu me apaixonei de verdade, mas vivia pensando sobre essa coisa de ela ter tanto dinheiro e eu não ter nenhum. E eu só queria impressioná-la. Sentir que eu era digno, sabe? Ela estudou numa universidade de renome. Eu só terminei o ensino médio.

Pego o copo de água e dou um gole.

— Theo... — Sydney me oferece um sorriso afetuoso. — Isso aqui não é o confessionário da mamãe negra. Não vou ficar dizendo “tadinho” ou falando que você é bom e inteligente o suficiente. Vá direto ao assunto.

Minha risada repentina faz com que o gole de água desça pelo lugar errado, e fico tossindo e rindo até caírem lágrimas dos meus olhos.

— Sim, está bem. Eu falsifiquei meu currículo.

Ela ergue as sobrancelhas e eu continuo.

— De repente, eu era formado em uma boa universidade, mas não tão boa a ponto de me destacar. Falsifiquei a experiência profissional também e paguei uns caras com quem eu trabalhava para serem minhas referências, mas de

cargos muito melhores que os reais, se a empresa se desse ao trabalho de ligar.

— E eles ligaram? — pergunta ela, e sinto um prazer verdadeiramente físico, tipo conseguir ir ao banheiro depois de dias com prisão de ventre, quando balanço a cabeça negando.

— Não ligaram. Nem pediram diploma.

— E o cara que contratou você era... — diz ela, erguendo as sobrancelhas novamente.

Ergo as minhas também, sem entender o que ela quer dizer.

— Branco — sussurra ela, zoando.

— Ah! Sim. Basicamente falamos de música durante a entrevista. Uma banda da qual eu nunca tinha ouvido falar, mas fingi que tinha esquecido o nome das músicas porque estava nervoso por causa da entrevista. Depois falamos de esportes, porque vi uma flâmula pendurada no escritório, e contei a ele sobre meus amigos que arranjavam ótimos ingressos para ver os Yankees.

— Uau. — Ela faz que não com a cabeça e se recosta outra vez no banco. — Eu trabalhando numa secretaria de escola de merda e você...

— Desempregado. Porque, a certa altura, um dos assistentes administrativos estava organizando uma lista de ex-alunos para a empresa, uma coisa totalmente inofensiva, e percebeu que não havia nenhum registro meu naquela universidade.

Bebo mais um gole de água enquanto ela me encara.

— Então é por isso que sua namorada é escrota com todo mundo? Porque você mentiu no currículo e parou de

comprar leggings caras para ela? — pergunta Sidney. — Até entendo, embora não saiba por que ela descontou em *mim*.

Nego com a cabeça.

— Ela não sabe.

Ela arregala os olhos.

— Não sabe? Sobre a mentira? Sobre ser demitido? As duas coisas?

— A mentira. Não contei para ninguém. A não ser para você, agora.

Sydney se reclina e levanta as duas mãos, a expressão em seu rosto é digna de um meme.

— Não. *Não*. Não quero ser seu depósito de segredos, o que é apenas um termo melhor para "a pessoa que você vai matar porque não quer que sua namorada descubra que você é um psicopata".

— Não sou um psicopata — contesto, mas rir falando isso provavelmente não ajuda em minha defesa. — Você nunca mentiu para conseguir algo de que precisava?

Ela olha para mim por um longo tempo, balança a cabeça, pega a bolsa e se levanta, olhando rapidamente para o celular ao colocá-lo de volta na bolsa.

— Vamos embora. Isso já é demais. Eu só queria uns ovos mexidos e acabei ganhando uma confissão.

— E ela não é mais minha namorada — completo, me levantando também. — Ela terminou comigo e depois foi para a casa da família nos Hamptons com o sujeito com quem me traiu. Eu acho. Você é a única pessoa para quem contei isso também. Desculpe colocar mais uma no depósito.

Solto uma risada, embora minha garganta esteja esquisita e meio rouca. Não quero mais ficar com Kim, e sinto mais alívio do que qualquer outra coisa, mas dizer isso em voz alta é o que faz parecer real, mais do que ter me embebedado até ficar inconsciente.

Sydney semicerra os olhos na minha direção.

— Ela te largou e nem sabia sobre a mentira? O que mais você fez?

— Não menti bem o suficiente? — digo, e dou de ombros. — Devia ter arriscado um pouco mais para não ser pego.

— Você está mesmo *na pior* — diz ela, balançando a cabeça. — Desempregado, traído e largado.

E prestes a ficar sem-teto, adiciono mentalmente à lista, mas não digo em voz alta. Não quero que ela pense que é um pedido de ajuda.

Ela suspira e continua:

— Eu falei sério, não vou ficar tratando você como coitadinho. Mas você merece um café da manhã grátis pela história triste. E por ter afugentado o funcionário falso da companhia de eletricidade.

Ela sorri, apenas um meio sorriso em seus lábios ainda com gloss, mas está olhando para mim e não parece mais que esteja prestes a fugir para o outro lado do restaurante. Há muito tempo que não sinto isso. Não é atração ou desejo, ou não *apenas* essas coisas, mas compreensão. Camaradagem.

Vou precisar ter mais cuidado. Porque há a verdade e há *a verdade*, e o sorriso de Sydney é suficiente para me fazer pensar em contar a ela a segunda.

— Está bem, chefe — respondo. — Vamos à igreja.

* * *

A HISTORIADORA da igreja, Kendra Hill, nos aguarda — aparentemente Sydney enviou uma mensagem e perguntou se tinha um tempo para nos atender. Ela não é muito mais velha que a gente, talvez tenha uns quarenta e poucos anos, embora um toque grisalho no cabelo escuro das têmporas me deixe em dúvida. Ela nos leva a um pequeno escritório e se senta atrás de uma mesa de madeira verde-clara, fazendo um gesto para as duas cadeiras do outro lado.

— Esse prédio não parece muito uma igreja, na verdade — observo. — Passei esse tempo todo pensando que fosse uma escola.

— Bem, uma igreja pode ser um porão, uma loja, uma sala de estar. O importante é a fé contida no espaço, não o receptáculo. Mas, sim, era uma escola. Na época de Weeksville, era uma das escolas em que as crianças negras podiam estudar. Depois, foi a primeira escola integrada em Nova York. E, a certa altura, tornou-se a sede da nossa congregação.

Ela faz que sim e depois lança um olhar solidário para Sydney.

— Como está sua mãe, Sydney? Segurando a barra?

Olho de relance para Sydney, que está com os lábios apertados, como se estivesse contendo a raiva, mas faz que sim com a cabeça.

— Que bom. Yolanda sempre foi muito forte. Estamos rezando por ela. — Seu olhar para Sydney é reconfortante. — Ela me contou sobre seu passeio, sabe, da última vez que

fui visitá-la. Estava muito orgulhosa por você se interessar pela história. Agora, me conte mais a respeito.

— Não sou historiadora nem nada — começa Sydney, com o tom de voz mais suave que já a ouvi usar. — Estou só tentando organizar algo sobre a vizinhança da perspectiva de alguém que cresceu aqui e também está aprendendo coisas que não nos ensinam na escola. Adoraria conhecer qualquer história interessante que você tenha sobre o passado do bairro, já que tudo está mudando muito rápido.

Kendra lança um olhar penetrante para mim, e Sydney põe a mão em meu ombro.

— Theo é meu assistente. Está trabalhando para pagar sua dívida histórica.

— Que interessante. Sua família era proprietária de escravos? — pergunta Kendra, e meus sentimentos de homem branco ameaçam surgir, embora a questão faça sentido diante da introdução de Sydney.

Eu me mexo na cadeira.

— Não sei. A família da minha mãe não conversa sobre esse tipo de coisa, mas acho possível. De qualquer forma, uma semana como parceiro de pesquisa da Sydney não é um preço muito alto a pagar.

— Fala sério. Você devia estar me pagando por essas aulas — sugere Sydney naquele tom em que não fica claro se está brincando ou se realmente me odeia, mas ela dá um aperto em meu ombro antes de soltá-lo, e sinto minha barriga contrair com o toque.

— Vejamos. Vocês já viram as exposições no centro de memória. — Kendra dá um sorrisinho enquanto recosta na cadeira do escritório. — Acho que, dada a natureza do

passeio, vocês talvez queiram analisar o fluxo demográfico da vizinhança. Não diria que é cíclico, é mais como uma maré. Uma maré que traz um grupo demográfico até a margem, depois o leva embora, deixando outro no lugar, e às vezes sobrepõe vários grupos.

— Como assim? — pergunto.

— Há os moradores negros, é claro. No início do século vinte, a vizinhança tinha muitos trabalhadores italianos. Depois, vieram as primeiras ondas de imigrantes caribenhos. Latinos. Africanos. Todos viviam juntos em relativa paz nesses tempos de sobreposição. Minha avó costumava me contar sobre a melhor amiga de infância, uma menina judia.

— E para onde foi todo mundo?

Sydney me cutuca com o cotovelo e Kendra faz uma careta, abrindo a gaveta da mesa e folheando alguns papéis numa pasta. Ela põe tudo em cima da mesa e abre um mapa do Brooklyn. É colorido, a maior parte vermelha e amarela, com alguns pontos azuis ao longo da orla.

— Este é o mapa que criou o Brooklyn como o conhecemos hoje. Estão vendo todo esse vermelho? Os bancos decidiram que esses lugares eram maus investimentos. Quem morasse nessas áreas dificilmente conseguiria um empréstimo ou serviços a que a maioria das pessoas tinha acesso. E se você não consegue um empréstimo e sua casa começa a despencar, o que você faz?

Ela dá uma risada de desdém.

— Isso é o que eles chamam de *redlining*? — pergunto.

— Exato — responde ela. — Então. Os banqueiros decidem entre si que não dariam nenhum dinheiro para ajudar a melhorar toooooda essa área vermelha, que, por acaso, é onde vive a população negra. As coisas começam a ficar ruins. Todo mundo que pode se mudar vai embora, mas ops! O que é isso? Todas as outras áreas começam a elaborar cláusulas que dizem: “De jeito nenhum, você não pode vender essa casa para pessoas negras.” Porque a mera presença de nossa gente poderia pintar qualquer outra parte do mapa de *vermelho*.

Ela aperta o lábio.

— É por isso que as coisas foram ladeira abaixo? — pergunto, já que Sydney está estranhamente quieta. — Fiz uma pequena pesquisa, e basicamente vi fotos. Muitos lugares ficaram em mau estado de conservação nos anos oitenta.

— Crack — conta Kendra, juntando as mãos. — Eles não podiam nos oferecer dinheiro, mas sem dúvida podiam oferecer aquelas ampolas.

Não preciso adivinhar quem são *eles* nessa situação.

— Mas sempre houve casas bonitas também — reage Sydney. — Sempre.

— É verdade. Porque tínhamos apoio da comunidade para compensar aquilo que nos era negado, e isso é algo que você deve incluir no passeio também. Agências imobiliárias negras funcionavam para garantir que as pessoas encontrassem lugares para morar. Antigamente, você não veria um anúncio de uma casa sendo vendida neste bairro em nenhum outro lugar além de jornais negros, como o

Amsterdam News. Associações negras de empréstimos substituíram os bancos.

— Mas os bancos não perdiam dinheiro assim? — pergunto. Devo estar sendo irritante com minhas perguntas, mas Sydney ainda não me lançou o Howdy Doody.

Todas as vezes que me mudei em Nova York, só pensava se a área era segura para mim, não no que a minha presença significava para as pessoas da vizinhança. Não pensava sobre todas as vantagens que eu tinha e outras pessoas poderiam não ter. Eu era pobre também, afinal, embora tivesse dado um jeito de não ser, pelo menos por um tempinho.

— Racismo normalmente não tem um custo-benefício muito alto — explica Kendra. — Mas estão recuperando o dinheiro a toda velocidade agora que a gentrificação vai de vento em popa. Hora de se livrar das velharias. E isso nos inclui.

Sinto o corpo de Sydney enrijecer ao meu lado, mesmo sem tocá-la.

— A igreja está sendo despejada? — pergunta ela, com aquela voz baixa tão diferente do habitual.

— Despejo é um termo pouco civilizado. — Kendra aperta os lábios. — O proprietário apenas segue aumentando o aluguel de acordo com os novos valores da propriedade, ao mesmo tempo que não faz nenhum serviço de reparo ou manutenção. Deixou a gente congelando de frio aqui no último inverno. — Balança a cabeça. — Mas não fomos embora, então ele vendeu o imóvel. Vai voltar a ser uma escola, pelo que ouvi dizer.

— Mas já tem uma escola no bairro — observa Sydney. — Eu trabalho lá, inclusive.

— Você trabalha na escola pública. Essa vai ser uma escola *particular*, com preços altos o suficiente para fazer o trabalho de segregação esperado pelas pessoas que matricularem seus filhos. No prédio que foi uma das primeiras escolas para crianças negras nos Estados Unidos. — Kendra balança a cabeça. — Não acho que tenha sido de propósito, mas não é impressionante?

Fico apenas sentado ali, envergonhado e certo de que qualquer coisa que eu disser só vai piorar tudo.

Sydney suspira e então se levanta.

— Sinto muito que isso esteja acontecendo. Obrigada por separar um tempinho para falar com a gente.

— Sim! Obrigado — completo, assinto com a cabeça algumas vezes e enfio as mãos nos bolsos.

Kendra entrega a Sydney a pasta com os documentos.

— Vamos dar um jeito. A gente sempre dá. Mas estou animada para ver esse seu passeio! Se precisar de ajuda com qualquer outra coisa, é só me ligar, está bem?

Quando saímos, Sydney para no alto da escada e continuo andando.

— Pode ir na frente — diz ela, desanimada. Ela observa o bairro, mas não é isso. Seu olhar está sem foco, e as olheiras parecem mais profundas.

— Esqueceu alguma coisa? Posso esperar.

Eu não devia me preocupar com ela. Principalmente porque preciso descobrir onde vou morar em vez de ficar brincando de historiador.

Ela faz que não.

— Já passou do seu horário. Vejo você depois.

— Eu posso...

Ela olha em minha direção, e, quando nossos olhares se cruzam, vejo a mulher que espreitei pela janela nos últimos meses, uma mulher que irradia um desespero tal que faz meus problemas parecerem pequenos, mas que coloca um sorriso no rosto quando sai de casa.

— Theo, sabe quantas pessoas me disseram que estão sendo obrigadas a sair de sua casa, trabalho, igreja, *o que seja*, só nos últimos dias? Espere, não tente adivinhar. Não tente. — O peito de Sydney sobe devagar, e depois desce. — A parte ruim de toda essa pesquisa é... deparar com todas essas pessoas que enterraram minas terrestres no passado e encontrá-las exatamente aqui e agora, quando as minas começaram a explodir sob nossos pés. Não tem nada a ver com você. Eu só preciso ficar sozinha.

— Eu entendo. Obrigado pelo café da manhã — respondo.

Quero dizer algo mais, algo que a faça se sentir melhor, mas não consigo fazer isso nem por mim mesmo.

Saio andando com as palavras de Kendra Hill ecoando em minha mente. A mãe de Sydney tem uma casa e um terreno de jardinagem, então ela não está numa condição ruim, mas a situação no geral é preocupante. Ainda que ela fique aqui, todas as pessoas que conhece estão indo embora, uma a uma.

Eu nunca vivi em lugar nenhum por muito tempo quando era criança. Nunca tive vizinhos nem amigos de infância. Sydney está perdendo tudo isso e, como recompensa, ganhando gente como Kim, Josie e Terry, que ou ignoram as

pessoas que vivem aqui há tantos anos, ou acham que elas estão conspirando contra eles.

Relembro o processo de compra do apartamento, que parecera tão árduo e pesado na época. Pensando bem, tudo tinha sido resolvido facilmente. Os corretores imobiliários estavam ansiosos para que nos mudássemos, e o banco pré-aprovou um empréstimo do qual nem precisávamos.

Ninguém se perguntou se éramos daqui ou se significávamos um bom investimento. Os corretores tinham falado sobre como fazíamos parte de uma onda de pessoas que estava chegando para enriquecer a vizinhança, torná-la melhor e mais valorizada, sem saber absolutamente nada sobre nós.

Não, isso não é verdade. Os corretores sabiam de uma coisa, que eu estava começando a perceber que era mais importante do que eu havia imaginado.

Nós.

Eles.

Post de Jenn Lithwick no OurHood, Gifford Place:
Ei, pessoal, sei que as coisas andam meio tristes, mas ainda vamos ter a festa do bairro no fim de semana? Estou tentando ligar para o sr. Perkins, mas parece que ele ainda está viajando.

Candace Tompkins: A festa do bairro está de pé. Só a segunda vinda de Jesus pode impedi-la.

Josie Ulnar: Fantástico! Vou fazer uma salada de batata. Vou usar uma receita que estou querendo testar há tempos. Link: Salada de batata Passas-tática da Carly.

Fitzroy Sweeney: Ansioso!

Derek James: 🤦🏿

CAPÍTULO 12

Sydney

O APERTO EM MEU PEITO NÃO DIMINUI depois que Theo vai embora. Não diminui enquanto caminho até a estação de trem, embora esteja tão quente que pareça uma sauna. Essa merda não serve para relaxar? Em vez disso, tudo o que eu sinto é que é impossível respirar.

Gasto três horas da minha tarde na sala de espera de um escritório de advocacia sem fins lucrativos que oferece ajuda em situações como a minha, que eu encontrei depois que a secretária da srta. Gianetti disse que ela não poderia fazer nada por mim. A sala de espera está lotada, a maioria pessoas pretas e pardas, e a maioria ostentando uma expressão de torpor, desesperança ou irritação. Passo mais duas horas esperando no escritório seguinte, depois que o primeiro disse que também não poderia me ajudar. Quando finalmente me sento diante da pobre advogada sobrecarregada e maltratada, ela pede desculpas, diz que preciso voltar na terça-feira e, se possível, trazer minha mãe, ou algo que me dê poderes de procuradora.

Quando volto a Gifford Place, estou completamente exausta, ansiando por nicotina, álcool, uns carinhos do gato da birosca — qualquer coisa que faça *parar* essa merda que fica girando na minha cabeça. O quarteirão está esquisito — nenhuma criança brincando na rua. Len, Amber e LaTasha

estão sentados na entrada de uma casa, mas parecem curvados e tristes, não têm nada de adolescentes curtindo os últimos dias do verão. Um carro de polícia passa devagar pela rua, e pode ser que eu tenha assistido ao Animal Planet demais, mas aquilo me lembra um predador examinando uma manada, procurando a presa mais fraca para capturar.

Quando paro em frente à birosca, vejo a porta abaixada durante a noite pela primeira vez na vida, talvez. Ficou aberta durante tempestades e furacões, durante blecautes e problemas no abastecimento de água, mas é claro que *agora* está fechada. Estou irritada e incrédula, encarando aquilo, quando ouço um barulho estridente vindo da porta de metal que dá para o porão e fica na calçada, do lado de fora da loja. Houve de tudo ali embaixo ao longo dos anos, de golfe a clubes sociais, mas esse não é o som de alguém apostando ou fazendo tacadas. Ouço arranhões junto com estalidos e, então, um silêncio repentino.

Bato duas vezes na porta de metal.

— Abdul?

O barulho para, mas não há resposta.

Sei que provavelmente não é nada, mas aquela sensação de insegurança me invade outra vez. Cerro os punhos ao lado do corpo e vou até a próxima birosca, a dois quarteirões dali. Costumo evitar o lugar, porque o cara que trabalha lá fica puxando assunto quando eu só quero comprar umas porcarias e ir embora. Acabo comprando um maço inteiro de Parliament Light porque ele se faz de idiota quando peço um avulso, e não estou aqui para implorar.

O maço é caro para cacete. Espero que Abdul termine logo a obra.

Fumo um cigarro voltando para interromper aquele impulso profundo, carente, ávido, que está me deixando tonta. Quando chego na porta de casa, minhas mãos estão trêmulas, e me pergunto se eu deveria procurar um médico para dar uma olhada nessa privação de sono, porque já estou começando a sentir os efeitos. Meu humor despencou e tudo o que quero fazer é me sentar e chorar.

Minha menstruação *acabou* de terminar, então sei que isso não é TPM.

Quando abro a caixa de correio e vejo mais um punhado de faturas de despesas médicas, o pior tipo de *déjà vu*, solto uma risada desesperada. É, não vou poder ir ao médico tão cedo, a não ser que seja contra a minha vontade.

De novo.

Pego o celular e sigo pelo corredor em direção à porta do apartamento, parando para apagar as notificações das ligações perdidas de cobradores e para ver se Drea mandou mensagem.

Nada.

Às vezes ela faz isso, desaparece quando conhece um gatinho novo e só come, bebe e respira o novo relacionamento. Com o fim de semana prolongado, ela pode sumir por sabe-se lá quanto tempo, embora eu esteja surpresa que tenha começado a namorar alguém logo antes do desfile do Dia das Antilhas. Essa normalmente é a época em que ela fica solteira para poder sarrar em quem quiser.

E, até quando está apaixonadíssima, Drea ainda me responde, mesmo que seja só com os emojis de língua e gotas d’água, ou um joinha.

E ela nunca deixa de entrar numa provocação. Se eu a irrito, ela me diz. Se começo a falar merda, ela rebate, e depois voltamos ao normal.

Mas aquela mensagem — DREA ESTÁ DIGITANDO... — ainda está zombando de mim no topo da conversa. Aposto que começou a escrever algo enquanto estava irritada e depois pensou melhor. Mas imaginar o que teria sido, e quão brava ela deve estar para nem olhar a conversa e perceber que não mandou, leva meu estresse lá no teto.

Você é muito carente.

Não aguento mais ficar perto de você.

Nossa, você é patética.

Não. Marcus diria essas coisas. Drea, não. Drea me ama. Ela me ama de verdade.

Seria melhor não insistir mais, mas estou me sentindo esgotada com tudo, e culpada por jogar tanta coisa em cima dela, e preocupada porque um milhão de coisas podem ter acontecido naquele encontro com um cara estranho.

Ligo para ela e, quando cai na caixa postal, tento soar como uma pessoa normal, não como a amiga que a está perseguindo.

— Ei, cabeção. Me avisa se estiver tudo bem, tá bom?

Depois de encerrar a ligação, ligo para o trabalho dela, que também vai para a caixa postal, mas desligo antes do bipe.

Ligo para o sr. Perkins de novo e deixo mais uma mensagem na caixa postal dele também. Ele sempre foi ruim com o celular e o deixava no silencioso. Uma razão para a “prefeitura” ter se transformado na prefeitura era

que as pessoas sabiam que precisavam ir até lá para falar com o sr. Perkins, porque ele nunca atendia ao telefone. Não gosto de ficar sem notícias, mas tenho certeza de que a srta. Candace falou com ele.

Quando destranco a porta do apartamento e a empurro para abrir, há uma resistência.

Empurro de novo, ela abre um pouquinho e então fecha.

Tem alguma coisa empurrando de volta.

Sinto um arrepio de medo percorrer minha espinha e revirar meu estômago, mas, quando empurro novamente, percebo que a resistência é causada pelo tapete do outro lado da porta — às vezes a ponta enrola. Dou um suspiro trêmulo, cansada de me assustar com qualquer coisinha. Balanço a porta para a frente e para trás, o que afasta o tapete e revela um envelope mostarda.

Drea falou que havia passado as informações da VerenTech por baixo da minha porta e eu esqueci completamente. Ela fez o maior esforço por mim, como sempre, e nem me dei ao trabalho de lembrar até agora.

Fico quase aliviada ao perceber que fiz besteira — talvez seja por isso que ela está me evitando. Isso tem conserto.

Depois de fechar a porta, jogo a pasta na mesa da cozinha junto com minha outra pesquisa, tiro as roupas encardidas e vou direto para o chuveiro. Encher a esponja de sabão e me esfregar até a pele formigar é uma terapia barata e, quando visto o short e o top, ainda estou exausta, mas pelo menos não me sinto mergulhada no poço de piche da depressão.

A noite começa a cair lá fora, e abro a porta dos fundos para deixar entrar uma brisa; a vizinhança está silenciosa demais para uma noite de verão, e dou um pulo quando

uma cigarra solitária começa a cantar em algum lugar ali perto.

O cinzeiro de Coney Island da mamãe, que existe desde antes de ela parar de fumar, está ali ao lado da toalha de mesa. Trouxe para dentro há algumas semanas e quebrei a regra “proibido fumar dentro de casa”, porque, sempre que eu tentava relaxar lá fora, Toby disparava a latir como se eu estivesse querendo roubar sua ração. Às vezes eu o imaginava agarrando o pote de comida do mesmo jeito que sua dona agarrou a bolsa num dia em que eu estava atrás dela, ao voltar do trabalho, logo que eles se mudaram.

Que seja. Toby e sua dona podem ir se foder. Tenho coisas mais importantes em que me concentrar.

O envelope é fino, principalmente se comparado às pilhas de papel que já estão sobre a mesa. Quando abro e tiro os papéis dali de dentro, percebo que aquilo não é o que eu receberia se tivesse ido ao centro da cidade fazer a solicitação. Cada uma das dez páginas tem a frase SOMENTE PARA USO INTERNO impressa em vermelho, no canto superior direito. Pego o isqueiro, acendo o cigarro e começo a ler a primeira página.

> A empresa (VerenTech) admite que este memorando é um registro público sujeito a divulgação, mas vem por meio desta requerer que seja notificada de toda e qualquer solicitação relativa à Lei do Acesso à Informação, tanto durante o processo de seleção da cidade quanto no âmbito da escolha desta cidade, para permitir que a empresa dê entrada em ordem protetiva ou outra solução apropriada.

Juridiquês não é minha praia, mas tenho quase certeza de que isso aqui é a VerenTech pedindo à cidade de Nova York que dedure se alguém perguntar o que eles estão fazendo. Não faço ideia se isso é normal ou não, mas pedir uma lista de pessoas que solicitaram informação que deveria ser pública para “dar entrada em ordem protetiva ou outra solução apropriada” contra elas me parece sinistro para caramba.

Eu tinha solicitado informação. Foi negada, mas...

Dou mais um trago no cigarro.

A segunda página, depois da cláusula do x-9, é só uma terminologia braba que não tenho a mais vaga ideia do que signifique.

A terceira página parece ser uma espécie de relatório do censo da vizinhança no entorno do antigo centro médico. Minha vizinhança. Número de habitantes, composição racial, renda média, quantas pessoas usam os programas de assistência social do governo e programas de saúde. Esses números aumentam na área dos conjuntos habitacionais, mas é alarmante ver os números totais destacados em vermelho abaixo de um determinado nível de renda.

Há um bloco de texto abaixo dos números.

> A área tem localização central. Fica na convergência de diversas linhas do metrô, sendo ideal para chegar até Manhattan. Há também serviço de trens para Long Island e a Penn Station. Está repleta de ruas de três faixas e há muitos parques, grandes e pequenos, embora a maioria deles atualmente seja usada por delinquentes e traficantes de drogas. Também fica a uma distância razoável do Prospect

Park, o que significa que a meta de eliminar as lacunas entre as operações em Park Slope e o setor noroeste pode ser atingida nos próximos anos.

O aeroporto JFK não é distante, para quem viaja com frequência, e o acesso de Long Island e suas praias é conveniente para os que possuem propriedades lá. Esses recursos estão subutilizados no momento. Ainda que muitos dos imóveis estilo Brownstone e outros prédios não tenham sido modernizados, uma quantidade surpreendente deles vai demandar pouco trabalho para atender aos nossos padrões. Estamos prevendo um grande rej...

Viro o papel, mas não há nada no verso, e a próxima página é de outro relatório. Uma rápida folheada mostra que todas as páginas foram impressas em formato grande demais, cortando alguns pedaços do texto.

Eu não sabia que a VerenTech tinha um campus em Park Slope. Isso não faz sentido, levando em conta o escarcéu que todo mundo fez sobre o projeto que está prestes a começar no meu bairro.

A quarta página pertence claramente a outro relatório, de acordo com a numeração, e lista os “incentivos” oferecidos pela cidade e que a VerenTech está avaliando no momento. Respiro errado e começo a engasgar. Só os subsídios de impostos chegam a mais de um bilhão de dólares. Um bilhão de dólares, porra.

É muito dinheiro em jogo, antes mesmo de qualquer garantia de negócio. E dá ainda mais raiva quando se pensa na linha vermelha ao redor do mapa que Kendra nos

mostrou, e no pouco investimento que nossa vizinhança foi considerada digna de receber.

A próxima página só tem colunas com números que não significam nada para mim, mas as últimas três páginas são facilmente compreensíveis.

CAMPUS SEDE DA VERENTECH, PROJEÇÃO DE 5 ANOS é o que se lê na primeira página, e é a reprodução de uma imensa e reluzente torre bem no meio do nosso bairro, como se fosse a nave-mãe daqueles guindastes alienígenas espalhados por todo canto. Na base da torre está o centro médico reformado que servirá como um prédio de pesquisa e desenvolvimento. Ao redor estão os prédios conhecidos, que sempre estiveram ali naquelas ruas.

Viro a página para olhar a projeção de dez anos; nessa ilustração, o campus já se espalhou. Há mais alguns prédios altos — dessa vez são condomínios, com fachadas de lojas no primeiro andar. Para que isso funcione, alguns outros imóveis terão que ser demolidos. Há também um condomínio no lugar onde fica a ACM.

Minha mãe me disse algo a respeito da ACM se mudar para um espaço maior, o que faria sentido com a chegada à região de um novo prédio empresarial, com milhares de novos funcionários, mas ainda assim é perturbador ver uma mudança desse porte explicada sistematicamente.

A projeção de quinze anos mostra um bairro totalmente irreconhecível para mim à primeira vista, mesmo que seja a minha própria rua. Condomínios, enormes casas estilo Brownstone falsas e pequenos cubos com fachadas de vidro substituíram várias das casas familiares.

Fico encarando a imagem por um longo tempo antes de perceber que há pessoas ao longo da borda inferior do papel, meio cortadas pela impressão errada. E todas as pequenas cabecinhas ilustradas que vejo ali?

São de pessoas brancas.

Ouço o barulho de uma batida no andar de cima, bem acima da minha cabeça. Uma porta no apartamento de Drea? Não a ouvi chegar pela porta da frente, mas talvez ela tenha entrado escondida porque ainda está com raiva de mim.

Ser evasiva e mal-humorada não é a cara de Drea. Pego meu celular e dou uma olhada na nossa conversa, embora já saiba que ela não respondeu: DREA ESTÁ DIGITANDO...

Chega disso.

Enfio os pés nos chinelos de casa e saio para o corredor. Passo pelo armário de casacos sob a escada, empurro a porta que está sempre meio entreaberta e vou até o primeiro degrau.

— Drea? — chamo em direção ao topo da escada, e a reverberação assustadora do som da minha própria voz acelera minha pulsação. Não há motivo para estar com medo. Esta é a casa onde cresci. Quaisquer espíritos que assombrem por aqui tiveram a vida inteira para me atacar ou então não me desejam nada de mau.

E se não for um espírito?

Aquela pergunta causa um arrepio que desce pela minha nuca.

Subo os degraus só para provar que posso. Mamãe estaria envergonhada da forma como estou agindo esta semana, tremendo a cada coisinha. Uma vez, quando tinha uns oito

anos, acordei e disse a ela que havia um monstro debaixo da cama. Ela me disse para pegar o revólver .22, atirar nele e depois voltar a dormir.

Rio um pouco dessa lembrança e me sinto mais fortalecida com ela.

Quando chego ao segundo andar, está silencioso atrás da porta de Drea. Normalmente, quando ela está em casa, há música ou um zumbido, ou apenas a vibração de sua energia — a mesma que me fez querer ser sua amiga.

— Dre? — chamo e bato na porta. Silêncio.

Viro a maçaneta.

Ela abre.

O apartamento está abafado pela umidade e tem cheiro de sálvia, coco e manteiga de karité. Tudo na sala combina com a cartela de cores pessoal de Drea — amarelo, azul-petróleo e laranja, inundando o visitante de luminosidade assim que abre a porta.

A luz de fim de tarde, que vem do pôr do sol logo atrás do prédio do outro lado da rua, invade o apartamento, delineando os pertences de Drea espalhados por ali: o altar com meio punhado de sálvia queimada e vários cristais; a almofada em formato de coração na qual bordei o nome dela durante nossa aula de economia doméstica; o diploma da faculdade emoldurado junto com uma foto dela comigo e mamãe na formatura.

Uma porta bate com força no corredor outra vez e dou um pulo, depois suspiro aliviada. Uma das melhores partes da disposição do apartamento dela é que recebe vento de todos os lados, mas, se não for colocado um calço debaixo da porta do quarto, ela bate e abre, bate e abre.

Vou em direção ao quarto de Drea, abro a porta e deslizo o triângulo de madeira debaixo dela com o pé. As cores aqui são diferentes, é tudo branco e roxo. Vou até a janela; a cortina de bolinhas voa em meu rosto com o vento, mas fica imóvel assim que fecho a janela.

Ela deve ter estado em casa em algum momento se a janela está aberta...

Meu corpo fica tenso. O ar-condicionado devia estar ali. Seu ar-condicionado novinho. Não há razão para o vento cruzado, porque a janela não devia estar aberta.

Minha cabeça começa a girar e percebo que não estou respirando. Meu cérebro está muito ocupado tentando entender o que está acontecendo e se esqueceu das funções básicas.

Preciso sair daqui. O ar-condicionado sumiu, Drea não me contou que o levaria para outro lugar, e qualquer pessoa poderia ter entrado pela escada de incêndio. Poderiam estar aqui dentro agora.

Estou prestes a sair do quarto correndo, mas uma mancha escura nos lençóis brancos de Drea chama minha atenção e paro de repente.

Sangue seco fica escuro assim.

Ando devagar até a cama, o coração na boca e o medo quase acabando com toda a minha sanidade. E então a mancha *se move*.

Pequenos pedaços dela rastejam nas beiradas, e desta vez não é a minha mente pregando peças.

Não é sangue. É um amontoado de percevejos-de-cama.

Uma onda de aversão percorre minha pele, e a coceira intensa começa.

Corro para pegar uma sacola plástica gigante debaixo da pia da cozinha, me obrigo a dobrar o lençol sobre a concentração de insetos e enfio tudo no saco. Jogo fora depois de dobrar o saco mais quatro vezes.

Não penso ou sinto nada enquanto faço tudo isso. Estou no piloto automático, como da última vez...

Não sei quanto tempo se passa depois disso. Inspeciono cada cavidade da cama, as tábuas do assoalho, o armário, mas não encontro nenhuma outra evidência dos insetos.

Começo a enfiar as roupas dela num saco para serem fervidas, mas isso já é demais.

Estou exausta e ela talvez não goste que eu me meta nas suas coisas, ainda mais porque já acha que estou com uma obsessão doentia pelos percevejos-de-cama. Não tirei fotos. Quando ela chegar em casa, vou parecer uma maníaca que jogou fora seu lençol favorito por pura maldade.

Ela já me sugeriu terapia, e eu preciso me acalmar. Não acho que ela me magoaria de propósito, como Marcus fez, mas não quero sentir outra vez o fechar das algemas em meus pulsos.

Ponho as roupas nos cubículos e tento deixar o armário arrumado como estava antes que eu derrubasse tudo em busca de percevejos-de-cama. Quando tudo está de volta ao lugar, pego alguns pedaços de papel que caíram da caixa do lado inferior esquerdo.

Uma nota fiscal do antigo Foodtown, que agora está em obras para reabrir como um mercado no estilo do Whole Foods. Um número de telefone e uma carinha sorrindo escritos a caneta azul num pedaço de papel. Um comprovante de depósito no valor de cinquenta mil dólares.

Cinquenta mil dólares.

Drea me conta sobre todos os seus bicos, sobretudo quando pagam bem.

Cinquenta mil dólares. O que pagaria tão bem e de uma vez só desse jeito?

Mas o comprovante é da época em que eu estava na pior com Marcus. Talvez eu tenha esquecido ou talvez ela não quisesse esfregar na minha cara enquanto eu estava sofrendo. É, isso faz sentido.

Há uma cópia do cheque no recibo, cuja data é de antes de eu voltar para casa. O nome da empresa que emitiu é difícil de ler a princípio, ou talvez eu apenas não queira ver, mas me é muito familiar.

Fico olhando por um bom tempo, tentando relacionar aquilo com o que conheço da empresa. Drea nunca faria...

Ela nunca faria isso.

Ela vai me explicar quando voltar. É claro que há uma explicação razoável.

Desço desatenta e me entrincheiro em meu quarto com uma garrafa de vinho e o celular. Coloco as mãos dentro de meias para não me machucar coçando os insetos imaginários que rastejam em minha pele e pulo, assustada, a cada pontinho preto inexistente fora do meu campo de visão. Não posso me distrair com a TV porque preciso ouvir se houver mais barulhos pela casa, mas bebo um gole a cada vez que penso no que aquele cheque pode significar.

Quando o sol nasce, a garrafa está vazia, eu não dormi nada e Drea ainda não voltou para casa.

Post de Kaneisha Bell no OurHood, Gifford Place:
Só para avisar que um homem branco estranho apareceu na minha porta, pediu para entrar e fazer uma “cotação” da minha casa. Foi a primeira vez que ouvi falar disso, então não o deixei entrar. Chamei a polícia e disseram que mandariam alguém para pegar uma declaração, mas ninguém veio. Fiquem de olho, pessoal.

Candace Tompkins: @Fitzroy Sweeney @Gracie Todd

Asia Martin: Isso é assustador pra cacete. Acha que ele estava tentando invadir o domicílio?

Josie Ulnar: Não, não, fizeram a cotação da nossa casa na semana passada e foi tudo bem. Eles só vêm e dão uma olhada. É para poderem calcular o imposto sobre propriedade. Vocês têm que deixá-los entrar.

Asia Martin: A gente não *tem* que fazer nada, na verdade.

CAPÍTULO 13

Theo

— AMÉRICA. BRASIL. A Companhia Holandesa das Índias Ocidentais foi criada explicitamente para travar uma guerra econômica. Está no estatuto deles. Eu achava que os holandeses eram neutros, mas acho que confundi com os suíços.

A resposta de Sydney é um resmungo. O comportamento dela me preocupa. Estou falando há mais de dez minutos e ela não sorriu, não tirou sarro de mim, não reagiu ao que eu disse sobre a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais para impressioná-la.

Seu olhar está perdido no horizonte enquanto ela rega os girassóis nos limites do jardim comunitário; as olheiras escuras sob seus olhos estão tão assustadoras que meu estômago deu um nó, achando que eram olhos roxos. Estou começando a me perguntar se ela dormiu em algum momento nesta semana — é difícil não perceber que está mais agitada e cansada a cada vez que a vejo.

Também me pergunto por que os problemas dela, para os quais ela não pediu ajuda, estão me deixando tão inquieto.

Continuo falando.

— Mas o mais louco que encontrei foi que vários desses caras fizeram fortuna com os escravos. Quer dizer, com as pessoas escravizadas.

— Dã. Achei que você era bom de pesquisa — diz ela.

Sei que está tentando dar uma alfinetada, mas sai mais como uma picadinha de leve.

Insisto, tentando fazer ressurgir aquela Sydney apaixonada por história.

— Bom, a parte louca nem é essa. Depois que a escravidão acabou, todos esses caras precisavam de um novo trabalho, então simplesmente migraram para o setor bancário, e até fundaram alguns dos bancos. Sabe o Veritas Bank? Foi criado por um antigo senhor de escravos holandês do Brooklyn. Você tinha me dito antes que os bancos estavam intrinsecamente ligados à escravidão, quando contou sobre a crise, mas é como se esses caras nunca tivessem abandonado o poder, eles só... — Fico tentando encontrar o jeito certo de dizer, as palavras exatas para descrever como tudo é escroto. — Eles só vestiram uma roupa diferente. As coisas não mudaram tanto assim. Eles continuaram controlando o dinheiro e, de certa forma, essas pessoas, que já não pertenciam mais a eles, porque controlavam quem ganhava dinheiro e onde o dinheiro era investido. E um dos diretores do Veritas inclusive morava neste bairro! O sobrenome era Vriesendaal, como o antigo hospital.

— Uau — diz ela, mas não há qualquer animação em sua voz. Nem um pouco daquela paixão de quando ela me mostrava suas ideias ou de quando interrompeu o passeio pelos edifícios Brownstone. — Bom trabalho. Posso usar isso.

Continuo falando. Normalmente dá para tirar as pessoas do mau humor na conversa, assim como dá para convencê-

las a fazer as coisas. É só manter um fluxo contínuo de palavras. Acalmá-las até um tipo de conforto distraído, ou então fazê-las ficar irritadas. De qualquer forma, é possível ter um controle da reação delas.

— E que tipo de nome é Usselincx, sobrenome do cara que fundou a companhia? Parece um vilão de filme totalmente clichê. “Muahahá, meu nome é Usselincx e vim aqui para roubar sua terra e ser trucidado pelos britânicos e estou...”

— Theo. — Ela me interrompe e se vira para mim com os olhos semicerrados. — Você está chegando muito perto da fronteira da Howdy Doodylândia, e também está sapateando sobre meu último pingo de paciência. Mais devagar.

Eu não devia estar feliz por ter conseguido arrancar essa reação, mas é a primeira vez que ela parece minimamente desperta hoje. Faço, da melhor maneira possível, algo parecido com um passo de sapateado ao lado de um canteiro de alface, e ela lança o spray de água em minha direção, de brincadeira, sem me molhar.

Sinto-me um pouco ridículo por precisar literalmente sapatear por uma mulher com a qual a princípio nem me importo, mas sua expressão fica um pouco menos dura e seus olhos ganham um pouco de brilho.

Ela desliga a mangueira e seca as mãos no short — um pouco mais comprido que o dos últimos dias, acentuando seus quadris e suas coxas, mas sem mostrá-los. Respiro fundo para levar os pensamentos em outra direção.

— Pronto para conhecer o pessoal do clube e tirar um pouco de história deles? — pergunta ela.

— Vamos lá.

* * *

QUANDO CHEGAMOS à casa de Candace, o lugar é lindo e eu odeio ficar tão chocado com isso, basicamente porque, do lado de fora, está em mau estado. Eu nunca diria que aquela é uma das casas mais bacanas do quarteirão, e costumo ser bom nisso. Kim sempre ficou irritada com essa casa, dizia que era um desperdício. Ela teria uma opinião diferente se não fosse antipática e fosse convidada a entrar.

A porta interior é de vidro em madeira escura, o que possibilita ver a área aberta e iluminada da sala de estar/sala de jantar/cozinha que ocupa o primeiro andar.

As paredes são pintadas num branco elegante, e todos os móveis parecem caros e refinados. Uma janela que se estende por toda a parede da cozinha inunda o andar inteiro com luz natural vinda do jardim. Parece uma das fotos do aplicativo Boomtown, com a diferença de que há pessoas negras na imagem.

Três mulheres idosas e um homem mais idoso ainda, a julgar pelo número de rugas em seu rosto, estão sentados à mesa de jantar. Ele mexe a boca com certa frequência, como alguém usando dentaduras desconfortáveis que precisam ser ajustadas com a língua. Uma das mulheres é magra e usa um lenço na cabeça, a outra tem um cabelo chanel grisalho, e a terceira está com metade do cabelo despenteado — a outra metade tem uma trança estilo boxeadora, um estilo que Kim adorou ao ver numa revista de moda.

Candace se posiciona atrás da mulher e começa a trançar o outro lado do cabelo com puxadas e viradas rápidas e eficientes dos dedos e punhos.

— Quem é esse homem? — pergunta a mulher com o lenço. Há uma leve musicalidade de sotaque caribenho em sua voz, mas sua cautela é clara. — Mais um tentando roubar nossas casas?

Não sei como responder, por isso olho para Sydney.

— Oi, dona Ruth — cumprimenta ela ao se sentar à mesa. — Este é o Theodore. Ele é dono da casa onde moravam os Payne.

Meu nome não é Theodore, mas concordo com a cabeça na direção da mulher e me sento.

— Prazer em conhecê-la, dona Ruth.

— Ah, foi a casa dos Payne que ele pegou? Gosto dele, então. Fiquei feliz quando aquela família foi embora, sabia? Eu não *aguentava* a Doris Payne, sempre achando que era melhor do que todo mundo, tentando me diminuir. — O sotaque da dona Ruth fica mais forte quando ela se anima, mas tento acompanhar. — Olhava estranho para o meu marido, chamava para consertar a pia da cozinha e muito mais! Baixei a ripa nela, e nunca mais falou com ele.

Ela assente com a cabeça de forma decidida e as outras mulheres soltam interjeições de comiseração. Não tenho a menor ideia do que ela acabou de falar, mas assinto também.

O velhinho mexe nas dentaduras e diz:

— Doris era uma mulher boa, do meu ponto de vista.

— Claro que você diria isso, Fitzroy — rebate a mulher com corte chanel grisalho num sotaque que talvez seja

britânico.

Sydney ri, um sinal vital encorajador.

Candace balança a cabeça.

— Theo, essas são Gracie e Paulette. Paulette não fala muito.

A mulher cujo cabelo está sendo trançado fica em silêncio, mas mantém um olhar cauteloso na minha direção, mesmo depois que Candace termina de arrumar seu cabelo, dá um tapinha em seu ombro e se senta à mesa também.

— Como você está, Sydney? — pergunta Gracie, educada, enquanto pega o bule de chá no meio da mesa e serve duas xícaras, para mim e para Sydney. — Não falei muito com você nos últimos meses.

— Tenho estado ocupada — responde Sydney. — Sabe como é.

— Bem, não, na verdade eu não sei, já que sou uma velha encarquilhada que passa o dia vendo TV com esses miseráveis, mas eu compreendo.

Aquilo gera mais uma rodada de risadas na mesa, mas o comportamento divertido de Gracie não dissipa a curiosidade preocupada em seus olhos.

Tomo um gole daquele chá forte e tento manter a expressão neutra quando o líquido amargo toca minha língua, mas algo deve ter entregado minha vontade de cuspir, porque o olhar de Gracie tem certa satisfação quando encontra o meu.

— Nunca tomou chá de rooibos, jovenzinho?

— Não — respondo, os olhos lacrimejando. — É... forte.

— É bom para a saúde — observa Fitzroy. — Por isso é que nós, das antigas, ainda estamos de pé, firmes e fortes por

aqui.

— Não se preocupe, não é veneno — acrescenta Gracie, e então inclina a cabeça para o lado. — Pelo menos não para *nós*. Mas, pensando bem, é uma receita passada de geração em geração e, lá atrás, nas plantações em Barbados, era chamada de "buckra's do-fa-do". Muitos senhores de escravos encontraram seu fim depois de beber uma xícara.

Fitzroy dá uma risada debochada.

— Não foram tantos assim, infelizmente!

Espero que Gracie dê uma risada e diga que está brincando, mas ela só bebe mais um gole e me encara. Seguro minha xícara um pouco sem jeito, consciente de que é uma espécie de teste, mas sem saber se é para verificar se sou idiota o suficiente para acreditar que há um veneno que só funciona para gente branca ou idiota o suficiente para não acreditar.

Há um silêncio tenso, e eu penso *dane-se* e bebo um gole.

Candace começa a rir, os olhos arregalados.

— Acha que Gracie não teria coragem de envenenar você? Garoto, essa mulher sobreviveu a cinco maridos e eu *sei* que a morte de alguns deles não foi natural.

— Não tenho ideia do que você está falando — diz Gracie, relutante. — Só queria ver se o menino aguentava uma provocação.

Ela dá uma piscadela para mim e, embora tenha uns sessenta e cinco anos, eu entendo perfeitamente por que os homens continuavam casando com ela mesmo sabendo que era uma possível assassina.

— Sydney! — chama de repente dona Ruth, como se Sydney não estivesse sentada ali o tempo todo. — Ouvi

dizer que você largou aquele homem, aquele que tinha uma testa igual à do alienígena preto de *Jornada das estrelas*. Eu digo: “Já vai tarde.” Melhor para você. Nunca gostei do jeito dele quando vinha aqui. — Ela limpa as mãos com um gesto exagerado e depois bate palma.

O peito de Sydney sobe e desce devagar antes que ela abra a boca outra vez.

— Ah, obrigada, dona Ruth. Só tenho algumas perguntas sobre o bairro para o passeio histórico — diz. — Podemos falar sobre isso?

Dona Ruth não parece feliz por perder as fofocas sobre o ex de Sydney. Estou um pouco decepcionado também.

— Não pode perguntar para a sua mãe? — intervém Fitzroy.

— Yolanda não está bem, lembra? — Gracie dá uma bronca e Fitzroy fica surpreso. A cara feia dela se transforma num sorriso de pena quando se vira para Sydney. — Fitzroy está mais para Esquecido-roy ultimamente. Pode ignorá-lo. Todas nós fazemos isso.

Sydney assente, firme, depois pisca algumas vezes e continua.

— Está tudo bem. Eu tenho algumas histórias da minha mãe, mas será que algum de vocês sabe de fatos divertidos sobre a vizinhança, ou sobre as pessoas que viveram aqui, que eu possa usar no passeio?

— Eu tenho algumas histórias que você não pode usar — diz dona Ruth, e todos eles riem.

Fitzroy coça a cabeça careca.

— Eu cheguei aqui antes da sua mãe, acho. Em 1972 — conta. — Comprei a casa de um jamaicano que trabalhava

em uma das agências imobiliárias para negros. Acho que agora as agências de brancos já as expulsaram daqui também. E aí vendem para pessoas brancas. Mas, até alguns anos atrás, éramos basicamente só nós vendendo e nós comprando. Pelo menos em Gifford Place.

Juntando isso e a conversa com Kendra Hill, percebo que nunca pensei muito nas comunidades negras e nas pessoas negras, para ser sincero.

Pensei, é claro, mas do mesmo jeito que penso no serviço dos correios. Existe e funciona, mas não sei os detalhes práticos de como as coisas são entregues. Quando penso numa comunidade negra, a primeira coisa que me vem à mente — ainda que eu não queira — é o crime. Drogas. Gangues. Assistência social. Isso é tudo que os noticiários espalham desde que eu era criança. Não falam sobre velhinhos bebendo chá. Nem sobre os complicados sistemas financeiros autossuficientes que precisaram ser criados porque enfrentar o racismo significa ser deixado à míngua.

— Você precisa ter propriedades. Precisa — diz Gracie. — Meu pai sempre nos disse isso. É por isso que não gostam de vender para a gente, sabia? Inventam histórias sobre a queda dos valores dos imóveis, como se não fossem eles mesmos que decidissem os valores. — Ela faz um som de sarcasmo. — A verdade é que, se você é o dono, tem poder. É por isso que eles sempre tentam tirar isso de nós.

— Olha só esse discurso capitalista — observa dona Ruth, discordando com a cabeça. — Nós precisamos é da revolução.

— Ruth, você tem cinco casas. Pode parar — rebate Candace, séria. — Sua cabeça ia ser a primeira a rolar neste

quarteirão.

Ruth dá de ombros.

— Eu jogo com as peças que me dão, Candace. Pelo menos, se eu vender quatro das casas, talvez consiga pagar o imposto sobre propriedade da quinta. Eles só arrancam minha casa por cima do meu cadáver.

— Ah, isso me lembra de uma história, Sydney. — Fitzroy assente. — De quando aconteceu o blecaute, há muito tempo. Tive que ficar na porta da minha casa empunhando um taco de críquete. Eu dizia “Cara, se quiser tentar, pode vir” para todo idiota que tentava roubar aquilo pelo qual eu tinha trabalhado. Nenhuma janela foi quebrada, nenhum vaso de planta foi revirado. — Ele ri profundamente, depois tosse, e Candace chega perto, pega a xícara e coloca perto de sua boca para ele beber.

— Isso foi no blecaute de alguns anos atrás? — pergunto.

— Não, houve outro, em 1977 — conta Sydney. — Houve pilhagens e todo tipo de loucura.

— Pilhagens — diz Gracie, com um toque de sarcasmo.

— É — continua Sydney. — Minha mãe contou que a TV que tínhamos quando eu era criança tinha sido “achada na rua”, na frente de uma loja de eletrônicos, durante o blecaute.

Todos os mais velhos sentados à mesa dão uma gargalhada.

— Bem, não faço ideia de como ela pegou a TV, só sei que alguém confrontou sua mãe enquanto ela estava sentada na varanda fumando e assistindo à loucura — diz Fitzroy. — O homem acabou tendo que desviar do fogo do revólver

dela. Eu pensei que estava exagerando com meu taco, e ela estava lá, pronta para atirar.

Candace ri.

— Ah, você lembra que os amigos dela eram aquele pessoal da Virgínia?

— Ela nunca me disse isso — diz Sydney, com uma risada agridoce. — Mas posso imaginar. Ela me disse que não foi criada para aturar bagunça, mas que sabia como resolvê-la.

— Não acredito que não sei de nada sobre esse blecaute — observo, doido para pegar o celular, mas sem querer ser mal-educado. — Qual foi a causa?

— Foi proposital — diz uma voz baixa, e, quando olho para o outro lado da mesa, Paulette está me encarando. Seus olhos castanho-escuros são firmes e sua voz não tem um toque caribenho, soa mais como a imitação do sotaque nova-iorquino num filme antigo. — Eles queriam que nós destruíssemos tudo para que pudessem vir e *consertar*. Apagaram as luzes. Começaram a arranjar confusão no escuro. Eles botaram o pé na porta daquela vez, mas o estrago não foi suficiente. Depois daquilo, de repente vieram as drogas, a violência, a polícia. Destruir tudo para depois vir reconstruir para si mesmos.

Candace dá um suspiro diante do silêncio profundo que vem depois da declaração.

— Quando digo que Paulette não fala muito, quis dizer que, quando fala, é essa maluquice *illuminati* de quem vê vídeos demais no YouTube.

Paulette não tira os olhos de mim.

— Ele sabe. Ele é um deles, sempre espiando à noite, sempre de olho. Está aqui para destruir e reconstruir,

destruir e reconstruir. — Sua voz vai ficando mais alta e mais forte. — Revoltas raciais, é assim que eles chamam. Mas quem começou? Por que *nós* começaríamos? Quem lucrou? Ele é um deles!

As últimas palavras reverberam pelo cômodo. Sua respiração está ofegante, e ela olha para mim como se conseguisse ver além do sorriso, das piadas, ver diretamente a escória e a vigarice que estão na minha essência.

Candace se inclina sobre a mesa e segura a mão de Paulette.

— Paulie?

Paulette encara Candace por um tempo, o olhar perdido, mas aos poucos vai voltando a si e sorri.

— Oi, Candy.

— Aqui estamos, querida — diz Candace, e aperta a mão dela.

— Precisamos ir embora — sugere Sydney, e me sinto péssimo de ser a razão por que precisamos ir. Minha mera presença foi suficiente para causar um ataque de pânico nessa mulher, o que é desagradável, já que não fiz nada para ela. E não posso dizer isso para me defender porque, bem, tem a porra do Howdy Doody.

Eu me levanto.

— Obrigado pelo chá.

— Destruir e reconstruir — sussurra Paulette em tom acusador, mas não olha mais para mim.

— Obrigada, pessoal — diz Sydney.

— Não suma. Você devia aparecer mais, mesmo que sua mãe não esteja aqui — pede Ruth. — Estamos aqui para te

apoiar.

Sydney concorda com a cabeça e dá uma volta na mesa para abraçar a todos.

Dou um tchauzinho, ainda constrangido, e Gracie levanta a xícara para mim.

— Se não morrer por causa do chá, você pode voltar para nos visitar também.

OurHood Gifford Place/grupoprivado/Renovação
Reunião de emergência do conselho nas próximas 48 horas. Ativem as notificações para receber o horário exato — a presença é obrigatória, sendo feriado prolongado ou não.

CAPÍTULO 14

Sydney

— ELA ESTAVA BRINCANDO, NÃO É? — pergunta Theo assim que pisamos na calçada em frente à casa da srta. Candace. — Sobre o veneno?

Suas sobrancelhas grossas estão meio juntas, e há um leve rubor nas maçãs proeminentes do seu rosto.

— Não sei — respondo, porque estou me sentindo meio malvada e a situação é perfeita. — Acho que vamos descobrir logo se você...

O enjoo me ataca antes que eu possa terminar a frase, e não é por causa do chá envenenado. É aquela dor enterrada lá do fundo que ressurge inesperadamente nos piores momentos em forma de estômago embrulhado, como uma baleia que vai à superfície sem dar a mínima se vai virar alguns barcos.

Meus olhos se enchem de lágrimas e caminho um pouco mais rápido para que Theo não veja meu rosto.

— Ela estava brincando. Você vai ficar bem — digo, e abano o rosto. — Está quente para cacete. Odeio suar.

Levanto a barra da camiseta para secar o rosto, na esperança de que Theo esteja distraído pela minha esquisitice ou pela exposição desta parte do meu corpo e não perceba o choro ofegante que escapa enquanto seco o "suor".

Baixo a camiseta e a arrumo nos quadris, coçando algumas vezes o nariz em vez de assoá-lo. A poucos metros dali, folhas e galhos escapam em meio à cerca do jardim comunitário e balançam com a brisa.

— Você está... — começa Theo, e para. — Vamos pegar algo gelado para beber na lojinha da esquina.

— Ok.

Queria que ele pegasse minha mão e me levasse até lá, ainda que estejamos só a alguns prédios de distância, do mesmo jeito que mamãe segurava minha mão para atravessar a rua ainda que eu já fosse grande o suficiente para prestar atenção nos carros.

Mas claro que ele não vai fazer isso. Ele é só meu vizinho.

Theo segura a porta para mim, mas, quando entro, fico desorientada. Está tudo limpo e brilhoso, bem diferente da atmosfera meio decadente e reconfortante de antes. Parece que alguém de um desses reality shows de decoração passou uma noite ali — as paredes estão brancas, as luminárias estão mais elegantes, as prateleiras foram substituídas e, aparentemente, o estoque também. Onde ficava a geladeira de sorvetes, agora há uma seção de frutas e comidas vegetarianas. As prateleiras estão tão limpas que passariam num teste com uma luva branca, e não há nenhum produto Goya à vista. A palavra *orgânico* está em *todos os lugares*, e a área da grelha onde eram preparados os sanduíches sumiu. Em seu lugar, há uma geladeira com sanduíches prontos, wraps, sushi e salada de quinoa.

Até o cheiro é diferente, o odor gorduroso deu lugar a outro tipo de aroma, que está mais para cheiro nenhum.

— Abdul, que loucura — digo. — Você pegou um empréstimo ou algo assim?

Mas quando busco com os olhos o novo lugar da caixa registradora, Abdul não está lá para me chamar de *habibi* e me entregar um Parliament. O cara atrás do balcão tem a pele mais clara, com cabelo castanho-claro e os olhos castanhos vivos.

— Abdul teve uns problemas com os documentos — diz ele, e depois abre um sorriso. — Eu sou Tony, o novo dono. Prazer em conhecê-la. Estou ansioso para fazer parte da comunidade de Gifford Place.

— O quê? Quer dizer que ele... foi embora?

— Mas não foi esquecido, claramente — diz Tony, com uma piscadela.

Eu me viro e vou até a geladeira do vinho, a cabeça rodando. Abdul foi embora. O cara da grelha foi embora. Simples assim.

Estendo a mão automaticamente na direção do vinho que compro há meses, mas o que minha mão toca é uma garrafinha de kombucha. Fico olhando para aquilo, meu cérebro letárgico tentando acompanhar mais essa mudança, mas sinto alguém me olhar por cima do ombro. Quando viro para a esquerda, Tony está debruçado no balcão olhando para mim.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — pergunta. — Se você estiver procurando os litrões, não vendemos mais cerveja malt liquor.

Bato a porta da geladeira um pouco forte demais e me dirijo para o caixa para pagar.

— Você gosta de kombucha? — pergunta Theo. — Tem gosto de vinagre.

Eu o ignoro e coloco a garrafa no balcão. Minha pele está formigando. Não tem maquininha para jogar na loteria, não tem gente reunida imaginando o que vai fazer com os milhões caso ganhe. Não tem caixa de doces baratos. Não tem personalidade.

Não tem Abdul.

Meu peito começa a palpitar de pânico mais uma vez.

— Esse produto não é coberto pelo programa de suplementação nutricional do governo — avisa Tony *gentilmente* enquanto escaneia a bebida. Começo a entender que é a mesma maneira que Josie usa para dizer coisas *gentis* nas mensagens do OurHood. É uma fina camada de verniz que, se raspada, vai revelar um tipo de merda com o qual definitivamente não estou em condições de lidar agora.

— Não que haja algo errado com o programa de suplementação nutricional ou com os litrões, mas existe alguma razão para você estar fazendo suposições sobre meus hábitos de consumo de álcool ou minha condição financeira?

Ele dá de ombros. Dá um sorrisinho debochado. Registra a bebida, que custa a bagatela de cinco dólares.

— Só estou querendo ajudar. E garantindo que as pessoas compreendam que tipo de estabelecimento é este agora.

Quando pego uma nota de vinte dólares para pagar, ele faz toda uma cena e pega o testador de dinheiro falso, passa no marcador, levanta contra a luz e examina minuciosamente. Quase vou embora, mas preciso do troco.

Ele enfim me dá o troco, mas é só uma nota de cinco, não uma de dez e outra de cinco.

— Eu dei uma nota de vinte — digo. — Ficou olhando para ela um tempão, devia ter percebido.

Meu estoque de educação acabou depois das minhas tentativas de conter os nervos. Agora estou a ponto de explodir.

Tony parece perplexo.

— Deu? Acho que não.

— Eu. Dei.

— Ela deu, sim — afirma Theo, atrás de mim. — Anda logo, cara. Devolva o dinheiro dela.

— Senão... o quê? — pergunta Tony com um sorriso, debruçando-se sobre o balcão como se fosse a representação de um vendedor simpático da vizinhança.

— O quê? — indaga Theo, com uma voz grave que me surpreende.

— Se estou dizendo que ela me deu dez dólares, quem pode provar o contrário?

A voz e a expressão de Tony se mantêm, e há algo de perigoso nele exatamente por isso.

— Vamos embora — digo, puxando a camiseta de Theo.

— Não. — Quando olho para Theo, ele está tenso. — Devolva o troco para ela. Não crie confusão e devolva o troco para ela, cara.

Tony olha para a gente com uma expressão divertida.

— Alguém precisa fazer uma compra para a gaveta abrir de novo — diz Tony, e continua calmo.

Theo tira duas notas de um dólar amassadas do bolso, joga no balcão e então pega um pote superfaturado de

manteiga de amendoim.

— Vou levar isto.

— Claro. — Tony pega o dinheiro, desamassa cada nota e então registra a compra. Ele parece hesitar um pouco antes de entregar meus dez dólares para Theo. — Desculpe a confusão. É difícil colocar tudo em ordem quando a gente ainda está se acomodando.

Ele nem olha para mim. Eu me viro, saio feito um furacão da loja e ouço Theo sair logo depois. Ele me alcança com alguns passos.

— Você esqueceu seu vinagre gasoso e seu dinheiro.

Voo em cima dele e arranco os dois de suas mãos.

— Que porra é essa?

— Ei. Acho que você quer dizer “obrigada por pegar meu dinheiro de volta”.

— Não! Eu disse para irmos embora e você entrou no modo homem branco que não consegue ouvir um não.

Eu me sinto uma idiota, chorando e gritando com ele, quando tudo o que fez foi me ajudar.

Ingrata. *Carente*.

— Era para a gente simplesmente ter deixado que ele roubasse seu dinheiro? O que eu deveria ter feito?

Fecho os olhos e aperto os lábios para tentar conter a raiva que quer explodir por todos os orifícios do meu corpo, porque ele está certo. Quando o sentimento se aplaca, respondo:

— Sim, eu ia simplesmente deixar que ele roubasse meu dinheiro. Porque calculei mentalmente quanto tempo e energia eu gastaria para lidar com isso, e nem levei em

conta o que aconteceria se a polícia aparecesse. Estou cansada, está bem? Eu...

Eu paro. Não posso contar a ele. Entendi quem ele era no momento em que entrou na casa do sr. Perkins. É um homem branco estranho, não é meu amigo. Nem sei se ainda tenho algum amigo.

DREA ESTÁ DIGITANDO... pisca na minha mente e tenho vontade de gritar outra vez.

— Olha. Obrigada. Mas preciso voltar para casa agora — digo, e as palavras saem como se fossem poeira em minha boca.

— Sydney — começa ele, e olha para mim como se quisesse pedir desculpas, mas faço que não com a cabeça.

— Está dispensado, estagiário de pesquisa.

— Espere, o quê? Tipo, por hoje ou para sempre?

Eu o ignoro, e ele é esperto o suficiente para não vir atrás de mim.

Quando chego em casa, finjo que não vejo o novo lote de contas que chegou, a nova pilha de folhetos que promete dinheiro rápido se você simplesmente arrancar suas raízes e deixar para trás tudo que conhece. Coloco o kombucha na geladeira, pego um cigarro do maço que está em cima da mesa e abro a porta que dá para o jardim dos fundos.

A madeira inchada pelo calor resiste até que puxo com tanta força que tropeço para trás, quebrando uma das minhas unhas. Toby começa a latir do outro lado da cerca de madeira, me assustando, e, por alguma razão, isso faz as lágrimas caírem desta vez, copiosamente. Eu me sento no degrau dos fundos, feliz porque a maior parte do jardim é pavimentada — o restante está cheio de ervas daninhas que

chegam à altura da minha coxa, e terei que lidar com elas em algum momento.

As dezenas e dezenas de mudas que eu tenho ignorado aqui deram um jeito de sobreviver, pelo menos. Algumas coisas conseguem fazer isso sem precisar de ajuda. É patético demais ser superada por um canteiro de tomate-cereja.

Uma lágrima pinga da ponta do meu nariz e molha o papel fino do cigarro enquanto o acendo.

— Droga! — derrubo o isqueiro no chão depois que a chama queima meu dedão; o cachorro late ainda mais exaltado.

Nossa conversa com Kendra, a inspeção no quarto de Drea, o medo de Paulette diante de Theo, toda aquela merda com Tony na birosca reformada, o desaparecimento de Drea... Tudo está rodando na minha cabeça, ameaçando me esmagar.

Começo a me perguntar se não deveria desistir do passeio. A vizinhança está mudando tão rápido; talvez tudo já tenha sumido antes de eu conseguir fazer o primeiro teste. Talvez nada disso importe porque a mamãe, a única que realmente acreditou que eu poderia fazer isso, não está aqui para ver.

Solto uma nuvem de fumaça e balanço a cabeça, depois limpo as lágrimas dos olhos. Preciso fazer isso, nem que seja só uma vez, para a festa do bairro. Só para mostrar que estivemos aqui, que ainda estamos aqui, e que isso importa, mesmo que eu jogue fora todas as anotações e o passeio acabe sendo apenas eu contando histórias idiotas sobre as pessoas que fizeram desta comunidade o que ela é.

Toby de repente dá um grito de dor e olho para o outro lado da cerca. Toby é uma ameaça, mas também não quero que se machuque.

— Arwin! Pode deixar o cachorro em paz? — A voz de Josie reverbera pelas madeiras da cerca.

— Só estou brincando, mãe. *Você* é que tem que *me* deixar em paz!

Minha nossa, se eu falasse assim com minha mãe, ela abriria um buraco em minha alma só com seu olhar mortal.

— Desculpe, querido — responde Josie. — Estou só tentando relaxar no meu dia de folga. E jardinagem é minha forma de relaxar.

— Esse treco fede! — reclama Arwin.

Eles estão falando *muito* alto para duas pessoas que estão lado a lado, aumentando um pouco mais minha pressão arterial.

— É fertilizante. Você sabe o que é?

— Não.

— É merda, querido.

Algo na maneira como ela diz um palavrão para o filho tão deliberadamente, e com deleite, faz com que meus ombros fiquem tensos.

Arwin ri e começa a gritar.

— Merda! Merda!

Josie ri também.

— Às vezes, o solo não está mais apropriado para cultivar coisas. Precisa de tempo para ficar fértil novamente. Então, você o cobre de merda e espera. Deixa a merda fazer o trabalho dela, e depois você vem e planta suas mudas. Meu avô que me ensinou isso. O avô dele que ensinou a ele.

O celular vibra na minha mão e estou tão tensa que quase o deixo cair. Congelo por um segundo antes do nome aparecer na tela, mas é Len, não Drea.

Merda. Era para eu ter ido encontrá-lo no jardim.

— E aí? — digo, tentando não soar tão destruída e estressada. — Desculpa pelo atraso. Estou indo para aí agorinha. Pode esperar mais uns minutos?

— Não — responde ele, e sua voz parece a mesma de quando era um garotinho. Ele pigarreia. — Estava sentado em um dos bancos com o pessoal, esperando você, e os policiais apareceram.

— O quê?

Apago o cigarro e já estou correndo pela cozinha quando ele responde.

— É. Hum. Eles... eles expulsaram a gente de lá. Estava todo mundo relaxando ou cuidando dos canteiros. Disseram que foi uma ordem do proprietário. Fiquei confuso porque achei que sua mãe que era a dona. Tentei perguntar o que estava acontecendo, mas eles começaram a me empurrar...

Ele para e dá um suspiro meio trêmulo, e naquele momento ouço o tom agressivo do policial ao fundo mandando todo mundo circular. Já ouvi aquele tom e aquela ordem em muitos vídeos seguidos de hashtags nas redes sociais.

— Estou indo, está bem? Obedeça aos policiais e se afaste do jardim.

— Ok.

— Não desligue até eu chegar aí, Len.

Minhas mãos tremem ao trancar a porta, e então corro pela rua, as solas dos tênis batem no asfalto e meu coração

é uma coisinha louca e cheia de medo que tenta escapar do peito.

Não. Não. Não. Não.

Minha incredulidade acompanha meus pés. Isso não pode estar acontecendo. Depois de tudo que já aconteceu.

Quando chego ao jardim da mamãe, há dois policiais parados diante da cerca de arame. Logo atrás deles, um homem branco magro e forte, de cabelo grisalho, tira um novo cadeado de uma embalagem de plástico. O cadeado que a mamãe usou por anos, mais para desencorajar do que efetivamente para garantir segurança, está quebrado, jogado no chão.

Lá dentro, um grupo de outros três ou quatro caras brancos vestindo jeans e camiseta iguais caminham e inspecionam tudo. Anotando coisas. Vejo os enfeites que as crianças fizeram para a festa do bairro no chão, sob as botas deles.

Estou chocada demais para sentir qualquer coisa.

É isso.

É o fim de tudo.

Pelo canto do olho, vejo Len parado ao lado da srta. Candace. Algumas crianças do ensino fundamental estão em suas bicicletas, com os pés apoiados no chão e as mãos no guidom. Pessoas mais velhas que vêm com frequência relaxar no jardim, ou cuidar dos próprios canteiros, também estão ali de guarda.

Vou até os policiais com uma sensação estranha na cabeça, tipo quando a pressão cai e os ouvidos entopem. Ou quando o marido para quem você achava estar dando

uma segunda chance presenteia você com um e-book com o título *Divórcio para leigos*.

— Com licença. Posso saber o que está acontecendo aqui? — indago com a voz mais educada e menos ameaçadora que consigo, ainda que haja estranhos invadindo o jardim da mamãe.

Meu estômago revira.

— Estamos aqui porque o proprietário legítimo deste espaço o reivindicou por uso ilegal — responde um dos policiais.

Ele usa o mesmo tipo de óculos aviador com lente espelhada de Drew, o motorista de Uber, e o suor escorre pela pele rosada de seu rosto. O sol bate direto no jardim a essa hora do dia.

— O proprietário legítimo? — repito. — Este lote nunca teve um proprietário identificado. Minha mãe procurou muitas vezes. Tinha virado um terreno de despejo, e a prefeitura deu uma escritura para minha mãe porque ela limpou e reformou o lugar. A prefeitura disse...

— A prefeitura não é a proprietária — interrompe o homem com o cadeado, guardando a chave no bolso depois de brincar com ela. Ele parece o tipo de cara que ficaria atrás de você no metrô e, sem querer, esbarraria na sua bunda toda vez que o trem desse um solavanco. — Eu sou o proprietário. Rastreei os parentes da mulher que era a dona deste terreno e comprei deles.

— Não. Isso não faz sentido.

— Faz total sentido — responde o homem. — Vocês acham que podem fazer o que quiserem sem a garantia da lei. Eu tenho a garantia da lei.

— Eu tenho uma escritura — digo, a pressão na cabeça aumentando.

Não sou esperta o suficiente para ficar com medo agora, enquanto ele dá um sorriso presunçoso e olha para os policiais.

Isso não é uma nota de dez dólares.

É o jardim da minha mãe.

É a raiva, a raiva mais pura, que faz meus ombros se erguerem e me empurra um passo à frente, olhando bem para a cara daquele homem.

— Então me prove o que disse.

— Eu não sou obrigado a provar nada para você — responde ele, se divertindo.

Eu me viro para os policiais, não exatamente esperando ajuda, mas não tenho outro recurso. *Não posso* deixar o jardim ser tirado de mim. É o pilar de tudo que me sobrou.

— Por favor. Este jardim comunitário é nosso há anos. Temos árvores. Sabem quanto tempo leva para uma árvore crescer? Por favor, não permitam que ele faça isso.

— Só mostre a escritura para ela — diz um dos policiais, embora não pareça muito comovido. — Se não mostrar, esse pessoal aí vai ficar com raiva, e não estou a fim de burocracia antes do feriado.

O homem sorri e me entrega um papel que estava dobrado no bolso de trás. É uma cópia borrada do suposto comprovante da compra do terreno por cinco mil dólares pela Agência Imobiliária de Gifford Place, 24, de...

— Não dá nem para ler esses nomes — observo, a folha tremendo na mão. — Quem aprovou isso?

— O departamento de habitação do Brooklyn.

Meu olhar se detém no valor da compra e qualquer compostura que eu tinha vai para o espaço.

— Só cinco mil dólares? Acha que sou idiota? Eu podia fazer melhor no Photoshop. — Minha voz está ficando mais alta, mas não consigo controlar. Ele quer tirar tudo de mim. Tudo. *Não*. — Posso descobrir onde *você* mora, criar uma escritura falsa e dizer que é meu, se é assim que funciona. Quer acordar e me encontrar na sua sala de estar, com o pé no sofá? Isso aqui é uma palhaçada.

A paciência presunçosa do homem de repente se esvai, e ele vem na direção do meu rosto, o nariz quase colado ao meu.

— Olha, vadia, eu não quero arrumar problema com você. Este terreno é *nosso*. Se vier mexer com a gente, se tentar atrapalhar as coisas, vai se arrepender. Eu vou *fazer* você se arrepender.

— Vadia? — Meu rosto está quente e, num reflexo, prendo as tranças num rabo de cavalo com o prendedor que estava em meu pulso. — Quem você está chamando de vadia?

— O que vai fazer, *vadia*? Vai me bater? — Ele levanta o rosto na direção do meu, seu hálito horrível sopra em meu rosto. Os olhos estão cheios de um ódio desproporcional, considerando que *foi ele* quem começou esta merda. — Tente. Tente. Eu vou te enfiar na cadeia tão rápido que a porra da sua cabeça vai girar.

— Policial, o senhor vai deixar esse homem ameaçá-la desse jeito? — pergunta Len, a voz angustiada.

O policial olha para ele e vai em sua direção.

— Policial! — chamo, e a atenção dele se volta para mim. — Policial, por favor. Ao menos nos deixe pegar nossas

coisas. Há algum tipo de mal-entendido aqui, mas, até que seja resolvido, pode por favor nos deixar pegar nosso equipamento e o que mais está...

— Não — ordena o homem atrás deles. — Nada de entrar na propriedade.

— Desculpe, senhora — diz o policial, dando de ombros com um leve sorrisinho. — Preciso respeitar os desejos do proprietário do terreno.

O segundo policial se vira para o grupo e começa a gritar.

— Todo mundo circulando! Você, guarda o celular! Não há nada para ver aqui! Nada para ver aqui!

— Mas...

Atrás dele, dois dos homens lá dentro começam a arrancar as plantas. Os outros empilham as luvas, os baldes e outros equipamentos de jardinagem, e destroem os bancos de madeira que o sr. Perkins e outros moradores fizeram no começo do verão para substituir os antigos, que estavam ruins.

— Por quê? — reclamo. — Por que estão fazendo isso?

— Senhora, nós vamos ter um problema? — O segundo policial põe a mão no coldre e meu estômago revira.

Vamos! Eu quero gritar. Quero gritar até que minha garganta esteja sangrando, em carne viva. Em vez disso, fico ali de pé em silêncio, tremendo, embora esteja tão quente que minha blusa está ensopada de suor. Falhei com minha mãe de novo. Eu me lembro do rosto dela quando conhecemos a casa de repouso, como ela olhou para mim e disse: *Você vai ter que assumir o jardim quando eu vier para cá, está bem? É melhor assistir a uns vídeos no YouTube para não matar minhas plantas.*

— Vamos embora, Sydney.

A voz parece vir de longe, mas alguém segura meu braço e me puxa. A pegada é forte e me lembra da minha mãe tentando me manter fora de perigo.

— Mas a mamãe...

— Sydney, vamos embora! — A srta. Candace aperta meu braço com mais força e me afasta dali, enquanto Len vem atrás; percebo que ele está me dando cobertura, e isso é o suficiente para eu me mexer.

Olho para trás mais uma vez. Os policiais e o homem que roubou o jardim da minha mãe estão rindo. Estão rindo e não posso fazer nada.

Por reflexo, pego o celular, coloco a senha e ligo para a última pessoa no histórico: mamãe. Só preciso ouvir a voz dela, pedir desculpas.

O telefone para de tocar e espero que caia na caixa postal, mas só vem o silêncio. E depois... um suspiro.

O pavor em meu corpo me sufoca com uma dor penetrante no peito.

— Alô? — sussurro.

Nenhuma resposta, mas alguém está lá. Tenho a mesma certeza de uma criança que se recusa a olhar debaixo da cama.

— Alô — digo, com lágrimas nos olhos.

O telefone é desligado.

A srta. Candace esfrega minhas costas quando seguro na borda de uma lata de lixo na frente da casa de Etta Mason e vomito.

— Etta vai entender — diz ela, repetidamente. — Qualquer um entenderia.

Post de Candace Tompkins no OurHood, Gifford Place
Acho que todos devíamos discutir a perda do jardim comunitário. Não tem como aquele homem ser o proprietário legítimo. Precisamos saber o que aconteceu e como.

Asia Martin: Quem tem dinheiro para provar que ele está errado?

Jenn Lithwick: Ah, não! Eu soube o que aconteceu. Que coisa horrível! A Sydney está bem?

Jen Peterson: Alguém pode realmente mentir sobre uma coisa dessas? Quer dizer, a polícia estava com ele? Eles saberiam se a reivindicação é legal, certo? Talvez eu esteja sendo ingênua, mas a alternativa é...

Asia Martin: ... é a mesma coisa de sempre, Jen. É só isso.

Jen Peterson: Sinto muito, Asia. Eu só não consigo acreditar que algo assim possa acontecer no Brooklyn.

Jenn Lithwick: Querida...

CAPÍTULO 15

Theo

DEPOIS DO INCIDENTE COM O RIESLING, estou me mantendo longe da bebida, o que é uma mudança de ritmo bastante repentina para o meu corpo. Eu quis muito tomar uma cerveja depois daquela discussão estranha com a Sydney em frente à loja da esquina, e ainda mais depois de ver um quarto para alugar a algumas estações de trem daqui. Como eu esperava, era a sala da casa de alguém, apenas separada por uma cortina, mas vai ter que servir como um lugar temporário até eu decidir o próximo passo.

Em vez de abrir uma latinha gelada, vou para a academia na tentativa de afastar aqueles sentimentos que me rodeiam, já que agora não posso afogá-los na bebida nem me distrair com Sydney.

Algumas pessoas atingem um estágio zen quando malham, mas meus pensamentos ficam mais acelerados quando faço exercícios. Minha vida ficou estagnada por meses, ao que parecia, mas as coisas recomeçaram a andar com ferocidade — meu mundo está completamente diferente do que era há uma semana. Eu fiz uma amiga, encontrei um propósito — embora temporário — e então perdi a namorada, a nova amiga e o propósito. Ah, e também a casa.

Agora, tomei a decisão duvidosa de dividir um apartamento com um ex-presidiário polonês de setenta anos, que está excessivamente interessado nas minhas habilidades culinárias e perguntou se consigo tirar os vírus de seu computador.

William, o cara estranho da imobiliária, de repente aparece na minha frente. Ele não diz nada, só olha para mim com uma expressão de expectativa, como se já estivéssemos conversando e ele tivesse acabado de fazer uma piada obscena.

— Termino em cinco minutos — digo.

— Tranquilo — responde ele, e aperta os lábios, depois franze a testa. — Você não me ligou.

— Não liguei?

— Sobre a oferta de trabalho. Eles não aceitam qualquer um na BVT, e achei que você era o tipo certo. Você parece... — Ele me examina com um ar de diversão, como se eu fosse um ukulele ou algo assim. — ... o tipo de cara que não tem escrúpulos quando se trata de ganhar dinheiro.

Não deixo meu ritmo mostrar isso, mas aquelas palavras me irritam. Diminuo um pouco a velocidade, sem saber que rumo esse papo vai tomar.

— Por que diz isso?

Ele dá de ombros.

— Não estou julgando você. Vamos precisar de caras assim porque as coisas estão ficando intensas. Ouviu falar sobre o jardim comunitário em Gifford?

Ele pergunta de um jeito alegre e meio fofoqueiro.

Meu estômago revira ao pensar em Sydney, apoiada no chão, tentando manter seu canteiro vivo.

— Ouvi o quê?

— Um construtor aí confiscou — conta o homem. — Chegou lá com uma escritura nova e foi tipo: “É, essa porra é minha agora. Chupa, vadia!”

Penso em simplesmente dar um soco nele para ver se ele cala a boca.

Não. Eu tive várias recaídas nos últimos meses, mas não faço mais *isso*.

— Por um segundo, pareceu que ia dar problema. Os policiais acalmaram as pessoas, então ficou tudo tranquilo, mas é nessa parte que precisamos de mais caras como você. — Sua expressão superamigável muda sutilmente na boca e nos olhos, e de repente surge o ódio. — Eu queria ter estado lá. Aguentei por meses o comportamento daquela...

— Achei que o jardim comunitário já era de alguém — digo. — Não bastava o construtor fazer uma oferta para o dono?

William balança a cabeça.

— Acho que ele *poderia* fazer isso. A prefeitura tinha emitido uma escritura provisória porque o terreno ficou vazio por anos e estava decadente. Blá, blá, blá. Você pode pagar ao dono. Mas, se quiser pagar mais barato, só precisa *encontrar* o proprietário original da terra ou seus herdeiros e comprar deles. Eles não precisam ficar por aqui. Só precisam aparecer, ganhar cinco milzinho de uma imobiliária de ponta do Brooklyn e depois voltar para seja lá onde estivessem se escondendo por anos.

Nem estou mais me movendo, apenas encaro o babaca arrogante parado na minha frente enquanto tenho vontade de bater minha própria cabeça.

— Está dizendo que é um golpe?

— As pessoas podem chamar assim, mas ninguém pode provar nada. Ou talvez eles não queiram provar nada. — Ele dá de ombros. — Você sabe como é.

Continuo encarando-o.

— Ah, você não sabe? Está bem, vou fingir que não.

Odeio essa sensação, quando alguém fica me ameaçando em vez de chegar logo no momento em que ou vou bater nele antes que me bata, ou vou correr.

— O que você quer?

— Sei que precisa de dinheiro. E de um lugar para ficar.

Eu devia ficar surpreso, mas parece que Kim contou a muitas pessoas que eu era um vagabundo e que ia me deixar. Por que não ao corretor imobiliário?

— Não posso obrigar você a fazer nada, mas precisa mesmo pensar no seu futuro. Não deixe seu orgulho, ou seu pênis, impedirem você de ganhar dinheiro, irmão. Ligue para mim.

Ele faz um gesto com um celular imaginário ao lado da orelha e depois muda para um joinha na minha direção, então segue para a área de musculação.

Fico parado ali, suado e tentando juntar duas informações que espero de verdade não estarem conectadas. Qualquer um pode ter ficado interessado no jardim, não é?

Saio do aparelho, tomo um banho rápido e caio novamente naquela densa umidade.

Quando chego ao jardim comunitário, parece com uma daquelas fotos antigas do Brooklyn que eu tinha visto, quando os terrenos vazios eram usados para despejo de lixo. Todas as plantas foram arrancadas. Os bancos, as

caixas de flores e os vasos estão empilhados na parede do prédio ao lado. As folhas despedaçadas deixam o chão pintado de verde, e sinto um terror absoluto.

Penso na voz de Sydney falhando quando ela contou sobre não conseguir conservar o jardim. Em como, nos últimos dias, ela tem estado tão fraca quanto as plantas que vinha tentando manter vivas, sem muito sucesso. Em como mais cedo ela me mandou embora por eu ser um idiota sem jeito que ainda não entendeu como as coisas funcionam por aqui.

Ela deve estar destruída.

Respiro fundo e vou até a porta da casa dela. Quando chego ao primeiro degrau, alguma coisa afiada roça na parte de trás do meu tornozelo e agarra meu tênis. Eu me viro e vejo Terry lutando contra a coleira do cachorro.

— Toby, seu desgraçado! — Ele puxa mais forte. Seu rosto está cheio de ódio, como se o fato de o cachorro ser um monstrinho fosse culpa de outra pessoa e não dele.

— Oi, Terry — cumprimento com uma educação automática, embora o cachorro dele esteja enfiando os dentes na espuma do meu sapato.

Ele me encara, o olhar se alternando entre mim e a porta de Sydney. Dá um sorriso malicioso.

— Sabia.

Que jeito estranho de dizer *Desculpe por meu cachorro não adestrado ter mordido você*.

— Eu disse para Josie que você só precisava satisfazer esse desejo antes de voltar a pensar claramente. Mesmo que não dê certo entre você e Kim, seria péssimo perder um de nós. Temos um apartamento para alugar, está bem?

— Ok. — Coço a cabeça e começo a me virar para subir a escada.

Dois homens negros caminham devagar pela calçada e Toby avança neles, como se quisesse tirar um pedaço. Terry afrouxa a coleira em vez de puxá-la, e os homens decidem caminhar pelo meio da rua. Terry aponta com o queixo para a porta de Sydney outra vez.

— Olha, só vai lá e satisfaz esse desejo. Não se preocupe, todos nós já tivemos *essa* fase. Josie e eu viajamos para o Caribe todo ano para saciar essa vontade, mas agora que moramos aqui... bem, você obviamente entende a conveniência.

— O quê? — Eu não tenho ideia do que ele está falando.

Ele inclina a cabeça com um gesto em direção à casa.

— Ela é gostosa? Quer dizer, aquela boca parece que consegue chupar um belo...

Jogo a bolsa da academia no chão, embora a alça ainda esteja em minhas mãos.

— Cuidado com o que você vai dizer, cara.

Trabalhei muito meu temperamento enquanto tentava me adequar à vida da Kim, mas hoje os limites estão sendo testados com vigor.

— Ei, ei, eu só estava sendo um bom vizinho, não precisa ficar chateado. Divirta-se!

Ele sobe a escada com o cachorro.

Depois de parar um minuto para enterrar minha raiva no lugar de onde ela veio, toco a campainha de Sydney algumas vezes.

Nenhuma resposta. Talvez eu devesse simplesmente ir embora. Mas eu a vi chorando sozinha no apartamento

enquanto a vida corria lá fora muitas vezes. Ela nunca chamava Drea, nem ia para a casa do sr. Perkins ou da srta. Candace. Sydney sempre tenta enfrentar tudo sozinha — talvez precise que alguém insista, precisa saber que se importam o suficiente para tentar, mesmo que seja o irritante vizinho da frente.

Toco a companhia mais uma vez e combino comigo mesmo que, se ela não sair, vou voltar para casa. Pelo menos posso olhar pela janela e me certificar de que ela está bem.

Ouço o som de uma tranca abrindo no fim do corredor, depois um fio de luz aparece e Sydney sai. Suas tranças estão presas num rabo de cavalo lateral desleixado e ela está vestindo um short velho de basquete e um top branco.

Anda devagar, relutante, e posso ver a surpresa em seu olhar quando percebe que sou eu.

Surpresa, mas não decepção.

Ela abre metade da porta e diz “Oi” com uma voz que parece uma ferida.

— Acabei de saber o que aconteceu — digo. — Com o jardim. Você está bem?

Ela me empurra um pouco para olhar os dois lados da rua, e está quentinha e cheirando a algum tipo de creme de baunilha e cigarros. Doce e amarga. O perfume fica quando ela se afasta.

— Entre.

— Hã?

— Entre *aqui* — diz ela com um toque de irritação que me tranquiliza.

Ela fecha a porta e tranca as duas fechaduras, depois passa por mim e segue pelo corredor até seu apartamento. Vou atrás, e o cheiro de fumaça de cigarro vai ficando mais forte quando chego perto da porta.

Quando entro no apartamento, ela repete o procedimento de fechar e trancar, dando um puxão na maçaneta depois, como se checasse a firmeza da fechadura.

— Está sozinha?

— Estou. Drea não atende minhas ligações. O sr. Perkins não responde também, embora a festa do bairro seja daqui a poucos dias. A srta. Candace tentou vir aqui, mas eu... eu não tive coragem de falar com ela.

Ela caminha penosamente até a mesa da cozinha e pega o cigarro que estava equilibrado na beirada do cinzeiro de cerâmica branca que tem Coney Island escrito com pequenas estrelas-do-mar.

Sydney fuma como a *femme fatale* que anda de um lado para outro no escritório do pobre detetive em uma cena de filme *noir.* Contempla o nada com uma dor no olhar, sem foco, e leva o cigarro à boca com um movimento suave, fechando os lábios em volta dele, algo que certamente não foi ensaiado nem é forçado, dada sua situação atual.

Isso me lembra de que, embora seja uma merda e cause câncer, um cigarro nas mãos certas pode ser sexy para caramba.

— Você viu o jardim? — pergunta ela ao soprar a fumaça, e depois morde o lábio inferior.

— Vi.

— Está muito ruim?

— Está ruim. — Tento contar a ela do jeito mais gentil possível, mas sem dar falsas esperanças. — Arrancaram todas as mudas e empilharam as madeiras e outras coisas. Não tem mais jardim.

Ela senta à mesa da cozinha — na verdade, é mais como se suas pernas tivessem desistido e ela despencasse na cadeira que já estava ali. Há lágrimas em seus olhos e a mão treme quando levanta o cigarro desta vez.

— Sydney?

Ela suspira e as lágrimas escorrem pelas bochechas de repente, como se as estivesse segurando esse tempo todo. Ela não soluça nem faz qualquer barulho, apenas traga o cigarro e em seguida pega um guardanapo na mesa e seca o rosto com força enquanto funga.

— Porra, estou cansada.

— Você comentou isso. — Puxo uma cadeira e me sento ao lado dela. — Conte para mim o que está acontecendo, Sydney. Ou, se não quiser, só me diga do que você precisa.

Ela olha para mim, os olhos ainda molhados e a expressão um tanto resignada.

— O uísque está naquele armário. Prateleira de cima.

Ela não diz *por favor* e sinto que também precisa disso, então apenas me levanto e obedeço. Pego dois copos sem que ela tenha pedido, coloco em cima da mesa e sirvo.

— Por que você foi demitido? De verdade? — Sua boca treme, mas a mão está firme ao levantar o cigarro outra vez. — Sei que não me disse toda a verdade. Estou acostumada a aceitar meias verdades dos homens. Mas neste momento, com toda essa confusão que está acontecendo, eu preciso saber.

Aperto os lábios e solto o ar pelo nariz, bebo um gole do uísque, o que ela ainda não fez.

E então conto a verdade para ela.

— Eles me pegaram tentando roubar — digo. — Porque fui ganancioso. Não bastava ter ocupado sem mérito um cargo que as pessoas ralam anos para conseguir. Não importava que eu estivesse ganhando mais dinheiro, de forma semi-honesta, do que qualquer pessoa da minha família já tinha ganhado na vida, com ou sem honestidade. Uma vez que consegui um pouco, pensei: “Posso ter mais. E vou pegar para mim.” Típico, se aprendi alguma coisa com você nos últimos dias.

— Totalmente típico. Com a exceção de que você foi burro o suficiente para ser pego. — Ela ri, e me pergunto se não estava bebendo antes de eu chegar.

— Então, preciso contar para você que meu nome não é Theodore, como você disse a Candace. Bem, na verdade é. Em russo. Fyodor. Mesmo nome do meu pai, que se envolveu com coisas consideravelmente mais perigosas do que crimes de colarinho branco. Fui morar com ele depois de ter uns problemas e precisei largar o ensino médio para tentar passar despercebido. Trabalhamos juntos em algumas obras, mas acabei me envolvendo nos negócios dele. Acho que essa coisa com a Kim era minha esperança de entrar nos eixos.

Sydney olha para mim com olhos arregalados, a cinza crescendo na ponta do cigarro.

— Era máfia?

— Algo assim, mas um milhão de vezes menos interessante do que nos filmes. Eu pulei fora antes de me

mudar para Nova York, então não sei, talvez aqui é que aconteçam as coisas legais da máfia. — As pessoas glamorizam muito isso, mas era só mais um trabalho sem plano de saúde e com baixa expectativa de vida, se pensar bem. — Enfim, lá estava eu naquele escritório chique. E eu não era burro nem nada. Consegui me encaixar bem e comecei devagar. Tinha um grupo no meu departamento que sempre queria cocaína. E eu disse que podia conseguir para eles. Pegava o dinheiro deles, comprava um pouco da droga boa, um pouco da não tão boa e um pouco da que provavelmente era ruim. Eu tinha lucro, os viciados ficavam felizes de arranjar cocaína, e tudo estava ótimo.

— Uau. E eu aqui pensando que você era só um carinha sem graça normal, mas Fyodor estava traficando no escritório. — Ela dá uma risada de deboche em meio à nuvem de fumaça.

— Pois é. E, a certa altura, eu percebi que tinha acesso a todas as informações bancárias daquelas pessoas. E talvez pudesse fazer algumas transferências.

— Theo! — Ela bate na mesa, os olhos arregalados de incredulidade. — Você não fez isso.

— Fiz. Kim queria esta casa e ficava dizendo que tudo bem se tivesse que pagar por tudo, o que me fazia achar que eu *tinha* que contribuir porque, sei lá, masculinidade tóxica? Pensando agora, acho que era mais fácil tê-la deixado me bancar em vez de cometer diversos crimes elaborados e indefensáveis para fugir de uma vida de crimes pequenos e defensáveis. Mas fazer essa avaliação depois que já passou é bem mais simples.

Sydney dá uma risada aguda e repentina, e fico surpreso ao me dar conta de que consigo rir também.

— Tudo isso para impressionar uma mulher que, no fim das contas, traiu você de qualquer forma. Eu me solidarizo. — Ela dá um gole dessa vez, ao levantar o copo.

— Sim e não. Em parte foi porque todo aquele dinheiro estava parado ali e eu sabia, no fundo, que a maioria daquelas pessoas trabalhava muito pouco para ganhá-lo. Os pais da Kim são os sujeitos mais avarentos do mundo, e aquelas contas eram de pessoas como eles. Tudo girava em torno de ajudá-los a trapacear e ganhar mais dinheiro, não pagar funcionários a quem eles deviam, evitar impostos, e juntar ainda mais porque não queriam nunca gastar o que já tinham.

Cerro os dentes e olho para ela, esperando o julgamento, mas sua expressão não mudou muito.

— Você foi pego — diz ela.

— Ativei algum sistema interno que verificava antes que qualquer transferência fosse feita. *Só aí* eles foram investigar meu passado. Fui demitido, mas não me denunciaram porque não queriam que a instituição ficasse malvista, mas o estrago já estava feito com a empresa, com os parceiros, e com o mundo corporativo de forma geral.

— E a Kim?

— Ela não soube. Foi compreensiva a princípio, quando achou que tinha sido demissão por corte de custos, mas não entendia por que eu não conseguia arranjar outro emprego maravilhoso. Ela achou que eu era preguiçoso, mas aparentemente nunca percebeu que eu só era mentiroso e

criminoso. O primeiro é pior do que os outros dois no mundo dela.

Sydney entorna o resto da bebida e bate no peito.

— Minha vez.

Eu tinha esperado uma reação pior, mas ela não parece abalada pela minha confissão. Pega a garrafa, serve um pouco mais de uísque para si mesma, depois enche meu copo.

— Eu era casada, como já contei. Mamãe nunca gostou do Marcus. Dizia que ele tinha unhas de traidor e uma testa que parecia um outdoor. Eu não ouvi, é claro. Ele era de uma família boa e dizia todas as coisas certas. Quando tivemos que nos mudar para Seattle por causa do emprego que ele arranjou ao sair da faculdade, mamãe o odiou ainda mais, mas me desejou o melhor.

— Ele bateu em você? — pergunto, porque preciso me preparar para esse tipo específico de raiva.

— Não. Nunca bateu em mim. Ele só... Eu nunca conseguia fazer nada certo depois que chegamos lá. E não arranjava trabalho, porque o mercado estava uma droga. — Ela ergue o copo para mim e levanto o meu em resposta. — E o trabalho dele era muito estressante, um tipo de start-up sobre a qual ele nunca falava porque “Você não iria entender”. Começou com o jantar. De repente, minha comida era apimentada demais, salgada demais ou não era saudável o suficiente. Depois, eu não estava limpando a casa direito. Depois, eu não era tão bem informada, e ele não queria me levar para os eventos com os colegas para não passar vergonha... — Ela ri com amargura. — E então começou o “Ei, você engordou”, “Não, eu nunca trairia

você, deixe de ser paranoica". E depois: "Talvez eu tenha traído, mas você é maluca, nunca deveríamos ter casado."

— Nossa, Sydney. Você não merecia isso. Sabe disso, não é?

Ela assente de um jeito meio dúbio com a cabeça.

— Sério mesmo. Você é linda, interessante, e, mesmo que ele não achasse isso, não seria razão para te tratar mal.

Ela solta um suspiro profundo.

— Obrigada. Tudo isso parece bobo agora, comparado com todo o resto. Nesse meio-tempo, mamãe começou a ter alguns problemas de saúde. Não conseguia mais trabalhar do mesmo jeito. Começou a atrasar as contas de água, os impostos, e não queria me perturbar com isso. Eu dizia a ela que estava tudo bem, ela me dizia que estava tudo bem e adivinha?

— Nada estava bem — sugiro.

Ela concorda com a cabeça.

— Um dia ela recebeu uma ligação dizendo que corria o risco de perder a casa porque havia impostos não pagos acumulados. O sujeito trabalhava em um lugar que *ajudava* as pessoas a acertarem suas dívidas e garantia que não perdessem suas casas. Ela não queria me incomodar porque sabia que eu não estava bem, então não me contou. Ela não me contou nada! Simplesmente concordou com os termos e condições deles porque não queria perder a casa, minha herança. Que tipo de pessoa faz isso?

Uma lágrima corre pela bochecha e ela limpa com força.

— Então, sabe, um ano depois a dívida dela aumenta exponencialmente. A empresa que teoricamente deveria ter evitado não sabe o que aconteceu, mas eles podem ajudar

de novo. Estão dispostos a pagar a dívida dela. Tudo que ela precisa fazer é assinar um contrato passando a casa para eles e a dívida some Mas ela pode ficar na casa até... até morrer. Vai ser como se a dívida nunca tivesse existido. Eles até vão dar um dinheiro para ela. Àquela altura, minha mãe sabia que as coisas com Marcus estavam ruins. Sabia que, se me desse um dinheiro, talvez eu o deixasse. A casa não continuaria na família como ela havia sonhado, mas pelo menos não deixaria uma dívida enorme para mim, porque alguém pagaria. E eu ainda teria um lugar para voltar. Parece bom, não é?

Seus olhos estão cheios de dor, uma dor que eu compreendo totalmente — a dor de conseguir abrir uma porta com a maçaneta quente num incêndio, mas não conseguir escapar porque as más decisões da sua mãe queimaram você com a corrente de ar.

— Sinto muito.

Não sei o que fazer, então pego devagar o cigarro que já queimou até o filtro, ponho no cinzeiro e seguro a mão dela.

— Voltei depois de me divorciar e ainda assim ela não me contou nada. — Sua voz está rouca, falhando em cada palavra, de modo que preciso me inclinar mais para perto para entendê-la. — Ela só me contou quando ficou doente e percebeu que eles a enganaram, roubaram todo o fruto do seu trabalho duro por quase nada. Ela ficou irada e me disse: “Não deixe que eles peguem minha casa. Nossa casa. Não importa o que aconteça comigo.”

Os olhos de Sydney estão vazios e ela nem pisca quando nossos olhares se encontram.

— Ela está no jardim. Mamãe está no jardim.

CAPÍTULO 16

Sydney

ESTREMEÇO AGORA QUE DISSE EM VOZ ALTA — sinto que vou cair da cadeira de tanto tremer.

Não acredito que contei a ele. Não era para ter contado a ninguém. Por que para ele?

Acho que porque ele está aqui, mas talvez porque pareça tão preocupado. Talvez porque eu esteja solitária para cacete, e ele disse que sou linda e segurou minha mão.

Não.

Talvez seja porque este segredo está me transformando em cinzas de dentro para fora, e eu atingi o limite do *Eu não estou me sentindo bem, sr. Stark*. Se não tivesse contado para ele, estaria destruída.

Theo ainda está segurando minha mão, e fico esperando que solte, mas ele aperta mais forte.

— Ei. Uau. Como assim ela está no jardim?

— Hum. — Minha garganta dói e sufoca, e tento respirar para conseguir dizer as palavras que amarraram esta casa que eu amo tanto ao meu pescoço. — Ela ficou muito doente e... não queria mais ser um fardo. O dinheiro que ganhou das pessoas que roubaram a casa foi embora muito rápido com todas as despesas médicas. O seguro de vida dela era uma merda. Minhas economias também voaram. — Quase perco o controle, minhas mãos tremem muito. —

Estávamos na cama assistindo ao filme favorito dela. *Con Air: A Rota da Fuga*. *Con Air*! Meu Deus, mamãe tinha um péssimo gosto para filmes. Se eu soubesse...

Dou um suspiro, fui pega desprevenida ao pensar na última noite com ela. Como me aninhei ao lado de seu corpo magro demais e fiquei brincando sobre como o filme era ruim — e como ela não me mandou ficar quieta, como sempre fazia.

— É um clássico subestimado — diz Theo, calmo, como se esse fosse um primeiro encontro e estivéssemos só batendo papo. — Eu deixei crescer um mullet depois de assistir.

Eu fungo e engulo as lágrimas, as melecas e a dor.

— Quando subiram os créditos, ela disse que me amava. Pediu que, se morresse antes de conseguirmos recuperar a casa legalmente, eu não contasse a ninguém, porque ela não conseguiria descansar sabendo que falhou comigo, e com os filhos que eu tiver, e os filhos que eles tiverem. A riqueza de gerações perdida por causa de um erro. Encontrei o frasco de analgésicos vazio no dia seguinte. E ela estava... ela estava... Não podia haver uma certidão de óbito, certo? Porque senão eles saberiam. Eu a enterrei no jardim naquela noite.

Dói muito pensar em seu rosto tão quieto, seu corpo tão... vazio. Em tê-la enrolado no seu lençol favorito.

Aperto meu antebraço com a ponta dos dedos e esfrego. Eu me lembro de como ela estava fria e mole sob meus dedos. Não consigo parar de *sentir* essa memória.

Theo quebra o silêncio.

— Você a carregou sozinha?

— Carreguei.

Ele não precisa saber sobre Drea. Depois daquela noite, nunca mais falamos sobre isso. E eu disse a ela que, se alguém perguntasse, eu nunca, nunca, a afundaria comigo, negaria mesmo que ela quisesse confessar. Mas isso tem sido um peso na minha alma. E na de Drea, eu imaginava. Mas aí eu vi aquele cheque. Aquele cheque com o nome da empresa que enganou minha mãe na área do "emitido por": Good Neighbors LLC.

O advogado me disse que às vezes essas empresas dão dinheiro à pessoa que ajuda a convencer as vítimas a assinar o contrato. Mas Drea não poderia... Ela nunca...

Theo se levanta e seu tênis chia no azulejo bem atrás de mim. Talvez ele esteja indo ligar para a polícia.

Ouço a porta da geladeira abrir e aquele barulho de uma tampa de garrafa sendo desenroscada. Ele põe uma garrafa de água na minha frente, senta outra vez e puxa a cadeira para um pouco mais perto de mim. Seu braço direito me envolve atrás da cadeira, e ele olha para o meu rosto.

— Beba a água. — Ele espera até eu pegar a garrafa e beber um gole, me diz para beber outro, depois continua. — Então, a sua mãe... morreu. E você a enterrou no jardim comunitário?

Faço que sim, esperando que ele diga aquilo que não me deixa dormir: que filha malvada e horrível eu sou. Que eu falhei com ela. Que a enterrei como um cachorro e não dei à sua alma a chance de ser honrada e celebrada. Não sou religiosa, mas imagino o tempo inteiro se a condenei a algo horrível junto comigo.

— Onde no jardim? — pergunta Theo.

As palavras simplesmente saem da minha boca.

— Atrás da cabana. Há uma fileira de girassóis. Ela está ali embaixo.

Não consigo olhar para ele durante o silêncio que se segue, mas espio pelo canto do olho quando ouço Theo se mexer na cadeira.

— Bem, acho que é mais legal do que estar num cemitério com um monte de estranhos. Você a enterrou num lugar que ela amava. — Ele dá um suspiro profundo, passa as mãos pela barba e balança a cabeça. — É ilegal para cacete, mas não sou a melhor pessoa para julgar. Não consigo nem imaginar como deve ter sido difícil para você, ir até lá todo dia, sem poder contar a ninguém. É muito injusto que você tenha sido pressionada a tomar essa decisão. — Seu olhar está fixo em mim, e não há julgamento entre as diversas emoções estampadas em seus olhos. — Sinto muito, Sydney.

É aquele último sinto muito que me destrói. Ele já tinha dito algumas vezes, mas é esse que eu finalmente compreendo. Eu me acostumei a pedir desculpas por ser fraca demais para carregar meus próprios fardos — não sei se alguém já me disse “sinto muito” porque eles são tão pesados, mesmo que não pudessem fazer nada para aliviar a carga.

Ponho a garrafa de água na mesa e deixo a cabeça cair sobre a toalha, um movimento ágil para esconder a cratera de dor que as palavras dele abriram em mim. Fico engasgada com um soluço silencioso, mas o medo e o pânico que têm me sufocado e apertado há meses se soltam.

Eu consigo respirar. Inspiro profundamente, trêmula, e quando expiro parece finalmente com uma respiração.

Ele esfrega minhas costas e me deixa chorar; as lágrimas formam uma piscina e esfriam meu rosto quente, mas não paro.

A certa altura, ele põe o braço sob o meu e meio que me carrega para o sofá enquanto eu soluço, soluço, soluço, mas pela primeira vez em muito tempo sinto algo parecido com alívio. Eu me aninho no peito dele, que simplesmente me abraça.

Eu nem me importo se ele me entregar para a polícia depois disso, sinceramente. Neste momento, é bom ser acolhida sem julgamento, sem me sentir fraca, ou malvada, ou alguém que decepcionou a própria mãe, mesmo que seja só por alguns minutos.

Não sei quanto tempo se passou quando os soluços diminuem gradualmente, mas ele ainda está me abraçando, ainda faz carinho nas minhas costas.

— As pessoas que enganaram sua mãe não sabem — diz ele, com a voz baixa e rouca.

— Não. Eles ficam ligando para checar e eu fico inventando desculpas. Mas estou começando a me sentir como uma louca, como se estivessem me espionando. Como se fossem descobrir e vir aqui levar tudo. E o jardim hoje...

Uma onda de terror toma meu corpo inteiro quando me lembro da respiração no outro lado da linha.

Não. Eles teriam me prendido, embora isso pareça mesmo inevitável.

— Se começarem a cavar para fazer o alicerce. Eles vão encontrá-la. Vai acabar tudo. Vão levar a casa. E eu vou ser presa.

O poço de pânico do qual acabei de sair começa a encher de novo.

— Está bem. Está bem. Não se preocupe com isso agora. Normalmente leva um tempo para conseguirem permissões de construção e toda essa parafernália.

Ele ainda está falando como se essa fosse uma situação perfeitamente normal, e isso ajuda a me acalmar. Talvez não seja normal, mas é assim que é.

— Não acho que essas pessoas sejam do tipo que segue regras — digo. — A escritura deles tinha sido aprovada, mas era falsa. Sei que era. O suposto novo proprietário do terreno ficou irado quando o questionei, do mesmo jeito que as pessoas explodem ao tentar esconder alguma coisa e querem te assustar para você não ir atrás da verdade. E não há nada que eu possa fazer.

Ficamos sentados em silêncio. O coração de Theo bate acelerado, ainda que ele pareça calmo, e me lembro dele sorrindo ao contar seu próprio segredo.

Theo é um mentiroso. Um golpista, com provável envolvimento com a máfia. É um cara que conheço há apenas poucos dias.

E eu confiei a ele a única coisa que pode destruir o que sobrou da minha vida, e talvez a de Drea também.

— Por favor, não conte a ninguém — peço, soando muito menos perturbada do que eu deveria estar, porque meu corpo está mole como papel molhado. Provavelmente vou ficar mais irritada comigo mesma amanhã. Mas me senti tão

sobrecarregada por tanto tempo, e agora estou leve, como se pudesse voar para longe de todos esses problemas, mesmo que só um pouquinho.

— Vá dormir, Sydney. — Theo passa a mão nas minhas tranças, depois me aperta contra si. Sua firmeza me faz perceber que estou tremendo.

— Mas...

— Apenas vá dormir — sugere ele, com gentileza.

Eu vou.

* * *

QUANDO ACORDO algumas horas depois, estou esticada no sofá e a manta da Target que fica jogada em um dos braços está em cima de mim. Eu me sento, a cabeça latejando e o rosto inchado, e vejo ali na mesinha de centro outra garrafa de água, alguns comprimidos de Advil e uma compressa gelada que estava no freezer. Estão ali há um tempinho, a julgar pela condensação.

Imagino que seja um presente de despedida antes de ele ir embora e chamar a polícia — mas eles não estariam aqui agora? A não ser que estejam no jardim...

Mas ele não é exatamente o tipo de pessoa que gostaria de atrair a atenção da polícia também.

Pego os dois comprimidos e tomo um gole de água para fazê-los descer, então pego a compressa gelada e fico olhando por um minuto. É um negócio bem pensado.

Coloco sobre meus olhos inchados, mas, quando a memória daquela noite horrível no jardim passa pela minha cabeça, tiro, jogo de volta na mesinha e vou à cozinha procurar outro cigarro.

Tem outras coisas que eu deveria estar fazendo. Ir à polícia eu mesma, para explicar o que houve? Fugir para Belize, onde não tem tratado de extradição, mas tem uns peixes-boi bem bonitinhos? Eu poderia me reinventar como uma guia de turismo que nunca se casou, cuja mãe está muito bem mas não vai visitá-la, e ninguém saberia sobre meu passado.

Dou uma risada diante da ideia. A risada é meio louca, ainda que minhas ideias sejam surpreendentemente calmas dada toda essa situação.

É isso que acontece quando a vida tenta, repetidamente, ferrar com você — os últimos meses, nossa, até mesmo só essa última semana, têm sido suficientes para deixar alguém à beira do precipício. Mas ainda estou aqui. E, agora que consigo pensar claramente, começo a suspeitar de que tem alguma merda gigante acontecendo, além do fato de eu ter sido obrigada a cavar o túmulo da minha própria mãe.

Vou pensar melhor nisso com mais um cigarro.

Estou enrolada tentando abrir o maço quando ouço uma batida forte na porta do apartamento.

Sinto um ímpeto de raiva porque nem vou conseguir desfrutar deste último cigarro em paz antes de ir pra cadeia, onde terei que pagar sabe-se lá quanto se realmente precisar da nicotina.

Não vou nem poder ir à festa do bairro.

— Sydney?

Abro a porta e encontro um homem branco estranho parado ali vestindo jeans e camiseta. Não. É o Theo, o cabelo mais escuro porque está molhado, e a barba

raspada, revelando o queixo anguloso que ajuda muito a conter e colocar em perspectiva todas aquelas outras características proeminentes de seu rosto. Eu achava a barba ótima, mas gostei desse estranho de cara lisinha na minha porta, e trazendo presentes.

Ele levanta a sacola plástica devagar.

— Eu, bem, fui dar uma volta. Comprei umas tortinhas de goiaba na padaria caribenha porque era a única coisa aberta a essa hora. Você gosta?

Estou prestes a responder quando noto as unhas dele. Há pedaços de terra em formato de lua crescente por baixo de cada uma. Aquela terra não estava lá ontem à noite.

— Theo.

Eu o puxo para dentro pela blusa e bato a porta.

— Então você *gosta* de tortinha de goiaba? Que bom.

Pego uma de suas mãos grandes com as minhas duas. Há bolhas que logo vão se transformar em calos nas palmas das mãos logo abaixo dos dedos. E há a terra. Quando chego mais perto, as mãos têm cheiro de girassóis.

— Theo. Você...?

Ele dá de ombros, passa a outra mão pelo cabelo.

— Você sabe quem é a última pessoa que seria parada por fazer algo estranho tipo cavar num terreno vazio no Brooklyn no meio da noite? Um carro de polícia até parou ali e...

— O quê? — Meu coração bate com tanta força em meu peito que dói.

— Eu disse a eles que estava enterrando meu... cachorro. Sinto muito, foi a primeira coisa que me veio à mente. E aí o

policial ficou todo emotivo falando sobre o pastor-alemão dele.

— Onde ela está? — pergunto, o coração na boca.

Ele olha para mim por um instante a mais do que deveria antes de responder.

— Não havia nada lá. *Ninguém* lá. Debaixo dos girassóis.

Não.

— Eles levaram o corpo dela? — pergunto, segurando mais forte a mão dele, mas Theo nega com a cabeça.

— Eles desarrumaram tudo lá, mas não tinha nada cavado antes de eu chegar. Eu não a encontrei.

Meu corpo inteiro se encolhe e muitos pensamentos me atingem de uma só vez: alguém removeu o corpo da mamãe, Drea sumiu, Theo vai achar que sou louca, as pessoas machucam você quando acham que é louca.

Talvez ele não estivesse errado se pensasse assim.

— Eu a enterrei lá — digo, baixinho.

A mão dele aperta a minha e o encaro.

— Eu acredito em você.

— Não diga isso só para...

— Se você diz que a enterrou, você a enterrou. Vamos descobrir onde ela está. — Ele aperta minha mão de novo, aquela pressão constante e reconfortante. — Vai ficar tudo bem.

Em algum nível, sei que é errado, macabro — doentio até — quando trago a mão dele até minha boca e a beijo.

Mamãe sumiu.

Drea aparentemente me abandonou — talvez seja ela a pessoa que está em Belize com cinquenta mil. Ela deve ter

procurado países dos quais não poderíamos ser extraditadas, afinal.

Theo está aqui, na minha frente, me encarando com olhos gentis que não têm um pingo de dúvida, as mãos machucadas depois da tentativa de exumação.

Ninguém nunca tinha tentado me salvar.

O medo, a dor e a fadiga somem à luz de sua generosidade, deixando dentro de mim apenas o estrondo da solidão e a sensação de que apenas uma coisa pode preencher aquele vazio neste momento.

Levo Theo pela mão até o quarto, olhando para ele por cima do meu ombro.

— Sydney? — Ele para no limiar da porta do quarto, apesar da minha tentativa de puxá-lo comigo. — Você tem certeza?

— Tenho.

— Você passou por muita coisa e...

— Você acabou de dizer que acredita em mim. — Minha voz está tremendo porque meu corpo também está. — Estou dizendo que quero você, preciso de você, agora. Acredita em mim?

Ele faz que sim, entra no quarto comigo e todo o resto desaparece.

Não sinto medo de todas as coisas horríveis que aconteceram antes deste momento, ou das coisas ruins que podem acontecer depois. Sinto apenas o alívio de seu olhar, que me encara de forma tão intensa. A expectativa de seu toque, seu calor, seu cheiro, sua presença...

Presumi que ele seria gentil, mas Theo derruba a bolsa no chão e suas mãos avançam sobre meus ombros como se ele

estivesse se segurando há dias. A ponta de seus dedos pressiona minhas clavículas enquanto me puxa em sua direção.

O olhar de Theo passeia por todo o meu rosto antes de chegar aos meus olhos, onde ele capta minha confirmação e então me beija.

Eu não sou a única que precisa disso agora. Nosso beijo é como o de duas pessoas que estão se afogando, procuram o colete salva-vidas, mas só encontram uma à outra e decidem que enfrentar ondas violentas não é tão ruim se puderem transar nos momentos de calmaria.

Sua boca se move tão desesperadamente quanto a minha, sua língua procura algo freneticamente; um gemido escapa dos meus lábios, mas não sei dizer se veio de mim ou dele.

Ele me encosta na parede do quarto, a mão desliza do ombro para o pescoço e fica lá — não está me enforcando, apenas contendo. Está me segurando, impedindo que eu desmorone. O calor percorre meu corpo ao seu toque. E também porque ele compreende que não é a rudeza que me machucaria no momento, mas o carinho. Seus olhos são gentis demais para que o toque seja delicado — eu não ia conseguir lidar com isso. Então ele me segura enquanto sua boca invade a minha e seus quadris pressionam os meus, seu braço encaixado entre nós.

Ele olha em meus olhos alguns minutos depois, o rosto corado e os olhos arrebatados. A ponta dos dedos passeia pelo meu queixo e ele pergunta:

— Precisa de mais?

Quando faço que sim, ele abaixa as mãos até meus quadris e a boca até meu pescoço, sugando minha pele, roçando os lábios em minha clavícula. Meus mamilos estão duros sob o pijama, e ele os provoca com os dentes por cima do tecido enquanto passo as mãos em seu cabelo. Ele usa o queixo para abaixar a parte de cima da minha blusa e a leve barba recém-feita fricciona em minha pele sensível antes que ele coloque um dos mamilos entre os lábios.

Pela primeira vez em meses, minha mente está gloriosamente livre, todos os problemas e dores vão se dissipando graças ao prazer da língua de Theo circulando meus mamilos, primeiro o da direita, depois o da esquerda, as mãos dele pressionando meus quadris contra a parede, de forma que, quando eles se movem involuntariamente, ele obriga minha bunda a continuar encostada na parede.

— Theo.

Empurro os ombros dele e suas mãos instantaneamente saem de cima de mim, a língua em seguida. Ele olha para mim, as sobrancelhas erguidas, e quando o empurro outra vez ele cai de costas na cama com um sorrisinho, as mãos já levantadas para me pegar enquanto subo nele.

Vou tateando a mesa de cabeceira para pegar camisinha e lubrificante, e Theo aproveita que estou com os quadris levantados para tirar a calça e a cueca.

Ele segue minha orientação quando viro nossos corpos para a posição contrária, mas para de se mexer quando pego seu pau para enfiar a camisinha e uso minhas mãos para esquentar o lubrificante.

Ele olha para mim com aquela expressão gentil novamente, então levanto a cabeça e o beijo com força

sustentando o olhar, provocando-o com uma mordida forte no lábio. Sinto seu sorriso entre meus lábios, e então ele me penetra.

Ele não entra em mim com força, mas ainda assim fico ofegante com sua penetração lenta, provocante. Ele está grosso, duro e quente dentro de mim, seu peso me esmagando na cama. Por um segundo ele não se mexe, como se estivesse se ajustando ao meu corpo.

— Sydney.

Ele baixa a cabeça, me beija e, quando passo as mãos em seu cabelo, dou um puxão e mordo seu lábio de novo, ele tira e aí, sim, penetra com força.

Depois disso, tudo acontece muito depressa, esse desejo quase violento motivado pelo cuidado contido numa lua crescente de terra. A certa altura, metade do meu corpo está para fora da cama, minha cabeça bate no chão, depois fico de quatro. Eu o viro de costas e cavalgo em seu pau tão desesperadamente porque preciso dessa libertação, preciso...

Ele seca lágrimas que nem notei rolarem pelas minhas bochechas com um polegar e estimula meu clitóris com o outro, e eu me engancho nele enquanto o orgasmo me atinge como uma onda de purificação.

CAPÍTULO 17

Theo

NÃO PENSAR MUITO ANTES DE AGIR me levou a alguns caminhos bem bizarros na vida.

Cometer crimes com meu pai. Mentir para ser contratado numa empresa chique. Comprar uma casa com alguém com quem não sou casado e sem ter qualquer conhecimento sobre como funciona a aquisição de imóveis. Tentar desviar dinheiro de gente rica e ser pego.

Procurar o corpo da mãe da minha vizinha para levá-lo a um local seguro.

Enquanto cavava montes úmidos de terra em busca de Yolanda Green, fiquei pensando na primeira vez em que lidei com um corpo morto. Minha própria mãe me observava naquela época, toda respingada de sangue e com raiva de *mim*, como se eu não tivesse acabado de salvar a vida dela e evitado que fosse ela a levar um tiro de espingarda.

Minha mãe e eu não falamos sobre isso.

Nunca.

Não falamos sobre como eu tinha dezessete anos e fui obrigado a sair da cidade de repente, no começo do último ano do ensino médio. Fui morar com meu pai e aprendi com ele algumas coisas que teriam sido úteis na hora de enterrar o primeiro corpo, ou que talvez tivessem dado um jeito na situação antes que chegasse tão longe.

Não sei onde a mãe de Sydney está, mas acredito que Sydney a tenha enterrado. Posso estar errado, mas já estive errado sobre coisas piores.

O que eu não sei muito bem é o que aconteceu depois que cheguei ao apartamento dela. Ela me desejava, eu a desejava, mas talvez aquilo tenha sido apenas uma dessas estranhas válvulas de escape emocionais, e ela fique feliz que termine ali mesmo.

Nós desmaiamos após aquela primeira rodada de sexo e acordamos horas depois com o barulho habitual das tardes no bairro. Ela se levantou, fumou um cigarro, escovou os dentes e então transamos de novo, mais devagar dessa vez, mas tão intenso quanto. Então dormimos mais um pouco até ela me puxar para o chuveiro depois de ficarmos um tempo deitados na cama, suando. Dentro da banheira, ela ficou em pé, nua e ensaboada em meus braços, desviando do chuveiro porque não queria molhar as tranças enquanto me beijava.

Aquilo parecia um sonho surreal, desconectado de tudo o que tinha acontecido nos últimos dias, mas agora estamos de volta à realidade. Meu corpo todo dói, por causa da violação do túmulo e das posições sexuais estranhas, e ela está sentada à mesa de frente para mim, a boca cheia de tortinha de goiaba e, enquanto mastiga, os olhos arregalados olham de um lado para outro, para todos os lugares menos para mim.

O ar-condicionado chia no fundo, e eu, totalmente sem jeito, penso em algo para dizer. Não sei muito bem qual é a etiqueta para a situação transar-depois-de-tentar-esconder-um-corpo.

— Isso é bem constrangedor — diz ela, finalmente, então dá mais uma mordida na tortinha e coloca os pés na cadeira, ficando com os joelhos apoiados na mesa e na frente do peito.

Sydney usa um top branco de alça fina e uma calça de moletom preta, que é, ao mesmo tempo, larga e ajustada.

Concordo com a cabeça.

— Definitivamente, está no topo da lista de primeiros encontros mais bizarros para mim.

Ela ri com farelo de torta na boca e seu olhar enfim encontra o meu.

— O meu também. Eu acho. — Ela suspira. — Acho que... preciso falar sobre a semana estranha que estou tendo. Se o fato de não encontrar a minha... de não encontrar nada no jardim não o fez acreditar que sou maluca, talvez você seja a única pessoa com quem posso falar sobre tudo isso. Finalmente consegui dormir por mais do que poucas horas e meu cérebro está mais ou menos funcional, embora eu preferisse que não estivesse.

— Manda ver.

— Você viu o cara da companhia de eletricidade que tentou entrar na minha casa — começa ela, em voz baixa. Ela arregala os olhos. — Aquilo aconteceu, certo?

— Sim, vi. Eu vi a van, e toda a situação foi muito estranha. Olha, só me fale o que acha que está acontecendo. Vou acreditar em você, ok?

Parte disso é pura lorota; eu não a conheço tão bem assim e pode haver diversas doenças mentais em jogo. Não acho que seja o caso, mas, mesmo que seja, *ela* acredita no que

quer que esteja prestes a me contar, então podemos partir daí.

Sydney retorce a boca.

— E se... se o que eu disser for loucura, você vai me dizer, não é? Não vai simplesmente chamar a polícia para me prender?

Faço que sim com a cabeça.

— Não vou chamar a polícia.

Ela respira fundo.

— Aconteceu outro negócio além disso. Dois dias antes do cara da companhia de eletricidade, entrei num Uber e o motorista trancou as portas e me levou por uma rua semideserta. Começou a falar umas coisas bem loucas sobre ser ex-policial e sobre moralizar a vizinhança e... Não me lembro de tudo. Foi assustador.

Meu estômago revira só de pensar no que pode acontecer com uma mulher no banco de trás de um estranho.

— Por que não me contou?

— Eu não conhecia você — responde ela. — Esta semana parece ter durado uns três anos, mas isso foi antes de você vir tomar café aqui.

Ela podia ter desaparecido antes mesmo que eu tivesse a chance de conhecê-la.

— Além disso, não há qualquer registro desse motorista no meu aplicativo. — Suas mãos tremem um pouco e ela põe o restante da tortinha no prato. — Tudo aconteceu tão rápido que não consegui acompanhar. No mesmo dia, Preston foi preso por uma bobagem. E depois o sr. Perkins sumiu. Drea não tem respondido às minhas mensagens e ligações. Ouvi barulhos lá em cima, no apartamento dela,

há alguns dias e, quando fui lá, a cama estava cheia de percevejos. Muitos deles.

Suas palavras cada vez mais rápidas de repente param quando ela estremece num arrepio.

— Eles tomaram a birosca. E o jardim. Tudo está...

Ela põe as mãos nos cantos externos dos olhos e estica a pele enquanto pisca. Está tentando evitar mais uma cascata de lágrimas.

— O que você acha que isso tudo significa? — pergunto, soando mais calmo do que estou. Tenho a sensação de que algo ruim está prestes a acontecer.

— Não sei — diz ela. — Parece que alguém está me atacando. Não só a mim. Mas a todos nós. Mas isso não faz sentido, faz?

Estou tentando relacionar acontecimentos aleatórios que não parecem tão aleatórios para ela, e pensando em como responder, até que um latido familiar vem do lado de fora.

— Count — diz Sydney, e solta a tortinha no prato outra vez enquanto seu corpo relaxa, aliviado. — Graças a Deus.

Ela sai correndo para a porta do apartamento e vou atrás, mais devagar. Se eu tivesse corrido, teria esbarrado quando ela parou de repente no alto da escada.

Vejo o caminhão de mudança quando paro atrás dela. Uma mulher de meia-idade de cabelo escuro e seu marido de cabelos loiros ficando grisalhos estão parados na porta enquanto os carregadores levam seus pertences para dentro. Ele usa uma bermuda cáqui e uma camisa de botão, e ela, um vestido leve e caro. Nenhum dos dois pareceria deslocado numa festa na casa dos pais de Kim.

Eles seguram um cachorro pela coleira, um velho cão de caça que olha para Sydney e tenta correr até ela, mas é puxado de volta.

Sydney calça os chinelos e começa a descer as escadas devagar.

— Count?

O cachorro tenta ir na direção dela outra vez, e a mulher puxa a coleira com tanta força que ele solta um ganido agudo.

— Quieto, garoto — diz o homem. — Seja bonzinho.

— Você é nossa nova vizinha? — pergunta a mulher com o sorriso levemente condescendente que a mãe da Kim sempre dirigia a mim.

— Sou vizinha do sr. Perkins — rebate Sydney. — Ele volta hoje para casa.

Os dois olham um para o outro, aparentemente perplexos, antes de se virar para Sydney.

— Nós somos os donos desta casa — explica a mulher. — Nossa filha Melissa se mudou primeiro porque estava começando a faculdade, e então decidimos que queríamos vir para a cidade também.

— O Brooklyn é o lugar do momento para morar, é até mais exclusivo do que Manhattan — acrescenta o marido, sua voz é a paródia de um riquinho do Country Club, só que não é uma paródia. — Todos os nossos amigos estão vindo para cá e não queríamos ser os últimos!

Eles riem e fico encarando os dois, meu corpo inteiro pesado e meu cérebro tentando lutar contra o que minhas vísceras gritam: “Isso não está certo.” Isso definitivamente não está certo. Eles estão se mudando para a casa de outra

pessoa. A casa do sr. Perkins. O homem que provavelmente eu vi passar por alguma coisa, e que me disseram estar visitando a família.

— Não — diz Sydney. — O sr. Perkins vai voltar para a festa do bairro. E esse é o cachorro dele.

O homem faz cara de quem foi pego de surpresa.

— Pegamos este cachorro no abrigo. Alguém o abandonou. Você sabe, *algumas* pessoas não gostam de cachorros. É que eles as fazem se lembrar de quando eram perseguidas e escravizadas. É o que ouvi dizer.

— É uma vergonha mesmo — diz a mulher, franzindo a testa. — Os cachorros não fizeram nada para serem odiados assim.

— Ei — interrompo, mas o riquinho do Country Club fala por cima de mim.

— Em relação ao sr. Perkins, acredite, ele recebeu bastante dinheiro para se mudar para outro lugar. Para qualquer lugar que quisesse. Não vejo qual é o problema.

— Ele não se mudaria sem avisar a mim ou alguma outra pessoa — responde Sydney, com raiva. — E para onde ele iria? Este é o bairro dele. Nós somos os vizinhos dele! Ele não nos deixaria assim.

A mulher se aproxima do marido como se estivesse com medo de ser atacada.

— Essa não é uma recepção muito acolhedora — afirma o marido no mesmo tom de voz que usou para dar bronca em Count. — E, se continuar assim, melhor saber que sou amigo do chefe de polícia.

— Sydney, vamos lá — digo, fazendo minha própria paródia do riquinho do Country Club. — Vamos lá para casa.

Ela se desvencilha quando seguro seu braço, sobe correndo para dentro de sua casa e desaparece no corredor.

— Ei, espere aí. Você não é o namorado da Kim? Não estava na casa no último verão? — pergunta o marido enquanto Sydney vai embora. — Ela sempre escolhe os brinquedinhos mais interessantes. Parece que você também.

— Conhece a Kim?

Ele franze a testa.

— É claro que...

— Charlie! Vá se certificar de que os carregadores não quebrem isso. Está na minha família há anos e eles jogaram sem nem pensar duas vezes.

Charlie me olha de forma estranha, o olhar que você dirige a alguém ao cumprimentá-lo como se fosse um amigo, mas depois percebe que era só um estranho bem parecido.

Ele e a esposa vão até o caminhão de mudança, levando Count junto, e Sydney volta como um raio lá de dentro com minha bolsa da academia no ombro e vários papéis enfiados aleatoriamente. Ela olha para Charlie e a esposa, e os dois estão parados ao lado de uma gigantesca estátua africana esculpida em pedra, que os carregadores estão prestes a levar escada acima.

Levo Sydney até a minha casa — a casa de Kim — e ao apartamento do primeiro andar. Que não é um caldeirão que não vê faxina há um mês, como o meu. Sydney e eu abrimos as cortinas caras e observamos com raiva as pessoas que dizem ter comprado uma casa que não estava à venda.

Terry e Josie passeiam por ali com Arwin e Toby, cumprimentando os novatos com uma combinação de beijinhos no ar e apertos de mão firmes.

Sydney passa por mim e se joga no sofá.

— Estou ficando louca? Por favor, me diga a verdade, porque eu já achava que sim, mas *isso* faz parecer que estou louca de verdade.

Contraio as mãos, respiro devagar, tento organizar os pensamentos. O sr. Perkins foi tão gentil e acolhedor comigo, e constante, e agora ele se foi.

— Eu estava na reunião — digo. — Ele não tinha nenhuma intenção de se mudar, e não deixaria o cachorro para trás se saísse daqui. Se você está louca, eu estou louco também.

Ela cobre o rosto com as mãos por alguns minutos e não a pressiono; um momento de silêncio não faria mal a nenhum de nós dois agora.

Depois de um tempo, ela solta um suspiro trêmulo entre os dedos e levanta a cabeça.

— Estou pensando no passeio — diz ela, o que é talvez a última coisa que eu esperava ouvir.

— O passeio? Ainda quer fazer isso amanhã?

Não consigo evitar o tom de *Você está brincando* na voz.

— Nós pesquisamos muito. Conversamos com várias pessoas. E tudo isso está me fazendo enxergar algumas coisas agora.

Ela olha para mim por um longo momento, como se estivesse esperando que eu adivinhasse, mas não tenho a menor ideia do que está falando.

— Pesquisei o passado e o presente de Gifford Place. Do Brooklyn. Queria mandar tudo isto para o inferno, a Zephyr,

a VerenTech... e você.

Entendo o que ela quis dizer, mas ainda assim dói.

— Queria mandar para o inferno a gentrificação — digo.

Ela concorda com a cabeça.

— Mas não tinha encontrado a *coisa* que liga isso tudo. O gancho para o passeio, como são os Brownstones ou os arquitetos famosos ou o que quer que seja. E, se estiver certa, esse gancho é bem antigo e afiado. Há padrões em todas essas situações que seriam apenas paradas do passeio, se desdobrando a partir do começo. — Ela faz uma pausa, umedece os lábios. — Nada disso está acontecendo por acaso. Como poderia?

— O que quer dizer? — pergunto. Eu disse que acreditaria nela, mas já tive que lidar com a paranoia de Kim e...

As palavras de Kim de repente me arrebatam.

Há muito poucos de nós aqui.

Precisamos saber se há algo com que nos preocupar. Com relação à segurança.

Eles tinham um grupo privado no OurHood... Para quê?

Charlie conhece a Kim. Ele me conhece.

Sydney empurra com o pé a mesinha de centro que sempre odiei para longe do sofá, puxa minha bolsa da academia e começa a folhear a confusão dos papéis. Quando ela fala, as palavras saem numa torrente.

— Ok. *Boom.* Lembra quando você chegou à casa do sr. Perkins antes da reunião e eu estava lendo sobre Underhill? Bem, não, não vai se lembrar, mas era o que eu estava lendo. — Ela puxa um panfleto amarelado. — É um cara britânico se gabando sobre como é bom matar os nativos e roubar suas terras *e* sobre como a América é maravilhosa

porque é inabitada. Pura dissonância cognitiva, não é? Ele não estaria por aí matando nativos se não houvesse ninguém na terra. Era um mercenário contratado pelos colonizadores, basicamente, e os holandeses o contrataram para matar os nativos aqui. Ele ajudou a pavimentar o caminho para Nova York ser o que é hoje.

— Ok. — Pego o panfleto e dou uma olhada, acompanhando o relato, mas, pela primeira vez, me preocupo que seja tudo coisa da cabeça dela. — Então, isso foi nos anos 1600?

— Isso — responde Sydney. — Agora, pense nas informações do centro de memória. As leis que impediam as pessoas negras de passar suas propriedades para os filhos foram criadas nos anos 1700. Weeksville foi fundada nos anos 1800, porque era preciso ser dono de terras para votar, e essa era a razão pela qual eles tornavam tão difícil para os negros comprar terras. — Ela assente com a cabeça enquanto fala. — O povo de Weeksville constrói toda uma comunidade e então, *boom*, de repente o governo *precisa* abrir caminho no meio do bairro com a Estrada Eastern, como se ninguém vivesse aqui? Do mesmo jeito que fizeram com os indígenas. Do mesmo jeito que fizeram com diversas comunidades; basta uma pesquisa rápida no Google para descobrir. O Central Park foi construído onde era uma comunidade negra. Estou deixando muita coisa de fora, mas é um ciclo que se repete.

— Ei. Talvez a gente precise refletir um pouco mais sobre isso — sugiro.

— Não está vendo o padrão? Achei que você tinha dito que nós dois éramos loucos. Porra, Theo. — Ela pega outro

pacote de papéis, folheia algumas páginas e depois os sacode na minha frente. — Esses são documentos internos da proposta da VerenTech Farma. Compare essa descrição da vizinhança e o pequeno manifesto de Underhill.

Ela está com os olhos arregalados, implorando para que eu faça a conexão, então olho alternadamente para as duas provas que ela me apresentou.

— Ok, está me dizendo que um cara lá dos anos 1600 está envolvido com a sede da VerenTech?

Ela fecha os olhos e belisca a ponte do nariz antes de falar.

— Não! Estou dizendo que esse memorando da VerenTech *parece* a mesma coisa. Veja como eles falam sobre os recursos subutilizados da vizinhança, embora *nós estejamos aqui, porra*? E agora Abdul foi embora e um racista filho da puta é o dono da birosca. O sr. Perkins, prefeito de Gifford Place, supostamente se mudou e não contou a ninguém?

— Onde você arranjou isso? — pergunto, folheando as páginas.

Ela põe a mão na boca.

— Ah, não. Droga. — Ela pega o telefone, arrasta a tela e seu rosto desmorona. — Drea. Foi Drea que conseguiu. Ela está digitando há uns três dias!

Olho para ela, curvada sobre o celular, olhos arregalados, o corpo rígido de terror. Eu devia sair correndo daqui agora mesmo. Isso está além das minhas capacidades. Eu até estava acompanhando, mas agora ela parece estar tendo um surto psicótico. No entanto, algo realmente está acontecendo aqui, mesmo que o comportamento de Sydney esteja me assustando.

Penso em William Bilford fazendo o gesto de um “cabum”, como uma bomba nuclear explodindo.

— Lembra o que você falou sobre como foi pego na sua empresa? — A voz de Sydney de repente fica sinistra. — Que você ativou algum sistema interno ou algo assim?

Ela tira com cuidado os papéis da VerenTech da minha mão, folheia até a primeira página e lê.

— A empresa, VerenTech, admite que este memorando é um registro público sujeito a divulgação, mas vem por meio desta requerer que seja notificada de toda e qualquer solicitação relativa à Lei do Acesso à Informação, tanto durante o processo de seleção da cidade quanto no âmbito da escolha desta cidade, para permitir que a empresa dê entrada em ordem protetiva ou outra solução apropriada.

— Outra solução apropriada — repito, pegando os papéis de volta. Aquilo parece algo projetado para assustar as pessoas, mas, junto com todo o resto, é meio sinistro. — Sabe, existe a possibilidade de Drea ter fugido. Ela é adulta.

— Ela não fugiria — diz Sydney, uma ferocidade repentina em sua voz. — É possível que ela tenha cometido um erro, mas somos amigas de infância. Ela nunca me decepcionou e tenho certeza absoluta de que não fugiria de mim.

A expressão em seus olhos é a mesma da minha mãe quando me olhava ao deixar o namorado babaca voltar para casa depois de me dizer que ele tinha ido embora para sempre — indignação, esperança, desespero.

— Ok. — Faço que sim e folheio as páginas de projeção que mostram os planos futuros para o bairro. — Às vezes uma empresa passa dos limites nos riscos. Para ficar à frente dos concorrentes. Ou à frente de alguém que possa

querer impedi-los. Como uma gangue ou outro tipo de organização criminosa.

Olho para o futuro limpo e reimaginado da vizinhança; foi isso que os corretores venderam para mim e Kim. Falavam de revitalização e mudança demográfica, e eu concordava com a cabeça porque obviamente nada daquilo tinha a ver comigo, mas ainda assim eu ia colher os benefícios. E quando há benefícios a serem colhidos, sempre tem alguém pronto para fazer algo ilegal e conseguir ainda mais.

Sei muito bem disso.

Sydney se senta no chão ao lado da bolsa e abraça os joelhos, olhando para o sofá enquanto pensa.

— Estou preocupada com o Kavaughn também. Len disse que ele foi para o sul, mas não é do feitio dele simplesmente sumir assim.

Kavaughn, o cara que eu substituí como pesquisador, o motivo de eu ter me metido nesta confusão para começo de conversa.

Ela pega o celular de novo e faz uma ligação, colocando no viva-voz desta vez. Ambos olhamos para a foto do homem com pescoço largo.

— Meu Deus. — Pego o celular enquanto uma mensagem automática diz que aquele número não existe.

Sydney olha para mim.

— O que foi?

Balanço o aparelho enquanto a foto desaparece.

— Esse foi o cara que me abordou na frente do centro médico aquela noite, eu tentei contar para você. Ele tinha tomado alguma coisa. Imaginei que era um dos viciados em metanfetamina daqui...

— Metanfetamina não é uma droga popular por aqui, Theo. Especialmente para o Kavaughn.

— Ok, que seja. Ele estava chapado. Mas, na reunião, Len disse que Kavaughn tinha ido visitar a avó, não é? E se ele estivesse chapado e andando por aí agarrando as pessoas, alguém na vizinhança saberia que ele voltou, não? Não é possível que eu seja a única pessoa a tê-lo visto.

— Kavaughn não se envolve com drogas — afirma ela, balançando a cabeça. Ele é o tipo de cara que diz “drogas são a ferramenta do opressor”. Ele nem bebe café. Tem certeza de que era ele?

Fecho os olhos e bato o punho de leve na testa, lembrando o momento em que ele esbarrou em mim. Imaginei que estava tentando me atacar, mas, pensando bem... Vi medo nos olhos dele.

Por favor. Grana.

O que ele estava de fato dizendo?

A mamãe está no jardim. Mamãe. Foi como Sydney disse. Não estou acostumado a ouvir pessoas adultas chamando suas mães de um jeito fofo, mas...

Meu estômago se contrai.

— Ele morava com a mãe? — pergunto.

— Com a avó, mas foi ela que o criou, então é basicamente sua mãe, sim. Ele a chama de Mama.

Suas palavras confusas se repetem na minha cabeça, mas, dessa vez, não penso nele implorando por dinheiro para a próxima dose. Penso nele buscando aquilo que a maioria das pessoas busca quando está apavorada. A mãe.

Mama? Traga Mama. Me ajude. Por favor! Por favor!

Eu reagi da maneira como fui ensinado quando um homem negro grande me abordou agindo de forma estranha.

Drogas.

Crime.

Perigo.

E quando os policiais me perguntaram para onde ele tinha ido, eu o dedurei. Alguns dias depois, levianamente vesti uma camiseta do Vidas Negras Importam e fiquei irritado quando chamaram minha atenção.

— Era ele? — pergunta Sydney de novo.

Quero mentir para ela, ignorar o nojo que sinto de mim mesmo e o medo que cresce palpável em meu peito.

— Era ele. Com certeza — respondo e olho para ela. — Eu tinha parado ali porque acreditei ter visto alguma coisa se mexendo numa janela do antigo centro médico. E quando ele me atacou... Foi bem depois que perguntei se ele queria que o levasse ao hospital.

Ela me encara, há uma distância em seu olhar outra vez, e não conto que o dedurei para os policiais.

— Está bem, vamos analisar isso por um minuto — diz.

Pego meu próprio celular e me sento ao lado dela. Em meu último emprego, aprendi que a maioria das empresas tem tentáculos espalhados por muitos lugares, não importa qual seja sua área de atuação. Pensando bem, trabalhar com meu pai naquele pequeno negócio de pouca importância tinha me ensinado como opera uma empresa de fachada. Como se lava dinheiro sujo.

— A maioria dessas coisas aconteceu depois do anúncio do acordo da VerenTech — digo.

Ela concorda com a cabeça.

Ouço o “cabum” de William de novo.

Jogo no Google “VerenTech + Brooklyn + Imobiliária”. As primeiras páginas são uma mistura de matérias da semana celebrando que o distrito levou os contratos da VerenTech, e algumas mais antigas alertando para os danos que a empresa poderia trazer. Nada se destaca, mas desço a página até que algo me chama a atenção.

> VerenTech, que é conhecida principalmente por seus empreendimentos farmacêuticos, também é a principal acionista da Bevruch Ten Properties (BVT Realty)...

Essa foi a imobiliária que Kim e eu usamos. Mostro a tela para Sydney.

— São eles que estão construindo todos esses prédios — diz ela, a voz surpreendentemente calma.

Enquanto Sydney também olha para o celular por cima do meu ombro, jogo no Google “VerenTech + Bevruch Ten Properties”.

Dessa vez, apenas alguns poucos resultados aparecem. Um deles é um link para um tópico sobre o campus da VerenTech num fórum sobre negócios duvidosos.

> Deixa o Brooklyn ficar com eles. Todo mundo já se esqueceu da cidade que eles compraram em Connecticut no início dos anos 2000. Prometeram muita riqueza, mas só usaram seu domínio para expulsar as pessoas de suas casas e nunca construíram o prédio da empresa por lá. Todos os comércios locais fecharam porque não tinham clientes. Políticos e investidores perderam muito dinheiro. Virou uma cidade fantasma.

Em resposta a esse comentário há um link no qual hesito em clicar, mas, no fim das contas, clico.

Um gráfico mostrando todas as empresas conectadas à VerenTech aparece em uma nova guia. Círculos menores e maiores mostram quanto dinheiro cada uma das subsidiárias produz para a matriz. O círculo da VerenTech Farmacêutica é grande, mas o que representa a Civil Communities Inc, uma empresa de prisões privada, é só um pouco menor.

— Esses filhos da puta — resmunga Sydney.

Há diversos círculos menores ao redor, como desdobramentos da empresa. O terceiro maior é a BVT Realty, e o quarto é...

— Veritas Bank. Não é dele que você estava me contando? — pergunta Sydney. — O que foi fundado por um antigo senhor de escravos?

— É. E quando pesquisei, muitas das manchetes eram sobre as pessoas reclamando deles por oferecer empréstimos de risco para minorias logo depois que a bolha imobiliária de 2008 estourou.

— E confiscaram sei lá quantas casas quando as pessoas começaram a não conseguir mais pagar as hipotecas — acrescenta Sydney, com amargura. Ela dá um zoom para olhar em volta da BVT Realty e um nome pixelado surge em um dos círculos menores: Good Neighbors LLC. — Essas são as pessoas que roubaram a casa da minha mãe. Drea... — Ela para e respira fundo. — Drea uma vez me disse que a BVT tinha um bom atendimento, e que era por isso que estavam construindo mais do que qualquer outra empresa. Ela também me disse que alguém mexeu vários pauzinhos para que o acordo da VerenTech acontecesse.

— Não sou nenhum Robin Hood, mas eu me sentia tranquilo ao roubar no meu antigo emprego porque muito do dinheiro que entrava era vindo de suborno, puro e simples — digo. — Eles lavavam melhor o dinheiro do que eu, no trabalho que eu fazia antes, mas as pessoas que têm dinheiro o usam para fazer mais, e não se preocupam com quem vão prejudicar no caminho. A VerenTech tem mais dinheiro do que a gente imagina.

— E, de todos os lugares que competiam pelo novo campus, eles escolheram o Brooklyn — observa Sydney. — O lugar mais caro, mas também aquele que renderia mais dinheiro para eles assim que conseguissem expulsar todos nós daqui. Se já estavam reunindo casas desde aquela crise imobiliária...

— Pois é. É possível que estejam planejando isso há anos.

Sydney olha para mim e eu confirmo o que ela disse há um minuto, porque algo assim precisa ser repetido para se tornar real.

— Tem algo errado acontecendo aqui, e está tudo interligado.

CAPÍTULO 18

Sydney

EU ABRAÇO OS JOELHOS.

— Sabe, às vezes minha mãe me encaminhava um desses vídeos de teoria da conspiração que ela recebia dos amigos. Ela mal sabia usar o celular, mas conseguia encaminhar tudo que recebia. E eu balançava a cabeça achando que ela estava sendo ingênua. Mas toda essa situação faz com que aqueles vídeos pareçam brincadeira de criança.

Aperto os olhos enquanto minha cabeça continua ligando os pontos e fazendo as conexões.

A presença da polícia explodiu nos últimos anos, com policiais em massa nas entradas de metrô e patrulhas rondando a pé que deveriam ter aumentado a segurança, mas não foi o que aconteceu para as pessoas que moravam aqui. Preston e os muitos outros que foram presos na vizinhança nos últimos anos provavelmente foram levados para as prisões da VerenTech. Todos os novos prédios que estão sendo erguidos em cada pedacinho de terreno disponível são propriedade da BVT. O Veritas Bank, a instituição que mais empresta dinheiro para os novos negócios abertos no bairro — e credora de muitos dos empréstimos inadimplentes do passado — é parte da VerenTech.

E todas as pessoas que foram embora e nunca disseram nada aos antigos vizinhos e amigos? Onde estão?

— Não podemos contar isso para ninguém, não é? Isso é papo de trancar-no-manicômio-e-sedar a pessoa. — Balanço a cabeça, tentando parar a vertiginosa trama de teoria da conspiração. — Mesmo se for verdade.

— Principalmente se for verdade — responde Theo.

Nunca mais quero ver o interior de uma instituição para doentes mentais. Fiquei em uma em Seattle por três dias dilacerantes, tentando explicar que eu estava bem, que Marcus tinha mentido, que eu jamais machucaria ele ou a mim mesma.

Só de pensar em ser ignorada de novo enquanto grito a verdade me dá vontade de vomitar. Levei meses para me convencer de que eu não estava louca depois da cena final de humilhação do Marcus, e tudo isso está me fazendo duvidar da minha sanidade outra vez.

— O que eu devo fazer? — Eu me levanto e começo a caminhar. — Não vou entrar na delegacia e anunciar que há um movimento organizado para matar pessoas negras e roubar nossos terrenos. Mesmo que isso venha acontecendo neste país há gerações e não devesse ser tão difícil de acreditar. A gente pode mesmo chamar isso de teoria da conspiração? Quer dizer... É para isso que a polícia existe, afinal de contas. É claro que não vão ajudar!

Minha última gota de paciência vai embora, então estou por um fio. Theo se levanta e para na minha frente, bloqueando meus passos nervosos e me obrigando a olhar para ele.

— Vamos resolver isso, está bem? — Ele passa os nós dos dedos gentilmente pelo meu queixo, e eu respiro fundo.

— Como? — Quero acreditar nele. Quero muito. Mas, a essa altura, não vejo como isso pode acabar bem.

— Sydney. — Theo está dando um sorrisinho e chama minha atenção de volta para ele, mas seu olhar é sombrio. — Preciso que você incorpore a confiança de um homem branco medíocre. Vou passar a minha para você. Vamos resolver porque não temos alternativa.

— Certo. Certo. — Respiro fundo e tento me controlar. — Você tem um chá de camomila ou algo assim? Prefiro uísque, mas preciso de algo que não vá afetar meu raciocínio.

— Vou ver — responde ele, e segue pelo corredor até a cozinha.

Ouço o barulho do fogão sendo aceso e dou um pulo, prestes a partir para a briga, quando ouço também um xingamento e um som metálico.

— Estou bem! — grita Theo de lá.

Desabo de volta nas almofadas do sofá e respiro fundo. De jeito nenhum vou conseguir relaxar, mas tento reunir as ideias espalhadas como os peixes do lago japonês do Prospect Park fugindo de algum cachorro sem coleira.

Meu olhar passeia pela sala, absorvendo as diferenças entre esta casa e a minha. A pintura é nova e parece digna de um lugar com lençóis egípcios de mil fios. Há pequenos terrários em todos os lugares — quando parei em uma das novas lojas que abriram, o menor deles, com uma pequena suculenta dentro, custava cinquenta paus.

Há uma foto grande de Michelle Obama na cornija da lareira, e uma pintura gigante de um cara branco mais velho pendurada na parede em cima, daquele tipo que se vê na entrada de bancos ou prédios do governo. É uma daquelas pinturas cujos olhos pequenos seguem você pelo cômodo.

Aquilo ativa meu nervosismo e me levanto, vou até a janela, espio entre as cortinas, e o vento gelado do ar-condicionado no rosto me acalma um pouco. O caminhão de mudança ainda está estacionado ali, mas parece vazio, e não há ninguém diante da casa do sr. Perkins.

Quando chego mais perto da janela para ver um pouco mais adiante, meu dedo toca no ar-condicionado e sai meio grudento.

Eu me agacho, pisco diante do vento frio em meus olhos, e congelo ali.

Há uma mancha pegajosa em formato de coração na frente do ar-condicionado. E quando olho a marca e o modelo do aparelho... é o mesmo de Drea.

Eu me lembro de seus dedos com as unhas pintadas de roxo colando o adesivo no ar-condicionado depois que eu ajudei a instalar.

Agora ele vai espalhar amor. Entendeu? Entendeu?

Meu cérebro se recusa a processar a importância daquela marca de cola em formato de coração, ou o fato de que o ar-condicionado que sumiu do quarto de Drea agora está na casa de Theo. Fyodor, que trabalhou para a máfia russa em algum momento. Que tentou roubar dinheiro de uma grande corporação. Que se ofereceu para arrombar a porta da casa do sr. Perkins.

Que claramente faria qualquer coisa por dinheiro.

Theo, que, tão prestativo, observou que toda essa merda tinha começado quando o acordo da VerenTech foi assinado, que encontrou todas as provas perfeitas para respaldar as minhas teorias da conspiração, mas que tinha deixado de fora o fato de que *ele* tinha se enfiado na minha pesquisa e na minha vida exatamente no mesmo momento.

Droga.

Eu tinha observado Theo pela janela algumas vezes — será que ele fez o mesmo comigo? Essas empresas imobiliárias pareciam fazer qualquer coisa para botar as mãos nas casas das pessoas. Se eu estou considerando que uma empresa cometeria assassinato, não seria assim tão absurdo acreditar que poderia contratar um cara mais ou menos atraente para passar alguns dias seduzindo uma mulher solitária e falida antes de dar o golpe final.

Sinto enjoo ao pensar nisso, mas é tão plausível quanto qualquer outra coisa nesse mundo lixo.

Algo se acende do meu lado esquerdo, desviando a atenção desse grito interno que estou reprimindo, e vejo um iPad na parte de baixo da mesinha lateral perfeitamente desarrumada. Nem finjo que não estou interessada — foi o que eu fiz com Marcus a princípio, desviando o olhar quando uma mensagem pipocava na tela. Em tese, é feio espionar, mas a confissão de Theo não sai da minha cabeça.

Eu... sou um mentiroso.

Eu me debruço sobre o braço do sofá e inclino o iPad para ver as mensagens que chegam numa conversa intitulada *Amorzinho*.

Eles estão se instalando na casa Perkins. Ainda acho que estamos indo rápido demais. As pessoas vão perceber.

A Sydney é muito instável para configurar uma ameaça real, mas vou cuidar dela hoje. Ia fazer isso mais cedo, mas eles trouxeram junto aquele maldito cachorro. Charlie disse que queriam a casa E o cachorro, mas achei que a esposa ia esperar que tudo estivesse terminado para exibi-lo.

Sabe como ela é com cachorros. 😒

Também detesto apressar as coisas, mas não estou no comando. Além disso, meu pai tem quase certeza de que, mesmo que todos eles notem, não vai fazer diferença. Outras empresas destruíram cidades inteiras. No passado, jogaram bombas, poluíram a água. Ninguém liga, hahahaha.

Verdade. Eu podia gravar a mim mesmo dando um tiro na cara de um deles e sairia impune, hahahaha. Ninguém vai prestar atenção nisso. 😈

Odeio que ela esteja na minha casa. Que nojo. ☹️

Desculpe. Tive que tomar a decisão quando ela saiu correndo pela rua. Vou cuidar dela assim que puder.

Ótimo. Ela foi tão malvada comigo!

👧🔪😏

😘 Anda logo com isso. Sua cavaleira está doida para montar, e, se terminar a tempo, podemos nos encontrar antes da reunião. 🏇

Vou tentar, mas a revitalização desta noite vai ser bem intensa — precisamos resolver tudo para coincidir com o desfile. Todo mundo já associa o evento com violência, então vai nos dar ainda mais cobertura.

Vai ter que esperar mais algumas horas por isso  .
Mantenha-se entretida — e mande fotos.

Quase imediatamente aparece uma foto: a Mocinha do Rabo de Cavalo, suposta ex-namorada de Theo, seminua diante de um espelho de banheiro público tosco, com o quadril levantado para dar uma ilusão de bunda que não existe.

O barulho das xícaras na cozinha é sinal de que já li o suficiente. Vou na ponta dos pés até a porta da sala. Felizmente, a casa segue as regras do Novo Brooklyn; o piso é novo e não range como o da minha casa, e ainda há um desses espelhos gigantescos, então posso ver o que esse filho da puta traidor está fazendo na cozinha.

Theo está com a caixa de chá em uma das mãos e o telefone na outra, digitando com o polegar.

Entrei em pânico muitas vezes nas últimas semanas, e nas últimas horas. Revivi antigas traições e descobri uma ou duas novas. A mamãe e muitos dos vizinhos se foram, direta ou indiretamente por causa dessa empresa, e se a palavra *revitalização* significa o que eu acredito que signifique, mais de nós vamos sumir em breve.

Neste momento, se for para eu derramar mais uma lágrima ou ceder ao pânico, é melhor deixar logo Theo me matar e abandonar meus vizinhos e amigos à própria sorte.

Não dou mais a mínima, meu único pingo de receio foi embora, mas no lugar ficou a compreensão do que preciso fazer. Do que a mamãe ia querer que eu fizesse.

Não deixe que eles peguem minha casa.

Pego a bolsa de academia — é dele, mas ali dentro estão as poucas provas que tenho e, além disso: foda-se ele. Se

eu puder atrapalhar um pouco sua vida, ótimo.

Uma pontinha de papel branco desponta do bolso lateral e eu empurro de volta para dentro, mas depois pego para ver o que é. É um cartão de visitas. Do filho da puta do Bill Bil, da BVT Realty.

A mesma empresa que faz parte da VerenTech, e Theo agiu como se estivesse surpreso ao descobrir isso.

Ok.

Não estou sendo paranoica. A única pessoa que pensei estar ao meu lado não está. De novo. Eu me recuso a ficar chateada — é isso que eu ganho por sempre confiar em alguém para me ajudar. É isso que eu ganho por não ser forte o suficiente para fazer as coisas sozinha.

Isso acaba agora.

Pego a bolsa e corro em silêncio para a porta.

— Você quer mel? — pergunta Theo.

Não sei se ele pergunta outra vez, porque minha resposta é o discreto fechar da porta atrás de mim.

OurHood Gifford Place/grupoprivado/Renovação

A análise das gravações da câmera da porta, a vigilância da loja e a substituição do microfone do dispositivo deixam claro que não podemos mais esperar. Podemos encontrar outra explicação, mas, se não agirmos agora, todo o projeto estará em perigo. A geolocalização mostra que Green está indo na direção da próxima casa marcada para remoção.

CAPÍTULO 19

Sydney

CORRO PELA RUA SOB O CAIR DA NOITE e me escondo entre carros estacionados ao ver um sedan preto com vidros escuros diminuir a velocidade e depois continuar o percurso. Será que era Drew? O que aconteceria se eu acabasse no banco de trás do carro dele novamente? Duvido que me deixaria sair dessa vez, e uma chave entre os dedos não me salvaria.

Toby late em algum lugar atrás de mim. Nos dois lados da minha casa, da casa da minha mãe, os prédios Brownstone são ocupados por estranhos que já não são mais apenas novos vizinhos, mas muito provavelmente pessoas que querem me fazer mal.

Uma sirene soa a alguns quarteirões dali e eu me encolho. Ouço o ronco de algum tipo de motor acima da minha cabeça e imagino se eles têm drones para nos observar.

Todas as coisas parecem servir para me machucar. Cada. Maldita. Coisa.

Há risadas vindas da janela da casa de Josie e Terry, e essa é a gota d'água para mim.

Voltei para o Brooklyn por me sentir protegida em casa, e esses canalhas conseguiram roubar de mim até o conforto do lar. Roubaram a dignidade da minha mãe, a lealdade da minha melhor amiga, e a minha comunidade. Talvez eu

nunca recupere essas coisas, e eles acham que vão se safar porque ninguém se importa.

Eles não levam em conta a minha dor, nossa dor, nessa ideia de “se importar”.

Eles vão aprender hoje.

Subo correndo as escadas de casa, a chave escapando da fechadura duas vezes antes que eu finalmente consiga abrir.

Quando entro, fecho e tranco a porta, fico parada por um momento e respiro fundo várias vezes, preenchendo meu nariz com o aroma familiar de flores, lustra-móveis e poeira que sempre me fez sentir em casa. Embora isso seja o oposto do que eu faria normalmente, calço as botas de jardinagem que nunca uso dentro de casa. Não sei o que está acontecendo e não dá para atacar alguém a chutes usando chinelos.

Subo correndo até o apartamento da mamãe e, quando abro a porta, sou atingida pelo ar quente rançoso e sufocante de um andar sem ar-condicionado. O suor pinga pelas minhas sobrancelhas enquanto fecho a porta e tranco as diversas fechaduras. A bolsa de academia está no meu ombro e vasculho o apartamento com os olhos, então uma vibração repentina me faz dar um pulo antes de perceber que é o meu celular.

Maldito Theo.

Com a mandíbula cerrada, vou diretamente até o quarto da mamãe, o único cômodo da casa ao qual não vou desde aquela noite. O quarto é simples, pintado em azul-claro, com móveis de madeira escura e uma penteadeira pouquíssimo usada, daquelas com lâmpadas ao redor do

espelho. Quando criança, eu me sentia muito glamorosa ao me sentar diante dele, avaliando todas as características que eram tão parecidas com as da mulher que eu achava a mais linda do mundo, e roubava um pouquinho do batom e do blush dela.

O quarto está escuro, embora as cortinas não estejam fechadas — de alguma forma já é noite, como se o tempo tivesse parado de fazer sentido junto com todas as outras coisas que eu conhecia.

A janela do quarto fica num parapeito falso, a minha torre de castelo, de onde posso vigiar quem vier me atacar. O mesmo lugar de onde eu, antigamente, observava meus amigos fingindo lutar para ver quem me salvaria.

Ninguém está lutando por isso agora.

Fico parada no batente da porta olhando para a cama da mamãe, meu maxilar tão tensionado que parece que meus dentes vão quebrar a qualquer momento. A cama está vazia, apenas com a capa do colchão, porque usamos o lençol favorito da mamãe para enrolá-la.

Drea tinha me ajudado, tinha me dado a dica dos advogados, prometeu me ajudar a lutar para manter a casa. Ela disse que não sabia por que mamãe tinha concordado em assinar aquele contrato desistindo da casa, e mamãe nunca tinha falado sobre qualquer pressão de Drea — mas a pressão nem sempre é explícita.

Drea tinha nos traído, fora paga, fingira se importar e, então, me deixou para lutar contra isso sozinha.

Será que ela tinha fingido ser minha amiga todo esse tempo? Será que me odiava durante todos esses anos em

que eu a considerava uma irmã? Será que tinha contado a eles onde estava o corpo, e por isso mamãe tinha sumido?

Espere aí. Foi Theo quem disse que o corpo não estava lá. Isso pode ser mentira também. Tudo pode ser mentira.

Destravo a mandíbula e respiro fundo. Não há tempo para memórias nem perguntas.

Estou no quarto da mamãe por um motivo.

Vou até o closet, pego uma das conhecidas latinhas de biscoito azuis, e meu celular continua vibrando insistentemente dentro da bolsa de academia perto da janela. Não, essa lata é muito leve. Devem ser os materiais de costura. Coloco de volta na prateleira — mamãe não tolerava que eu mexesse nas coisas dela, e aprendi desde criança a colocar tudo de volta exatamente onde estava.

Encontro o que procurava na quarta latinha de biscoito que eu pego, a mais pesada, com coisas rolando lá dentro como se fossem pérolas.

Ponho a lata em cima da cama, o suor escorrendo pelas minhas têmporas e formando uma piscininha sob os peitos. Tenho alguma dificuldade com a tampa enferrujada, mas acabo conseguindo abrir. A tampa sai e lá está. O pequeno revólver prateado da mamãe. Não é mais brilhante como eu me lembrava, e é tão velho que as pessoas fariam piada se eu postasse uma foto em alguma rede social, mas não estou resgatando isso para ganhar curtidas na internet.

Meu avô lhe dera a arma quando ela veio para o norte, mas ela sabia usá-la desde que aprendeu a andar. Foi o que me disse, pelo menos. Seus pais lhe ensinaram a caçar e a proteger a si mesma quando os garotos brancos da cidade ficavam entediados e vinham espalhar o terror na

vizinhança, ou caso os garotos negros com quem ela crescera de repente não compreendessem a palavra *não*.

Seguro a arma e seu peso é um conforto familiar, que me dá firmeza em meio ao turbilhão de pensamentos e medos. Mamãe me ensinou a usá-la bem cedo, e depois me ensinou a nunca tocar nela, a não ser que houvesse uma emergência.

Acho que ela concordaria que esse é o momento, levando em consideração o que sei sobre sua definição de *emergência*.

Fitzroy nos contou a história da mamãe colocando um cara para correr com sua arma durante o blecaute. Ele provavelmente não sabia que ela pôs meu pai para correr do mesmo jeito. Eu só descobri a verdade já no fim da vida dela. Estávamos assistindo a *Os bons companheiros* na cama dela, e, durante a cena em que Karen enfia uma arma na boca de Henry enquanto ele dorme, depois de descobrir que ele a traiu, mamãe riu tanto que perdeu o fôlego. Eu a obriguei a tomar uns goles de água e perguntei o que era tão engraçado.

— Apenas... memórias. Foi assim que seu pai acordou depois da primeira e última vez que me bateu — disse ela, o olhar tranquilo e disperso, com um leve sorriso no rosto. — Eu devia ter explicado para você antes. Como tratar um homem que quer te diminuir e esmagar. — Ela olhou em meus olhos, a expressão afetuosa, mas dura. — Coloquei a arma na boca do seu pai e o obriguei a se desculpar. E então eu disse: “Se *algum dia* me bater de novo, é melhor me matar, porque da próxima vez eu puxo o gatilho.” Ele foi embora pouco depois. Antes de saber sobre você.

Pego as balas na caixa com os dedos desajeitados e carrego a arma, pensando em todos que acham que podem machucar os outros sem qualquer consequência. Na maioria das vezes, estão certos. Vivem vidas longas e bem-sucedidas usando o pescoço alheio como degrau.

Ainda não tenho exatamente um plano, mas esta não será uma dessas vezes, se eu puder evitar.

Não vou deixar a VerenTech, Josie, Terry, a Mocinha do Rabo de Cavalo ou qualquer outra pessoa continuar tirando o que é meu.

Alguma coisa cintila pela janela enquanto fecho o cilindro da arma com o punho. Theo está na janela do outro lado da rua, os olhos arregalados, acenando ao lado de um espelho com uma lanterna apontada para o objeto, uma espécie de truque de escoteiro para chamar minha atenção. Levanto o dedo médio para ele, com raiva, e ainda pressiono o dedo no vidro para dar a dimensão do meu ódio por aquela traição.

Esperava que já tivesse parado de fingir, mas ele parece apavorado e seu rosto está vermelho enquanto agita o espelho e pega o celular, acenando com o outro braço e apontando para mim, acenando e depois apontando para o celular. Estou vendo daqui sua expressão de confusão, a testa franzida.

Balanço a cabeça, irada por ele ter a cara de pau de parecer realmente preocupado, mas não tiro os olhos dele enquanto ponho o saquinho com as balas no bolso.

Ele bate no vidro da janela e, como está aberta, ouço quando ele grita alguma coisa.

— Por favor!

E, porque não sou filha da minha mãe, apenas sua prole mais enfraquecida, eu vacilo. Uma dúvida, é só o que basta. Pego o celular quando ele vibra de novo.

— Sydney, que porra... — Ele se controla, e, pela janela, eu o vejo colocando a mão na cintura de um jeito quase cômico. — Você precisa sair agora. Ele está no primeiro andar. Consegue sair pela escada de incêndio? Ele está na sua casa.

O pânico dele me arrebata pelo telefone, tão real, ou talvez, como a ligação que enganou minha mãe, seja só uma torrente de palavras para me emboscar. Theo sabe como fazer isso — falar e falar até eu me sentir segura.

— Quem é *ele*? Por que eu deveria acreditar em você depois da sua conversinha com a Kim? Vi você trocando mensagens com ela enquanto estava na cozinha! Eu li as mensagens.

Fico olhando para ele, esperando algum sinal de que a farsa acabou, mas sua expressão exasperada não muda.

— Eu lembrei onde tinha ouvido o nome VerenTech pela primeira vez e estava pesquisando uma coisa. Que mensagens?

— Aquelas que pipocaram no iPad que estava na sala, *amorzinho*. Ao lado do ar-condicionado da Drea. Aquele que sumiu do quarto dela.

— Aquele é o iPad da Kim. E o ar-condicionado novo dela. — Ele balança a cabeça. — E “amorzinho” nunca esteve no meu vocabulário. O máximo que eu conheço é “Howdy Doody”.

Quero tanto acreditar nele que chega a doer. A possibilidade de todas as pessoas terem me traído é demais

para conseguir lidar.

Theo se abaixa de repente e desaparece, e então o topo de sua cabeça, dos olhos para cima, surge outra vez.

— Ele está no segundo andar agora, no apartamento de Drea. O falso funcionário da companhia de eletricidade. Ele estava no caminhão de mudança e eu o vi entrar na sua casa. Por favor. — A voz dele falha. — Sei que estamos nessa situação insana e nada faz sentido, mas eu não estava falando com a Kim. Não tenho ideia do que ela tem a ver com tudo isso. Eu gosto de você e nunca iria te machucar. A única coisa que fiz foi...

— O quê? O que você *fez*?

— Eu tenho roubado de pessoas ricas nos bairros vizinhos — diz ele, de repente. — Não como Robin Hood, o dinheiro era para mim mesmo. O aumento dos arrombamentos de carros e os assaltos a casas sobre os quais as pessoas vinham falando são culpa minha. E um dos caras para quem eu vendia as coisas me perguntou se eu tinha alguma dica imobiliária. E eu disse a ele que tinha um terreno vazio.

— O quê? — Aperto a arma com força.

— Ele perguntou se eu sabia de lugares baratos à venda na vizinhança, queria dar uma olhada porque tinha ouvido falar do acordo da VerenTech. Eu disse a ele que havia um terreno vazio sendo usado como jardim porque imaginei que ele *faria uma oferta*, como uma pessoa normal. Não sei se ele teve alguma coisa a ver com tudo isso, juro. Eu juro, Syd.

Seu olhar se encontra com o meu, e então ele se levanta e sai do quarto. Ouço seus passos e a respiração ofegante pelo telefone.

— Ele está indo para o terceiro andar. Se esconda em algum lugar, agora. Agora, Sydney! Estou indo ajudar você.

Ele desliga.

Ainda não sei se posso confiar nele, mas concluo que é melhor me esconder. Estou me sentindo bem vingativa, mas não vou ignorar o aviso de Theo e morrer só para fazer birra com ele.

Fecho a porta do quarto da mamãe e tranco. O funcionário falso da companhia de eletricidade era grande. Deve ter alguma ferramenta para quebrar as trancas das portas dos apartamentos — talvez até tenha a chave.

O que ele não tem, o que nenhum desses filhos da puta que querem roubar a gente tem, é o conhecimento de alguém que cresceu aqui. Alguém que não vê essas casas apenas como um lugar para exibir aos amigos ou postar fotos no Boomtown.

Ouço um barulho alto de rachadura e madeira quebrada na sala — a porta do apartamento, o que confirma que Theo pelo menos estava dizendo alguma verdade: alguém está tentando me pegar. Deslizo para dentro do closet, fecho a porta e tranco com a chave que fica por dentro. Essa fechadura não tem nada de especial, e foi instalada para manter crianças e visitas enxeridas longe das coisas da mamãe quando trancada por fora. Trancar por dentro era um bônus para um “caso de emergência” — o quarto do pânico da mulher pobre.

Enfio a arma na cintura da calça e faço a única coisa que já me rendeu uma coça na vida; não porque fosse algo errado, mas porque deixei minha mãe apavorada ao desaparecer por horas.

Vou passando por entre os vestidos e calças da mamãe, ainda arrumados nos cabides e com o cheiro dela, e destravo a porta na parede do fundo do closet. Ela leva à escadaria dos criados, uma característica de vários dos edifícios Brownstone. Pelo menos uma vez, os exageros dos brancos ricos que viveram aqui no passado vão servir para alguma coisa.

Obrigada, Frederick Langston.

Dou um passo na direção da escuridão e fecho a porta secreta atrás de mim.

O ar está surpreendentemente fresco, e o que parece uma brisa, por mais estranho que seja, explode na minha direção, embora nossos degraus não levem a um porão, como na maioria das casas. Depois da onda inicial de medo do que pode ter ali à espreita, acendo a lanterna do celular e começo a descer.

Tento andar em silêncio — aquelas escadas têm pelo menos cem anos, e a última manutenção foi quando o sr. Perkins fez um monte de reparos na vez em que fiquei presa aqui. Vinte e cinco anos atrás, talvez?

Depois que os primeiros degraus não quebram sob o peso do meu corpo, e uma horda de ratos não vem em minha direção, ganho um pouco de confiança.

Acelero, a escuridão tomando a parte de baixo da escada e também acima de mim, onde a luz fraca do celular não alcança.

Uma teia de aranha se enrola em meu braço e sinto um arrepio, mas, quando ouço o barulho da invasão lá em cima, no quarto, não dou mais a mínima para a maldita teia ou para a escada decrépita. Estou correndo agora. Mais um

pequeno lance de escadas e estarei no armário de casacos do primeiro andar e fora dessa...

A sola da minha bota pisa em algo que não é mole, mas também não é duro nem plano como um degrau. Olho para baixo, para o brilho que vem de um celular que de repente acende sob meu sapato. E para a conhecida mão negra que segura firme o telefone.

Tudo que consigo ver é essa mão, a tela de LED brilhando contra o acrílico roxo em suas unhas. A tela, agora quebrada, mostra dezenas de ligações e mensagens, a maioria delas minha. A indicação da bateria está tão fininha que nem dá para ver, mas está escrito 1%.

— Drea? — sussurro, e embora eu tenha decidido que não ia chorar nem entrar em pânico, isso foi antes desse horror que me aguardava na curva da escadaria. Meu rosto queima e as lágrimas descem. — Porra, Drea. Por quê?

Não consigo olhar para o rosto dela ainda, e mesmo que parte de mim saiba que preciso passar por ela para não morrer, eu me sento no degrau e puxo o telefone da mão dela, fazendo força porque ela parece não querer soltar. Brincávamos assim às vezes, eu puxava o celular para tentar ver a mensagem que ela tinha acabado de receber, mas isso não é brincadeira.

É rigidez cadavérica.

Entro com a senha dela e nossa conversa abre na tela. Finalmente vejo a última coisa que ela estivera digitando. A mensagem não enviada que tem me assombrado há dias.

Te amo. Me desculpppppssssaaaaa

O telefone desliga e fico sentada ali, sem me mexer e sem respirar, enquanto a escuridão cai sobre nós duas.

CAPÍTULO 20

Theo

ATRAVESSO A RUA CORRENDO com uma faca de cerâmica da Crate & Barrel em uma das mãos e um pé de cabra ridiculamente pequeno no bolso de trás — de repente a enorme quantidade de ferramentas de Kim sumiu e não está mais tudo espalhado pela casa, me fazendo tropeçar. Talvez ela tenha achado que eu poderia vendê-las ou, pensando de forma mais perversa, talvez não quisesse deixar algo com que eu pudesse me defender.

Kim, a mulher com quem achei que poderia construir um futuro.

Kim, que mandou alguma mensagem que fez Sydney fugir correndo, apavorada.

Kim, cujo pai é acionista da VerenTech Farma e advogado da BVT Realty, de acordo com a pesquisa que fiz enquanto esperava a água ferver e Sydney surtava e fugia.

O iPad está na outra mão, mas não li as mensagens porque preciso ir enfrentar um homem que provavelmente é um assassino treinado, usando uma faca de cozinha como arma.

Aprendi que não poder chamar a polícia quando você precisa de ajuda é de fato muito ruim.

Vou decidido até a casa, consciente de que estou sendo observado através das janelas que eu mesmo costumava

espionar e pelas câmeras que de repente foram instaladas em diversas das casas. Vejo a silhueta de alguém se formar contra a luz quente de uma luminária no apartamento de Melissa. As cortinas tremulam na sala de estar de Josie e Terry, e Toby late.

Quando chego ao último degrau da casa de Sydney, empurro a porta — a madeira está lascada ao redor da fechadura, como se alguém tivesse arrombado com um pé de cabra muito maior do que o meu. Dou uma olhada no corredor escuro, mas não consigo ver muita coisa porque já anoiteceu e o lugar está cheio de sombras. Meus olhos começam a se ajustar, e é assim que vejo uma porta se abrir na parede. É assim que vejo uma sombra mais escura sair dali.

Sydney.

O iPad apita de repente, a tela acende e me ilumina, e instintivamente viro a cabeça para ler a mensagem que chegou. Sydney se vira para mim enquanto leio as mensagens, e a última é: JÁ SE LIVROU DA PIRANHA?

Uma resposta anterior de quem quer que seja, e que Sydney achou que era eu, mostra o emoji de uma faca apontada para uma mulher negra.

Estou segurando uma faca. Sydney é uma mulher negra.

Correção: Sydney é uma mulher negra armada.

— Isso parece ruim — digo, levantando as mãos com a faca e o iPad enquanto ela aponta a arma para mim. — Devia ter lido isso antes de vir. Eu teria trazido uma pá em vez de uma faca.

A expressão do seu olhar é vazia, mas seu corpo inteiro treme.

— Largue.

Ponho a faca no chão.

— Está bem, vamos sair daqui — digo. — Você tem a arma, você tem o poder, vamos resolver isso quando estivermos lá fora.

As lágrimas escorrem de seus olhos e sua expressão desmorona, depois suaviza, e então ela luta para manter a compostura.

— Você sabia sobre Drea esse tempo todo? — Ela suspira e vira a arma de um lado a outro, mas com o cano sempre apontado para mim. — Enquanto eu checava o celular o tempo inteiro, preocupada? Enquanto eu estava com raiva dela por ter aceitado aquele dinheiro? Sabia que ela tinha morrido como um rato dentro do armário?

A voz dela falha e se torna um choro ferido, e eu compreendo que algo aterrorizante aconteceu nesses poucos minutos desde que desligamos o telefone.

Outra sombra se movimenta pela parede perto do alto da escada — alguém está andando devagar pelo segundo andar.

— Precisamos sair daqui — pressiono. — Lembra? O cara que...

— Você. Sabia? — Seus olhos estão insanos, e acho que ela nem se lembra de que alguém está tentando matá-la ou, se lembra, parou de se importar.

— Eu não sabia — digo, gentilmente. — Sinto muito, mas...

Jogo o iPad com força quando a sombra ganha uma forma sólida e musculosa no alto da escada. Sei que não vai machucar muito quando acerta o cara, mas pelo menos faz

com que ele se desequilibre — e uma bala acerta a parede bem ao lado da cabeça de Sydney.

Ele tem uma arma. Com silenciador.

— Filho da puta — resmunga ela, e se vira e dá três tiros na direção dele. Ela *não tem* um silenciador, e o barulho é alto no corredor.

O intruso se retorce e tenta desviar, mas pelo menos uma bala o acerta, e ele escorrega pelos degraus. Pego a faca e vou ao seu encontro.

Ele cai sentado quando chega ao primeiro andar, e pulo sobre ele antes que possa se levantar. Piso em seu peito com força suficiente para esmagar o plexo solar, tirando seu ar. Os músculos dele ficam tensos enquanto tenta puxar alguma coisa; a mão que segura a arma está entre as estacas do corrimão e, de canto de olho, vejo Sydney tentando arrancá-la da mão dele.

Merda. Um movimento errado e ele pode...

Não. Ela pisa com força em seu cotovelo e eu o ouço sibilar, em seguida há o barulho de algo pesado caindo no chão.

Dou um soco no nariz dele e outro no pescoço com uma das mãos, e então enfio a faca na lateral do corpo com a outra. Ela entra com facilidade, sem qualquer resistência quando giro a lâmina, e finalmente entendo por que Kim pagou tão caro por esse negócio.

Ele grita e tenta lutar contra mim, mas jogo todo o peso em cima dele, enfiando a faca com uma das mãos e dando socos na cabeça com a outra, repetidamente, até que ele pare de resistir e esteja apagado sob mim.

A luz acende e olho por cima do ombro para Sydney. Minha mão esquerda está molhada e manchada de vermelho, e uso a parte de baixo da camiseta preta do cara para limpá-la. O cheiro metálico do sangue preenche minhas narinas como se eu estivesse num açougue, e tento não vomitar.

O rosto do homem que tentou matar Sydney está ensanguentado e inchado, mas posso ver que parece um pouco comigo: alto, corpulento, cabelo castanho-claro. Kim tem um tipo. Ele estremece um pouco e se contorce quando pego o celular dele e uso seu polegar para destravar o aparelho. Quando vejo a tela, me levanto e não volto a olhá-lo.

Depois de mudar a senha, assim não preciso me preocupar caso trave, pego a arma, vou até Sydney e vejo as mensagens.

Eu sabia que o relacionamento tinha acabado, mas ver uma foto de sua ex-namorada nua entre mensagens ordenando o assassinato da mulher que você... é algo de pirar a cabeça.

Já se livrou da piranha?

Respondo com  , e depois, numa segunda resposta, com  .

E o idiota do meu ex? aparece em seguida.

Ai.

Mando um  e um  , dessa vez seguidos de um  , e então printo a tela da conversa.

A mão de Sydney segura meu braço.

— Era ele o amorzinho?

— Acho que sim — respondo. Meu coração está acelerado e sinto como se fosse vomitar, mas logo passa. — Teoricamente, Kim está nos Hamptons. Mas essa foto não é na casa dos pais dela. Não sei por que ela está envolvida nisso. Não sei o que ela tem a ver com assassinos profissionais. Cacete!

A raiva que senti quando aquele homem atirou em Sydney não está indo embora, não diminui agora que a adrenalina da briga está cedendo. Ele solta um suspiro ruidoso e minha vontade é andar até lá, chutar sua cabeça, pisar...

Não.

— O que aconteceu com Drea? — pergunto a Sydney, me lembrando de sua confiança na amiga e do vazio em seus olhos quando saiu por aquela porta.

Os olhos de Sydney estão cheios de lágrimas, e com o braço livre, seguro seu ombro e a puxo para perto. Ela aponta para a porta da qual saiu, aparentemente como mágica, no meio do corredor.

— Mesmo que ela tenha traído a gente, eu nunca ia querer isso. Nunca. Não sei dizer o que fizeram com ela. Acho que tentou escapar pela antiga escadaria dos criados. Não sei por quê, embora eu estivesse...

Ela leva a mão à boca e sinto o reflexo do vômito contrair seu corpo.

Não posso mais dizer a ela que vai ficar tudo bem. Eu a abraço mais forte, os pensamentos acelerados enquanto tento descobrir como vamos sair dessa. Há pelo menos dois corpos nesta casa, um pelo qual nós somos responsáveis, e o outro pelo qual facilmente podem nos incriminar.

A melhor amiga dela está morta. Há um homem sangrando até a morte no chão — um homem que a minha ex-namorada mandou para assassiná-la.

Uma notificação do OurHood aparece na tela. Entro na conta e vejo que não veio do grupo geral de Gifford Place, mas de uma conversa sob o cabeçalho GRUPOS PRIVADOS. Há dois grupos, Compra e Venda e Plano de Renovação, mas apenas o segundo está destacado.

OurHood Gifford Place/grupoprivado/Renovação
Kim DeVries: Pai, eu disse que ia cuidar disso. Eles estão mortos. Assim como a amiga dela que pegou as cópias. Assim como o cara que passou para ela. Essa ponta solta já foi amarrada.

Mikel DeVries: Tem certeza? A última coisa de que precisamos é algo assim na imprensa. Vamos cuidar de todas as outras pessoas, mas ela foi a única que enfiou o nariz onde não era chamada. Certifique-se de que a casa dela, os e-mails, as redes sociais e os amigos próximos sejam removidos também.

Kim DeVries: Isso será resolvido.

Josie Ulnar: Sabem quantas histórias são denunciadas todo dia que deviam fazer as pessoas incendiarem esse país? Dezenas. Algumas poucas pessoas ficam iradas nas redes sociais. De vez em quando, algum pobre idiota vai preso por alguns anos para saciar a plebe. Para ser honesta, se conseguirmos fazer a renovação de hoje com poucas complicações, não importa se alguém descobrir.

Josie Ulnar: Como eu digo para o Arwin, nós somos os paus e as pedras, e nós somos as palavras. Ninguém pode *nos* atingir, principalmente essas mensagens de redes sociais, cuja vida é mais breve que a de um inseto. Vamos terminar logo com isso.

Terry Ulnar: Sim. Nós temos contatos na imprensa, e sempre há uma abordagem mais sensacionalista para cada história. Com o desfile e as festas

neste fim de semana, sem dúvida haverá tiroteio e violência para desviar a atenção deles. Se não houver, nós faremos acontecer.

Kim DeVries: Além disso, o que eles podem fazer? Chamar a polícia? Hahahaha. Vamos nos preparar para a reunião de hoje à noite. Depois da renovação, a próxima fase vai andar rápido, e precisamos estar com as notas de imprensa, contratos e serviços de contenção preparados.

Sydney está lendo por cima do meu ombro, e tenho certeza de que ambos estamos muito abalados para assimilar de verdade tudo o que está acontecendo.

— O que é essa renovação? — pergunta Sydney. — Eles só falam disso.

Rolo a tela pela conversa do grupo, mas não vejo nada que faça qualquer sentido.

— Não consigo achar nada — digo. Clico no outro grupo privado e vejo uma mensagem perguntando se há alguma casa disponível com sistema de ar-condicionado central. Parece ser apenas uma página de anúncios imobiliários. — Há mensagens no outro grupo privado, mas precisamos sair daqui. Eles vão se dar conta em breve de que esse cara não terminou o serviço.

Ela assente, e depois continua balançando a cabeça, como se estivesse repassando os pensamentos.

— Eles vão fazer algo grande esta noite, algo pior do que já vêm fazendo. É tudo de que precisamos saber.

Dou uma olhada na arma para me reacostumar com a sensação de ter uma em mãos, garantindo que não haja nenhum truque ali. É uma Glock simples, um modelo antigo com um silenciador acoplado. Sydney checa seu revólver também e carrega o cilindro para substituir as balas que

agora estão alojadas na parede do corredor e no corpo do homem caído no chão.

— Sydney? Sydney? — chama alguém do lado de fora.

— Vamos embora — digo.

Quando saímos pela porta da frente, há algumas pessoas lá fora, e mais gente está chegando, as silhuetas iluminadas pela luz da rua.

É claro que estão ali.

Essa é uma vizinhança onde as pessoas se importam umas com as outras, e três tiros foram ouvidos na casa de Sydney.

A srta. Candace lidera o grupo, as mãos apoiadas na bengala.

— Sydney, que barulho foi esse? Isso é sangue? O que...

Suas palavras são interrompidas quando as luzes da rua e todas as outras luzes do quarteirão se apagam, nos deixando no escuro.

CAPÍTULO 21

Sydney

HOUVE BLECAUTES E APAGÕES na vizinhança desde que eu me mudei de volta — quando a rede esquenta demais, eles desligam a nossa eletricidade para os bairros ricos poderem ficar de boa. O fato de a companhia de eletricidade se sentir confortável em admitir isso parece sinistro diante de tudo que está acontecendo.

Posso pensar em um milhão de possibilidades para ligar essa coincidência a todas as outras coisas bizarras que aconteceram esta semana.

Talvez as outras quedas de energia tenham sido condicionamento. A essa altura, já estamos acostumados. Não é para ficarmos preocupados com o fato de que o resto do Brooklyn esteja iluminado a distância, sem saber ou se importar com o que acontece na escuridão de Gifford Place.

Essa compreensão, combinada à escuridão e à umidade, está me empurrando para o chão. Meu coração já estava na boca, e agora sinto arrepios apesar do calor porque *a sensação* deste blecaute é diferente.

Drea está morta. Nunca mais vai voltar.

Renovação.

Um homem acabou de tentar me matar na minha própria casa.

Remoção.

Minha respiração começa a ficar rápida e curta, sinto uma dor no peito e a crise de ansiedade está pronta para irromper, me paralisando e sufocando.

Não.

Preciso me controlar.

A imagem das últimas palavras de Drea, em texto, aparece na minha cabeça. Eu me forço a afastar aquilo da mente. Se pensar demais, vou morrer. Esse é o ponto principal aqui.

Inspiro profundamente. E de novo.

Respire.

— Bem, que merda — diz a srta. Candace em algum lugar perto de mim. — Isso não é bom.

Uma mão segura meu braço, e, embora eu esteja pronta para atacar qualquer coisa que me toque, a voz baixa de Theo surge quase de imediato. Ele aperta meu braço duas vezes e depois me dá a mão.

— Isso me lembra... Uma vez, um dos namorados da minha mãe me levou para uma caçada noturna — conta. — Ele se divertia muito perseguindo criaturas em pânico na escuridão. Isso aqui parece algo assim. Só que desta vez eu não sou um dos caçadores.

— Vamos levar Candace de volta para casa — sugiro e, um a um, celulares brilham no escuro ao nosso redor, como insetos azuis reluzentes e gigantes voando para lá e para cá.

— Droga, eu queria assistir ao jogo hoje, mas a internet também caiu — reclama um homem cuja voz não reconheço, que suspira dramaticamente agitando o celular. — Nem dá para usar o celular como roteador. Que merda,

cara. Olha. Olha. O centro médico está fechado há anos e lá tem luz?

Ele aponta com o telefone para o fim da rua.

O amigo, parado ao lado dele, ri.

— Será que eles têm uma TV com ESPN por lá?

A piada deles só contribui para a sensação de irrealidade porque, quando olho para o fim da rua, realmente *há* luzes no antigo hospital.

— Eles estão fazendo uma reunião — diz Theo, baixinho. — E as luzes vêm do hospital que a VerenTech acabou de comprar. Não acho que seja uma coincidência. E juro que vi algo lá na outra noite.

— O que foi aquele barulho que veio da sua casa, Sydney? — pergunta de novo a srta. Candace, tocando meu outro braço.

— Fogos de artifício. Acho que você precisa ir ficar com a Paulette, srta. Candace. Ela deve estar assustada, já que não gosta de... Ah, porra. — As divagações de Paulette sobre o blecaute de 1977 voltam com tudo.

Mais cedo, eu estava dizendo a Theo como essas coisas acontecem em ciclos, as pessoas brancas invadindo as comunidades, seja na terra dos algonquinos lá no início, seja, mais recentemente na história, em Weeksville. Se eu estiver certa, o que Paulette disse torna essa escuridão ainda mais assustadora.

Destruir e reconstruir.

Estamos na fase da destruição.

Olho para o fim da rua na direção oposta ao hospital e vejo mais telas de celulares brilhando a distância — não,

não são luzes de celular. É o reflexo longínquo dos celulares daqui em superfícies espelhadas.

— São os policiais — grito, estendendo a mão para o último lugar onde ouvi a voz da srta. Candace.

Depois de agarrar apenas o ar algumas vezes, finalmente seguro seu pulso.

Do outro lado do quarteirão, há uma legião de policiais — eu imagino. Não consigo enxergar muito além das luzes refletidas em seus escudos de plástico e das silhuetas escuras e musculosas.

Por um momento, acredito que estão aqui para me pegar, ou pegar Theo, ou o cara sangrando no meu corredor, mas não. Para isso, não seriam necessários tantos policiais, nem escudos.

Destruir e reconstruir.

Caçada noturna.

Renovação.

— Circulando! — grita uma voz em um megafone enquanto a marcha de passos continua pela rua. — Circulando! Quem continuar protestando vai ser preso e está se colocando em risco de uso de força letal.

— Continuar protestando? — repete o homem que fez piada sobre o hospital. — Que porra é essa? Ninguém aqui está protestando.

— Todo mundo, para dentro — grita Theo, correndo e me puxando junto para a casa da srta. Candace. — Vão para suas casas e não deixem ninguém entrar.

— Eu não vou para lugar nenhum — rebate outro cara. — Não fizemos nada e...

Há um flash de luz e um apito no lugar onde estão os policiais, e então um cilindro soltando fumaça é jogado em nossa direção. Ele cai ao lado do homem que estava falando, e, num reflexo, ele chuta de volta para o lugar onde está o grupo de policiais.

— Agressão contra um policial é crime — diz o policial do megafone, com uma risada.

Eles vêm para cima.

É uma corrida curta até a casa de Candace, mas ela é idosa. Ficamos para trás por causa de seus passos, mas um dos caras ao nosso lado a pega no colo, sem dizer nada, e corre até a entrada da casa dela, seguindo seu caminho sem que possamos agradecer.

Sinto um aperto na garganta enquanto ele some na escuridão. Gifford Place sempre foi isso para mim — alguém ajuda você sem pensar duas vezes e depois segue a vida.

É isso que as pessoas por trás dessa *renovação* estão tentando destruir.

A porta de Jenn e Jen se abre, e elas colocam a cabeça para fora.

— O que está acontecendo? — pergunta Jen, com os olhos arregalados.

— Volte para dentro e não saia — ordena Theo, ríspido.

Jen parece magoada.

— Eu só quero ajudar. Devemos chamar a polícia?

— Querida, vá para dentro — sugere a srta. Candace em seu tom firme, mas amigável, enquanto abre a própria porta. — A coisa vai ficar feia, e não quero que se machuque, está bem?

Jenn aparece atrás de Jen, puxa-a para dentro e bate a porta.

Candace olha para mim e para Theo.

— E vocês dois, entrem aqui agora. Precisam me explicar o que está acontecendo.

Sua voz é um pouco menos gentil conosco.

— Precisamos ir até o centro médico — digo, pensando naquelas luzes que não deviam estar acesas. — Passo aqui depois para ver como você está. Entre, se esconda, não deixe que eles a encontrem.

Candace põe a mão na cintura, sem paciência.

— Garota, pare de história e entre nessa casa agora!

Aquela bronca funcionaria para mim em qualquer outro momento, mas Candace não compreende. Ela não sabe que alguns dos nossos amigos estão mortos ou correndo perigo.

Penso no rosto de Drea quando enfim tive coragem de olhar. Ela não parecia serena como mamãe. Havia espuma seca nas extremidades da boca, e seus olhos encaravam a porta, como se ela estivesse esperando que eu abrisse e a encontrasse.

Eu não abri.

Quantas vezes eu tinha passado por ela?

Eu tinha ouvido arranhões nas paredes. Talvez tivesse sido ela. Talvez...

— Sydney!

Theo grita na minha cara e percebo que estava começando a ceder ao pânico.

— Vamos!

Theo segura meu braço enquanto corremos e me guia pela rua quando outra bomba de gás explode perto de nós.

O hospital surge à nossa frente, as luzes brilhantes do primeiro andar iluminando a base do prédio e fazendo com que pareça ainda mais imponente.

— Aonde estamos indo? — pergunto.

— Quando vi Kavaughn, ele apareceu do nada, mas foi *aqui*. Se ele conseguiu fugir, então há uma entrada ou uma saída que podemos usar.

Fico observando enquanto ele olha de um lado para outro, o maxilar tenso e a blusa manchada com o sangue do homem que matou por mim.

— Por que está fazendo isso? — pergunto. — Este não é seu bairro.

E eu não sou nada para você.

— Talvez não — responde ele, magoado. — Mas você sabe como nós, caras brancos esquisitos, temos complexo de herói. É claro que vou me meter e salvar o dia.

— Se não for morto — lembro.

— Estou esperançoso de que posso evitar esse resultado.

Eu não quero que ninguém mais morra, mas também espero de verdade que Theo evite esse resultado. Não sei se algum de nós dois vai conseguir, dados os sons dignos de uma zona de guerra que vêm da minha vizinhança.

Contornamos a cerca de arame, e ele se mexe para tocá-la, então recua.

— Ou a corrida com calça jeans criou uma eletricidade estática, ou isso aqui agora está eletrificado. Não estava no outro dia.

Merda.

Os policiais estão alcançando o nosso lado do quarteirão. Há grupos de pessoas brigando na rua.

Pense, Sydney.

— Lembra que eu contei algumas lendas urbanas de pessoas puxadas para o subterrâneo? — pergunto. — Agora que estamos no meio dessa confusão, anos e anos de boatos sobre pessoas sequestradas e arrastadas para este hospital começam a fazer mais sentido.

— Quando pesquisei, vi uma breve menção a supostos túneis subterrâneos que levam ao hospital — conta Theo. — Quiseram desmentir, mas o boato dizia que foram construídos durante a guerra, quando o hospital era uma fábrica. Se ainda estiverem em uso...

— Sempre disseram para a gente que as pessoas-toupeira nos pegariam se andássemos sobre as grades do metrô ou sobre as portas de metal dos porões... — Olho para a birosca. — Vem comigo.

Agarro a mão de Theo e corro pela rua até a birosca, mais especificamente até a porta de metal para o porão que fica do lado de fora. E as pessoas viviam dizendo que sentiam tremores vindos do subterrâneo, eu mesma senti a trepidação no meio da noite.

— Eu ouvi algo aqui um dia antes de Tony aparecer. Talvez haja um caminho por aqui.

Tento abrir a porta, mas ela não sai do lugar.

— Espera aí — fala Theo, e então tira do bolso algo que parece ser um mini pé de cabra.

Ergo as sobrancelhas.

— Você anda com esse treco por aí?

Ele desliza o equipamento entre as duas portas de metal e começa a balançar de um lado a outro, como se fosse um guerreiro nórdico, até que enfim o mecanismo de tranca da

porta estala. Ele faz toda uma cena ao levantar a primeira porta, depois a outra.

Fico ali diante da escada que leva até a escuridão, e ele para ao meu lado.

— O que você estava dizendo?

Um policial todo paramentado com equipamento antiprotesto surge de repente na esquina e corre em nossa direção a toda — só percebo sua presença quando já está em cima da gente. Sem pensar, tiro Theo do caminho e dou alguns passos para trás. O policial vem em disparada até onde estávamos e pisa bem onde deveriam estar as portas de metal.

Seus braços balançam descontroladamente enquanto ele tenta se firmar, tão próximo de mim que sinto a brisa criada por sua agitação, sinto o cheiro do perfume barato misturado com suor.

Embora tudo aconteça muito rápido, meu reflexo é de que posso segurá-lo, ajudá-lo a se equilibrar.

Mas não faço isso.

Ele cai para a frente e seu queixo atinge o metal da porta antes de suas mãos; seu pescoço quebra com um som rápido e repugnante.

Fico parada ali em choque por um segundo, depois comprimo os lábios. Anos e anos assistindo a comédias exageradas me treinaram para rir diante do pastelão absurdo que é aquela situação — os braços balançando, o choque em seu rosto pelo erro. Um som histérico escapa dos meus lábios antes que eu possa cobrir a boca com as mãos; lágrimas quentes rolam dos meus olhos e formam filetes onde minhas palmas encontram as bochechas.

Essa porra é real. Real de verdade. Não me sinto mal por esse filho da puta, e sei que ele estaria rindo se tivesse acontecido comigo, mas isso é *real*, e não há nada de engraçado.

O rosto agonizante congelado de Drea retorna à minha mente, e me forço a parar de pensar naquilo.

Uma luz ilumina os degraus que conduzem à escuridão do porão — Theo passou por mim com o telefone. Precisamos garantir que o policial esteja morto, e não lá embaixo nos esperando com a arma engatilhada. A luz revela que a cabeça do cara está virada ao contrário lá no fundo dos degraus de cimento.

Algo se move perto de sua cintura, e por um segundo penso que ele ainda está tentando pegar a arma, mas é Frito, que aparentemente escapou da reforma de Tony. Ela se senta na bunda do policial e mia na nossa direção.

Dou uma checada no revólver — ainda está enfiado entre o elástico da minha calça e minha barriga. Eu o pego e o calor do metal é reconfortante; mamãe tinha segurado aquela arma em suas mãos, a tinha conservado. É parte dela, assim como a casa e o jardim. Como Gifford Place. Como eu.

Theo ainda está com a arma que pegou do sujeito morto lá no corredor da minha casa.

Meu bairro está sitiado. Há uma boa chance de nenhum de nós dois sair vivo dessa situação, a julgar pela quantidade de dinheiro e poder que está em jogo.

Eu me forço a começar a descer os degraus na direção da escuridão do porão, porque não há como voltar atrás.

— Vamos.

CAPÍTULO 22

Theo

OBSERVO SYDNEY DESAPARECER para dentro do porão, mas não me mexo.

O que estou fazendo?

Meus olhos ardem quando a nuvem de gás lacrimogêneo me atinge com a brisa. Lanternas piscam loucamente na escuridão, revelando cassetetes levantados batendo em pessoas inocentes. Eu já me envolvi em coisas bizarras, mas isso aqui está um pouco além.

Descer para aquele porão, onde há um policial morto, é uma decisão bem diferente de correr até a casa de Sydney quando vi que havia um homem a perseguindo.

Essa conspiração pode muito bem ser verdadeira, mas, como Sydney acabou de falar, este não é meu bairro. Eu já dei entrada no aluguel de um quartinho ruim em outro lugar. Poderia largar a arma e ir embora. Eu ficaria seguro; qualquer um dos policiais passando pela rua presumiria que estou do lado deles.

E se eu for embora e fingir que isso nunca aconteceu, estarei mesmo do lado deles.

Desço atrás de Sydney até o porão.

— Feche a porta quando entrar — diz ela enquanto desço as escadas. — Não queremos que um de nós caia aqui como esse babaca.

Faço uma pausa ao ouvir as palavras dela, depois concordo com a cabeça e puxo as portas de metal. A tranca está quebrada, mas, com sorte, ninguém vai nos seguir.

A lanterna do celular de Sydney ainda está acesa e, com aquela luz fraca, ela faz uma busca pelo corpo.

Quando chego ao primeiro degrau, ela me olha com um sorriso feroz, os dentes trincados, os olhos arregalados. Tenho certeza de que, se eu colocasse a mão em seu pescoço, sua pulsação estaria loucamente acelerada. Já vi aquela expressão antes, e é bem provável que eu mesmo já tenha exibido aquele olhar depois de conseguir me safar de algo que poderia ter me matado.

Ela me entrega uma arma de choque e pega a pistola do policial para si. Dou uma risada quando vejo a Glock compacta.

Levanto a pistola que peguei do assassino no seu apartamento, para comparar.

— É um conjunto. Item padrão da polícia.

— É claro que aquele cara era policial. É claro. Isso tudo é tão...

Ela respira fundo, pega a lanterna do cinto do policial e fica de pé. Uma luz mais brilhante e nítida de repente preenche o restante do porão e, graças a Deus, não há nada mais lá além de caixas de papelão e comida de gato.

— Não devia haver um estoque aqui? — pergunta Sydney.

Ela examina o espaço, iluminando cada canto. Sua movimentação derruba uma caixa de ração de gato e o conteúdo cai no chão, para a alegria de Frito. Sydney vasculha as paredes de cimento com a luz e procuramos por alguns minutos; nenhum de nós comenta o barulho abafado

dos gritos do lado de fora, e, a certa altura, o tiro que faz os dois pularem.

— Talvez eu estivesse errada — diz ela, se abaixando para fazer carinho em Frito, que se enrosca em seus pés.

Ela fica abaixada, a lanterna sob o braço apontada para trás, e é aí que eu vejo: um fio de sombra na parede cimentada.

Vou até lá com o pé de cabra. A ponta reta encaixa *perfeitamente* na fenda, mas não preciso fazer muito mais do que dar um puxão. A porta se abre com facilidade para dentro do porão. Silenciosamente.

— Não acredito que tirei sarro de você por carregar isso — sussurra Sydney enquanto a porta se abre, e então nós dois ficamos tensos.

Vento balança meu cabelo quando passo à frente dela com a arma erguida. Um corredor se revela quando a porta se abre completamente, tocando a parede do porão. Não, não é um corredor.

— Parece que os boatos sobre os túneis eram verdade — afirma Sydney, com uma voz quase inaudível. — É assustador saber que isso estava sob nós o tempo todo.

Não é o túnel inacabado que me veio à cabeça quando os adolescentes falaram sobre pessoas-toupeira na reunião da festa. É um bloco de concreto construído profissionalmente, com paredes pintadas de bege e uma faixa num amarelo berrante que percorre a parte de cima. Há tubos de halogênio espalhados com uniformidade pelas paredes, e é surpreendentemente amplo, o teto alto o suficiente para passar um caminhão.

Parece um...

— Faz parte do hospital — afirma Sydney, avaliando o local com cuidado, virando a cabeça de um lado para outro. — Tem que fazer.

Quando examino também, compreendo o que ela quer dizer. Tem a mesma atmosfera antiga, estéril e hostil da maioria dos hospitais públicos.

O túnel continua para a esquerda, mas, do lado direito, há uma série de portas duplas na cor bege, com placas de alumínio na parte de baixo, a cerca de três metros de distância.

Ela empunha a arma e começa a seguir para a direita.

— Será que devemos bolar um plano? — pergunto.

— Tipo o quê? Atirar em todas as pessoas brancas menos você? — Ela olha para mim, depois de volta para as portas duplas. — Essa é a única informação que realmente temos.

— Verdade. Estranho. Acho que vamos ter que improvisar.

Nossos passos ecoam no corredor. Fico o tempo inteiro me virando para me certificar de que o barulho não é de alguém nos espionando, mas o corredor está vazio. Não há qualquer movimento, exceto o piscar de uma das lâmpadas de halogênio que precisa ser trocada.

Quando chegamos à porta, Sydney pergunta “Está pronto?” numa voz trêmula de medo. Suas mãos também tremem, e ela rapidamente guarda a Glock atrás da cintura e pega o revólver .22, abrindo a trava de segurança.

Suas mãos agora se estabilizam, mas ela muda o centro de equilíbrio de um pé para o outro, provavelmente sentindo a mesma ansiedade que avança devagar sobre meu corpo.

— Pronto — digo.

Minha respiração acelera quando empurro a porta e Sydney entra na frente. É um anticlímax sermos recebidos por mais portas duplas, e nossa respiração preenche o pequeno espaço enquanto nos preparamos para enfrentar o perigo outra vez.

Assim que Sydney dá um passo na direção da porta, alguém abre devagar pelo outro lado, e ouvimos o som de uma conversa tranquila antes de ver quem é.

— Porra, eles precisam consertar logo essa porta; a outra está emperrada. Enfim, disseram que eu poderia ficar com a casa do Perkins, mas aí deram para aquele idiota do Charlie — diz uma voz familiar. A voz de William Bilford. — Tipo, que merda, fiz todo o trabalho burocrático durante meses e eu *disse a eles* que queria aquelas lareiras. Na casa Jones, vou ter que reformar as lareiras e me livrar de todo aquele cimento do jardim.

A ponta de uma maca com rodinhas atravessa a porta para a sala onde estamos, seguida da voz de uma mulher desconhecida.

— Pelo menos você conseguiu escolher. Eu vou ter que esperar, embora tenha aturado...

Uma mulher de cabelos escuros cacheados presos num rabo de cavalo, vestindo camisa e calças, olha para mim e interrompe a frase.

— Quem é esse? É um dos pesquisadores? — pergunta ela e aperta os olhos, tentando me reconhecer.

— Mudou de ideia? — pergunta William, claramente se divertindo. — Só depois que começou a dar merda? Eu disse para você entrar no esquema logo.

— Srta. Gianetti?

É só quando Sydney fala que eles parecem notar sua presença. A mulher fica alarmada.

— Srta. Green. — A mulher parece estarrecida. — O que está...?

— Pelo visto é por isso que não podia ajudar minha mãe a recuperar a casa. — A voz de Sydney é baixa e cruel, nunca a ouvi com tanta raiva.

— Não, não é nada disso — pondera a mulher, os olhos se movendo rapidamente de mim para William. — Eu tentei muito, mas não havia nada a fazer.

— É claro que não havia nada a fazer! — exclama Sydney, e aponta a arma para ela. — Diga a verdade. Você ajudou a enganar uma idosa doente e lhe tirou a casa à qual ela dedicou a vida.

— Ela não é tão velha — responde Gianetti. — E nada do que fizemos foi ilegal. Você pode tentar encontrar outro advogado, mas a responsabilidade de ler as letras pequenas e considerar todos os detalhes da venda é do proprietário.

— Como tem coragem de fazer isso com as pessoas?

Eu já vi Sydney perder a cabeça, mas neste momento sua voz está calma. Quero chegar perto, mas essas pessoas a magoaram, e não a mim. E ela está tão fora de si que não presta atenção aos movimentos deles.

A mulher não responde, e Sydney insiste.

— Como vocês fazem esse tipo de coisa e acham que simplesmente podem se safar? Vocês não se importam de prejudicar as pessoas? Não se importam por estar destruindo vidas, tirando mais e mais dos outros quando vocês já têm o suficiente?

Gianetti de repente parece entediada e não mais assustada.

— Estou cansada dessa gente. Você diz isso agora, mas não foi capaz de ter o mínimo de responsabilidade para aparecer na reunião de quinta! Igualzinha à sua mãe, chorando depois do acontecimento e esperando tratamento especial. Se sua mãe queria manter a casa, devia ter pagado os impostos e não ter sido tão ignorante a ponto de cair num...

As palavras da mulher são interrompidas novamente, mas não pela surpresa ou por uma pergunta — dessa vez é por uma bala alojada precisamente na área do cérebro que fica atrás do palato.

O estampido do tiro reverbera na sala, e a mulher tomba sobre a maca, os olhos arregalados.

— Cacete, Sydney — grito, pulando para trás, mas ela me ignora, o olhar focado em William.

— Bill Bil — diz ela, virando a arma para ele. Sua voz está alta, como se o barulho ainda reverberasse em seus ouvidos. — Tem algo a dizer sobre a minha mãe?

— Eu não a conheci, mas tenho certeza de que era uma ótima mulher. — Sua expressão é suave apesar dos pedaços do cérebro da colega respingados nele.

— Ótimo. Então pode começar a responder a algumas das minhas muitas perguntas. — Sydney olha para Gianetti e depois de volta para William. — Para que é essa maca? Por que estava falando sobre ter escolhido a casa do sr. Perkins?

Ele dá de ombros e olha para trás. De onde estou, consigo acompanhar sua linha de visão até uma alavanca vermelha

para um alarme de emergência na parede, a pouco mais de um braço de distância dele.

— Acho que houve algum tipo de mal-entendido — diz William, dando um passo para trás. Sydney chega mais perto dele.

— Se fosse um mal-entendido, você estaria um pouco mais preocupado por eu ter dado um tiro na cabeça da sua colega. *Comece a falar*.

— Estou só fazendo o meu trabalho, está bem? Eles me disseram que eu poderia escolher uma das casas da rua se tudo desse certo. — Ele estende a mão para trás e eu miro em seu ombro.

— Pare de se mexer — digo.

A mão dele para.

— E como acha que ia conseguir a casa? Num passe de mágica? — pressiona Sydney. — Como pode reivindicar algo que pertence a outra pessoa?

— Eu não sabia que eles estavam machucando as pessoas — continua William, com lágrimas nos olhos. — Eles disseram que estavam pagando aos moradores pelas casas.

— Então para que a maca? — pergunta Sydney.

— Ah. Isso? Hum. — Os olhos dele se alternam entre nós dois. — Bem...

De repente, a maca é empurrada na direção de Sydney — eu estava observando as mãos dele, não os pés, e ele a chutou na direção dela. A maca a atinge nas coxas e a desequilibra, e Sydney tomba na porta. William se inclina para trás, os dedos quase tocando o alarme.

Minha arma já está apontada. O elemento surpresa é tudo que temos, e, se ele avisar às pessoas sobre nossa

presença, estamos mortos. Dou um tiro silencioso.

A reverberação do tiro percorre meu corpo, e William Bilford despenca em cima da maca sobre a amiga, um jato de sangue saindo de seu peito. Seu peito, não seu braço. Há um buraco onde normalmente fica o coração.

Merda.

— Por que matou ele? — Sydney está com os olhos arregalados. Ela limpa freneticamente as bochechas, onde o sangue respingou. — Eu estava tentando fazê-lo explicar o que está acontecendo aqui.

Contraio o rosto e respiro fundo pelo nariz.

— Era para ter sido um tiro no braço, para impedi-lo de puxar o alarme, mas pelo visto minha mira não é tão boa quanto a sua. Eu sou melhor com facadas e socos.

— Tudo bem. Eu matei um, você matou um. — Ela olha para os corpos. — Beleza. Eles estão mortos. Estão mortos.

— Sydney?

Ela se abaixa e começa a empurrar a maca com dificuldade por causa do peso.

— Não podemos deixá-los aqui caso alguém apareça. E não sabemos se as pessoas que vamos encontrar estão armadas. Podemos usar isso para nossa defesa.

Fico ao lado dela e empurramos a maca pela porta.

— Ela é a advogada que disse que poderia me ajudar a recuperar a casa — explica ela quando entramos no que parece ser outro corredor, apontando com a cabeça para o corpo da mulher. — Ela me enrolou por quase um ano, agia como se estivesse muito preocupada e revoltada com o caso da minha mãe. Estou começando a me perguntar se todos vocês são tão perversos.

— Nada que eu diga agora vai tranquilizar você quanto a isso. — Respiro fundo e o cheiro de sangue preenche minhas narinas. — Espero que a gente consiga sair dessa. Porque eu gosto muito de você. E gostaria de passar um tempo com você sem estarmos metidos no meio de uma rede de conspiração. Sei que não deveria estar dizendo isso quando estamos empurrando dois corpos, mas a vida é curta.

— Nada de errado em dar em cima de alguém no meio de um banho de sangue. Se não for agora, quando? — pergunta ela com ironia, mas não retribui o sentimento.

Chegamos a uma curva no corredor e viramos para a direita, manobrando devagar a maca e sua carga aterrorizante. Atravessamos outras portas duplas — automáticas, e não estavam totalmente fechadas.

O corredor seguinte é um pouco mais escuro, as paredes estão pintadas de um cinza sinistro e muitos dos bocais de luz estão sem lâmpadas. Entramos numa ala diferente.

A primeira coisa que me atinge é o cheiro. Fezes. Suor, odor corporal.

Desespero.

Há grandes janelas nas paredes do corredor a seguir — não são de vidro, é um material mais difícil de quebrar. Algo bom para manter as pessoas confinadas. Isso parece uma cela — e não deveria estar no porão de um antigo hospital desativado.

Não há qualquer som a não ser nossa respiração ofegante e o rangido das rodas da maca. O silêncio em volta é aflitivo, sinistro.

Quando chegamos perto da primeira janela, a mão de alguém bate forte contra ela, e Sydney para bruscamente,

fazendo-me esbarrar — o corpo de William Bilford desliza para fora da maca e cai no chão com um estrondo pesado.

— Sra. Payne? — Ela salta sobre o corpo no chão e põe a própria mão na janela.

— Não, não, não. Isso é demais. Isso é...

As palavras cessam e ela apenas balança a cabeça, olhando para o cômodo.

Quando me aproximo, há uma mulher idosa com cabelo emaranhado e as bochechas murchas pela falta de dentes olhando para Sydney através do acrílico. O branco de seus olhos na verdade está amarelo, e cheio de lágrimas. Observo aqueles olhos por um longo momento.

Eu os reconheço.

— Ela é... Eu encontrei um álbum de família pouco depois de me mudar. Estava no lixo. Ela está em várias das fotos.

Eu havia me perguntado por que alguém jogaria no lixo memórias tão preciosas. Essa mulher não tinha jogado aquilo fora. Quem quer que tenha roubado sua casa cuidou disso.

A mulher, não mais aquela garota de olhos brilhantes ou a jovem sorridente das fotos que olhei diversas vezes, bate no acrílico onde está a mão de Sydney, pressionando forte como se pudesse tocar Sydney através dele. Reconheço a expressão no olhar dela — é a mesma com que Kavaughn olhou para mim.

Desespero.

Um pedido de ajuda.

Ela aponta para os tubos em seus braços, fazendo gestos que não consigo entender.

— Eles disseram que abririam um centro de pesquisa e fizeram exatamente isso — conclui Sydney em voz baixa, mas, quando olha para mim, seus olhos estão arregalados e assustados. — Essa é Doris Payne. A mulher cuja casa você pegou.

CAPÍTULO 23

Sydney

OLHO PARA THEO E SINTO UM HORROR tão avassalador que estou a ponto de desmaiar. Doris está enjaulada. Enjaulada como um animal. Ela sempre teve tanto orgulho de sua aparência, e eles a deixaram aqui assim.

— No dia do passeio, sua namorada estava olhando para a casa dos Payne. — Eu prestei atenção nisso na hora em que bati a porta na cara do Theo, mas só agora me lembrei e me dei conta do que significava. — É como Bill Bil disse. Eles querem uma casa, eles pegam. Não importa se alguém vive lá.

— Eu não tinha a menor ideia de nada disso.

Começo a me perguntar como é possível que ele não soubesse de nada.

— Por que foi naquele passeio, afinal? — pergunto, e meu corpo todo treme. Parece que cada célula quer fugir numa direção diferente. — Para Kim poder fazer seu jogo bizarro? Uni-duni-tê, escolhi você... para sequestrar e torturar?

Doris olha para Theo, mas não tem qualquer reação diante dele. Nem medo, nem raiva, nem reconhecimento. Seu olhar se volta para mim, disperso, horrível e suplicante.

Ela vendia produtos da Avon e me dava umas amostras do creme Skin So Soft no verão, quando havia muitos mosquitos. Aquele cheiro suave sempre me fazia lembrar

dela, mas agora o cheiro no corredor torna a recordação impossível.

Theo não me toca, mas chega mais perto.

— Kim me disse que o pai dela tinha os ingressos para o passeio, e que seria uma boa maneira de dar uma olhada na vizinhança, já que estávamos pensando em comprar o apartamento.

Desvio o olhar da janela e de Doris, e vejo uma porta ao lado do pequeno quarto dela, onde há apenas um catre e um balde. A porta tem uma fechadura resistente, protegida por um código eletrônico. Há um formulário na parede ao lado da porta que diz *Cobaia 3*, e logo embaixo alguém escreveu a palavra *inviável* a caneta.

Tento organizar todos esses dados, dar sentido a tudo isso, mas meu cérebro não consegue lidar com esse horror.

— Sydney.

Ignoro Theo e atravesso o longo corredor, alternando um lado e outro enquanto examino cada quarto e cada formulário.

A Cobaia 1 é um homem de pele escura que não conheço, e que está deitado imóvel em seu catre.

Inviável.

Cobaia 2. A srta. Wanda, droga, srta. Wanda, frágil e curvada, coçando o pescoço.

Inviável.

— Sydney — o sussurro firme de Theo se perde na confusão da minha mente.

Cobaias 4 e 5 são desconhecidos, um homem e uma mulher. Talvez a mulher seja a que Amber mencionou, que

supostamente foi sequestrada pela grade do metrô. Ou talvez aquela mulher já esteja morta.

O número 6 é Abdul. A cela dele é um pouco diferente — ele está numa maca, conectado a máquinas que monitoram seus sinais vitais.

Estou correndo agora, o coração palpitando, os rostos conhecidos e desconhecidos se misturando. Um estranho batendo na própria cabeça. Jamel Jones, que eu vi poucos dias atrás, desacordado e com um dispositivo intravenoso no braço.

O corredor parece não ter fim com seus quartos e seus ocupantes em diferentes estágios. São à prova de som, eu me dou conta em algum momento, então o choro sufocado que ouço ecoando no corredor é o meu.

Cobaia 18. O sr. Perkins está sentado na beira da maca, olhando para o chão. Parece tão mais magro se comparado a apenas poucos dias atrás, as rugas em seu rosto como as pregas em um tecido.

Bato desesperadamente na janela e ele ergue a cabeça devagar. Ele me encara, nenhum reconhecimento em seus olhos, mas se levanta e caminha na direção do vidro.

Seus movimentos são abruptos; a cabeça cai para o lado.

E então ele avança na minha direção, os punhos batendo no vidro. Não posso ouvi-lo, mas a boca está escancarada num grito, que lanca pingos de saliva na janela. Seus olhos estão cheios de ódio — eu nunca o vi com tanta raiva.

Uma sirene ressoa no corredor, mas fico ali congelada. Mesmo quando um par de braços me segura e me arrasta de volta para o portal recuado do outro lado da sala, continuo encarando a expressão raivosa do sr. Perkins.

As portas duplas que demarcam essa ala se abrem devagar com um longo silvo, um barulho automático, e duas mulheres brancas entram no hall, uma de cabelo escuro e outra grisalha. Usam calças jeans e camisetas, mas vestem jalecos brancos por cima. A de cabelo grisalho, com corte curtinho, passa o cartão de identificação para abrir a porta do sr. Perkins e elas entram. Enquanto isso, os gritos dele preenchem o corredor, e eu odeio reconhecer sua voz no meio daquele choro de pura dor.

— A chave — formula Theo só com os lábios ao passar por mim, e me empurra firme na parede, uma ordem para não sair dali. Ele nem precisava fazer isso, já que não consigo mesmo me mexer. O horror de tudo aquilo me paralisou, me envolveu de tal maneira que é como se eu, não o corpo sem vida da srta. Gianetti, estivesse presa naquela maca.

Ele vai na direção do quarto, agachado, e então espia pelo vidro da porta. Espero que entre atirando, mas ele espera. E espera mais. A fúria começa a tomar conta de mim à medida que ouço os lamentos do sr. Perkins, mas então eu lembro.

Minha mira não é tão boa quanto a sua.

Ele está esperando para dar um tiro certeiro.

Não quer machucar o sr. Perkins.

Os uivos diminuem, e a primeira mulher sai para o corredor, depois a segunda. Antes que a porta se feche, Theo se levanta atrás delas e diz:

— Não se mexam.

As duas mulheres param, mas a mão da de cabelo escuro vai em direção a algo protuberante no bolso. Aquilo que me

impedia de me mexer se solta quando reconheço o movimento — ela vai pegar uma arma.

Saio do recuo e atiro. A mulher leva a mão à barriga e cai no chão, gritando de dor, não muito diferente do sr. Perkins.

— Ah, meu Deus, Julia! — grita a mulher mais velha, e Theo vai até ela, pega seu cartão de identificação e a revista, procurando por armas.

Revisto a mulher no chão e ela segura minha mão.

— Me ajuda — pede ela, com lágrimas que caem do rosto em direção ao cabelo.

Solto a mão dela e procuro por armas — estou duvidando de mim mesma agora, imaginando que talvez ela fosse pegar o celular e eu tenha atirado em alguém à toa... Não, é uma arma.

Com um silenciador. Igual à que Theo pegou do cara lá em casa.

— Não me deixe morrer aqui, eu tenho um filho. Um marido. — Ela segura a barriga e grita de dor.

Sinto a pena e a culpa me invadindo, mas então lembro a mim mesma que todas essas pessoas presas aqui têm famílias e uma vida também.

— O que você fez com o sr. Perkins, *Julia*? Com todas essas pessoas?

— Sr. Perkins?

— Cobaia dezoito — digo, com firmeza.

Ela tosse e evita olhar nos meus olhos.

— Meu trabalho.

— Que é?

Ela começa a chorar com sinceridade, agora me encarando.

— Por favor, me ajude, está doendo muito!

Quero chorar também. Eu fiz isso com ela. Será que ela merece? Será que a srta. Gianetti merecia? Quem sou eu para decidir? E se eu estiver errada?

Minha visão começa a borrar e respiro fundo.

— Vou te ajudar quando você me explicar — digo, por entre os dentes. — Não quero machucar ninguém. Só preciso saber o que está acontecendo aqui. Não posso ajudar até que você me explique.

— Estamos pesquisando a cura para o vício em opiáceos — afirma ela depressa, os olhos brilhando de esperança. — Precisamos de cobaias humanas, e as leis tornam o progresso muito difícil. Há uma clínica de metadona aqui perto, e pegamos algumas pessoas lá. E os outros...

— Cale a boca, Julia — ordena a mulher mais velha, e depois grita quando Theo a imobiliza com mais força.

Puxo a gola da camiseta de Julia para chamar sua atenção de volta para mim.

— Por que assim? Vocês já ganharam a concorrência para o novo centro de pesquisa. Por que fazer as coisas dessa maneira?

— Novo centro de pesquisa? Novo, não. Você quer dizer *oficial.* — Suas palavras são lentas, e, quando ela sorri, os dentes estão cobertos de sangue. — E nós fazemos isso porque podemos.

Saio de perto dela, segurando a arma, e ela se contorce no chão e grita.

— Me ajuda, vadia!

— Vá abrindo as portas — diz Theo atrás de mim, me entregando o cartão-chave. — Comece pelo outro lado da

sala.

— Mas...

Ele pega a arma dela da minha mão.

— Vá.

Sua voz é firme, mas não maldosa.

Corro para o outro lado da sala, deslizando freneticamente o cartão nas fechaduras e abrindo cada porta. A maior parte das pessoas não está em condições de se mexer, mas algumas começam a sair. Pelo menos não estão mais presas. Não podemos chamar a polícia nem uma ambulância. Não podemos confiar em ninguém.

Quando as portas se abrem, os gritos e gemidos de todas as pessoas que a VerenTech vem usando como cobaias — estranhos, vizinhos e amigos — preenchem a sala.

Quero tapar os ouvidos. Quero fugir de tudo isso. Mas continuo destrancando e abrindo as portas, uma a uma.

Quando volto para perto de Theo, há dois filetes de sangue que conduzem ao quarto vazio ao lado do ocupado pelo sr. Perkins.

— Seguimos ou voltamos? — pergunta ele, sério, quando lhe devolvo o cartão.

— Não podemos voltar — respondo, embora minha mente esteja desesperada para fazer exatamente isso. — Se nós mesmos levarmos essas pessoas, elas podem morrer. Não podemos chamar a polícia. E, se perdermos o elemento surpresa, essa gente vai se safar. Preciso terminar essa merda.

Theo não diz nada. Apenas verifica o pente de balas, e depois passa o cartão de identificação diante do sensor ao lado das portas duplas que conduzem para fora daquela ala.

Quando as portas se abrem, eu entro.

CAPÍTULO 24

Sydney

— JÁ JOGOU UM DAQUELES JOGOS DE TIRO em que o atirador é você? — pergunta Theo. — Aqueles de guerra, em que você precisa ir de sala em sala, atirando no inimigo para avançar no jogo?

— Odeio esse tipo de jogo — respondo. — Nunca consigo me entender com os malditos controles, sempre surto e acabo eliminada. Uma arma de verdade é...

Mais fácil. Mais fácil e um milhão de vezes mais difícil, porque não são pixels numa tela. As pessoas em quem atiramos, as pessoas que matamos, são reais. Ai, meu Deus, elas são reais, e de certa forma eu nem consigo mais sentir isso. Não sou uma assassina de sangue-frio — acho que meu cérebro atingiu um estágio tal de sobrecarga que as opções são me enrolar em posição fetal ou seguir em frente.

Seguro forte a arma, meus olhos percorrem o ambiente onde entramos, uma espécie de lobby. Procuro por mais pessoas em quem talvez tenhamos que atirar.

— Vou vender meu PlayStation depois disso — afirma Theo num tom sombrio, enquanto examina o local.

O lobby pelo qual estamos passando é pequeno e tem o mesmo esquema de cores amarelo e bege da primeira parte do túnel. Essa parte é um pouco mais bonita do que as que vimos até agora.

Em vez de jaulas com cobaias, aqui há escritórios normais do outro lado das portas de vidro. Há plantas em cima das mesas e penduradas no teto. Fotos de crianças e famílias espalhadas em porta-retratos de todas as formas e tamanhos.

Poderia ser qualquer local de trabalho, silencioso porque está todo mundo de folga no fim de semana. Não. Duas pessoas, quatro pessoas, estavam trabalhando e agora... não estão mais.

Theo caminha na minha frente, examinando os escritórios. Ele para tão repentinamente diante de um deles que imagino haver alguém lá dentro, mas ele não diz nada nem levanta a arma. Apenas mexe a mandíbula, fazendo o pomo de adão subir e descer.

Quando paro ao lado dele, olho para o escritório que pertence a uma das pessoas que já não estão mais trabalhando. Na parede, está pendurado um pedaço de tecido roxo estampado que se compra em uma das lojinhas indianas perto da Nostrand — bem, comprava-se, antes de elas serem fechadas. A sala tem cheiro de lavanda e sândalo, e há cristais de todas as cores e tamanhos nas prateleiras e em praticamente todo lugar. Frases de autoajuda típicas do Instagram aparecem emolduradas, escritas em letra cursiva, como *Cresça e apareça!*, *Apenas respire* e *Gentileza gera gentileza*, e na mesa há um porta-retrato de Julia, em seu casamento, sorrindo ao lado de um homem magro, radiante e negro. Ao lado, há uma foto dela com os dois filhos de pele negra mais clara.

— Meu Deus — diz Theo.

Não consigo assimilar isso. Será que o marido sabia qual era o trabalho dela? Como seus filhos vão se sentir quando a mãe não voltar para casa? Por minha culpa.

Olho para outro lado e vejo outra frase de autoajuda.

O único caminho é seguir em frente.

Balanço a cabeça e continuo a varredura nos escritórios — é isso aí.

Theo se afasta da janela e segue ao meu lado; quando olho para ele, seu olhar é inexpressivo, o rosto está pálido.

Atravessamos o corredor, o vidro torna fácil verificar que se há alguém dentro, está escondido sob mesas ou atrás de portas. Junto aos escritórios, há salas de exame, como haveria em qualquer clínica de emergência — em algum momento, na minha cabeça, eu desassociei esta seção da anterior, mas as pessoas que trabalham aqui provavelmente examinavam as cobaias, ouviam seus lamentos.

Eram elas que faziam os testes.

Theo para e passa a mão no cabelo, agitado.

— Acha que eles eram os únicos aqui? As pessoas que já encontramos?

— Tem a reunião — digo, tentando calcular quanto tempo já se passou desde que pegamos o celular do invasor e olhamos as mensagens do grupo privado. Desde que a polícia começou o cerco à vizinhança. Podem ter se passado minutos ou horas. — Talvez todos estejam lá.

— Melhor continuar, então — diz ele, sem muito entusiasmo.

Chegamos às próximas portas duplas sem cruzar com mais ninguém e usamos o cartão para entrar; elas

conduzem a uma escadaria bem assustadora. Uma gaiola de metal separa este andar das escadas, a pintura cinza descascada revela a ferrugem por baixo, mas a porta está entreaberta. A escadaria em si é feita de concreto, com a atmosfera úmida e pouco iluminada, e há alguns tubos de ventilação e canos espalhados. Começamos a subir, na expectativa de encontrar uma porta a cada andar, mas damos de cara com uma parede branca.

— Theo?

Não queria dizer o nome dele, não queria que minha voz estivesse tão ofegante e tomada de pânico, mas a pouca luz e o silêncio começam a me angustiar como em um pesadelo claustrofóbico. Parte de mim começa a se perguntar se há alguma porta. Talvez devêssemos dar meia-volta — se fizermos isso, a porta de metal da gaiola estará fechada? Isso é uma armadilha? Talvez devêssemos ter voltado. Talvez eu tenha feito a escolha errada, como sempre.

A mão grande de Theo empurra minhas costas enquanto subimos, bem em cima do nó de tensão que cresce entre minhas escápulas.

— Não esqueça que os túneis são subterrâneos, então vai demorar um pouquinho até chegarmos ao primeiro andar. Vai haver uma porta. Só precisamos continuar subindo.

Concordo com a cabeça.

Finalmente, finalmente, chegamos a um andar com uma porta de metal. Um feixe de luz sai pelo espaço debaixo da porta, e a iluminação feia de escritório nunca me deixou tão feliz.

Theo passa o cartão de identificação, e a fechadura apita e abre. Empurramos a porta e entramos em outra ala, que

parece bem diferente dos túneis subterrâneos. Claramente ainda está em obras, mas o centro médico fechou há relativamente pouco tempo. Este andar ainda está bem feio, mas é um feio deste século, com luzes brilhantes incrustadas no teto salpicado de cinza e paredes brancas.

Ouve-se um murmúrio de vozes no fim do salão e o cheiro de café preenche o corredor, embora eu ainda não tenha conseguido me livrar do cheiro do primeiro corredor que encontramos — e que seria o último para as pessoas que entram pelo prédio.

Estou tremendo por dentro, mas minhas mãos estão firmes, e pego a segunda arma. Theo faz que não com a cabeça e se aproxima para cochichar.

— Isso só funciona nos filmes, Syd.

Um ímpeto de frustração toma meu corpo, mas eu o guardo para mim, do mesmo jeito que guardo a arma. Ele está certo, e estou mesmo mais acostumada com a arma da mamãe.

Nós nos esgueiramos pelo corredor, na direção do som de um homem falando alto. De um jeito confiante. Não sei quem é, mas conheço o tipo — o cara que espera conseguir o que quer, e que sempre consegue.

— Ok, temos uma visão ao vivo da rua aqui, pelos drones e câmeras de segurança das campainhas — diz o homem. — Vejam essa confusão. Falei para esses idiotas tomarem cuidado para não destruir as propriedades. Era para isso estar acontecendo no meio da madrugada, não no início da noite, e era para ter sido amanhã, durante a festa do bairro e depois no desfile.

Theo põe a mão no meu ombro, se inclina e cochicha novamente.

— É o pai da Kim.

Eu me dou conta de uma coisa. Até agora, nada foi pessoal para ele. Tudo bem, o falso funcionário da companhia de eletricidade estava transando com sua ex-namorada, mas ele não flagrou os dois nem nada. Ele não sabia quem eram os policiais que nos atacaram e mal conhecia os moradores da nossa rua.

Agora a coisa vai ficar pessoal.

Meus pensamentos começam a acelerar outra vez.

Theo está do meu lado. Mas Drea estava do meu lado também, não é? Até que o dinheiro fez com que ela me traísse.

Theo disse que gosta de mim, mas, se pensar bem, eu fui apenas uma transa para ele esquecer a ex. Ele esteve com a Kim por sei lá quanto tempo, e nós nos conhecemos há apenas uma semana. Eu *odeio* Marcus e não falo com ele desde o divórcio, mas não tenho certeza de que conseguiria entrar numa sala e apontar uma arma para ele, qualquer que fosse o motivo, ainda que eu tenha fantasiado muito a respeito.

Fico paralisada enquanto Theo se adianta, a arma ao lado do corpo.

— Espere — digo, mas aquele sussurro não sai da minha boca, como se eu estivesse de novo em um dos meus pesadelos.

Eu posso fugir, posso correr, mas seria capturada na confusão lá fora e não tenho ideia se alguém acreditaria em mim o suficiente a ponto de voltar ao hospital comigo. Posso

ser presa ou morta, ou colocada num daqueles quartos lá embaixo como cobaia, antes de conseguir fazer qualquer coisa.

Quero confiar no Theo porque ele veio comigo até aqui, mas não confio. Não confio em ninguém nem em nada, a não ser no fato de que preciso pôr fim ao que está acontecendo aqui, e, se eu fugir agora, isso não vai acontecer.

Começo a caminhar também, me preparando para o que quer que surja atrás da porta dessa sala de reunião. O fato de Theo não ter me entregado antes não significa que não o fará agora.

— A renovação não está acontecendo com a tranquilidade que planejamos, mas, se continuar assim, ao amanhecer já teremos um novo bairro sob nosso controle.

— Precisávamos mesmo ter sido tão agressivos? — pergunta outro cara. — Ainda acho que deveríamos ter agido de forma mais sutil, como nos projetos de Williamsburg e Park Slope.

Theo está parado ao lado da porta agora, de costas para mim.

— A jarra está vazia — resmunga uma pessoa, e alguém faz um som para que se cale.

— Sutileza não é mais necessária. Este bairro é nosso. Temos que nos adiantar em relação às outras construtoras que estão tentando entrar — determina o pai de Kim, a voz firme. — Não temos tempo para escrúpulos. Preparar o terreno aos poucos para a renovação já não é uma opção, e, com a polícia, a imprensa e o governo ao nosso lado, não há com que nos preocupar. Mesmo com alguma eventual

destruição e as propinas, os custos para terminar rapidamente com isso serão ínfimos.

A voz de uma mulher interrompe, num tom meio dissimulado. Eu a reconheço de quando ameaçou chamar a polícia.

— Se levar em conta os incentivos que estamos recebendo da cidade, esse projeto vai nos *render* bilhões de dólares para recuperar terras pelas quais poderíamos ter precisado pagar quantidades absurdas de dinheiro. Demos uma de Stuyvesant.

Ela ri.

— Bem, com sorte vamos lidar com as coisas um pouco melhor do que nosso antepassado — rebate o pai dela. — Na próxima tela estão os lucros projetados para a futura *cura do vício*. Metadona tem uma conotação muito negativa, e a próxima crise de drogas a assolar o país precisa ser com um produto mais divertido, moderno. Algo que possa interessar a uma família do interior do país e também a uma família urbana millennial.

— Nossos times de monitoramento começaram a encontrar algumas histórias que conectam nossa produção de opioides ao dinheiro que recebemos para encontrar a solução, mas nenhuma delas colou ainda — acrescenta outra voz mais profunda, claramente um puxa-saco pelo tom. — Basicamente, elas são rechaçadas como teoria da conspiração de gente maluca.

Várias pessoas riem.

— Ótimo. Vamos plantar algumas outras histórias, e também umas mais elaboradas, tipo que estamos criando

bebês em tanques ou algo assim. De repente, podemos reviver a história das pessoas-toupeira, sempre faz sucesso.

— Falando em parasitas — emenda outra pessoa —, sobre a cura em si, embora tenha sido eficaz em ratos, a maioria das nossas cobaias humanas não se saiu tão bem. Essa aqui era promissora, mas foi comprometida.

— Estamos tentando comer aqui — reclama outro homem, aborrecido.

Puxo Theo pela camiseta, mas ele ignora e entra na sala. A conversa de repente é interrompida.

Merda. Merda, merda, merda.

Era para termos o elemento surpresa, não simplesmente entrar numa sala e ficar olhando para eles.

Seguro minha arma e dou uma olhada para dentro com cuidado. Theo está parado lá como um idiota, bloqueando parcialmente minha visão. Depois de tudo o que aconteceu, eu esperava que a sala estivesse cheia de monstros, mas não. Apenas um monte de pessoas normais com ternos amassados, a maioria homens brancos. Mas não todos. Caramba. Reconheço o homem negro que está paralisado com o guardanapo na boca, prestes a comer — é um político que trabalha por aqui há anos. Um asiático mais velho vira a cabeça para Theo com as sobrancelhas erguidas.

Estão todos sentados ao redor de uma mesa oval com copos de papel, pratos e pilhas de documentos espalhados. Uma apresentação em PowerPoint está sendo projetada. Poderia ser qualquer reunião, em qualquer empresa, com a diferença de que essa tela mostra uma foto de Kavaughn,

os olhos inchados e crostas de sangue nas narinas. Há saliva verde escorrendo dos cantos da boca até o pescoço.

Viro a cabeça, encosto na parede ao lado da porta e tento acalmar meu estômago, meus nervos, minha alma. Eles mataram Kavaughn. E Drea. Querem matar todos nós.

— Você disse que ele estava morto, Kimberly — diz o pai dela.

— Não jogue a culpa em mim. Erik me disse que...

— Ei — corta Theo, com firmeza. — Chega. É isso. Vocês foram pegos. Acabou.

— O quê? Ah, você achou mesmo que poderia nos impedir?

A risada incrédula no tom de voz dela apaga todas as minhas emoções, menos uma — a raiva.

— Você sempre tentou ser muito inteligente, mas nunca foi nada além de gentalha — diz ela, e seu tom é muito parecido com o de Marcus quando me dizia com muita calma que eu não valia nada. — Achou que entraria aqui, nos pediria para parar, e então nós atenderíamos? Foi assim que você imaginou na sua cabeça? Você nunca prestou atenção, mesmo quando conheceu minha família e nossos amigos, não é? Todos os advogados, executivos e políticos?

— Você não pode nos impedir. Isso é muito grande e há muito dinheiro em jogo — diz, com calma, o pai dela. — Somos os donos das cadeias, seu imbecil. Elas não são para gente como nós.

O pai da Kim está certo. No melhor dos cenários, há alguns bons policiais nessa história, uns poucos advogados honestos e um júri que poderia fazer a coisa certa. Mas o

máximo que pode acontecer é ele ir preso por poucos anos. E nem é certo.

Faço o sinal da cruz, algo que não fazia desde a adolescência, e então entro como uma tempestade na sala. Mas não fico só parada ali — eles já disseram que nada que façamos nos limites da lei vai impedi-los. Estou com o filho da puta na mira, em pé, com um sorriso debochado no meio da sala, e aperto o gatilho até o cilindro ficar vazio.

Observo seus olhos, vejo o deboche desaparecer deles, mas não sinto nada desta vez. Não com o rosto de Kavaughn naquela tela, embora agora ele esteja salpicado com o sangue daquele velho.

A sala fica em silêncio, todos em choque. Kim, vestida com um terninho ao estilo Hillary Clinton, se levanta e olha para mim.

— Você... você...

— Está conseguindo me ver agora, não é, vadia? Que curioso.

Aponto a arma para ela e atiro, mas esqueço que fiquei sem munição no meio do acesso de raiva. Ela se enfia embaixo da mesa e começa um pandemônio. As pessoas que estavam sentadas à mesa, em choque, correm, derrubando cadeiras, e as palavras do pai de Kim pairam na minha mente.

Não pode nos impedir. Somos os donos das cadeias.

Não tenho tempo para recarregar a arma. Saco a Glock que peguei do policial, me confundo um pouco com a trava de segurança, e começo a atirar. Esta é uma arma de calibre mais alto; não é muito confortável de segurar, e acertar um alvo em movimento é bem mais difícil do que

um parado na sua frente — cerca de um terço das pessoas caem baleadas, mas as outras fogem da sala.

Merda!

A arma trava e eu a sacudo, como se aquilo fosse resolver, mas está estragada. Não sei o que fazer, então a jogo no chão, pego o revólver confiável da mamãe e começo a procurar o pacote com as balas no bolso.

Os gritos e a confusão das pessoas que acertei preenchem a sala, mas até isso é abafado pelo barulho das batidas do meu coração, minha respiração e o zumbido em meus ouvidos.

As balas caem no chão quando ouço o barulho de uma arma sendo engatilhada próximo à minha cabeça.

Theo.

— Não — diz ele, com uma voz praticamente irreconhecível. — Nem pense nisso.

Pensei que não seria capaz de sentir mais nada além da raiva, mas a tristeza me dilacera, como se tudo que eu estava tentando não sentir de repente explodisse dentro de mim. Eu não tenho ninguém.

Ninguém.

Vejo o cano da arma de canto de olho. Está tremendo incontrolavelmente, e, quando Theo passa por mim, vejo para onde ele está apontando. Enquanto eu recarregava, Kim saiu debaixo da mesa com uma arma na mão.

— Kim, agora acabou de verdade — diz Theo.

A expressão dela fica mais suave, os olhos cheios de ternura, embora ainda esteja apontando a arma.

— Vai me matar mesmo, amor?

— Atire, Theo. Ela vai matar a gente. Já machucou muita gente.

Kim inclina a cabeça e sorri.

— Estou feliz que não esteja morto, sabia?

— Por quê? — pergunta Theo com uma voz triste, ainda parado ali.

Não consigo colocar as balas na arma porque minhas mãos também tremem, meu corpo já sobrecarregado por tudo o que aconteceu, embora minha mente ainda esteja funcionando.

— Theo, por favor — imploro, e mais balas caem no chão.

— Porque você finalmente fez algo de útil. Eu estava mesmo esperando que meu pai morresse. Agora, estou no comando — explica ela, e ri com deboche, destravando a arma. — Você é grande e forte, mas adivinha? É só um garotinho mimado da mamãe.

— Howdy Doody! — grito para Theo. — A porra do Howdy Doody!

Theo solta um grunhido, seu dedo aperta o gatilho e Kim cai de costas, o sangue brotando da parte da frente de sua blusa como as zínias que mamãe plantava no jardim de casa.

Não tenho tempo de dizer nada, de assimilar nada; ouço passos vindo pelo hall na nossa direção, e Theo está parado, olhando perplexo para o local onde Kim estava. Estendo a mão para pegar algo que parece uma pistola no bolso de trás dele, mas é a arma de choque que tiramos do policial.

Uma bala passa rente à minha cabeça. Me viro, giro o que espero ser a trava de segurança e, quando um ponto de laser aparece no peito do cara que está atirando, disparo.

Dois fios de metal são ejetados e o atingem, e ele cai no chão, se contorcendo. Não dou trégua e fico olhando a arma cair de seus dedos esparramados, e o boné do Red Sox tomba, sendo esmagado quando ele rola por cima.

— O filho da puta do Drew — digo, numa voz tão baixa que arranha minha garganta.

Finalmente tiro o dedo do botão, já estava com cãibra de descontar toda minha raiva naquela arma.

Vou até Drew e pego sua arma. Não consigo atirar nele, inconsciente e com uma mancha de urina na calça. Eu deveria matá-lo, mas, em vez disso, desabo no chão quando minhas pernas desistem sem muito aviso além de um tremor.

Theo vem até mim.

— Desculpe por ter ficado paralisado. Eu devia... Eu devia...

— Está tudo bem não ser *tão* sangue-frio assim — digo, os dentes começando a bater. — Eu certamente não sou. Caramba.

Theo desaba ao meu lado e me puxa para perto, e ficamos assim por um minuto. Abraçados em meio a uma sala cheia de corpos e sangue, porque, se não precisássemos de um abraço depois de tudo isso, significaria que esta noite tinha quebrado alguma coisa dentro de nós para sempre.

— Precisamos tirar as pessoas que estão lá embaixo nos quartos — observo.

Não quero sair desse abraço, mas talvez haja outros Drews e sem dúvida há pessoas que precisam de

atendimento médico imediato. Não sei como vamos conseguir, mas precisamos terminar isso.

— Vamos.

Nós descemos de novo as escadas — meu pico de adrenalina já baixou e estou completamente exausta, mas a noite não está nem perto de acabar. Pegamos, cada um, uma cadeira de rodas do lobby enquanto voltamos àquela ala horripilante de terror que encontramos primeiro.

Quando passamos pelas portas duplas, meu coração para. O sangue no chão sumiu. Todas as portas dos quartos das "cobaias" estão trancadas, sua dor mais uma vez encerrada atrás das portas à prova de som.

Há dois homens que parecem no máximo recém-saídos da faculdade, um com o cabelo preto ensebado, vestindo uma camiseta com imagens de diversas posições sexuais, e outro com cabelo cacheado castanho e características que as pessoas considerariam racialmente ambíguas. Eles estão em pé conversando com um cara branco mais velho, vestido com um terno manchado de sangue, a poucos metros de nós.

— Ah, aqui estão eles — diz o homem, a voz irritada ao olhar para nós, ignorando totalmente nossas armas. — Perfeito. Aprontem os dois e então podem experimentar o Feelbutrol neles. O que acham? *Feelbutrol*. Mikel achava que parecia nome de antidepressivo, mas ele não está mais aqui. Tem um elemento meio ficção científica, mas ainda é moderninho.

— Parece legal, sr. Voorhies. Você sempre foi mais descolado do que o sr. DeVries — observa Cabelo Cacheado.

— É, e Kim era uma escrota. Que bom que morreu — acrescenta Cabelo Ensebado, e depois olha para nós dois, aborrecido. — Vamos testar nesse cara também?

— Vamos — responde Voorhies. — Odeio dizer isso, mas Mikel era meio racista. Quer dizer, eu entendo, raça superior e tal. Ele também gastou muito dinheiro por capricho. Eu não vou desperdiçar um voluntário saudável e forte desses. Use os dois.

Ele nos ignora, faz um movimento brusco com a mão.

Então sinto uma picada no ombro e tudo fica preto.

CAPÍTULO 25

Sydney

NOS FILMES, QUANDO AS PESSOAS são amarradas a uma cama de hospital pelos vilões, elas desenvolvem uma força sobre-humana ou encontram uma maneira de fugir. Eu já fui amarrada contra minha vontade antes. Sei que não adianta se contorcer, não adianta gritar, não adianta rezar para Deus, o diabo ou qualquer outro dos seus amigos para escapar.

Estou deitada numa maca ao lado de Theo e não me sinto nada calma — o coração está acelerado, a mandíbula travada, e sei que, se piscar mais os olhos, vou desencadear um ataque de pânico dos grandes. Pareço calma em comparação a Theo, que, numa típica postura de homem branco, não está nada feliz em ter sua autonomia retirada.

— Soltem a gente! — grita ele, se contorcendo tanto que a cama à qual está amarrado balança e os fechos de metal das tiras batem na grade.

Os dois jovens médicos, cientistas, seja lá o que forem, estão neste quarto conosco e agem como se estivessem no trabalho normal do dia a dia. Como Julia e sua colega, vestem roupas normais por baixo de jalecos brancos, e ambos bebem chá num copo térmico do Starbucks edição de inverno, embora estejamos no verão.

O de cabelo cacheado anda para lá e para cá abrindo pequenas geladeiras e reunindo garrafas de vidro com substâncias químicas. O cara branco está sentado numa cadeira de escritório com rodinhas, e o cabelo cai em seu rosto enquanto ele olha alguns papéis e come asinhas de frango de uma caixa da Crown Fried Chicken.

Estamos prestes a ser mortos por um cara que provavelmente não trocou a cueca nos últimos cinco dias e não se importa que haja fluidos corporais de outras pessoas misturados à sua comida.

Ótimo.

— Sabe o que seria legal? — pergunta Cabelo Ensebado.

— Soltar a gente — responde Theo.

— Eu não precisar fazer toda a preparação pelo menos uma vez na vida — responde também Cabelo Cacheado, irritado. — Isso seria legal.

— Ei, ainda tenho dez minutos do horário de jantar porque fui interrompido por todos aqueles engravatados vindo para cá. Você vai para casa depois disso *e* você foi ao jantar dos acionistas e comeu toda aquela comida boa.

Cabelo Cacheado revira os olhos.

— Foi insuportavelmente chato, quase fui *assassinado* no jantar e a comida era pior do que a que damos às cobaias.

— Soltem a gente! — grita Theo outra vez, os tendões do pescoço saltados.

Basicamente o estão ignorando, mas o de cabelo cacheado de vez em quando olha para ele. O “cientista” parece contrariado por ter que fazer isso a um homem branco, ainda que pareça muito mais com as cobaias anteriores.

Cabelo Ensebado lambe o dedo indicador e o polegar, depois joga o osso de frango na caixa de papel.

— Eu ia dizer que seria legal se o Whole Foods já estivesse aqui, para eu poder ir ao bufê deles em vez de comer essa merda de pobre. Tinha um perto do meu antigo trabalho e era muito...

— Soltem a gente! — grita Theo, e Cabelo Ensebado pega uma seringa, estende o braço magricela e esguicha um líquido no rosto de Theo.

— Cala. A. Boca. — Sua voz não tem nenhuma emoção, como alguém que está levemente irritado com um gato que arranha um móvel já destruído por outros três gatos antes dele.

Theo cospe e pisca aquele líquido que eu espero ser água, depois encara o homem.

— Não sabem que estão matando as pessoas? Isso...

Suas palavras são interrompidas porque Cabelo Ensebado pega uma luva de látex usada e a enfia bem fundo na boca de Theo.

Eu engasgo junto com ele.

— Cala. A. Boca. Meu aluguel acabou de aumentar. Este trabalho paga bem. Fim de papo — enumera Cabelo Ensebado, depois se recosta de novo na cadeira. Balança a cabeça. — E vocês dois não acabaram de matar um monte de gente? Muita cara de pau me julgar. Pelo menos eu não mato meus iguais.

Cabelo Cacheado derruba um copo medidor, xinga, depois vai ao refrigerador hospitalar num canto.

— O que está fazendo agora então? — pergunto.

— Ele não é um de nós. — Ele dá de ombros. — Se fosse, não estaria aqui, não é?

Engraçado como a raça importa só até a página dois.

— Além disso, não há nenhuma garantia de que ele vá morrer. Na verdade, vai se sentir muito bem por um tempo. A não ser que eu induza uma overdose com essa oxicodona aqui, já que ele estragou meu jantar.

— Vamos fazer isso logo. Ele está me dando dor de cabeça e não quero ter enxaqueca na praia amanhã — diz Cabelo Cacheado quando vem na minha direção. Coloca uma pequena bandeja de medicamentos ao meu lado e vejo os conhecidos equipamentos para fazer um acesso, que via sempre quando mamãe estava no hospital.

Ele aperta a faixa em meu braço, e respiro fundo para conter o pânico, e a raiva, e a injustiça de tudo isso.

Eu me dou conta de que é bem típico que eu tenha desvendado uma maldita teoria da conspiração, me infiltrado num centro de pesquisa secreto, matado um monte de caras maus e, no fim das contas, *não* vou salvar o dia.

Dou uma risada e Cabelo Cacheado olha para mim, confuso, o que me faz rir ainda mais.

Porra, que jeito mais imbecil de morrer. Se *houver* um inferno, certamente já garanti minha passagem com todo o sangue em minhas mãos depois dessa missão idiota.

Que semana.

— Do que está rindo? — pergunta Cabelo Ensebado, jogando sua caixa de asinhas de frango numa lata de lixo com selo de risco biológico e limpando os dedos na calça

jeans. Ele bebe um gole de seu copo térmico. — Já está chapada ou algo assim?

— Nada — respondo.

— Então cala a porra da bo... Ai!

Olho para ele, que derruba o copo e leva as mãos ao pescoço. A boca está aberta e paralisada, e seus olhos saltam para fora das órbitas enquanto seu rosto fica roxo.

Cabelo Cacheado levanta as sobrancelhas, preocupado, e deixa de lado o acesso que estava prestes a enfiar em meu braço para checar o colega. Sua mão bate na bandeja, desajeitada.

— Que porra é essa?

Cabelo Ensebado cai no chão convulsionando — não consigo vê-lo, mas consigo ouvi-lo se debater desesperadamente, e o barulho de seus tênis batendo no chão. Cabelo Cacheado cambaleia para a frente, e então a porta se abre devagar.

Devagar.

Cara, o que é isso agora? Preferia que Cabelo Cacheado tivesse conseguido me drogar, para eu não testemunhar o próximo pandemônio que está prestes a se instalar aqui.

Fitzroy Sweeney enfia a cabeça na sala e suas rugas se rearranjam no rosto quando ele sorri para nós.

— Aqui estão vocês. Bom, bom.

Ele abre a porta por completo e vejo que está segurando um taco de críquete.

Dou outra risada; ou eu estou tendo um surto psicótico, ou eles já tinham me dado drogas antes sem que eu percebesse, porque não é possível que isso esteja mesmo acontecendo.

Fitzroy rodopia com destreza o taco em uma das mãos enquanto Cabelo Cacheado cambaleia na direção dele, depois levanta e acerta bem na cabeça do cara; o som do taco esmagando o crânio dele reverbera no quarto, e então Cabelo Cacheado sai do meu campo de visão. Fitzroy se arrasta até mim, apoia o taco nos meus joelhos e começa a desamarrar as tiras.

Alguém caminha do outro lado da janela, e então Gracie entra no quarto, vestida com as roupas de ir para a igreja e com o cabelo chanel perfeitamente arrumado.

— O que está acontecendo? — pergunto, quando Fitzroy me ajuda a levantar e tenho certeza de que não estou drogada nem morta.

Isso está mesmo acontecendo.

— O que está acontecendo é que você tinha que ter dado ouvidos a Candace quando ela disse para você entrar — responde Gracie, ácida, enquanto tira a luva de látex da boca de Theo com cara de nojo. — Igualzinha à sua mãe, sempre teimosa e relutante em pedir ajuda.

Ela estala os dentes, em reprovação.

Desamarra as mãos e o peito de Theo, e ele se senta, respirando fundo e de forma irregular. Seu olhar se fixa nos dois homens caídos no chão enquanto esfrega os pulsos.

— Do-fa-do.

— Eu sabia que gostava desse rapaz — diz Gracie, tirando as amarras de seus tornozelos. — Do-fa-do significa “olho por olho”. Parecia necessário aqui, não é mesmo? — Ela solta um grunhido ao puxar a última amarra para libertá-lo. — Esses racistas nunca pensam na predisposição e no humor das pessoas que preparam suas comidas e bebidas.

Assim como meus queridos e falecidos maridos. Se você espera que os outros te sirvam, especialmente outros a quem você trata mal, deveria ser mais cuidadoso com o que está sendo servido.

— Como entraram aqui? — pergunto.

— Do mesmo jeito que vocês — esclarece Fitzroy, jogando o braço sobre meu ombro. Eu me recosto nele. — Você sabe que nós cuidamos uns dos outros por aqui. Acha mesmo que vocês foram os únicos a perceber que havia algo errado?

Ele e Gracie riem como se eu e Theo ainda não tivéssemos saído das fraldas, e, mesmo agradecida, fico com raiva.

— Se vocês sabiam, então que porr.... O que estavam esperando? As pessoas estão mortas. Eu tive que... Nós tivemos que... — Minha garganta fecha e as emoções ameaçam me invadir.

Fitzroy aperta minha mão.

— Você está certa. Primeiro tentamos fazer as coisas do jeito antigo, como no passado. Mas o mundo se move mais depressa agora, e o mal é mais rápido também. Fomos muito lentos.

— Acho que todos podemos concordar que o veneno se move bem rápido, obrigada — defende Gracie, meio rabugenta, e depois dá um suspiro. — Coisas ruins acontecem neste mundo todos os dias, a cada minuto. Tentamos impedi-las do jeito que dá, quando dá. Tentamos cuidar uns dos outros. Tipo, quando alguém enterra algo de forma descuidada num jardim, nós levamos para um lugar seguro.

Sinto uma dor real no corpo, como se alguém tivesse me dado um chute no peito, mas apenas aperto mais forte a mão de Fitzroy.

Gracie segura minha outra mão e me ajuda a descer da cama de hospital.

— É assim que sempre fizemos e continuaremos a fazer aqui em Gifford Place.

— Você conhece Candace — começa Fitzroy, prestes a contar uma de suas histórias antigas. — A tataravó de Candace cresceu em Weeksville. Ela era uma das sobreviventes.

— Sobreviventes? — pergunta Theo, tentando se levantar.

Fitzroy olha para ele.

— Ciclos — digo baixinho. — Destruir e reconstruir.

— Eles podem destruir, mas não podem apagar — observa Gracie. — Eles podem reconstruir, mas não podem nos enterrar.

Todos ficamos em silêncio.

Quando eles nos conduzem de volta ao corredor, vejo uma fileira de vizinhos ajudando as pessoas que tinham sido cobaias a fugirem pelos túneis.

Entramos no fim da fila.

Candace está esperando no porão da birosca, segurando Frito.

— Sydney.

Ela me olha com uma expressão de reprovação, e, de repente, me sinto como uma criança outra vez. As lágrimas escorrem dos meus olhos.

— Sinto muito. Eu deveria ter escutado. Eu deveria...

Ela solta Frito e me abraça.

— Você é teimosa. Precisa tomar um banho e dormir.

— E o centro médico?

O peso de tudo o que aconteceu começa a me esmagar. O tiroteio, os corpos, as pessoas em posição de poder. Estamos vivos, mas já assisti a muitos documentários forenses. Deixamos uma série de provas para trás e provavelmente estaremos numa prisão da VerenTech em breve.

— Ah, estamos cuidando disso. Pode deixar.

Quando subimos os degraus, o cheiro de fumaça invade meu nariz. Há fumaça e um estranho cheiro de eletricidade, como se eu estivesse com uma pilha na boca. Nós nos reunimos a muitos metros de distância do hospital enquanto ele é consumido pelas chamas alaranjadas, com uma coroa azul no centro que ilumina o céu como se fosse a aurora boreal.

Paulette chega para ficar ao meu lado, cheirando a gasolina.

— Um transformador — explica ela, mais lúcida do que nos últimos meses. — Causa blecautes. Causa incêndios. Deixa o céu bonito também. Eles gostam da escuridão; isso é tão brilhante que ninguém na cidade poderá ignorar. Se há mais deles por aí, e certamente há, essa é a última coisa que querem. Nós demos a eles um pretexto e um aviso. Eles vão arrumar a própria bagunça.

A mão de alguém pousa em meu ombro, e sinto o corpo de Theo atrás de mim.

Eu me recosto nele e nós assistimos àquela coisa ser destruída pelas chamas.

Epílogo

NA TARDE SEGUINTE, ACORDO NUMA CAMA desconhecida — é o sofá-cama do quarto de hóspedes de Candace. Há braços me envolvendo num abraço de urso, mas não tenho medo.

Theo.

Ele cheira a sabonete Ivory e fumaça, não mais ao odor metálico de sangue.

O aroma de café entra pelas portas duplas que levam à cozinha, depois vem o som do estouro do óleo e em seguida o cheiro do bacon.

Quando abro os olhos, dona Ruth está sentada no braço do sofá, olhando para mim e para Theo.

— Você é rápida no gatilho — diz ela, as sobrancelhas erguidas e os ombros para trás, julgando.

Eu me sento, o corpo todo dói e a cabeça gira. A garganta está machucada pela fumaça do fogo que ficamos encarando, e por chorar copiosamente.

— Você não disse que nunca gostou do Marcus? Me deixe viver, dona Ruth.

Ela se inclina mais para perto de mim.

— É rosinha? Lá embaixo? Eu nunca vi...

— Ruth, deixe as crianças em paz — grita Gracie. — Venha ajudar com o café da manhã.

Quando olho para baixo, Theo está me encarando e sua expressão é impossível de decifrar. Tudo o que aconteceu nos últimos dias me invade.

— Bom dia — murmuro.

Com os dedos, ele faz um gesto para que eu me aproxime, o rosto ainda inexpressivo.

Eu me inclino até ele.

— Da próxima vez que alguém perguntar, pode dizer que é bege — diz ele.

Não sei como é possível, mas começo a rir. A risada se transforma em choro tão rapidamente que nem percebo, e Theo me puxa e me abraça.

O rádio é ligado na cozinha, o que, acho, é o jeito deles de nos dar privacidade. Depois de um minuto eu me afasto, surpresa em ver que os olhos dele também estão vermelhos e úmidos.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, e lhe dou um beijo suave, embora ambos saibamos que não há qualquer garantia disso.

— Café fresco! — grita dona Ruth, e nos levantamos, nos aprontamos e nos juntamos a eles.

> *E agora a maior história do dia, talvez do ano: o lugar escolhido para ser o campus da VerenTech foi destruído pelas chamas esta noite, apenas algumas semanas antes de as obras começarem. Acredita-se que um incêndio num transformador tenha se espalhado rapidamente, inclusive aprisionando diversos funcionários da VerenTech nas labaredas.*
>
> *Embora a localização da empresa tenha enfrentado a rejeição de ativistas da comunidade,*

não há suspeita de crime. O projeto foi cancelado, já que a VerenTech terá que lidar com desafios maiores de reestruturação. As ações despencaram...

Fitzroy desliga o rádio quando nos sentamos à mesa. Jamel e Ashley Jones estão aqui também, abatidos, mas conseguindo se mexer sozinhos. Aparentemente, tinham sido capturados pouco antes de Theo e eu os encontrarmos.

Eles nos cumprimentam com um aceno e os cumprimentamos de volta.

Candace e Gracie trazem os pratos para a mesa, sem deixar ninguém ajudar, e todos nos servimos.

Jamel pigarreia.

— Hum. Então, vocês sabem que eu trabalho como ativista comunitário. E estou em alguns grupos. Talvez seja muito cedo para falar sobre isso, mas...

— O que foi, querido? — estimula Candace, mas seu olhar é penetrante.

— Mês passado, um cara que estava em um dos fóruns anti-VerenTech começou a agir de um jeito bem estranho. Um cara em Detroit. Ele dizia que... que as pessoas estavam desaparecendo e o bairro estava gentrificando muito rápido. Ele tentou muito mostrar para a gente várias evidências, uns artigos, mas pareciam apenas matérias normais, sabe? Todo mundo achou que ele estava tendo algum problema. Ele saiu do grupo, mas me mandou um convite para um novo que tinha criado. Eu adicionei para ficar de olho nele, mas não checava já fazia um tempinho...

— Mostre para eles — diz Ashley, gentilmente.

Ele pega o celular, e, enquanto o aparelho passa de mão em mão, todo mundo fica de queixo caído.

Quando chega em mim, seguro o celular para que Theo também consiga ler.

É um tópico num fórum privado, com dezenas de respostas. A mensagem principal é uma versão mais longa da história que Jamel contou, com links; da maneira como a página está configurada, só é possível ver as primeiras linhas de cada resposta no tópico, mas é o suficiente.

Belquise Ramos (Queens, NYC): Na minha vizinhança, eles simplesmente invadiram com um tanque. Prenderam um homem que estava indo a reuniões comunitárias e vinha perguntando por que as casas de cidadãos deportados estavam sendo compradas a preço de banana e revendidas por preços absurdamente altos.

Sandy Smith (Jasper, AL): Ah, graças a Deus encontrei vocês, estava começando a ficar louca. Eu sou branca, mas minha cidade é pobre. Uma empresa de telefonia abriu e supostamente nos traria mais empregos e melhoraria o bairro, mas, eu juro, todo mundo está desaparecendo e os terrenos estão todos indo para as fábricas.

Andrew Chen (Los Angeles, CA): A vigilância sanitária apareceu no restaurante dos meus pais e o interditou. Eles tiveram que fechar, e agora virou uma daquelas padarias Panera. Eles vinham recusando várias ofertas para vender antes disso. Muitos dos meus amigos de infância que cresceram nos arredores de Chinatown dizem a mesma coisa — é como se alguém estivesse nos eliminando e pegando o que quer.

Gloria Pierce (Nova Jersey): Aqui está sendo mais lento e menos assustador, e talvez não tenha a ver com isso, mas talvez tenha. As coisas mudaram, as pessoas foram embora, mas de repente eles aumentaram os impostos. Do dia para a noite, todos os moradores do meu bairro passaram de “vivendo o sonho americano” para donos de propriedades cujos valores subiram tanto que eles precisaram vender, porque só os milionários conseguem pagar esses impostos. Para onde devemos ir?

O tópico continua, mas quase todas as mensagens são mais ou menos sobre as mesmas pessoas marginalizadas desaparecendo.

Devolvo o telefone a Jamel. Minha cabeça começa a rodar, imaginando quantos lugares no país podem ter tido noites como a que eu tive ontem ou podem ter sido eliminados por forças mais sutis. Quantos não sobreviveram.

— O que acontece agora? — pergunto.

— Agora? Nós sentamos e comemos — responde Paulette. — Sempre haverá luta. Apressar não ajuda em nada. Ficar forte, sim.

Theo aperta minha mão embaixo da mesa e, do lado de fora, uma sirene soa à distância.

Não me assusto.

Ponho a mão na cintura para me certificar de que o revólver da mamãe, que Fitzroy pegou para mim, ainda está lá.

Então, levanto o garfo e como.

Agradecimentos

GOSTARIA DE AGRADECER a Pete Harris e Alli Dyer, da Temple Hill Publishing, meus cúmplices neste crime ficcional, além de Erika Tsang, minha incrível editora, que atura o furacão que é meu cérebro sempre mandando novas ideias para sua caixa de entrada (mesmo quando estou atrasada com outros projetos, risos). Sou grata a Lucienne Diver, minha agente, que sempre me apoia e me mantém no caminho certo. A Pam Jaffee, Imani Gary, Nicole Fischer e todo mundo que tornou este livro possível na equipe da HarperCollins. Um agradecimento especial a Laura Cherkas, minha preparadora de texto, e Jeanie Lee, minha editora de produção; o trabalho das duas neste livro foi inestimável.

Também sou grata a Suzanne Spellen, em cujo trabalho esbarrei repetidas vezes enquanto fazia pesquisas para este livro, e que foi muito gentil ao conversar comigo sobre a história de Crown Heights e Bed-Stuy. Assim como em vários dos meus outros livros, tenho uma dívida enorme com o árduo trabalho de investigação de historiadores, especialmente os que dedicam protagonismo àqueles que normalmente são deixados de fora das páginas.

Quero agradecer também a Rebekah Weatherspoon, Janet Eckford, Bree Bridges e Donna Herren por todo o apoio no

chat em grupo — Janet, especialmente, por ser a primeira leitora do livro e uma ótima divulgadora.

Por fim, agradeço a meus pais pelo amor e apoio, assim como por suas histórias e por me incentivarem a viver a minha.

Sobre a autora



Foto: cortesia da autora

ALYSSA COLE é autora premiada de romances históricos, contemporâneos e de ficção científica. Seus livros foram aclamados por veículos como *BuzzFeed*, *Kirkus Reviews*, *Library Journal*, *Booklist*, *Jezebel*, *Vulture*, *Book Riot* e *Entertainment Weekly*. Quando não está trabalhando, em geral pode ser encontrada assistindo a animes ou passeando com seus animais de estimação.